



**VNiVERSiDAD
D SALAMANCA**

CAMPUS DE EXCELENCIA INTERNACIONAL

“TODA MUDA MURCHA”:

Lustro (2018-2023) da Reserva Indígena Taba dos Anacé em Caucaia (CE) - Brasil

Doutorado em Ciências Sociais

DIRETORES:

Dr. Daniel Valério Martins

Dr. Stephen Grant Baines

TUTOR:

Dr. Ángel Baldomero Espina Barrio

Rute Morais Souza

-2025-



**VNiVERSiDAD
D SALAMANCA**

CAMPUS DE EXCELENCIA INTERNACIONAL

Tese de Doutorado apresentada no Programa de Doutorado de Ciências Sociais na Universidade de Salamanca na Espanha como requisito para a obtenção do título de Doutora.

BANCA

Presidente

Juan Alfredo Jiménez Eguizábal

Secretário(a)

María Dolores Fernández Malanda

Vocal

Flávio Romero Guimarães

Suplentes

Elizabeth Manjarrés Ramos

Roberto Ari Guindane



AGRADECIMENTOS

“Metade de mim é partida e a outra saudade”, muitos sentimentos me atravessam na finalização deste ciclo de doutorado, foram quase dez anos de pesquisa para a realização deste trabalho. Durante todas as etapas do processo algumas pessoas ficaram, outras acompanharam e o tempo inteiro estive comigo mesmo, buscando sempre ser melhor, errado e enfrentando dificuldades, desse modo também agradeço a mim por não ter desistido nas adversidades.

E eu não poderia agradecer suficientemente as pessoas que acompanharam essa trajetória, agradeço inicialmente aos meus pais, Ângela e Raimundo, que lutaram junto comigo para a obtenção de todos os meus títulos, e que nunca mediram seus esforços e apoio incondicional. A minha irmã Angélica e meu afilhado Abner e a Agnes (na barriga), meu muito obrigada por todo amor. Agradeço a minha família que segue me apoiando nas minhas decisões e torceram por mim, amo vocês e torço sempre pelo melhor de todos.

Norivaldo Matchua, obrigada por me fazer rir das mais diversas besteiras (haha) e suportar algumas crises de estresse, quero seguir de mão dados com você iniciando ciclos e encerrando outros. Ao povo Anacé da Reserva Indígena Taba dos Anacé, obrigada por acreditarem no meu trabalho e contribuírem na investigação ao longo desses anos, aos mais idosos a minha admiração e amor, também sigo na luta por todas as mulheres indígenas e ancestrais que por muito tempo foram silenciadas.

A Universidade de Salamanca- USAL e aos professores, o meu muito obrigada e admiração, por todos os momentos compartilhados que me fizeram crescer enquanto indivíduo e antropóloga; meu orientador Daniel Valério Martins e o coorientador Stephen Baines, meu muito obrigada por toda orientação, sensibilidade e cautela. A Rute Leite Medeiros o meu muito obrigada pela atenção e dedicação na correção deste trabalho e o Ruan por contribuir na fase final.

Aqui nesse parágrafo expor a minha saudade ao meu querido amigo Benício Pitaguary (*in memoria*), sou grata a você por me apresentar a possibilidade de estudar em Salamanca, obrigada por me fazer acreditar que seria capaz e está comigo pelos caminhos que percorro, você estará pra sempre vivo em meu coração e minha memória.

Na construção de todo o projeto e escrita eu tive apoio de muitas pessoas, obrigada a todas pelas palavras de carinho, acolhimento e paciência: Raquel Jenipapo Kanindé, Débora Anacé, Eduarda Gomes, Camila, Dinha, Carlene Santana e Warizá. Obrigada aos meus amigos do DAN Flávia, Lindomar, Joana, Malu e Débora que compararam as aulas, inquietações e força pra prosseguir no mestrado na UnB, vocês permanecem e marcam a minha vida.

A minhas amigas Marciane Tapeba, Milena Kanindé, o meu muito obrigada pelo acolhimento e amor em Brasília, vocês fizeram meus dias mais felizes. A minha mãezinha, Jurema Machado e Franklin Carvalho, obrigada por toda orientação e amor, ao meu querido amigo Felipe Tuxá obrigada por sempre ter palavras de conforto e de risos a Ana Claudia obrigada por todo acolhimento e cuidado.

Ao Rino Bonvini (MST) a minha gratidão por estarmos juntos em mais um processo da minha carreira acadêmica, que venha novos sonhos para compartilharmos juntos, ao projeto jovens Indígenas realizando sonhos o meu muito obrigada. A Natália Tatanka por suas palavras doces e seu jeitinho de sempre falar que tudo ia dar certo. MITAKUYE OYASI!

A minha mãe, Ângela Anacé, que me inspira com sua garra e luta; A todas as famílias indígenas da Reserva Indígena Taba dos Anacé e ancestrais que me inspiram. Dedico todos os meus esforços e conquistas a vocês.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I - ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	20
1.1 JUSTIFICATIVA	20
1.1.1 <i>Desenvolvimento da pesquisa</i>	20
1.1.2 <i>Delimitação do objeto da pesquisa</i>	22
1.2 OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO	24
1.2.1 <i>Objetivo geral</i>	24
1.2.2 <i>Objetivos específicos:</i>	25
1.3 METODOLOGIA	25
1.3.1 <i>Das fontes de pesquisa</i>	25
1.3.2 <i>Da concepção antropológica do procedimento de pesquisa</i>	26
1.3.3 <i>Dos principais conceitos</i>	27
1.3.4 <i>Análise de discurso</i>	29
1.3.5 <i>Ferramentas metodológicas</i>	29
CAPÍTULO II- CENÁRIO DA QUESTÃO INDÍGENA NO BRASIL	31
2.1 PANORAMA GERAL DAS MOBILIZAÇÕES INDÍGENAS	31
2.2 PRIMEIRA REMOÇÃO DO TERRITÓRIO ANACÉ	34
2.3 LUTA, ENGAJAMENTO E FORMAÇÃO POLÍTICA ANACÉ	38
2.4 DESTERRITORIALIZAÇÃO, TRANSFORMAÇÃO E RESISTÊNCIA	42
CAPÍTULO III - TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE: LUGAR DE RESISTIR E LUGAR DE MORAR	47
3.1 CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DA RESERVA INDÍGENA TABA DOS ANACÉ	47
3.2 MEMÓRIAS: PASSADO E PRESENTE	51
3.3 MÃE TERRA: MATAS, ROÇAS E TABAS	54
3.4 VIVÊNCIAS E COTIDIANO DOS GUARDIÕES DA MEMÓRIA	59
CAPÍTULO IV - DANÇA DE SÃO GONÇALO DO POVO ANACÉ	64
4.1 DANÇA DE SÃO GONÇALO DO POVO ANACÉ: RESGATE E TRADIÇÃO	64
4.2 “VEM DE RAÍZES”: O RITUAL E CONFIGURAÇÃO DA DANÇA DE SÃO GONÇALO DO POVO ANACÉ	70
4.3 “CORDÃO” ENTRE O SANTO, PROMESSAS, MESTRES E DANÇANTES	75
4.4 “O SANGUE QUE CORRE NAS VEIAS DE UM CORRE NAS VEIAS DE TODOS”: FAMÍLIAS E REPASSE DA DANÇA DE SÃO GONÇALO DO POVO ANACÉ	82
CAPÍTULO V - ANACÉ EM TUPI: PARENTE UNIDO	86
5.1 MUDANÇA E RESSIGNIFICAÇÃO: RESERVA INDÍGENA TABA DOS ANACÉ	86
5.2 TERREIRO SAGRADO: SIGNIFICADOS, MEDICINA TRADICIONAL E PRÁTICAS APÓS A REMOÇÃO ANACÉ	89
5.3 RELAÇÃO ESPIRITUAL COM O REMÉDIO NATURAL	92
5.4 PRESENTE E FUTURO: IDENTIDADE E VIVÊNCIAS APÓS A REMOÇÃO PARA A RESERVA INDÍGENA TABA DOS ANACÉ	95
CAPÍTULO VI- ETNOGRAFIA	100
6.1 ROTEIRO DA PESQUISA	100

<i>6.1.1 Roteiro para entrevistas</i>	100
<i>6.1.2 Roteiro de entrevistas jovens</i>	100
6.2 TRANSCRIÇÕES	101
6.3 ANÁLISE DO DISCURSO	102
6.3 UM OLHAR INDÍGENA: PESQUISADORA E PESQUISADA (ÉTIC E EMIC)	106
6.4 CADERNO DE FOTOGRAFIAS	108
CAPÍTULO VII- RESULTADOS E CONCLUSÕES	123
7.1 RESULTADOS	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
BIBLIOGRAFIA	128
ANEXOS	134
ANEXO 1- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	134
ANEXOS DE ENTREVISTAS	136
ANEXO A–TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM ARISTIDES DO MILAGRE	136
ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM VALDECI FERNANDES, MEDICINA TRADICIONAL (2022)	142
ANEXO C – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM VALDELICE FERNANDES	144
ANEXO D - VIVÊNCIA DIA 07 DE SETEMBRO DE 2022, MASSA DANÇA DO COCO - ENTREVISTA COM EDVANIA ANDRADE	147
ANEXO E – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM JUNIOR MORAES	148
ANEXO F – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM LUCILANE PAULINO	149
ANEXO G – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM THIAGO HALLEY	150
ANEXO H – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM ANTONIO ADELINO	151
ANEXO I – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM ARISTIDES DO MILAGRE	153
ANEXO J – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM VALDELICE FERNANDES	155
ANEXO K – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM MARIA DE LURDES	157
ANEXO L – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM JUNIOR ANACÉ	159
ANEXO M – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM ANTÔNIO ADELINO	164
ANEXO N – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM ARISTIDES DO MILAGRE	179
ANEXO O – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM VALDECI FERNANDES, MEDICINA TRADICIONAL (2022)	185
ANEXO P – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM VALDELICE FERNANDES	187
ANEXO Q - VIVÊNCIA DIA 07 DE SETEMBRO DE 2022, MASSA DANÇA DO COCO - ENTREVISTA COM EDVANIA ANDRADE	190
ANEXO R – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM JUNIOR MORAES	191
ANEXO S – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM LUCILANE PAULINO	192
ANEXO T – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM THIAGO HALLEY	193
ANEXO U – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM ANTONIO ADELINO	194
ANEXO V – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM ARISTIDES DO MILAGRE	196
ANEXO W – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM VALDELICE FERNANDES	198
ANEXO X – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM MARIA DE LURDES	200
ANEXO Y – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM JUNIOR ANACÉ	202
ANEXO Z – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM ANTÔNIO ADELINO	207

LISTA DE ABREVIATURAS

CIPASAC	Conselho Indígena do Povo Anacé de São Gonçalo do Amarante e Caucaia
CIPP	Complexo Industrial e Portuário do Pecém
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas
CSP	Companhia Siderúrgica do Pecém
FEPOENCE	Federação dos Povos e Organizações indígenas do Ceará
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
FUNASA	Fundação Nacional de Saúde
GT	Grupo de Trabalho
IDACE	Instituto de Desenvolvimento do Ceará
MPF	Ministério Público Federal
PETROBRÁS	Petróleo Brasileiro
PGR	Procuradoria Geral da República
SESAI	Secretaria Especial de Saúde Indígena
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TFM	Trabalho Final do Mestrado
TI	Terras Indígenas
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UnB	Universidade de Brasília

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Região Metropolitana de Fortaleza – RMF	22
Mapa 2 - Mapa da terra indígena Anacé	26
Mapa 3 - Plano Diretor do CIPP. Parecer Técnico n. 01/08/MPF-CE	28

RESUMO

O presente texto final do doutorado (tese), trata de uma pesquisa engajada, realizada junto ao povo Anacé, iniciada no ano de 2018 com uma dissertação de mestrado dando continuidade à pesquisa desenvolvida na graduação. Analisa o processo de construção e reconstrução Anacé ao longo dos 5 anos de mudança para a Reserva Indígena Taba dos Anacé no município de Caucaia, Ceará - Brasil. Tendo como objetivo central a análise do processo de construção e reconstrução através das memórias das famílias Anacé, que foram desterritorializadas das Aldeias Bolso e Matões, referente à remoção causada pelo Complexo Industrial e Portuário do Pecém, o primeiro momento dessa ação aconteceu no ano de 1999, e a segunda mais recente no ano de 2018. Para tanto, o trabalho dará enfoque nas lutas e mobilizações dos dois processos de remoção do território Anacé, destacando-se as principais transformações das Aldeias destacando a Dança de São Gonçalo do Povo Anacé como um dos principais motivadores na adaptação no novo território e ressignificações simbólicas dos indígenas no novo espaço. As memórias e narrações no processo de construção e reconstrução na nova terra serão os pontos centrais da investigação. Busca-se apresentar um apanhado geral sobre as principais lutas dos povos indígenas no Brasil.

Palavras-chave: Anacé; terra; memória; tradicionalidade.

RESUMEN

El presente texto final del doctorado (tesis), trata de una investigación comprometida, realizada con el pueblo de Anacé, iniciada en 2018 con un TFM continuando la investigación desarrollada en el curso de pregrado. Analiza el proceso de construcción y reconstrucción de Anacé a lo largo de los 5 años de traslado a la Reserva Indígena Tabá dos Anacé en el municipio de Caucaia, Ceará, Brasil. Con el objetivo principal de analizar el proceso de construcción y reconstrucción a través de las memorias de las familias Anacé, que fueron desterritorializadas de las aldeas de Bolso y Matões, refiriéndose a la remoción provocada por el Complejo Industrial y Portuario de Pecém, el primer momento de esta acción tuvo lugar en 1999, y el segundo más reciente en 2018. Para ello, el trabajo se centrará en las luchas y movilizaciones de los dos procesos de remoción del territorio Anacé, destacando las principales transformaciones de las Aldeas, destacando la Danza de São Gonçalo del Pueblo Anacé como uno de los principales motivadores en la adaptación al nuevo territorio y las resignificaciones simbólicas de los pueblos indígenas en el nuevo espacio. Las memorias y narraciones en el proceso de construcción y reconstrucción en la nueva tierra serán los puntos centrales de la investigación. Busca presentar un panorama general de las principales luchas de los pueblos indígenas en Brasil.

Palabras clave: Anacé; tierra; memoria; tradicionalidad.

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país pluriétnico cheio de muita cultura e riqueza, com cerca de 305 povos indígenas espalhados pelos vinte e seis estados e o Distrito Federal. Desde o processo de invasão das terras brasileiras os povos indígenas vivem diariamente com invasões e violações de direitos. Na teoria seríamos constitucionalmente assegurados pelo Artigo 231 da Constituição Federal de 1988, que diz “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.”

No entanto, na prática, existem inúmeras controvérsias, pois as políticas brasileiras excluem os povos indígenas dos seus direitos de usufruto de suas terras, facilitando a invasão do capitalismo nos territórios. Todas as “conquistas” são frutos de muitas lutas e mobilizações, o racismo e preconceito estão interiorizados nas políticas e instituições desse país, lutamos pela preservação de nossas Terras Indígenas - TI.

As principais lutas dos povos indígenas no Nordeste têm como principal demanda as demarcações, saúde e educação diferenciada nas aldeias indígenas. No estado do Ceará atualmente somos em 15 povos, Anacé, Gavião, Jenipapo-Kanindé, Kalabaça, Kanindé, Kariri, Karão, Pitaguary, Potiguara, Tapeba, Tabajara, Tapuia-Kariri, Tremembé, Tubiba- Tapuia e Tupinambá, divididos em 26 aldeias. Existem duas áreas que se encontram em processo de demarcação concluído são: a TI Tremembé, no Córrego João Pereira, nos municípios de. Os restantes dos territórios encontram-se em processo de estudo ou inconcluso do processo demarcatório.

Considero pertinente descrever como surgiu a minha inquietude pela pesquisa abordada, considerando a minha vivência na aldeia e na ciência ocidental. Durante todo o processo de pesquisa muitas memórias foram motivadoras para orientação e argumentação do trabalho. Me lembro que, aos sete anos de idade, em um momento de ritual na Aldeia Matões em que residia, eu e minha irmã precisávamos de um “traje indígena” para a participação daquele momento de espiritualidade e minha família não tinha condições de fazer um traje completo. Minha mãe, sempre muito criativa, fez um saio de sacola para guardar farinha para que pudéssemos usar.

Minha infância foi marcada pela luta e resistência do povo Anacé. Acompanhava todas as mobilizações e momentos conflituosos junto de minha mãe. Nesse período, vivíamos em um momento delicado na Aldeia. Grandes indústrias estavam invadindo nosso território e as famílias nos esforços de se reafirmar ‘Anacé’ que no tronco linguístico Tupi significa ‘Parente unido’, minha avó materna, Maria Lucimar Sales de Moraes (encantada), por diversas vezes dizia – *“a gente é índio, mas não é bom falar não, minha mãe dizia que índio é bicho brabo não dá pra entender não”*.

A quebra do silêncio para o povo Anacé teve como um dos marcos a ‘Dança de São Gonçalo do Amarante’. O resgate da dança culminou na reafirmação ética e no resgate de relações simbólicas e espirituais com o Território Tradicional de Matões. O ritual da dança de São Gonçalo vem sendo realizado há mais de dezenove anos pelas famílias Anacé, identificado como sagrado, que carrega história e ciência indígena entre as almas dos mortos e o poder dos Santos que interagem no ritual. A ‘Dança de São Gonçalo do Amarante’ é considerada patrimônio para a identidade indígena. A dança foi trazida pelos portugueses e ensinada aos Indígenas Anacé, e esses incorporaram em suas tradições como parte de uma estratégia para que fosse possível continuar a realizar os rituais que eram proibidos.

Ao longo da luta pela Terra Anacé, que se iniciou na década de noventa, as manifestações e cosmovisões de encantados se faziam presentes nas realizações da dança de São Gonçalo e no cotidiano das famílias. As relações espirituais Anacé, contribuíram para consolidar a luta pela permanência e resistência na comunidade, que se encontrava em um momento conflituoso de ameaças, negação e de invasões no território.

O povo Anacé, por muitos anos, foi silenciado por conta de um longo processo de extermínio, desde os primeiros esforços de colonização. A instalação do Complexo Industrial e Portuário do Pecém foi um marco transformador na vida das famílias, nada permaneceu como era antes, não vivíamos mais uma vida tranquila mesmo com todas as modificações na comunidade lutávamos para permanecer no nosso território.

Faço parte da luta Anacé desde o ventre de minha mãe, nasci em meio ao processo de reconhecimento étnico do meu povo. A maior parte da minha infância foi marcada por mobilizações, estudei parte do ensino básico na Escola Indígena Direito de Aprender do Povo Anacé, na Aldeia de Matões. Venho de comunidade humilde e simples, morei vinte e um anos na Aldeia Matões, depois mudei para a Reserva Indígena Taba dos Anacé, minha vida toda estudei em escola e universidade públicas, tenho muito orgulho de dizer que venho da Escola Indígena Direito de Aprender do povo Anacé, nas primeiras séries a escola era feita de taipa.

No ano de 2015 eu ingressei na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB por processo seletivo para indígena e quilombola no curso de Bacharelado em Ciências Sociais. Foram quatro anos de resistência no espaço acadêmico, deixei a aldeia e fui embora para outro Estado em busca do meu sonho, ao ingressar na Universidade já sabia qual seria a minha pesquisa.

A minha família e meus pais foram meu apoio durante o curso, minha avó uma mulher analfabeta sempre me falava que se arrependia de não saber ler e dizia que eu estudasse. Para me manter financeiramente na universidade ganhava a bolsa permanência- PBP, mas a permanência no espaço acadêmico foi difícil, sofria preconceitos por se indígena. No ano de

2019 concluiu o curso, sendo a primeira indígena da Universidade a obter o diploma na UFRB. Estar no doutorado em antropologia e realizar a pesquisa como a minha aldeia é compreendida, seria como fermento de luta para o povo Anacé. Me encontrei nos últimos anos inserida em uma pesquisa onde sou pesquisadora e pesquisada, com a metodologia de pesquisa engajada que me permite estar na luta junto com o meu povo e ao mesmo tempo na produção científica na Universidade. O trabalho final é fruto da pesquisa e escrita do mestrado em Antropologia Iberoamérica - USAL e Antropologia Social-UnB defendido nos anos de 2021 a 2023.

Discutir sobre a antropologia indígena supõe a vivência e prática antropológica. O antropólogo Florêncio Almeida Vaz Filho (2019) nos diz que estudantes indígenas de diferentes povos podem agora, e estão realizando, suas próprias leituras sobre etnografias e teorias antropológicas bem estabelecidas sobre os povos indígenas. Estar inseridos no campo epistemológico nos convida a refletir sobre as produções e interpretações a partir do lugar que ocupamos na prática antropológica.

O indígena antropólogo tem um olhar favorecido das especificidades do povo “um olhar sobre os nossos sendo parte dos nossos”. Desse modo, tenho a oportunidade de descrever minha trajetória enquanto pesquisadora que está ligada a narrativas coletivas, tenho a oportunidade de explorar academicamente os aspectos culturais e as violências enfrentadas pelo povo Anacé da Reserva Indígena Tabá dos Anacé.

O percurso de pesquisa do doutorado foi emocionalmente intenso, considerando que diversas vozes e ancestrais guiaram o percurso de descolonização de metodologias na construção de uma “antropologia Indígena”. Como se discute no livro “Descolonizando metodologias: pesquisa e povos Indígenas” de Linda Thuhivai Smith:

Descolonizar metodologias não trata mais da técnica real de seleção de um método, sino em uma maior extensão do contexto em que é conceitualizado e problemas de pesquisa de projeto, e implicações de pesquisa por seus participantes e suas comunidades (Smith, 2016, p. 11).

O presente trabalho dá continuação a pesquisa iniciada na graduação, que tem como discussão o intenso processo de remoção que teve como alvo o território indígena Anacé, localizado na cidade de Caucaia, região metropolitana de Fortaleza-Ceará Brasil. Tendo como um dos destaques o processo de construção e reconstrução no processo de desterritorialização das famílias para a Reserva Indígena Tabas dos Anacé.

As principais análises deste trabalho partem dos seguintes questionamentos: quais os principais impactos causados com a chegada de indústrias no território indígena Anacé; como está sendo o processo de construção e reconstrução Anacé através das memórias na Reserva Indígena Tabá dos Anacé e quais os impactos afetivos e físicos ocasionados com a chegada do

desenvolvimento no Território Anacé, entendendo que a terra vai para além do “desenvolvimento” sendo fundamental para manutenção de nossos costumes, tradições e crenças.

O território Tradicional Anacé ao longo do processo de implementação das Indústrias passou por dois momentos de remoção. O primeiro ocorreu no ano de 1996 com a chegada do Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP), que culminou na desapropriação de casas, terrenos e roças de inúmeras famílias, e que a partir desse fenômeno tiveram que ser alojadas em assentamentos oferecidos pelo Governo do Ceará. Parte das famílias permaneceu nas Aldeias Matões e Bolso, porém inseridas nos planos para uma outra remoção. As remoções deixaram resquícios na vida das famílias, as máquinas passaram por cima, não só do espaço físico, mas demoliu também sentimentos.

O segundo momento dessa ação, iniciou por meio de um decreto publicado no Diário Oficial do Estado do Ceará, de nº 28.883, publicado no dia 18 de setembro de 2007, declarando de utilidade pública uma área de 33.500 hectares de terras para ampliação do Complexo. Assim, as famílias Anacé que resistiam dentro do plano de ampliação seriam obrigadas a saírem de suas terras.

As famílias Anacé iniciam novamente o processo sendo desterritorializadas para uma nova terra, a construção da Reserva Indígena Taba dos Anacé iniciou-se no ano de 2014, a inauguração do novo lugar ocorreu no dia 6 de fevereiro de 2018 possuindo uma área de 543 hectares com 163 casas, 1 escola e 1 posto de saúde. Construída para abrigar as famílias da Aldeia de Matões e Bolso, estando localizada no município de Caucaia, no Bairro Alto do Garrote, no Estado do Ceará Brasil, construída pelo Governo do Estado e Petrobrás

Desse modo, estudar os impactos das desapropriações e seus efeitos a partir da visão das famílias Anacé, tendo como base memórias, narrações e trajetórias de pessoas específicas da comunidade, ajuda a compreender o processo do povo Anacé como um todo. Considerando que todo o processo foi um transformador de crenças e valores, que interferirá em inúmeros aspectos na vida social Anacé.

Assim, o presente trabalho se orienta a partir da construção e reconstrução através das memórias na Reserva Indígena Taba dos Anacé. O objetivo principal é compreender como essa reconstrução impactou na vida e cotidiano das famílias e identidade Anacé. Para isso, enfatizo o período de pós-desapropriação, sobre a nova Terra e o processo de adaptação, e quais as principais problemáticas enfrentadas ao longo dos 5 anos na nova realidade a qual fomos submetidos e a relação espiritual com a Terra.

Na realização da pesquisa, levantei trabalhos anteriores realizados sobre a remoção e construção da identidade Anacé. Utilizei trabalhos de antropólogos Indígenas que vêm

contribuindo com as representações e lutas, quebrando estereótipos de um processo colonial, como os apontados por Felipe Cruz indígena Tuxá, segundo o qual,

Na maioria das vezes, remetem-se a imagens caricatas, resquícios de um regime de alteridade cunhado ainda no processo colonial. Trata-se do índio do descobrimento, o índio associado a categorias facilmente mobilizadas, contraponto necessário para a constituição da própria autorrepresentação da brasilidade (Cruz, 2017, p.10).

Assim, acessei a memória e vivências dos nossos mestres na percepção de valores culturais e seus desdobramentos, ritos, danças, espiritualidade na identidade do povo Anacé¹. É pertinente destacar que, para a construção desse trabalho foram utilizadas referências e produções realizadas por Indígenas, e obras da antropologia, produzidas ou não por indígenas. Todos os fatores apresentados refletem em uma produção direcionada para o campo acadêmico e para o Povo Anacé. As análises apresentadas são frutos das minhas práticas vivenciadas no Território Tradicional Matões e Aldeia Reserva Indígena Taba dos Anacé.

Para analisar o mesmo ambiente empírico em que estou inserida, utilizei de algumas ferramentas metodológicas para a realização da pesquisa, baseado nos conhecimentos científicos e tradicionais. Para isso, é necessário compreender conceitualmente o significado da pesquisa engajada. De acordo com Jemima Pierre (2008, p. 04), “meu tema de pesquisa é minha capacidade de envolvê-lo refletir uma política consciente, que é formada pela (e, por sua vez, forma) minha localização estrutural, pessoal”.

Portanto, o principal motivador da pesquisa é a oportunidade de voz ao povo Anacé assinalando os impactos ocasionados pela chegada das indústrias no Território. Assim, utilizo o método descritivo qualitativo com entrevistas contendo um roteiro de perguntas que contribuíram para a contação das memórias e narrativas sobre os processos de construção e reconstrução, sendo aplicado com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O diário de campo também é usado para a análise dos discursos, possibilitando mostrar a realidade dos sujeitos, paralelamente ao trabalho etnográfico. Usado como ferramentas de investigação áudio, vídeo e imagens. Para se cumprir os objetivos do trabalho, foi utilizado o método qualitativo como descreve Minayo:

O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmo, sentem e pensam. [...], as abordagens qualitativas se conformam melhor a investigação de grupo e seguimentos delimitados e focalizados, de história sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análise

¹ Queremos esclarecer que as falas dos entrevistados destacamos em itálico para diferenciar do que seja citação e para melhor visibilidade. Bem como poderão conter marcas da oralidade.

de discursos e de documentos. Esse tipo de método que tem fundamento teórico, além de permitir desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a grupos particulares, propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação. Caracteriza-se pela empiria e pela sistematização progressiva de conhecimento até a compreensão da lógica interna do grupo ou do processo de estudo (Minayo, 2014, p. 5).

A metodologia da pesquisa está ligada às minhas inquietações enquanto indígena e antropóloga. E quais os impactos nas diferentes manifestações, desejos, sentimentos, valores e identidade desses indígenas, aos quais se possibilita relatar a realidade. Associo aos conceitos compartilhados durante as aulas do curso para assimilação de conteúdo.

Na realização da pesquisa, levantei trabalhos pertinentes sobre a resistência Anacé e as principais mobilizações (Brissac, 2015; Morais, 2016; Santana *et al.*, 2010). Além dessas leituras, acessei as memórias das nossas lideranças e “troncos velhos” enfatizando o processo de reconstrução das “aldeias” no novo espaço, tendo como base a identidade do povo Anacé.

Tendo em conta tudo que foi apresentado, o texto foi estruturado da seguinte forma:

No primeiro capítulo: Organização e Desenvolvimento da Pesquisa, apresenta toda parte metodológica da pesquisa, apresentando as delimitações, objetivos, referenciais teóricos e os principais conceitos usados ao longo do desenvolvimento do trabalho.

No segundo capítulo: Cenário da questão indígena no Brasil, promovendo um debate sobre as principais lutas políticas e territoriais dos indígenas no Brasil, evidenciando a região Nordeste e o Estado do Ceará. Descreve-se a chegada das indústrias (1990) no território Anacé, o processo de desterritorialização e as mobilizações étnicas e resistência.

No terceiro capítulo: Território e Territorialidade: Lugar de Resistir e Lugar de Morar, descreve-se o processo de construção e reconstrução das aldeias removidas para a Reserva Indígena Taba dos Anacé, através das memórias, narrações, trazendo histórias do passado, presente e futuro no cotidiano das famílias.

No quarto capítulo: descrevo a importância da Dança de São Gonçalo para o povo Anacé e a espiritualidade que a envolve. Enfatizo que a dança é um marco na etnicidade do povo Anacé, com especial atenção ao repasse das práticas e relações espirituais entre a dança, história e identidade após a remoção para a Reserva indígena Taba dos Anacé para as gerações presente e futuras residentes na comunidade.

No quinto capítulo: descrevo o ‘Ritual do Toré’ e ‘A Dança do Coco’ do povo Anacé, explorando como se configura a relação espiritual com os encantados após a mudança para a Reserva Taba dos Anacé e as ressignificações simbólicas das famílias no novo espaço sagrado. Também são descritos o “resgate” da ‘Dança do Coco’ e o lugar da memória nesse processo.

No sexto capítulo: Etnografia, apresento o roteiro da pesquisa, as entrevistas transcritas

e análise de discurso. E o olhar de pesquisadora e pesquisada dentro das perspectivas *Emic* e *Etic* e o caderno de fotografias.

No sétimo capítulo: Resultados e conclusões da pesquisa.

CAPÍTULO I - ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Neste capítulo apresento a metodologia do trabalho e os instrumentos de produção de dados da pesquisa. A investigação abordou o processo de construção e reconstrução das famílias indígenas Anacé, localizadas atualmente na Reserva Indígena Taba dos Anacé, Caucaia-CE, Brasil, através das memórias e das relações simbólicas com a terra. O aspecto singular deste trabalho é o engajamento, propiciado pelas minhas vivências e proximidade com a temática, sendo pesquisadora e indígena do povo Anacé. Nesse sentido, minha escrita é fomentada nos conhecimentos científicos, mas também dialoga com as minhas percepções junto ao território do meu povo, e assim sendo para se cumprir o objetivo do trabalho, analisarei a origem territorial, social, econômica e política dos Anacé.

1.1 Justificativa

1.1.1 Desenvolvimento da pesquisa

A pesquisa em questão baseia-se nos conhecimentos científicos, tradicionais, culturais e vivenciais na aldeia indígena Matões e Reserva Indígena Taba dos Anacé em Caucaia, Ceará-Brasil. As memórias e narrações contadas ao longo do trabalho terão como base o processo de construção e reconstrução das famílias indígenas residentes na Reserva Indígena Taba dos Anacé, acerca do processo de remoção no ano de 2018. Os principais motivadores para a construção deste trabalho são os impactos afetivos sofridos pelos indígenas, ocasionados com a remoção de seu território tradicional. A importância central da terra em nossa configuração sociocultural, tem em vista que vai para além do físico, além da perspectiva de desenvolvimento, sendo fundamental para manutenção de nossos costumes, tradições e crenças.

Os povos indígenas no Brasil sofrem constantemente com o descumprimento de seus direitos. Os projetos de “desenvolvimento” econômico que ameaçam os modos de vida dos povos originários interferem diretamente nas vivências e hábitos culturais no interior dos territórios. O país possui uma das maiores economias do mundo, seus recursos naturais que em sua maioria encontra-se localizada em reservas, são fontes potenciais para a alimentação desse desenvolvimento, fator que amplia ainda mais a ameaça aos povos e territórios indígenas, constantemente passando por discriminação, racismo e ameaças institucionais de caráter pessoal contra líderes indígenas.

O processo de demarcação de uma terra indígena, regulamentado no Estatuto do Índio

pelo Decreto nº 1775/96, é o meio administrativo para identificar e sinalizar os limites do território tradicionalmente ocupado pelos povos indígenas. “Os territórios tradicionais são considerados os espaços necessários à reprodução cultural, social e econômica dos povos indígenas e comunidades tradicionais, sejam estes utilizados permanentemente ou temporariamente”. (Brasil, 1988, p.79). Nesse sentido, o direito de demarcação das terras indígenas é violado, com a chegada do “desenvolvimento” nos territórios.

Vale voltar a frisar que constitucionalmente como assegura o Artigo 231 da Constituição Federal de 1988, “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”. (Brasil, 1988, p.79). Desse modo com apresentado às terras que tradicionalmente ocupamos seria nossa por direito, entretanto, o Estado brasileiro tem falhado no cumprimento dessa normativa, e, nesse sentido, nós lutamos e exigimos a efetivação desses direitos territoriais.

No Ceará os povos indígenas também enfrentam problemáticas com a demarcação de terra, existem territórios que seguem pendentes com os processos demarcatórios. O processo histórico marcado por muita luta e resistência dos povos indígenas do Estado, os interesses econômicos e políticos e invasão nas aldeias, atrasa a regularização do território.

A autora Isabelle Braz Silva, referência em pesquisa sobre etnicidade dos povos indígenas do Ceará, traz a reflexão sobre a resistência indígena na obra “Vilas de Índios no Ceará Grande: dinâmica local sobre o Direito Pombalino”, relatando os processos históricos dos povos Indígenas no território cearense, na criação disciplinadora dos aldeamentos coletivos e do trabalho persistente na agricultura como forma de catequizá-los e civilizá-los.

Segundo Silva (2003) O Diretório Pombalino foi um projeto “civilizatório” que procurava acabar com o trabalho missionário nos aldeamentos, elevando-se a política que influenciou os indígenas nas vilas e aldeias. Os diretores de índios passaram a controlar totalmente suas vidas, em função da exploração. Desta forma, fugas, deserções e conflitos foram constantes no período:

A transformação das aldeias em vilas de índio foi um processo bastante complexo. Não se resumiu a uma mudança formal, nem simplesmente se reduziu a uma mudança de estrutura de poder, afeita somente à esfera da elite dominante. Foi um processo social de amplo alcance, já que marcado por intervenções diretas e profundas na vida daquelas populações (Silva, 2003, p. 84).

A administração das terras indígenas continha multifaces a qual fundamentava-se em conflitos e negociações. Nós indígenas do Ceará passamos por longos processos de dominação,

que trouxeram transformações culturais. Sentimos os resquícios dessa invasão até os dias atuais.

O território Indígena Anacé não está longe dessa realidade, passa por dois processos de implementação das indústrias. O primeiro ocorreu no ano de 1996 com a chegada do Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP), que culminou na desapropriação de casas, terrenos e roças de inúmeras famílias, a partir desse fenômeno tiveram que ser alojadas em assentamentos oferecidos pelo Governo do Ceará. Embora grande parte das famílias tenham sido forçadas a sair, outra parte permaneceu no território, na comunidade de Matões, já que, até aquele momento, não “atrapalhava” os planos do empreendimento.

Desse modo, evidencia-se os pontos positivos e negativos da adaptação da nova terra, Reserva Indígena Anacé. A pesquisa destacou o processo desafiador de como acontece na prática o processo de reconstrução através das memórias. Entendendo que a universidade é um espaço e fermenta a luta, me encontrar inserida no doutorado na condição de pesquisadora e pesquisada, contribui no movimento político do povo Anacé.

Assim, a pesquisa apresentada contribuiu para compreender as várias relações simbólicas que estão sendo reestruturadas na cultura Anacé. Sendo compreendida como material de luta e resistência, pois relata a violação de direitos territoriais, discutindo o intenso processo histórico, político e cultural que teve como cenário o território indígena Anacé da região metropolitana de Fortaleza-Ceará. Tendo como um dos destaques o intenso processo de desterritorialização. Desse modo, as duas comunidades Matões e Bolso que foram removidas, e que atualmente residem na Reserva Indígena foram o ponto central dessa análise, que vem se apresentando neste trabalho final do doutorado.

Além do que apresentado até aqui, destaca-se, que existe muitas pesquisas no Brasil sobre os territórios indígenas de grandes impactos, porém esse trabalho parte da visão de uma indígena o que potencializa o lugar de fala do seu povo, e inter-relaciona suas observações e vivências com a epistemologia da universidade.

Nesse sentido, foi pertinente analisar os impactos das desapropriações e seus efeitos a partir da dimensão subjetiva do processo, tendo em vista que fenômenos desse porte construirão marcas singulares para com a formação sociocultural deste povo. Ou seja, as memórias e trajetórias de indígenas da comunidade contribuem para compreender o processo do povo Anacé como um todo.

1.1.2 Delimitação do objeto da pesquisa

Os povos indígenas da região metropolitana de Fortaleza, como Tapeba, Anacé entre

outros, vem ao longo do tempo lutando por suas identidades, territórios e espaço social. Por muito tempo as comunidades indígenas foram silenciadas em sua cultura e tradição. Lutamos para que o pensamento de que “no Ceará não existe índio” seja repensado. A mãe terra, como chamamos os nossos territórios, utiliza de estratégias para dar continuidade à cultura como à saúde e educação que diz muito sobre suas especificidades e costumes, trata-se de comunidades que mantêm seus modos específicos de sobrevivência.

Partindo desse ponto seguimos o pensamento de Valério (2016, 2019,2020), sobre seu conceito de sobreculturalidade, quando expressa a constituição de um processo partindo das ideias de adaptação e resiliência ocasionadas pelo contato entre culturas distintas, e que nesse momento os povos indígenas utilizam elementos de outras culturas com o objetivo de manter viva a sua. Processo esse, verificado na própria trajetória de indígenas para a universidade, rompendo o paradigma de objeto de estudo à pesquisador de sua cultura e história, como também na adaptação das famílias na Reserva indígena Taba dos Anacé.

Diante do que foi apresentado, busca-se observar e analisar os resultados e suas relações simbólicas na cultura indígena. Desse modo, o objeto desta pesquisa delimita-se no conceito de território, como expõe o advogado Indígena Eloy Terena: “O espaço deve ser o suficiente para as atividades culturais e para a convivência harmoniosa dos grupos familiares presentes e das futuras gerações. Este território deve abarcar também eventual montanha, rio, mata, gruta ou outro elemento qualquer considerado sagrado pela comunidade, dentre outros, o cemitério”. (Amado, 2015, p. 17).

O cumprimento da pesquisa se realizou com cautela, sendo considerada que as memórias foram essenciais no processo de construção e reconstrução e adaptação das famílias residentes na Reserva Indígena Taba dos Anacé.

A pesquisa, então, se orientou em uma perspectiva norteada para as experiências dos indígenas; ou seja, a narração dos sentimentos das famílias no processo de remoção e o sentimento de estar na nova terra, e quais as maiores dificuldades encontradas física e sentimentalmente, e como vem sucedendo na atualidade. Trata-se de visibilizar e fomentar a voz e visão das famílias indígenas que foram mais impactadas nesse processo de “desenvolvimento” industrial, ocorrido no ano de 2018.

Portanto, a pesquisa parte de uma perspectiva qualitativa com enfoque *EMIC*, ou seja, de uma visão interna da comunidade. Desde a Antropologia se utilizam as perspectivas *ETIC* e *EMIC*, derivadas das palavras Fonético e Fonêmico, utilizadas pela primeira vez pelo linguista Kennet Pike (1967).

Algumas inquietações e questionamentos surgiram no caminho que nos conduz à

compreensão do que é um território tradicional e ao desdobramento da pesquisa:

1. Até que ponto o capitalismo respeita as comunidades indígenas, e permite preservar os costumes da Mãe Terra que é a base do território, no Estado Brasileiro?

2. É possível afirmar que as vivências das comunidades de Matões e Bolso podem ser reconstruídas na nova terra, Reserva Indígena através das lembranças e memórias, tendo como base a identidade indígena?

3. A criação de novos laços e relação simbólica e tradição com a nova Terra pode ser considerada como território tradicional para os idosos?

4. A chegada do Complexo Industrial no ano de 1996 no território Anacé trouxe melhorias econômicas e políticas para a comunidade?

Existem outros exemplos de comunidades indígenas no Ceará que foram diretamente impactadas com as industrializações, mas até o momento nem um removido de seus territórios e que continuam resistindo politicamente.

A pesquisa foi desenvolvida com base nas comunidades Indígenas Anacé, tendo como ponto central as comunidades removidas Matões e Bolso que se encontram na nova terra, Reserva Indígena Taba dos Anacé, apresenta o desenvolvimento de um trabalho com referenciais teórico-práticos que partem do trabalho de campo e da análise do conceito de território, contemplando as memórias e cultura, tendo em vista as lutas e mobilizações travadas socialmente pelo o povo para a permanência nos territórios, processo esse que foi negado.

Ressalta-se, antes de tudo, compreender se a reconstrução impacta nas diferentes manifestações, desejos, sentimentos, valores e identidade desses indígenas. Para isso, enfatiza-se o período de pós-desapropriação, refletindo especificamente sobre o espaço construído para o remanejamento das famílias, além de salientar as problemáticas estruturais que fazem parte dessa nova realidade a qual fomos submetidos, considerando também que é um transformador de crenças e valores, que interferirá em diversos aspectos da vida social dos Anacé.

1.2 Objetivos da investigação

A presente investigação se organiza para responder os seguintes objetivos.

1.2.1 Objetivo geral

Realizar uma análise por meio das memórias, sobre os impactos causados com a chegada de indústrias no território indígena Anacé, localizadas na cidade de Caucaia, Região

metropolitana de Fortaleza-Ceará, Brasil. No entanto, o trabalho relata a visão das famílias indígenas sobre todo o processo de remoção e suas diversas singularidades.

1.2.2 Objetivos específicos:

- Realizar um recorrido histórico do povo Anacé da primeira desapropriação até a atualidade, dando ênfase nas mobilizações políticas e culturais. Reconhecendo os marcadores que contribuiram para o reconhecimento étnico e tradicional do povo;
- Analisar os valores simbólicos para os indígenas Anacé e a relação com suas terras e território. Mencionando que a mudança para a Reserva Indígena não foi uma troca. Bolso e Matões está para além do físico possuindo seus valores espirituais e afetivo de um lugar onde os encantos estão presentes, a Reserva não é considerada território tradicional ou não;
- Enumerar impactos positivos e negativos com relação a criação da reserva indígena e a industrialização diante dos relatos dos entrevistados. Manifestando as narrativas sobre as vivências da “antiga” Aldeia e adaptação na Reserva Indígena Taba dos Anacé;
- Refletir, com a observação do campo na Reserva Indígena Taba dos Anacé, sobre o processo de construção e reconstrução na nova Terra, com fundamento nas memórias passadas que estão sendo ressignificadas e recriadas. Dessa maneira cumpre-se o exercício de compreender as dificuldades ligadas, estando inserida no ambiente empírico.

1.3 Metodologia

1.3.1 Das fontes de pesquisa

Por tratar-se de um estudo antropológico organizado em uma pesquisa teórico-prática, utiliza-se de metodologias variadas, assim, uma parte será quantitativa, mas utilizada nesse caso somente para fortalecer a parte qualitativa. Divide-se a análise em duas etapas:

1. Constitui-se do uso da Etnografia, baseando-se na pesquisa e minhas experiências enquanto indígena Anacé, e nas observações no trabalho de campo.

2. A análise tem como ponto inicial as relações simbólicas e as suas diversidades Territorial Anacé, cultural e histórica. Efetua-se observação participante, principalmente no cotidiano das famílias. É neste contexto que os membros da Reserva Indígena Taba dos Anacé se encontram mais dinâmicos, em seus costumes e hábitos diários.

Desse modo, será realizado a aplicação de questionários, com perguntas objetivas, ainda

que informais, com os moradores e lideranças, residentes na Reserva Indígena Taba dos Anacé das comunidades de Bolso e Matões, a fim de identificar as particularidades e políticas que definem o processo de reconstrução na nova terra. É pertinente observar os hábitos e rituais locais da comunidade, desse modo influenciando nas memórias e relação com a Terra. Será também usado ferramentas de áudio, vídeo, como gravador e máquina fotográfica, e que o material coletado poderá futuramente ser usado como acervo na biblioteca e museu da comunidade Indígena Anacé.

Na segunda parte da pesquisa, elaborou-se sob uso da Etnologia, como referenciais teóricos em fontes: de artigos, livros e os clássicos da antropologia, historiadores e sociólogos que seguem a mesma linha de pensamento sobre as questões indígenas nos seus mais diversos âmbitos. A presente investigação arrisca-se a demonstrar um outro viés de conceitos já impostos a respeito dos povos indígenas e suas culturas em especial o povo Anacé, manifestando sua realidade, de acordo com seu território, cultura e tradicionalidade.

1.3.2 Da concepção antropológica do procedimento de pesquisa

Concernirá o conceito de “identidade”, conceito este que se configura como um dos pontos principais de partida da idealização deste projeto, ou combinação com outros métodos, se levarmos em consideração o pensamento de Stuart Hall (1997) sobre cultura, identidade e representação. O estudo de Stuart Hall salienta o grau de importância assumido pela cultura na interpretação da realidade e do comportamento, assim como as formas pelas quais ela é utilizada para transformar a nossa compreensão, explicação e modelos teóricos acerca do mundo no qual vivemos, como apresentado pelo autor:

[...] a ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros (Hall, 1997, p. 16).

A centralidade da cultura, ressaltada por Hall (1997) têm uma dimensão epistemológica, que vem sendo denominada “virada cultural”, no sentido substantivo, empírico e material. É uma ferramenta teórica e reflexiva, onde a interpelação acontece quando o sujeito se reconhece a partir dos discursos. Ele toma como algo que lhe diz respeito, identifica-se e produz-se como um sujeito daquele modo, compreende e explica a si e ao mundo a partir daquela conduta.

De acordo com os pensamentos de Stuart Hall (1997), Franz Boas (1964), Edward Taylor

(1871) e Roque de Barros Laraia (1964) isso ocorre pela razão de que o referente grupo de antropólogos da chamada antropologia clássica, entendem que a cultura consiste em um processo de influência diretamente na construção da identidade de cada indivíduo, grupo ou sociedade, a partir dos ambientes e meios em que ele estabelece suas relações com outros indivíduos.

Assim os autores, se entregam em um padrão de funcionamento que conduz a definir as relações culturais e de identidade do grupo em questão. Assim, existe uma questão conceitual, nessa visão: CULTURA E IDENTIDADE. Nesta ordem de ideias, se relacionam com a comunidade Anacé (no caso, as relações simbólicas), onde ele geraria múltiplas formas de memória.

A terra surge, neste contexto, como a base da identidade, em outras definições, para culturas indígenas a terra é a nossa mãe, e a partir do processo de reconstrução na nova terra juntamente com as memórias da “antiga” aldeia tem sido a principal atribuição para a construção sentimental, outros valores passam a ser agregados no novo espaço de morada.

1.3.3 Dos principais conceitos

O desenvolvimento desta pesquisa, foi considerado as seguintes categorias: indígenas Anacé; Cultura; Identidade; Sobreculturalidade; Desterritorialização; Memória; Terra; Tradicionalidade; Reconstrução; Encantos; Mobilizações; Passado e Presente.

Para a realização da pesquisa, foi feito um levantamento de pesquisas anteriores realizados sobre a remoção e construção da identidade Anacé: Aguiar, Neto, Santana, Sousa (2010); Brissac (2015); Brissac, Nobrega (2010); Souza, Nogueira, Nogueira (2016) Brissac, Maria (2014), Meireles, Schettin (2012). Estando ligado às memórias e o pensamento dos nossos “trancos velhos” na compreensão do valor da terra tradicional e suas multiplicidades – roças, tabas/casas, encantos – na reconstrução das “aldeias” e da identidade do povo Anacé.

Vale ressaltar que alguns autores pesquisaram e acompanharam o processo e mobilização do povo Anacé frente a desapropriação. Se inserindo também outros indígenas Anacé em suas respectivas áreas de pesquisa como Pedagogia e licenciatura interdisciplinar indígena, trabalhos que assinalam a epistemologia e conhecimentos tradicionais.

De acordo com o conceito de cultura, iremos trabalhar com o autor Roque Laraia (1964, p. 29) que diz: “todas as civilizações se espalharam e perpetuaram pelo uso de símbolos, toda cultura depende de símbolos. É o exercício da faculdade de simbolização que cria a cultura e o uso de símbolos que torna possível a sua perpetuação. Sem o símbolo não haveria cultura, e o homem seria apenas animal, não um ser humano”.

Com relação ao conceito de identidade, ademais de Stuart Hall, utilizaremos o pensamento do autor Edward Tylor (1871), tomado em seu amplo sentido etnográfico este todo complexo, que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

Memória e Identidade são ideias centrais nas teorias clássicas das ciências humanas e sociais.

Para o conceito de Sobreculturalidade serão utilizados os estudos e pesquisas de Valério (2016, 2019, 2020), quando explica que “Em suma, o processo de Sobreculturalidade busca alcançar a CONVIVÊNCIA INTERCULTURAL – ou também a TRANSCULTURALIDADE – a través da SOBREVIVÊNCIA”. A Sobreculturalidade integra várias questões territoriais e simbólicas, é um resultado do atual movimento sobre a educação e a cultura nas comunidades indígenas e o movimento indigenista latino-americano.

As ideias de terra e território seguiram o pensamento do autor indígena Daniel Munduruku (2018). Quando os povos indígenas lutam pela demarcação do seu território, na verdade eles estão lutando pelo direito de existir, não de sobreviver. “Porque para sobreviver basta um pedacinho de terra. O indígena vê a terra como um conjunto. O que seria para as pessoas ter muita terra, é dar sentido para o estar no mundo. Terra para a gente é parte da gente”. O indígena olha para a terra não como um objeto a ser negociado, mas algo que faz parte de si, faz parte da sua própria existência.

O conceito de Território é entendido numa visão onde a identificação simbólica está presente. O autor Haesbaert (2004) descreve:

O Território, [...] focado numa perspectiva geográfica intrinsecamente integradora, que vê a territorialização como um processo de domínio (político-econômico) e/ou de apropriação (simbólico-cultural) do espaço pelos grupos humanos. Cada um de nós necessita, como um ‘recurso’ básico, territorializar-se (Haesbaert, 2004, p. 217).

E por fim, sobre o conceito de desterritorialização seguiremos a visão de Haesbaert (2004), a desterritorialização seria assim um processo primordialmente de natureza política; enfim, para os mais “culturalistas”, a desterritorialização estaria ligada, acima de tudo, à disseminação de uma hibridização de culturas, dissolvendo os elos entre um determinado território e uma identidade cultural correspondente. É assim definido como um processo voluntário ou forçado, violento, de perda de território, de quebra de controle das territorialidades pessoais ou coletivas, de fratura no acesso a territórios econômicos, simbólicos, a recursos, a bens.

1.3.4 Análise de discurso

Na Análise de Discurso do trabalho será um ponto importante para a estrutura da pesquisa, utilizando o pensamento de Minayo (2014) quando afirma que analisar o discurso é “realizar uma reflexão geral sobre as condições de produção e apreensão da significação de textos produzidos nos mais diferentes campos”.Referente à análise de discurso, Brandão (2004, p. 29) traz que,

[...] toma a linguagem como um fenômeno que deve ser estudado não só em relação ao seu sistema interno, enquanto formação linguística a exigir de seus usuários uma competência específica, mas também enquanto formação ideológica, que se manifesta através de uma competência socioideológica.

De acordo com os conceitos de Minayo (2014) e Brandão (2004) a análise é capaz de observar, por meio dos vestígios que deixam no discurso, as relações de sentido e de forças. Ao construir o objeto discursivo, será investigado os afetados por diferentes memórias discursivas, os processos de identificação e os jogos simbólicos. A pesquisa terá como ideia central as narrativas históricas do Povo Indígena Anacé, buscando demonstrar as marcas imprevisíveis na vida das famílias.

Analisar a rede de memória e o trajeto social do discurso Anacé é considerar a possibilidade de **(des)estruturação e reestruturação** dessa rede e desse trajeto. É importante ter em mente que as filiações históricas possam se organizar em memórias e nas redes sociais em redes simbólicas.

1.3.5 Ferramentas metodológicas

O procedimento usado neste estudo será descritivo qualitativo utilizando entrevistas, a qual possibilita relatar a realidade cultural dos sujeitos, paralelamente ao trabalho etnográfico, usado como ferramenta de investigação. Desse modo, a investigação qualitativa terá como base o conceito de Minayo (2014):

O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmo, sentem e pensam (Minayo, 2014, p. 05).

Assim, o roteiro de perguntas contribuirá para a construção das narrativas sobre os

processos das remoções e de reconstrução, tais como as memórias e sentimentos causados: origem territorial, cultural e política. Cabe salientar que o diário de campo foi uma importante ferramenta para a organização da discussão, facilitando este trabalho. Os Instrumentos de coleta utilizados: áudio de vídeo, fotos, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

CAPÍTULO II- CENÁRIO DA QUESTÃO INDÍGENA NO BRASIL

2.1 Panorama geral das mobilizações indígenas

Os povos indígenas do Brasil historicamente passam por um longo processo de luta e resistência, a invasão e colonização foi o primeiro embate enfrentado causando modificações socioculturais que refletem até os dias atuais. A sociedade está estruturada a pensar que o país foi descoberto no ano de 1.500, mas sobrevivíamos aqui anterior a esse processo, muitos sangues foram derramados e muitas vozes foram silenciadas.

No século XX, inicia a luta pela sobrevivência e autonomia dos Povos Indígenas, mesmo sendo um país pluriétnico com grande diversidade, socialmente lutamos por igualdade, pois somos vistos como inferiores e “miscigenados”. No Brasil ainda conservam e falam mais de 180 línguas nativas.

Buscamos o reconhecimento e direitos pelo Estado, nos últimos anos vivemos um processo de redemocratização, iniciado na década de 1980, com a promulgação da Constituição Federal em 05 de outubro de 1988. Assim, os direitos específicos, para povos tradicionais começam a ser visualizados. Constitucionalmente os povos indígenas começaram a ter seus direitos garantidos, conquista de intensos processos de lutas e reivindicações. Lei que possibilitaria a preservação dos territórios e dos modos de vida.

O artigo 231 da Constituição Federal assegura a permanência dos Povos Indígenas, com o direito à terra e a proteção da natureza, com o intuito de manter a sobrevivência básica das comunidades, de acordo com a cultura e tradição. Afirma o Art. 231 da Constituição Federal Brasileira:

São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens (Brasil, 1988, p. 79).

De acordo com a constituição, os povos indígenas estariam assegurados em suas terras, porém a realidade em que nos encontramos é outra, é importante salientar que todos os parágrafos do artigo 231 falam sobre a terra.

O Estado possui grande dificuldade em demarcar os territórios indígenas, negando assim garantia dos direitos como por exemplo o acesso à terra e a posse dela aos indígenas, algumas ações como a implementação de indústria e posseiros impedem ou retardam o processo de

demarcação. As alterações nos territórios com invasões, as tentativas também ocorrem de forma política, com regularização e consentimento do governo.

Na região Nordeste os povos indígenas por muitos anos foram silenciados e considerados como extintos com o propósito de apropriação das terras, por muitas décadas lutamos para não morrer. “Conservam as suas danças tribais, como um último vestígio de sua cultura original. Algumas dessas danças têm caráter de simples recreação, mas há outras de cunho secreto e significativo, executadas num local secreto” (Meador, 1976, p.08).

João Pacheco de Oliveira (1997) reuniu textos de reconhecidos especialistas na temática indígena da região, cujas pesquisas sólidas e inovadoras têm contribuído para uma revisão significativa dos estudos históricos e antropológicos sobre os indígenas. “A expressão “índios misturados” — frequentemente encontrada nos Relatórios de Presidentes de Província e em outros documentos oficiais — merece uma outra ordem de atenção, pois permite explicitar valores, estratégias de ação e expectativas dos múltiplos atores presentes nessa situação interétnica”.

O autor explica em seus termos, que os pesquisadores precisam compreender as necessidades dos grupos indígenas em sua relação de incorporação à sociedade brasileira. Os estereótipos raciais e culturais por muito tempo fizeram parte das estruturas epistemológicas e sociais. Assim, o questionamento sobre “índios misturados” no Nordeste passa a ser desconstruído, a “miscigenação” não é negada já que foi o único meio de continuar existindo, a resistência e sobrevivência dos povos indígenas do Nordeste é um ato político.

No Estado do Ceará possui 15 etnias, para se compreender todas as mobilizações dos povos indígenas dessa região voltarei novamente no processo histórico de tentativa de extermínio e rejeição a afirmação étnica a nós povos Indígenas do Ceará. As forças políticas que administraram a província no século XIX, tendo como presidente José B. C. Figueiredo Júnior tentaram indeferir de forma política o desaparecimento.

No dia 09 de abril de 1863, José Figueiredo encaminhou à Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, um relatório de sua produção onde afirmava a negação da existência de índios na província cearense. Segue um trecho do relatório provincial:

Já não existem aqui índios aldeados ou bravios. Das antigas tribus de Tabjaras, Cariris e Potiguaris, que habitavam a província, uma parte foi destruída, outra emigrou e o resto constituiu os aldeamentos da Serra da Ibiapaba, que os Jesuítas no princípio do século passado formaram em Villa Viçosa, S. Pedro de Ibiapina, e S. Benedicto com os índios chamados Camussis, Anacaz, Ararius e Acaracú, todos da grande família Tabajara. Com a extinção dos Jesuítas, que os governavam theocraticamente, de cahiram esses aldeamentos, e já em 1818 informava um ouvidor ao governador Sampaio que os índios

iam-se extinguindo na Ibiapaba, onde tinham aqueles religiosos um celebre hospício no lugar denominado Villa Viçosa, que com os outros acima indicados abrangem a comarca deste nome.É neles que ainda hoje se encontram maior número de descendentes das antigas raças; mas andam-se hoje misturados na massa geral da população (Sousa, 1863, p. 10).

A implementação da legislação do Diretório Pombalino² caracterizou a segunda “mistura”. No caso do Ceará, uma análise do “desaparecimento” dos povos indígenas, processo apresentou interesses políticos e econômicos, tentam nos apagar e nos retirar de nossos territórios. Isabelle Braz Silva (2003) comenta:

Entretanto, o que se viu nesse período no plano jurídico foi a forte presença indígena que se manifestava quando agiam no sentido não apenas de preservar suas terras, antes obtidas como demarcações de sesmarias, mas também quando buscavam a regularização de suas posses (Silva, 2003, p. 327-345).

A partir dos anos 1980 os povos Indígenas do Ceará retomaram a luta, que por muito tempo foram silenciados, as primeiras mobilizações iniciaram com os povos Tapeba, Tremembé, e depois Pitaguary e Jenipapo-Kanindé. Daí em diante, as articulações vêm criando políticas de resistência, o movimento indígena do Ceará pode ser visto como um dos mais autônomos no diálogo com agências governamentais e não governamentais. A trajetória de mobilização dos povos indígenas segue uma lógica e estratégias de ação próprias.

Para além das mobilizações e lutas, o movimento Indígena hoje se constitui como um dos mais fortes e articulados, caracterizado por nossa relação de interação entre os povos e aldeias. Além dos nossos troncos velhos participarem das articulações, mulheres e juventude tem um protagonismo importante.

A Federação dos Povos e Organizações Indígenas do Ceará - FEPOENCE, tem ganhado força na articulação entre as aldeias destacando a atuação das lideranças e a autonomia de falar por nós mesmos. As assembleias estaduais têm como finalidade de alinhar as políticas de enfrentamento, realizada todo ano juntamente com parceiros apoiadores do movimento.

Diante de tudo que foi exposto, as principais lutas atuais dos povos indígenas do Brasil, Nordeste e Ceará consistem na demarcação do território. A partir daí desencadeia outros movimentos na luta por direitos básicos, como a saúde específica e educação diferenciada, tendo como elemento fundamental a cultura e especificidade de cada povo.

² O Diretório Pombalino processos de dominação, que trouxeram transformações para a nossa cultura, em consequência a sociedade envolvente. O Diretório foi um projeto “civilizatório” que procurava acabar com o trabalho missionário nos aldeamentos, elevando-se a política que influenciou os indígenas nas vilas e aldeias.

A saúde específica nas comunidades indígenas, já vem desde muito tempo executada pelos pajés e benzedeiros, os medicamentos tradicionais e rituais ainda são bem fortes. A Secretaria Especial de Saúde Indígena-SESAI, coordena pela Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas, que atende nas aldeias com a equipe de saúde convencional, dando atendimento e assistência necessária.

A Educação Diferenciada Indígena ocupa nas comunidades um lugar importante no fortalecimento dos povos, a cultura e os saberes são repassados e ensinados com didáticas e metodologias próprias de cada povo construídos coletivamente. A interação com os indígenas faz com que seja uma pedagogia específica dos próprios modos de vida, as crianças e jovens são ensinados desde cedo a estarem inseridos na luta, a escola possibilita aos estudantes a estarem participando das ações do movimento Indígena.

É visível a relação singular dos povos indígenas com o Território, é uma de nossas maiores riquezas, não só no sentido físico, mas tudo que ela nos proporciona. A terra é chamada de Mãe Terra e sem ela não haveria luta, não há vida!

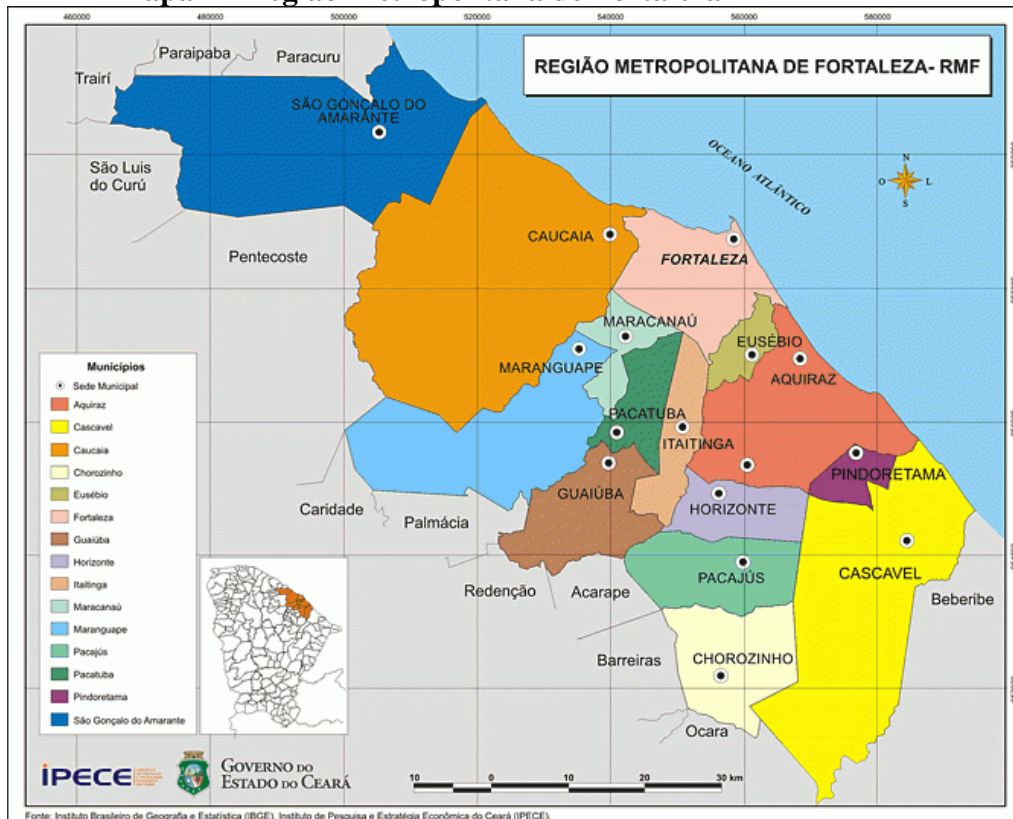
2.2 Primeira remoção do território Anacé

Historicamente o povo Anacé sempre resistiu a todos os massacres e invasões no Território. Como cita Cecilia (2014), os índios Anacé, segundo a carta de sesmaria deixada pelo capitão mor Manoel da Fonseca Jayme em 27 de novembro de 1717 (Carta n. 368) eram nativos do litoral e das serras cearenses a oeste de Fortaleza. A carta n. 70 de sesmaria de 1723, delimita que eram duas léguas de terra de largura e três de comprimento.

A discussão do presente tópico se orienta a partir das História do povo Anacé das vivências e primeira remoção com a chegada da industrialização no Território e as principais transformações na vida das famílias, no espaço físico e simbólico.

O complexo Industrial e portuário do Pecém – CIPP impactou diretamente as famílias que viviam naquela região, em nome do “desenvolvimento”. As comunidades pesquisadas são as comunidades de Matões, distrito de Caucaia e Bolso, distrito de São Gonçalo do Amarante, no Estado do Ceará, Brasil

Mapa 1 - Região Metropolitana de Fortaleza – RMF



Fonte: IPECE (2016)

No ano de 1995, foi iniciado o projeto básico do Complexo Industrial e Portuário do Pecém, na região metropolitana do Estado. A concretização do projeto e início das obras acontece em 1996, as obras foram concluídas em 2002 daí em diante os produtos eólicos começam a ser produzidos no CIPP. A autora Maria Cecília Gomes (2009) em sua pesquisa com o povo Anacé aponta a localização do complexo:

Situando-se nos municípios de São Gonçalo do Amarante e Caucaia, a 50km de Fortaleza, com acesso ao sul pela BR 222 e centro pela rodovia CE 085, ocupa uma área de 335Km² considerados de utilidade pública, dos quais 13.337ha são destinados à 73 implantação de indústrias, sendo 7.101,63ha (53,25%) de Caucaia e 6.235,37ha (46,75%) de São Gonçalo do Amarante. Sua estrutura possui áreas de instalações portuárias, Áreas de Proteção Ambiental (APP's), duas áreas urbanas e quatro setores para ocupação industrial e de serviços. O Porto é composto de um Terminal de Múltiplo Uso, um Terminal Intermodal de Cargas, Quebra Mar, um Bloco de utilidades e ainda de infraestrutura e energia que será oferecida aos empreendimentos, tais como o Terminal de Gás Natural, a Correia Transportadora e um Pátio de Armazenagem (Gomes, 2014, p.71-72).

Diante da construção do CIPP ocorre a primeira remoção no ano de 1996, culminou na destruição de casas, terrenos e roças de inúmeras famílias, momento de muito sofrimento, as

máquinas invadindo e derrubando tudo, a partir desse fenômeno tiveram que ser alojadas em assentamentos oferecidos pelo Governo do Ceará. Embora grande parte das famílias tenham sido forçadas a sair, uma outra parte permaneceu no território, pois não “atrapalhavam” os planos do empreendimento.

As famílias removidas mudaram-se para outras localidades de forma desorganizada, já que a indenização recebida pelo governo não supria todas as necessidades, as árvores eram pagas no valor de R\$7,00. O processo de remoção não aconteceu com tranquilidade, foram arrancados em um tempo curto, como citado na pesquisa de Aguiar *et al.* (2010):

O governo inicia o processo de desapropriação através de uma Comissão de Desapropriação, que teve como primeira etapa identificar e cadastrar as famílias afetadas pela desapropriação, que viviam na localidade conhecida como Gregório, e com isso, avaliar juridicamente todo esse processo. Após o levantamento e medições das propriedades, foi feita a avaliação individual de cada imóvel, cadastro, pagamento das indenizações e elaboração do mapa fundiário, tal processo foi realizado no período de um ano. (AGUIAR, *et al.*, 2010, p. 08).

As famílias foram alojadas em assentamentos de localidades próximas, como Torem, Forquilha e Munguba. Destaca-se que o projeto parte de um grande investimento econômico a qual fomos “inseridos”, passando por cima de valores e costumes. Muitas pessoas morreram nesse processo, os fragmentos dessa demolição geraram um impacto emocional em alguns moradores, ocasionando doenças por não aceitarem modificações tão bruscas em suas vidas. Além disso, diversos pais de família não tinham trabalho, pois a maioria eram analfabetos e sobreviviam de roçados e não conseguiam trabalho nas empresas recém-chegadas.

Diante de todos esses acontecimentos em nome do desenvolvimento compreende-se que é um projeto de cima para baixo. Como afirma Oliveira e Lima (2003):

Pensar em desenvolvimento regional é, antes de qualquer coisa, pensar na participação da sociedade local no planejamento contínuo da ocupação do espaço e na distribuição dos frutos do processo de crescimento (Oliveira e Lima, 2003, p. 31).

Inicialmente as visitas recebidas pelas famílias se identificavam como “pesquisadores”, e que precisariam da assinatura dos responsáveis pela propriedade, e quando retornaram já foram destruindo. É fundamental expor que o projeto de construção do empreendimento CIPP nunca foi apresentado para as famílias de um modo objetivo e claro, para que pudessem compreender a dimensão do empreendimento.

Aproximadamente 283 famílias foram removidas, as vivências nunca voltaram a ser como antes, nem mesmo próximas. O CIPP trouxe consigo violência, poluição ambiental e

tráfego de cargas pesadas dentro da aldeia. Dessa maneira as degradações na terra começaram a ser visíveis, alguns animais desapareceram sem lugar para viver. A aldeia tornou-se semelhante a uma zona urbana, o que provocou o aumento do fluxo migratório indígena para trabalho formal e informal.

Antes da chegada das indústrias as casas em sua maioria eram de taipa e palha, embora também já existissem as de tijolos. As moradias eram extremamente simples, porém aconchegantes. O barro e a madeira eram materiais muito utilizados para diversas funções, que iam desde a construção de painéis, fogões, giral (mesa feita de pau) até o reboco e chão da habitação, elementos retidos da própria natureza da região. Os quintais eram repletos de plantações, árvores frutíferas, que produziam tanto para o consumo próprio, quanto para a comercialização, como o caju que fornecia o fruto para o consumo próprio, e a castanha e cana-de-açúcar, que era utilizada na produção de rapadura.

A sobrevivência das famílias se dava através de leiras (roças), que eram feitas coletivamente entre famílias, com plantações de mandioca, feijão, milho, batata, entre outros. As farinhadas eram feitas a cada mês com a divisão para todos de farinha, tapioca, grolado³. Alguns outros sobreviviam da pesca, que era realizada na praia do Pecém, há cerca de seis quilômetros da aldeia. A caça nas matas também tinha grande importância para a cultura e sobrevivência das famílias. As terras são heranças repassadas de pais para filhos, algo que não existe valor que se compre, o único bem material e afetivo que se tinha e poderia ser dividido entre os familiares.

As famílias viviam por muito tempo o silenciamento étnico, mas continuaram cultuando seus rituais com suas especificidades culturais e tradicionais, a partir de toda invasão do CIPP as famílias começaram a se organizar e identifica-se como índios Anacé, sendo também uma forma de permanência no território Matões e Bolso, como descrevo na minha monografia, Rute Souza (2018):

A liderança Júnior Anacé, ao observar todas essas memórias contadas pelo seu pai, ficava se perguntando: como é que a gente faz para se afirmar como indígena? Sua inquietude despertou o início ao “resgate” cultural. Sendo ele um dos principais condutores das atividades. A equipe Pastoral do Migrante, Pastoral da Terra, ambas da Igreja Católica, apoiaram as famílias impactadas. Colaborando também com suas pesquisas e reuniões junto com o restante da comunidade (Souza, 2018, p. 37).

Diante da organização, e conseqüentemente a todos os desfechos causados com CIPP, as famílias permaneceram na aldeia Matões, surgindo aí ao longo das lutas Anacé uma nova

³ Excesso proveniente do feito da tapioca, que ficou no forno

ameaça de ampliação do Complexo. Daí em diante vem se fortalecendo a identidade do povo com a ajuda dos outros povos indígenas do Ceará.

Nessa luta alguns marcadores foram essenciais no processo étnico do povo Anacé, como as memórias, histórias e segmentos das raízes familiares, como apresentado no artigo de Nobrega e Brisaac (2010):

A organização comunitária para permanecer no território de seus antepassados, impactado pelo CIPP, obteve diferentes resultados: algumas comunidades capitularam diante das pressões de diversas ordens e dimensões; outras permaneceram resistindo. Tal movimento de resistência diante das desapropriações possibilitou que, no processo de luta, muitas famílias começassem a recontar algumas histórias. Histórias que os pais e avós lhes haviam contado, mas que, pelo medo, foram sendo enterradas no silêncio (Nobrega e Brisaac, 2010, p. 3-4).

O autor Fredrik Barth (1998) evidencia o conceito de etnicidade relacionado com o significado organizacional dos grupos étnicos, sendo entendidos como grupo de identificação realizadas pelos próprios causadores que além de perpetuar-se naturalmente, compartilha de valores culturais que fundamentam culturalmente.

A etnicidade, por sua vez, é uma forma de organização social baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores (Barth, 1998, p.196).

A resistência do povo Anacé apresenta uma forte ligação com o território, as relações criadas com a cultura e simbolismos estão interligadas à identidade do povo. Somos a reinterpretação étnica Anacé. O resgate de rituais, danças e cantos contribuíram não apenas na espiritualidade, mas nas lutas políticas frente aos embates.

2.3 Luta, engajamento e formação política Anacé

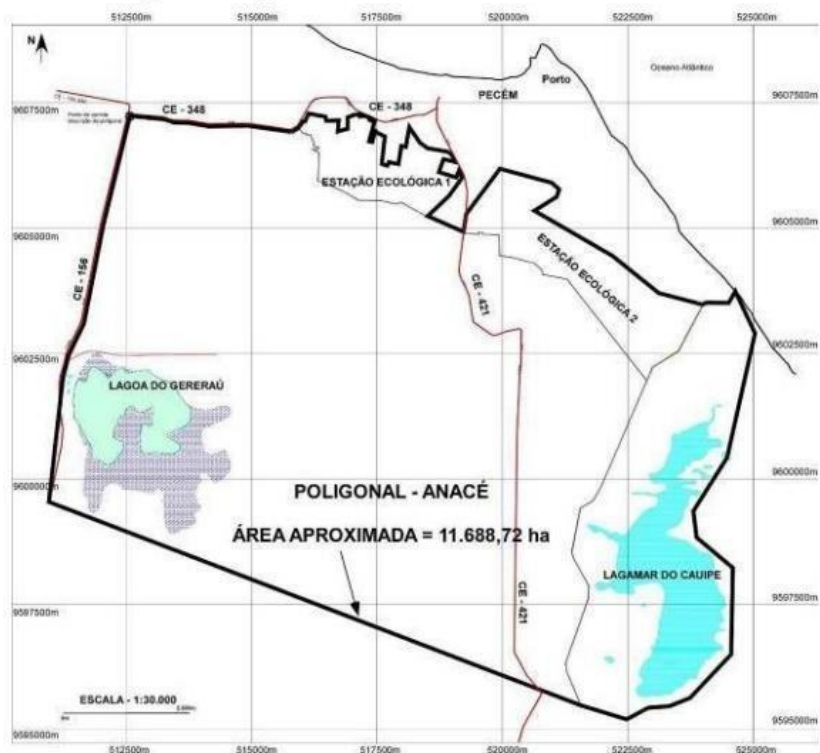
A organização política das comunidades Anacé ocorreu em paralelo com a instalação CIPP. As mobilizações Anacé para a demarcação de seu território se deram através de uma situação específica, a organização das comunidades Matões e Bolso, conduzida na disposição do MPF, Indigenistas e a Fundação Nacional do Índio - FUNAI, para o reconhecimento jurídico do povo Anacé. O segundo momento, por sua vez, iniciou-se através do Decreto nº

28.883, publicado no Diário Oficial. Nele, declarou-se como sendo de utilidade pública uma área correspondente a 33.500 hectares de terra para ampliação do CIPP que seria a construção da refinaria Premium II.

O antropólogo Sérgio Brisaac (2015, p. 299) aponta o início da segunda remoção:

Em 28 de julho de 2003, foi entregue um ofício solicitando a demarcação de nosso território, na 6ª Câmara de Coordenação Revisão do MPF e Procuradoria Geral da República- PGR, de nº 0.15.000.001257/2003-15. Dando a possibilidade de permanência na comunidade de Matões, terras requeridas pelo CIPP para ampliação e remoção por inteiro das famílias.

Mapa 2 - Mapa da terra indígena Anacé



Fonte: Parecer Técnico nº 01/09 - Ministério Público Federal

A realização dos primeiros cadastramentos das famílias indígenas, se deu no dia 16 de fevereiro de 2007, foram registradas inicialmente 384 famílias, somando um total de 1265 indígenas em quatro aldeias, que eram: Matões, Bolso, Santa Rosa e Japuara. Passando a ter assistência pelos órgãos FUNAI e Fundação Nacional da Saúde - FUNASA, iniciando assim a assistência nas quatro aldeias. A comissão de lideranças Anacé constituída por representantes da aldeia de Bolso e Matões, encontrava-se à frente dos embates e conflitos entre as reivindicações da comunidade para a demarcação das terras e o reconhecimento de seus valores tradicionais pelo CIPP.

O território Anacé manteve sua etnicidade, com fortes laços com a Terra, Mãe Natureza

e Encantados. No Artigo 231 da Constituição Federal de 1998, o regulamento diz que os direitos devem ser protegidos e praticados, a participação e autorização deve ser exercida nas terras indígenas. Desse modo a TI Anacé deveria ser demarcada de acordo com a Constituição.

A pesquisa produzida por indígenas Anacé na licenciatura intercultural dos povos indígenas do Ceará (2016), com o tema: A realocação do povo Anacé de Matões sobre o olhar dos mais velhos, relata as ameaças da segunda remoção, e quais os sentimentos para as famílias:

“Quando este domínio territorial se dá através da cultura, esta ligação fica muito mais forte no Indígena” (Nogueira, Nogueira e Souza, 2016, p. 42). Para os Anacé essa ligação é clara, pois oito idosos entrevistados falam em uma pertença a essa localidade e não o contrário, como pensa e age o homem branco, alegando ser o dono da terra. O Indígena Anacé diz: “Eu sou daqui eu nasci e mim criei aqui neste lugar” (UBAIA, 72 anos), o sentimento de pertença à terra é maior do que o de posse da mesma, criando para este Povo uma referência para a construção da sua própria identidade como Indígena.

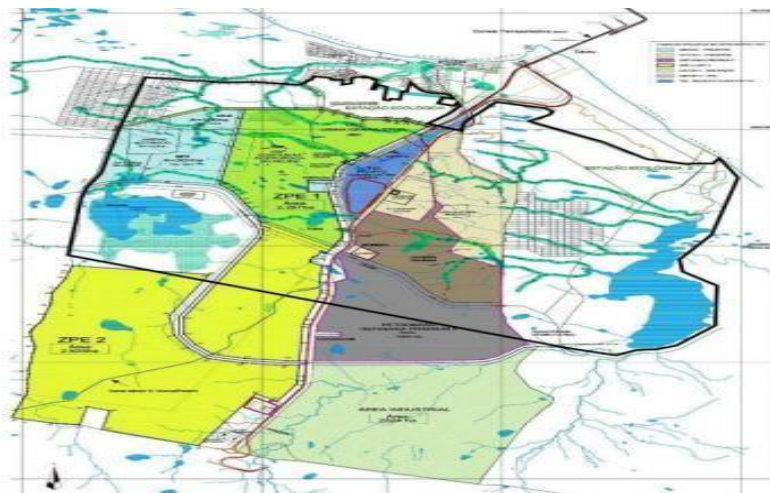
No trabalho realizado fica explícito a ligação de identidade com a Mãe-terra e com os espaços onde sobrevivem. O conceito que utilizo de desterritorialização reflete não só no aspecto físico de mudança de um local para outro, mas atribui os sentimentos simbólicos.

Em 2008 inicia o levantamento das famílias indígenas que estariam dentro do plano de ampliação do CIPP, trabalho realizado pelo Instituto de Desenvolvimento Agrário do Ceará - IDACE na comunidade de Matões e Bolso. Isso fez com que nossas lideranças buscassem ajuda do MPF mais uma vez para a da regularização da TI Anacé. Com base nas demandas feitas pelo movimento indígena Anacé, o MPF realizou um parecer técnico n° 01/08, pela recomendação n° 59/08.

As obras para a ampliação seguiram acontecendo no nosso Território, pois não tinha a terra regularizada. O mapa a seguir mostra as localidades afetadas.

Mapa 3 - Plano Diretor do CIPP -Parecer Técnico n. 01/08/MPF-CE⁴

⁴ Área de aproximadamente 11.688 hectares



Fonte: MPF Parecer Técnico

Seguimos lutando até as últimas consequências para permanecer na terra mesmo estando encurralados, fizemos ações junto com o movimento indígena do Ceará, realizando mobilizações, audiências, reuniões, assembléias e seminários, ato político interpretado como um pedido de socorro.

O Ministério Público Federal, Assembleia Legislativa do Estado do Ceará e FUNAI, reivindicando a criação de um Grupo de Trabalho- GT para estudo de identificação e delimitação da terra indígena Anacé (Brissac, 2015). Pesquisa decisiva para as famílias e território Anacé.

E mais uma vez fomos surpreendidos, o laudo final não reconhece o território de Matões e Bolso como terra tradicional, porém reconhece que existem indígenas na Terra. O estudo de delimitação e identificação da área, identifica essa terra como “terra de usufruto exclusivo do povo indígena Anacé”, porém encontrava-se degradada por conta das modificações do complexo. Foi anulado o pedido de demarcação da TI Anacé de Matões, dando possibilidades para a ampliação do complexo estando livres de burocracias.

Diante de todo esse cenário da segunda remoção imposta, começamos a travar uma batalha contra o governo do Estado do Ceará, entendendo que tínhamos direitos a serem cumpridos. A atuação do MPF foi crucial no processo de negociação do território, no dia 12 de setembro de 2007 acontece a primeira reunião em construção do projeto da Reserva indígena Taba dos Anacé, como apresenta antropólogo Sérgio Brisaac (2015):

Reunião na Procuradoria da República no Ceará, realizada a partir de convite do MPF, com o procurador regional da República, Francisco Macêdo, o procurador-geral do estado do Ceará, Fernando Oliveira, liderança Anacé, representante da FUNAI e da Petrobras. Proposta dos Anacé de constituição de reserva indígena. Disponibilização para o MPF do Relatório Preliminar Parcial de Pesquisa, do GT de identificação e delimitação (Oliveira, 2015 citado por Brissac, 2015, p. 302).

Assim, os processos jurídicos iniciados para a construção da Reserva indígena Anacé, a Presidente da FUNAI Marta Amaral, delibera o GT para a realização dos estudos, na área destinada a concretização da Reserva, no município de Caucaia, área destinada para a recolocação das famílias da comunidade de Matões e Bolso, a representação de lideranças Anacé estiveram presente em todas as fases do trabalho.

Em novembro de 2013 realizou-se um evento na capital do Ceará- Fortaleza, com a presença das lideranças Anacé, órgãos governamentais, Presidente Dilma Rousseff, Governador Cid Gomes, Petrobras, MPF e FUNAI para a assinatura do termo de compromisso referente à construção da Reserva Indígena. A partir daquele momento inicia toda a insegurança e medo da mudança para uma nova terra.

Em 2014 se inicia a construção da Reserva Indígena taba dos Anacé no município de Caucaia, destinada às famílias indígenas das aldeias Matões e Bolso. Todo o processo de desterritorialização inicia novamente, como apresenta Rute Anacé Souza (2018):

Até então, a expectativa gira em torno das condições de vida e adaptação à nova vida na reserva, sem se saber se a nova terra é boa para plantação de árvores que dão frutos como na antiga morada. Afinal, como saber se não se tem vivência com o novo ambiente de morada? A terra tradicional continua sendo, pelo menos por agora, aquela que vivemos a vida toda, pois para se adaptar ao novo lugar levará tempo até que se possa “replantar” e “refazer” as referências que acionam costumes e tradições (Souza, 2018, p. 53).

Algumas famílias foram resistentes em aceitar abandonar suas moradas e ir para um outro lugar. É importante ressaltar que essa era a única opção de permanecer todas as famílias Anacé juntas em um mesmo lugar, no último caso seria cada um receber sua indenização e procurar um outro lugar para morar de forma individual.

2.4 Desterritorialização, transformação e resistência

Uma nova desterritorialização inicia novamente, já que o direito a permanecer no Território foi anulado, não fugimos da luta como diz o nosso canto Anacé “Eu dei um nó por cima das matas, eu dei um nó e tornei a laçar, hoje aqui tem Anacé para trabalhar”. Seguimos lutando pelo nosso direito já que fomos arrancados de nossa terra “raiz”.

A desterritorialização manifesta-se tanto na esfera econômica, como na política e cultural. O autor Haesbaert (2004) no conceito de desterritorialização escreve que as bases econômicas, políticas e culturais não significa adotar uma posição estruturalista que distingue, de forma clara, esses componentes. As dimensões são assim, identificadas, porque os discursos assumem essa separação.

Para alguns, a problemática que se coloca é a mobilidade crescente do capital e das empresas- a desterritorialização seria um fenômeno, sobretudo, de natureza econômica. Para outros, a grande questão é a crescente permeabilidade das fronteiras nacionais e, assim, a desterritorialização seria um processo, primordialmente, de natureza política. Enfim, para os mais “culturalista”, a desterritorialização estaria ligada, acima de tudo, à disseminação de hibridização de culturas, dissolvendo os elos entre um determinado território e uma identidade cultural que lhe seria correspondente (Haesbaert, 2004, p. 172).

Assim, a desterritorialização para o povo Anacé é entendida como um processo de rompimento de elos que serão deixados na terra onde viveram a maior parte de suas vidas. Já para o “desenvolvimento” é uma outra interpretação, é apenas mais um espaço ocupado para fins lucrativos. O momento da mudança chegou, a Reserva Indígena Taba dos Anacé estava pronta para receber os indígenas das localidades de Matões e Bolso, a segunda remoção estava em execução, as famílias iniciaram suas mudanças.

A Reserva Indígena Taba dos Anacé foi inaugurada no dia 6 de fevereiro de 2018, até a concretização desse espaço as famílias ainda tinham esperança de que poderiam permanecer em seus lugares. A construção do novo espaço durou quatro anos para ficar pronta. Está localizada no município de Caucaia, no Bairro Alto do Garrote, com distância de 23 km das Aldeias, possuindo 540 hectares de terras, uma área menor ao que se vivia, com o valor que custou 30 milhões aos cofres públicos, dividido entre Governo do Estado do Ceará e Petrobrás.

A Reserva possui 163 casas, 1 escola e 1 posto de saúde.

Fotografia 1 - Reserva Indígena Taba dos Anacé



Fonte: Arquivo do Cipasac, 2018

Vale ressaltar que até a presente data as famílias da comunidade de Matões não foram indenizadas e as casas não foram demolidas, ao contrário das famílias da comunidade de Bolso que tiveram as casas demolidas e indenizadas.

Todas as múltiplas configurações na terra Anacé que fizeram parte da segunda remoção da aldeia Matões e Bolso, envolveram psicologicamente todos os indivíduos, todos os laços afetivos do cotidiano foram deixados para trás. Praticamente a vida iria se iniciar do zero. As marcas das mudanças das duas desterritorializações ficaram para sempre na lembrança, como demonstra a pesquisa (2018):

A vida e configuração cultural do povo Anacé ajuda a compreender como esse deslocamento territorial impactou as mais variadas dimensões dos sujeitos, se caracterizando na perspectiva socioambiental, cultural e política. Assim, é possível perceber que não se trata simplesmente de mudanças, o que se vê é verdadeiramente uma complexa e violenta ação contra o povo Anacé, que nos exigiu novas estratégias de organização, a fim de reduzir os danos causados pelo fenômeno da chegada das indústrias, especialmente na segunda remoção. Para as famílias Anacé a terra é a principal herança de que dispõem, e umas das nossas maiores riquezas. Passadas sempre de pais para filhos, é o único bem material e afetivo que tem e é também a principal fonte a ser compartilhado entre filhos e netos (Souza, 2018, p.53).

A mudança não afetou só o físico, a saída de um lugar para outro não foi uma troca de lugares já que fomos obrigados a “engolir”, aceitar o CIPP. Após a mudança compreende-se que não é fácil o processo de adaptação, às transformações vão ocorrendo lentamente na nova terra. As famílias sentem falta do que ficou, atualmente ainda existem famílias resistentes na mudança para a Reserva e continuam em Matões. As relações internas também foram afetadas, estão sendo reconfiguradas, as nossas práticas culturais ainda estão sendo familiarizadas com o novo ambiente. Os rituais não são executados com a mesma frequência como antes nem com a mesma intensidade.

Matões e Bolso continuam sendo o lugar de “enraizamento” das famílias, lugar de cura e espiritualidade, como mostra o estudo sobre as benzedadeiras Anacé (2010):

A corrente de índios ou corrente dos encantados é um dos elementos reiteradamente presentes nas narrativas religiosas Anacé. Segundo Antonio Freire de Andrade, Anacé de Matões, em entrevista ao jornal Porantim, os índios que morreram na luta se encantaram e assim “surgiu a corrente dos encantados que vai do Gregório ao Morro do Sirica. Passa por cima do Jirau, Baixa das Carnaúbas, Baixa da Almeixa e aí, brenha “na mata. Quem tiver força e poder de receber, é só passar por baixo. Eles dão força, ajuda” (Brisaac; Nobrega, 2010, p. 6).

Alguns dos encantados, portanto, seriam os antepassados dos atuais Anacé que, ao morrer, se encantaram, passando a povoar as matas de seu território tradicional. “Em certos momentos, esses ancestrais baixariam nos curadores, durante os trabalhos, para realizar as curas” (Brisaac; Nobrega, 2010, p.5).

Todos esses relatos mostram a força espiritual e a presença dos ancestrais no território, esses acontecimentos ocorrem antes das destruições causadas pela industrialização, os

desmatamentos dos lugares sagrados matas e lagoas, causaram transformações violentas na espiritualidade Anacé, uma de nossas maiores riquezas étnicas. Alguns lugares sagrados permaneceram em Matões, porém não se pode acessar como antes, pois se tornou privado. Essa terra guarda história, guarda luta e memórias afetivas, durante o processo de reconhecimento étnico foram desenvolvidos seminários nas comunidades, a comunidade de Bolso tinha o seu lema: “Bolso, nosso chão, nossa vida. Queremos permanecer na nossa terra”. Não se consegue mensurar a dor das transformações recorrentes de todas essas violações.

As transformações socioculturais foram alteradas e abaladas, estamos ressignificando as perdas decorrentes da transferência para a Reserva. As vivências e modos de vida que ficaram em Matões estão sendo reconstruídos na nova morada de acordo com a cultura e simbolismos do povo Anacé, Souza (2018):

A convivência entre o povo em Matões era de muita alegria, as reuniões eram feitas nos quintais dos indígenas, as noites culturais tinha forró e comida típica compartilhada pelos indígenas. Para os Anacé as três danças existentes que possuem atribuições significativa para cultura e costumes, 1. Dança do São Gonçalo que vem passando pelas gerações, 2. Toré que é dança constituída pela espiritualidade com a natureza, 3. Cocô Anacé, realizada pelos moradores e indígenas que moravam na beira da praia, contendo nossas músicas representativas. Na mudança para a reserva as práticas também foram impactadas, é dificultoso a realização de encontros e festividades, como os moradores dizem: aqui não é como em Matões. Com a nossa organização estamos aos poucos tentando nos fortalecer uns com os outros na cultura (Souza, 2018, p. 58).

Permanecemos na resistência, identidade, cultura e tradicionalidade modificam-se para não morrer, tem sido o lema nesses anos. Mas o que é enfatizado pelas famílias é que lutando juntos conseguiremos transformar a terra em tradicional para as gerações futuras. Resistir significa ato ou efeito de resistência, seguimos lutamos para a apropriação afetiva/física a partir das práticas.

Atualmente a organização política da Reserva indígena é formada por uma comissão de dez indígenas das comunidades de Matões e Bolso, grupo que mobiliza as questões burocráticas Anacé. “O Conselho Indígena do Povo Anacé de São Gonçalo do Amarante e Caucaia, conhecidos também como comissão da terra, é registrado no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas – CNPJ nº 17093421/0001-07, estando a frente dos processos jurídicos da Taba” (Aguiar; Neto; Santana; Sousa, 2010, p.10).

Mesmo com todos esses destroços, o movimento indígena Anacé tem caminhado de forma articulada. As indústrias trouxeram inúmeros desfechos para os Anacé de Matões e Bolso, porém existe um ponto positivo, o processo de reafirmação étnica do povo Anacé foi realizado através de todos os marcadores identitários de encantos, simbolismo cultural e

posicionamentos políticos.

CAPÍTULO III - TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE: LUGAR DE RESISTIR E LUGAR DE MORAR

3.1 Construção e reconstrução da Reserva Indígena Taba dos Anacé

A palavra Anacé na língua materna Tupi significa parentes unidos, como diz o significado da palavra, somos um povo indígena que compartilha a tradicionalidade e cultura. Nossas vivências depois da segunda remoção estão sendo ressignificadas e construídas na Reserva, nossos sentimentos e encantos, compostos por muita simplicidade é uma marca de nossa etnicidade.

O processo de construção e reconstrução tem sido um processo lento, já se passaram cinco anos e aos poucos temos modificado a nova terra. As famílias consideram o território tradicional o lugar em que cresceram e construíram suas casas e laços afetivos com o território. Se o território é uma construção das relações espaço-poder, os territórios indígenas devem ser pensados e construídos por meio das relações de resistência dos sujeitos subalternos. Como afirma Haesbaert (2014; 2016), o território ganhou uma tripla conotação no âmbito das lutas, assumindo uma centralidade analítica, prática e normativa, ou seja, tornou-se “categoria de análise”, “categoria da práxis” e “categoria normativa”.

Desse modo, o território tem se constituído como uma categoria fundamental para repensar e reconstruir r-existências de grupos subalternos, do outro, ele tem funcionado como um dispositivo de agenciamento discursivo e prático/estratégico de grupos e/ou movimentos sociais que lutam por terra e valorização simbólico-identitária (Mondardo, 2019, p.19).

Ficando assim evidente que as aldeias Bolso e Matões continuam sendo o território tradicional, talvez um dia esse pensamento seja modificado já que as vivências e transformações na Reserva têm sido positivas. Junior Anacé liderança de Matões (2018) explica como se sente em deixar seu território sagrado:

Pra mim o território tradicional é a onde eu morava, a onde eu nasci e me criei, como eu já falei nós vivia lá em um espaço que é sagrado, ainda ta lá nossos encantados, por exemplo nós tem uma mata que ta preservada que é a mata dos encantados que a mata do caia a canga, aonde a gente ia fazia nossos momentos, caçava, pescava e ficou lá que é a área da estação ecológica que o Governo declarou como área da estação ecológica, era de amortecer o impacto do que o porto do Pécem causa, então é uma área que amortece o impacto causado pela a degradação, é um meio ambiente que vai ser futuramente penalizado pelo o processo de industrialização, essa área ficou lá, nós temos uma área de mata hoje? Sim, mas não é como o caia a canga, como as matas dos encantados (Entrevista no Anexo 5).

A familiarização com as Matas (mãe natureza) da Reserva está sendo realizada com as caminhadas, ressaltando que os anciãos que têm tomado iniciativa, fazendo a limpeza do espaço e preservação. A ressignificação da tradicionalidade tem se adequado a Reserva.

Segundo o autor Matos (2010, p.18-19) cada espaço possui suas especificidades próprias, “[...] cada lugar possui uma essência própria, uma sensibilidade, que o torna atraente e passível de sentimentos, que podem se mostrar tofílicos ou tofóbicos aos habitantes e/ou frequentadores daqueles lugares”. Desse modo, a Reserva Indígena e as aldeias removidas não só podem ser comparadas como observadas de outras perspectivas, pois as relações construídas estão sendo ressignificadas em uma outra perspectiva na nova terra.

A dimensão simbólica é considerada a visão do território como um abrigo, um lar, um sentimento de segurança, uma ligação afetiva e sentimental que está sendo recriada na Reserva, em Matões o afeto sempre permanecerá na vida das famílias Anacé. Para o autor Lucas Fuini o espaço está para além do físico:

É também um espaço apropriado em termos imateriais na produção de identidade, subjetividade e simbolismos com certo lugar. O território também assume um viés multidimensional (político-jurídico, econômico e culturalista) e os movimentos dos agentes e grupos entrando e saindo de territórios (tidos como seus e de outros) manifesta os processos de desterritorializações e (re) territorializações (Fuini, 2017, p. 20).

Os indígenas residentes na Reserva deixam em evidência que jamais será apagado de suas vidas a mudança para a nova aldeia. A construção das famílias na agricultura está em andamento, já enxergamos nos terreiros as plantas e as pequenas produções, as famílias que trabalham com hortaliças enfatizam que precisou estudar a nova terra, pois o clima é outro, a terra é outra. Atualmente encontra-se em processo de execução de projetos direcionados ao cultivo de suas hortaliças, em espaços coletivos como produziam antes da mudança.

As árvores frutíferas estão sendo plantadas, algumas já estão dando frutos, nos últimos dois anos a minha família ia até Matões para buscar as frutas que faziam parte do nosso cotidiano, seu Antônio Freire de Andrade, um dos troncos velhos da aldeia Anacé, enfatiza uma das dificuldades enfrentadas:

“Nós chegamos aqui não tinha nada pra gente se não comprar, e a gente sente é uma diferença grande a gente sente essa liberdade de viver chegar dentro de um quintal e vou ali pegar aquela manga ou aquele caju, hoje aqui nós não tem ainda, mas todo mundo vai ter isso em dobro”. Levará muito tempo até que tudo fique como desejado, não é fácil abandonar tudo e recomeçar novamente. Não encontramos uma terra sem nada, pois encontramos as casas, escola diferenciada e posto de saúde, no entanto deixamos pra trás um espaço que nossos ancestrais deixaram de herança com muitos encantos (Anexo 2).

Algumas pessoas sentiram tristeza e arrependimento na mudança, já outras também ficaram felizes com a mudança para a nova terra. Alguns indígenas dizem que hoje vivem no céu comparado a antes, mas os idosos falam que antes estava a morada de onde viveram a maior parte de suas vidas, até hoje choram com saudade de lá.

A construção está e a familiaridade está acontecendo, como escutei durante a pesquisa

de campo, “agora nós temos que aprender a andar aqui”. A configuração da vivência entre as famílias foi alterada, as casas na Reserva indígena são próximas, diferente da antiga aldeia, pois as famílias viviam como clãs, cada família tinha o seu lugar e se reuniam para compartilhar alimentos, festejar e visitar os parentes, pois todos eram considerados como tios, primos etc., pois os casamentos também ocorriam entre eles, essa realidade se perpetua até os dias de hoje. Na Reserva Indígena Taba dos Anacé residem aproximadamente 650 indígenas das aldeias Bolso e Matões, entre crianças, jovens e troncos velhos. Alguns ainda não se sentem em casa, a construção sentimental está em adaptação, dependemos do tempo e da nossa Mãe Natureza, algumas plantas não conseguem sobreviver na nova terra, fica perceptível que envolve uma ciência, não só a nossa adaptação, mas também a adaptação das plantas e da terra também com a nossa chegada.

As farinhadas⁵ uma prática/ritual Anacé compartilhada entre as famílias e a comunidade do plantio até o feitiço com a mandioca, na Reserva encontra-se ainda em construção, pois o local da nossa casa de farinha ainda está para ser definida. Ao longo desses três anos as famílias têm se reinventado em seus terreiros como mostra na imagem abaixo do forno feito por minha Mãe Ângela e minha Avó Lucimar que está encantada⁶.

Fotografia 2 - Reserva Indígena Taba dos Anacé 2021



Fonte: Rute Souza, registro da pesquisa.

⁵ O feitiço da farinha, e derivados com a utilização da mandioca. Por muito tempo foi meio de sobrevivência dos indígenas Anacé.

⁶ Falecida do plano físico.

O processo de reconstrução da nova terra está evoluindo. No início da pesquisa produzida há cinco anos mostra a chegada das famílias e o processo de adaptação, é perceptível as mudanças, criações e laços que estão sendo construídos. Durante a realização do campo em 2018, escutei repetidamente pelos entrevistados a frase: *toda muda murcha*, passei então a refletir o que isso significava.

Ao perguntar a definição tive respostas repletas de sabedoria: “Na nossa mudança dos Matões para Reserva murchamos, porque no nosso antigo lugar tínhamos de tudo um pouco, árvores, frutas, tínhamos a nossa liberdade, e aqui nós chegamos em uma nova área sem nada, somente com a casa e muito trabalho para fazer” (Nilma, 2018). Nos depoimentos, a expressão de sermos *mudas murchas* remete a mudança de Matões para a Reserva, estando relacionado a difícil situação que nos encontramos, mas que vai passar rápido, pois estamos plantados na nova terra, e iremos alcançar novamente nossos laços simbólicos. Todos os participantes evidenciaram que todas as reestruturações só estão sendo possíveis com a união dos moradores, sendo essa a sustentação da resistência para reconstruirmos (Souza, 2018, p.55).

Mesmo com todas as adversidades encontradas no processo de construção e reconstrução das famílias na Reserva Indígena Taba dos Anacé, as narrações mostram que a esperança que daqui a uns dez ou quinze anos esse lugar poderá ser chamado de nosso. Todos os processos possuem um lado positivo e negativo, continuarmos juntos lutando e resistindo será a base de todas os entraves que venham a surgir.

Algumas famílias indígenas continuam em Matões, possuem casa na Reserva, mas tem resistência e receio da mudança, a comunidade de Bolso foi demolida como já citada. Tivemos algumas desistências de famílias que não se adaptaram e foram morar para outros lugares, a liderança Antônio Alexandre Pereira de Lima descreve essa transição:

Temos dificuldade, temos famílias que tão ainda tendo dificuldade pra sobreviver aqui na Reserva, mas eu fico analisando que se tivesse também lá em Matões não teria tão melhor não lá tá difícil também. A gente veio em blocos, parentes vizinhos, conhecidos, temos uma comunidade tranquila, tá na hora da gente aqui dentro valorizar mais isso aqui porque o povo que vem de fora acha isso aqui lindo, eu acho que não tem ninguém aqui satisfeito, e se tiver é só questão de tempo (Anexo 3, 2021).

Como enfatizado tudo é questão de tempo, sendo assim seguimos ressignificando, reconstruindo e recriando a nossa morada na Reserva Indígena Taba dos Anacé. Jamais esqueceremos de onde viemos e de todas as lutas que passamos para estarmos nessa terra, nunca foi fácil e nem será, mas unidos somos mais fortes. Como diz o parente indígena Tururim Pataxó: “uma vara só, quebra. Um mói é mais difícil”.

3.2 Memórias: passado e presente

Para compreender as construções e reconstruções através das memórias, é preciso voltar ao passado de luta e Resistência do povo Anacé, vivenciamos alguns momentos que jamais serão apagados de nossas memórias, a demolição física e sentimental do nosso território ainda causa sofrimento e dor. A partir do registro da memória social do povo Anacé, a adaptação tem sido realizada gradativamente na Reserva Indígena Taba dos Anacé.

Já se passaram três anos e ainda aguardamos a destinação daquelas terras que fomos arrancados. No plano de ampliação do CIPP que seria para a construção da siderúrgica premium II, no entanto foi anulada, outros empreendimentos se instalaram nas proximidades, transformando em área urbana industrial, as casas da comunidade de Matões continuam intactas, mas não podemos voltar, a única opção é aguardar que sejam indenizadas. A comunidade de Bolso não existe mais, as famílias tiraram seus pertences por uma porta, e o trator derrubava em outra.

A memória Anacé fez-se instrumento de luta pelo reconhecimento étnico e direito territorial, o processo de construção e reconstrução na nova terra tem como principal sustentação das memórias das famílias. Uma nova história que está sendo recontada e criada, algumas pessoas tiveram muitas dificuldades de adaptação, outras enxergaram a mudança como algo bom.

Para o autor Joel Candau no ensaio (Memória e Identidade) o autor revisita algumas das ideias expostas no *Anthropologie de la Mémoire*, sobre as relações entre memória e identidade, quando afirma que:

Não pode haver identidade sem memória (assim como lembrança e esquecimento) porque somente esta permite a autoconsciência da duração. ... Por outro lado, não pode haver memória sem identidade, pois o estabelecimento de relações entre estados sucessivos do sujeito é impossível se este não tem a priori um conhecimento de que esta cadeia de sequências temporais pode ter significado para ele (Candau, 2008, p. 208).

Compreende-se que a memória e identidade são conceitos que caminham juntos na nova realidade. Os entrevistados enfatizam que a identidade Anacé está em qualquer lugar que eles estejam, e a memória fortalece a relação entre a comunidade e as novas ligações simbólicas que estão sendo criadas. As relações entre individual e cultural, lembrança, construção e transmissão dos troncos velhos (anciões), estão diretamente interligadas à identidade indígena Anacé.

As Memórias do povo Anacé é reconhecimento da identidade e história de luta, que atravessa as vivências, saberes, crenças e sentimentos, podendo amenizar o passado marcado

pela desterritorialização e construir um futuro como uma memória repassada pelos nossos ancestrais. Existem diferentes formas de construção e reconstrução da memória e da identidade, como descreve Angélica Anacé:

Antes da gente vim pra Reserva eu já me imaginava isso, eu me questionava essa pergunta, como é que eu vou falar do nosso território tradicional pra o meu filho ou para as crianças e jovens da nossa, porque muitas coisas ficam em nossa memória, hoje tem a forma de das fotografias as conversas que ajudam na memória, mas mesmo assim não é o suficiente, que possa demonstrar onde a criança e o jovem vão vivenciar e a gente dá o exemplo como é que é. Mas como eu disse a gente saber tirar as histórias dos troncos velhos, até a gente mesmo contar detalhadamente como era antes e demonstrar como é o hoje, e se possível a gente trazer um pouquinho de lá pra cá isso vai contribuir muito pras nossas memórias na Reserva (Anexo 9, 2021).

Não conseguimos viver no passado, mas nesse processo tem sido o nosso principal aliado no presente, pois através das memórias dos acontecimentos no antigo território tem fortalecido a comunidade. As famílias se referem as comunidades Matões e Bolso como comunidade tradicional, onde estão enraizados, mas que com o tempo a Reserva Indígena Taba dos Anacé será território tradicional com ajuda das memórias e das novas relações simbólicas que estão sendo criadas. As Histórias orais para a construção da memória e ciência, são as transmissões das experiências que preservam as histórias.

Outras memórias estão sendo criadas desde que chegamos na Reserva Indígena Taba dos Anacé, praticamente só existiam as casas, e hoje já construímos nossos terreiros, modificamos nossas casas “*todo mundo tem um cantinho na sua casa, onde era só mato e já fez um cantinho especial*”, é notável que as famílias sentem as novas casas aconchegantes. A interação da oralidade e partilha entre as famílias Anacé têm contribuído para o processo de adaptação e familiarização com o lugar, todos se consideram parentes.

Tais processos que se manifestam na esfera coletiva referente ao processo de remoção, construção e reconstrução transformou o povo Anacé de acordo as necessidades e especificidades que surgiram ao longo desses três anos que residimos na Reserva Indígena Taba dos Anacé. Seguimos lutando e fortalecendo nossa cultura, sem esquecer do nosso passado e de todas as transformações que ocorreram, o nosso presente reflete em uma realidade dura.

Os indígenas entrevistados narram o passado demonstrando a saudade de um tempo vivido que não volta mais. No segundo processo de remoção tínhamos a obrigação de fazer um melhor acordo e negociação para as Aldeias Anacé de Bolso e Matões, com o Governo Federal e o Governo do Estado. Com a primeira remoção já tínhamos adquirido as experiências dos impactos causados pelas indústrias na vida das famílias, não somente no processo de desterritorialização, mas também envolvendo a espiritualidade e cultura da comunidade que

permaneceu.

No entanto, melhor seria se nós nunca tivéssemos saído do nosso lugar, e nem as famílias da década de noventa, mas todas as ações foram bem pensadas coletivamente para o bem-estar de todas as famílias. Algumas famílias sentiram dificuldades, mas os que foram removidos analisam que se tivessem permanecido em suas aldeias não estariam em uma situação melhor, a tranquilidade não existiria mais. O mestre da dança de São Gonçalo, Aristides Morais da Silva, conta que a importância de falar da história do passado, é a importância de valorizar nossas raízes.

E de mais, eu sinto um fio um pouco triste por relembrar coisas ricas do meu passado, coisas boas que eu to aqui to pisando macio só em ta falando, são riquezas são coisas que eu vivenciei, que pena que eu não posso hoje, não posso mostrar pra os meus filhos, mas que eu posso contar. E sim fica um conselho para os pais par as pessoas que tem nossas histórias conte para os filhos conte de onde veio as histórias do passado que talvez seja riqueza para os seus próprios filhos, filhos parentes (Anexo 4, 2021).

Antes do CIPP havia uma vida de modo simples em contato com a natureza, a instalação das indústrias foi acabando toda riqueza do povo, e isso foi bastante evidente durante as entrevistas, as famílias ressaltam a saudade que sentem de como se vivia antes de todas as modificações, pois morávamos em região bastante privilegiada, tem um córrego, árvores, muitas frutas e em sua maioria foram eliminados, as vivências ficaram nas memórias e são contadas com emoção.

O passado é repassado através das lembranças no processo de reconstrução na Reserva Indígena Taba dos Anacé, daqui a uns dias o que sobrou no território não existirá mais, um dos nossos terreiros sagrados com a árvore da jurema se encontra privado. Acreditamos que nossa ciência que vem da mata tem ajudado a superar todas as mudanças em nossas vidas, só que, mais perdas que ganhos. Há um sentimento de saudade, mas não queremos voltar, a Reserva Indígena Taba dos Anacé é um lugar tranquilo de parentes e conhecidos, as lideranças falam que “*não tem ninguém aqui insatisfeito, e se tiver é só questão de tempo para se reencontrar*”.

Residimos no novo espaço há pouco mais de três anos e aos poucos tem se modificado, temos a consciência que nada será igual como o que ficou no Território tradicional Anacé. Estamos construindo um lugar que possa ser fundamental para a reprodução da memória e identidade. No início da mudança, em minhas primeiras pesquisas de campo os entrevistados comentaram a falta que sentem de Matões:

Duas mulheres entrevistadas se emocionaram ao contarem suas relações e experiências com as hortaliças de Matões, o que é perceptível que sentem falta do que ficou. Demonstrando que está para além do afeto ao espaço físico. Os

elementos culturais Anacé também foram afetados. Tínhamos nossos costumes, práticas culturais produzidas pelas comunidades que, em nossa nova moradia ainda estamos nos familiarizando com ambiente. Os rituais ainda não acontecem com a mesma intensidade que tínhamos, mas se entende que estamos inseridos em uma nova realidade. A socialização entre as famílias contribui para o desempenho conjunto de todos, a desterritorialização é vista entendendo que a mudança possibilitou permanecermos juntos em um ambiente a qual ganharemos vínculos conjuntamente (Souza, 2018, p. 54).

Todos os participantes apontaram que as reestruturações só estão sendo possíveis com a união e colaboração dos indígenas sendo essa a sustentação da resistência para construção e reconstrução. Os Anacé em suas memórias se referem ao território como um mundo do qual se conhece o passível de ser conhecido: as melhores terras para cultivo, os rios, os terreiros sagrados, as matas, as plantas medicinais e as tabas.

Atualmente estamos construindo relações com a terra, fisicamente na Reserva Indígena Taba dos Anacé já temos árvores dando frutos, lagoas, e plantas medicinais cultivadas nos quintais. Lugares sagrados ainda não possuímos, pois a questão espiritual levará um pouco mais de tempo. Nossas memórias têm sido uma das bases de nossa reconstrução, resistência, luta e afirmação étnica. Conseguiremos trazer a nossa tradicionalidade para a Reserva, somos indígenas Anacé onde quer que estejamos, independentemente de onde residimos.

Nossa desterritorialização mostra como a memória das comunidades Bolso e Matões do povo Anacé, constituiu a compreensão da dimensão e importância do território para com as relações cultural e tradicional. A memória é uma das principais ferramentas de estruturação e valorização dos Anacé residentes na Reserva Indígena Taba dos Anacé. O presente trabalho tem como finalidade não deixar que essas memórias sejam esquecidas, pois são parte de nossas maiores riquezas de conhecimento do passado, presente, ficando assim registrado para as gerações futuras essas histórias.

3.3 Mãe terra: matas, roças e tabas

A Mãe-Terra é provedora da vida para o povo Anacé é fonte de todas as riquezas, pois proporciona o alimento e a espiritualidade. Sem a Mãe terra não possuímos vida, tudo isso está enterrado na terra e segue vivo na nossa memória, cada terra tem uma história registrada, e preservar nosso território corresponde assegurar a Memória da Mãe Terra. Nesse tópico será discutido o conceito de Território Tradicional para as famílias Anacé removidos para a Reserva Indígena Taba dos Anacé, considerando todas as destruições físicas da natureza, que foi sistematicamente atacada e poluída nas comunidades de Bolso e Matões ao longo do processo de implementação das Indústrias.

Algumas práticas eram realizadas como a pesca, caça, os terços na tia Bela, os Toré no

terreiro sagrado da Jurema, momentos que hoje existem na memória e estão sendo contados, e readaptados para a nova realidade. Resistimos a todas transformações e violações de direito, tentaram nos calar, mas nossa história e memória ninguém pode arrancar.

Existe diferença entre Terra, Território e Reserva, a Terra é um espaço tradicional de morada; Território é todo o espaço considerado sagrado mesmo não sendo de morada; Reserva espaço criado para alojamento de comunidades indígenas. Para a o povo Anacé o território tradicional continua sendo o espaço que foram arrancados, ainda estamos nos familiarizando, construindo e reconstruindo na Reserva Indígena Taba dos Anacé.

O Antropólogo Indígena Daniel Munduruku (2018), descreve seu pensamento sobre terra e território para as comunidades Indígenas, e do quanto a terra representa para os povos:

Quando os povos indígenas lutam pela demarcação do seu território, na verdade eles estão lutando pelo direito de existir, não de sobreviver. “Porque para sobreviver basta um pedacinho de terra. O indígena vê a terra como um conjunto. O que seria para as pessoas ter muita terra, é dar sentido para o estar no mundo. Terra para a gente é parte da gente”. O indígena olha para a terra não como um objeto a ser negociado, mas algo que faz parte de si. Faz parte da sua própria existência (Munduruku, 2018, p. 2).

O autor complementa que, “quando o indígena está lutando pelas suas terras, está lutando pelo direito de sobrevivência cultural, a gente quer viver”, tem a ver com a necessidade de caçar, pescar, fazer longas caminhadas na floresta, reconhecer elementos desta natureza para entrar em contato com seres ancestrais. A terra não é simplesmente um objeto para nós construirmos a nossa casa em cima dela.

O território Tradicional Anacé é um espaço da sobrevivência e da reprodução, onde por muito tempo realizamos a cultura, onde se criou o mundo, onde descansam os antepassados. Um local um espaço simbólico em que as pessoas travam relações entre si e os deuses. Há que se ressaltar, ainda, que a apropriação de recursos naturais não se resume em produzir alimentos, mas consiste em extrair materiais para a construção das casas, para enfeites, para a fabricação de artefatos de uso cotidiano, tais como coleta de ervas medicinais. Processos esses que se encontram em construção na Reserva Indígena Taba dos Anacé.

A Reserva Indígena Taba dos Anacé está caminhando para futuramente ser um território sagrado, não como o que ficou para trás, mas com novas especificidades. As famílias entrevistadas enfatizam que território tradicional é o que nasceram, se criaram e criarão seus filhos as histórias e memórias narradas são estão seus encantados, como descreve Francisco de Ferreira Moraes Junior liderança do povo Anacé:

Pra me o território tradicional é a onde eu morava, a onde eu nasci e me criei, como eu já falei nós vivia lá em um espaço que é sagrado, ainda ta lá nossos encantados, por exemplo nós tem uma mata que ta preservada que é a mata

dos encantos que a mata do caia a canga, a onde a gente ia fazia nossos momentos, caçava, pescava e ficou lá que é a área da estação ecológica que o Governo declarou como área da estação ecológica, era de amortecer o impacto do que o porto do Pécem causa, então é uma área que amortece o impacto causado pela a degradação, é um meio ambiente que vai ser futuramente penalizado pelo o processo de industrialização, essa área ficou lá, nós temos uma área de mata hoje? Sim, mas não é como o caia a canga, como as matas dos encantados. A outra coisa é a questão da agricultura familiar às plantas que nós construímos lá, que nós plantamos, nossos avós, nossos pais, de cajueiro de fruteiras lá de cem anos de mais de cem anos e aqui não tem, aqui nós estamos plantando tudo cajueiro, mangueira, bananeira lá tinha tudo, tudo botando, todas as frutíferas botando. O laço afetivo com a nossa história, o Matões lá era uma estrada de areia hoje é asfalto, a passagem de carro lá pra o Pécem é asfalto, antes era estrada de areia que tem essa história (Anexo 5, 2021).

Na nossa nova terra, encontramos lugares que estão sendo criadas histórias e novas memórias, nossas matas estão ganhando relações simbólicas, mas não esquecemos de onde viemos, por muito tempo em Matões durante a aflição da mudança escutei minha mãe dizendo “aqui é o meu lugar, não importa onde eu esteja”.

A territorialidade para os povos indígenas possui várias dimensões, é uma relação de existência e produtividade com a Mãe Terra, as famílias Anacé estão criando essa ligação com o novo habitat, os seus costumes na Reserva Indígena Taba dos Anacé estão sendo trazidos através das memórias. Enfatizando que as comunidades de Bolso e Matões foram os mais afetados, nos vemos nas palavras do autor Claude Raffestin (2011, p. 142) quando comenta tal característica: “[...] a multidimensionalidade do “vivido” territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens “vivem”, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas”.

Assim, estamos caminhando passo a passo na Reserva Indígena Taba dos Anacé para conseguir produzir nossas hortaliças, pescas, roças etc. A Territorialidade também faz parte de um processo de reconstrução na nova morada, a nova terra não é mais um lugar desconhecido.

As Matas estão sendo frequentadas pelas famílias Anacé, as plantas medicinais estão sendo encontradas nas matas e usadas para remédio. Seu Francisco Duarte de Souza relata sobre as suas andadas na Reserva Indígena Taba dos Anacé:

“Eu aqui tenho andado nas matas, tem dia que eu saio aqui sozinho, eu saio assim tem um caminho acular, travesso essa mata todinha ai sai lá em baixo pego uma linha que sai lá dentro do Bolso ai pronto, um dia desse comecei a abrir uma vareda e fui até lá o pé do arame, outro dia eu abri outra lá naquela de lá que sai dentro do Bolso e é assim tenho andado muito nesses matas. Aqui a mata que eu sei que serve pra remédio aqui é a quinaquina, folha eu não conheço ainda não, tem a quinaquina e a casca pau darco, possa ser que tenha outros que eu ainda não sei né” (Anexo 6, 2021).

Esse contato está sendo muito importante para os indígenas, não podemos dizer que conhecemos tudo nas matas como na Aldeia a qual nascemos e fomos criados, mas identificamos onde tem as lagoas que são propícias para banho, as árvores que dão frutos, os pés de bebum que são usados para o artesanato, importantes para os costumes. Temos riquezas nesse novo chão que estão sendo conhecidas e valorizadas pelas famílias, que futuramente essas riquezas possam ser tradicionais para as gerações que estão nascendo na Reserva Indígena Taba dos Anacé.

As roças estão sendo plantadas nos quintais das casas, é um espaço limitado com 20 metros de largura por 40 metros de comprimento, as famílias que sobrevivem da agricultura ainda permanecem com suas plantações na antiga morada. Os entrevistados enfatizam que ainda estão estudando a terra, pois o clima é outro, o chão é outro, e ainda estão estudando como iniciar o cultivo em outro espaço sem ser em seus quintais.

A Liderança e professor Thiago Anacé (2021) durante uma conversa comentam como foi o seu processo de mudança para a Reserva Indígena Taba dos Anacé, ele mudou-se no dia 5 de fevereiro de 2018, ele conta que: *“a gente vinha em uma sequência de cinco invernos sem chover tanto e quando a gente chegou aqui começou a chover, inclusive no dia da inauguração”*. Ao chegar na nova terra ele capinou seu quintal e plantou e não colheu nada, e ficou frustrado pois o terreno era duro e o solo compactado.

É importante ressaltar que mesmo com a profissão de professor ele nunca abandonou a prática agrícola, conhecimentos que está presente por várias gerações em sua família, que além da relação afetiva do sagrado da memória tem a relação de contato. Thiago diz que ficou estudando como poderia utilizar o solo:

“Virei o chão⁷ todo passei o trato, revolvi o chão todinho troquei o chão, e plantei de novo e de novo não deu nada, em 2020 o chão tava mais mole e eu virei o solo na mão e cobri com bagana, e consegui produzir algo interessante, de feijão de milho e coloquei macaxeira porque o pai disse que eu plantasse porque afoga o chão, eu passei três anos na tentativa estudando. Eu vejo muita gente reclamando que planta e não dá, mas além de plantar você tem que cuidar do solo, é uma dimensão afetiva de cuidado e a macaxeira é ideal pra cá porque ela vai afogando o chão e virando, já o feijão e o milho como é muito fino ele não consegue virar a terra como a macaxeira e a batata” (Anexo 7, 2021).

A prática com agricultura é característica da identidade Anacé e sendo exercida na Reserva Indígena Taba dos Anacé. Não estando preso só na produção de alimento, existem relações simbólicas com a terra e com a família, Thiago é filho do seu Alexandre que repassa seus saberes sobre as práticas de cultivo que aprende com o seu pai, e assim sucessivamente

⁷ A prática de virar o chão é: cavar o solo, pegar a terra que está em cima e virar com a terra que está em baixo

por várias gerações.

Outras práticas como o compartilhamento de alimentos fazem parte do cotidiano e estão associadas às roças do povo Anacé. As trocas de alimentos entre os mesmos são muito variadas, a colheita das plantações realizadas no quintal como o feijão verde, jerimum, farinha entre outros são oferecidos para as famílias (todos se consideram como parentes). Desde criança observava que todas as vezes que os meus avós faziam farinhada tinham que dar um pedacinho de tapioca e farinha para os parentes. Quando os parentes faziam farinhada a gente recebia em casa um pouquinho do que eles produziam, o ato faz parte da nossa identidade e história.

As tabas que significam casas em tupi⁸, estão sendo transformadas de acordo com o gosto de cada família, os indígenas enfatizam que não foi uma troca, algumas casas continuam intactas no território de Matões, outras foram derrubadas, mas ainda não foram indenizadas. No termo de compromisso assinado pelas lideranças e representantes do governo, tem uma cláusula que diz que não foi uma troca de terra e sim uma reparação a todos os impactos causados com a instalação das indústrias. Nenhum dinheiro consegue pagar o valor das coisas que ficaram para trás! Todos perdemos e ganhamos algumas coisas nessa mudança para a Reserva Indígena Taba dos Anacé.

Fotografia 3 - Reserva Indígena Taba dos Anacé, Caucaia-CE



Fonte: Débora Anacé, 2020

⁸ Troco da linguagem Anacé.

Fotografia 4 - Matões, Caucaia-CE



Fonte: Thiago Anacé, 2016

3.4 Vivências e cotidiano dos guardiões da memória

As vivências e cotidiano do povo Anacé na Reserva Indígena Taba dos Anacé apresentadas neste trabalho são acessadas nas memórias passadas dos nossos guardiões das memórias, estão sendo ressignificadas e construídas através dessas memórias. Nossos troncos velhos são a nossa história viva, detentores do conhecimento e memórias que contribuem no processo de adaptação na nova Terra.

Como diz o Cacique Joel Pataxó no livro *Índios na visão dos Índios: Memória da mãe terra*: “A Terra se movimentava: geme, grita, fala, faz gestos; tudo isso são formas da terra se comunicar com os seres humanos, seus filhos. Quando uma árvore cai, ali a terra está acenando que alguém está lhe ferindo, ferindo outro filho seu” (Braz, 2014, p.48). Nossas principais memórias são do nosso Território Tradicional de um lugar de luta e resistência, que foi ferido e continuamos sentindo a dor da destruição com a chegada das indústrias, nossos troncos velhos relatam todas as transformações nas vivências e cotidiano do povo Anacé.

Guardião da Memória é entendido pelo povo Anacé como os idosos ou tronco velhos, as pessoas que detém o conhecimento, a história, a memória viva do povo contada e mostrada

por meio dos rituais, medicina tradicional, cultura e vivências. São apresentados como detentores do conhecimento da natureza e da identidade indígena. Como cita a pesquisa como tema: A “realocação do povo Anacé de Matões sobre o olhar dos mais velhos”.

Os nossos “Troncos Velhos” são de extrema importância dentro do território. Estes guardam, nas suas lembranças de vida, os pontos de relevância para a historiografia de cada Nação Indígena e estas memórias são utilizadas dentro das salas de aula, para que cada aluno participante da escola Indígena entenda a importância de se preservar e de lutar por um determinado espaço geográfico. Esta parcela da população Indígena cria, devido ao seu tempo vivido, um laço de pertença com a terra, este tipo de topofilia é tão profundo que os retirar de lá pode causar sérios danos a sua saúde, até mesmo a morte [...] (Nogueira, Nogueira e Souza, 2016, p. 39-40).

Nossos troncos velhos vivem com muita simplicidade, como diz a liderança Junior (2021) “*não precisa ser letrado pra ter esse conhecimento*”, eles têm o conhecimento da natureza da mata, dos encantados, por meio do que acreditam, como por exemplo época de lua cheia lua nova, época de plantar na força da lua. Como já apresentado, a agricultura é uma vivência que está enraizada em todos os indígenas e que está viva na Reserva Indígena Taba dos Anacé. Ao entrarmos nas matas pedimos licença e fazemos a oração e ao sair também, respeitamos o espaço em que moramos.

No nosso ritual de Toré, participar da dança tem que estar com o pensamento positivo, de preferência descalço, pois é uma reverência aos nossos encantos, a Deus, a nossa senhora e Mãe-terra. Existe uma corrente ali naquele momento, e sentir a Mãe-Terra é sentir essa corrente dessa força, conectividade com o sagrado. A dança de São Gonçalo é uma dança de cura, as promessas são feitas ao santo de quem necessita da cura, a jornadas de dança são o pagamento para o santo São Gonçalo do Amarante. Os dançantes e o lugar precisam estar bem espiritualmente, já vi inúmeras vezes os encantados se manifestarem em vários lugares.

As práticas e rituais realizados pelos guardiões das memórias que os Anacé carregam são ensinamentos dos nossos ancestrais passados de geração em geração. A medicina tradicional que realiza a cura nas pessoas com galho de plantas medicinais, não é qualquer pessoa que pode fazer e nem em qualquer lugar que pode ser realizada a reza, não pode ser no meio do tempo, e nem no sol quente de preferência em um lugar mais reservado.

Na Reserva Indígena Taba dos Anacé as práticas com a reza e a produção de remédios tradicionais, são realizadas pelos nossos anciões, como a dona Valda que faz o óleo de mastruz, o seu Emanuel que reza com o pião, práticas que possuem ciências para suceder. Nossos troncos velhos e lideranças entrevistados enfatizam a importância da continuidade desses conhecimentos e práticas, para que futuramente os indígenas Anacé possam dar continuidade às vivências e espiritualidade. As vivências, rituais e compartilhamentos que fazem parte da

identidade Anacé, das famílias Anacé, atualmente estamos aproximadamente na oitava geração, os laços de parentesco formam a teia da árvore genealógica do povo Anacé. Na realização da pesquisa algumas memórias de como se vivia antigamente foram contadas pelos nossos troncos velhos, antes da chegada do CIPP no Território Anacé os grupos de clãs eram constituídos por filhos e netos, que se casavam com o membro de outros grupos, tendo parentesco tal como primos de primeiro grau. Em vista disso, se ganhava uma parte no terreno para construção da casa, a qual não ultrapassavam o total de cinco cômodos, sendo uma sala, uma cozinha, dois quartos, e um banheiro de palha de coqueiro que ficava afastado da casa. Esse era, portanto, o modelo usual compartilhado por todas as famílias.

Eram afastadas geograficamente, todos com parentesco, tios, irmãos, primos, com laços consanguíneos e afetivos. As reuniões de todos esses clãs aconteciam por meio ritualistas, tais como danças tradicionais, terços, casamentos, em momentos de festejos da igreja católica e farinhadas, onde aconteciam os encontros e trocas simbólicas de tapioca, farinha, bolos e peixes, como menciona Júnior Anacé:

Dessas microcomunidades que tinha, não era comunidade micro áreas que era como Putiri, Giral. Essas pessoas viviam da plantação, da agricultura familiar, da plantação de milho, batata, feijão, macaxeira, horta, criação de caprino, de galinha tinha lá seu Jumentim sua vaca, não era criação grande mas fazia os currais em casa, caçavam porque vivia na mata tinha muita caça, pescavam (Anexo 5, 2021).

As práticas e vivências fazem parte das relações simbólicas do povo Anacé, executadas até os dias de hoje, com manifestações afetivas, fazendo com que se considerem todos parentes ligados por hábitos, costumes e comportamentos oriundos de um mesmo local.

Os casamentos entre as famílias se davam a partir da escolha dos pais das moças, quando as meninas chegavam à idade de 13 a 15 anos, já se iniciava a observação e escolha dos esposos de suas filhas. Considerando que as Mães ficavam analisando os pretendentes, se eram da mesma família, ou se eram de um clã “bom”, para depois compartilhar a ideia com seus esposos para a aprovação do namoro, e logo depois o noivado. É relevante ressaltar que o matriarcado é predominante nas organizações familiares do povo Anacé, mulher indígena tem muita força e garra para lutar pela sobrevivência.

Um critério para o consentimento do namoro com a prometida se atribuía ao grau de parentesco, se tinha ligação com a família, se fosse primo do mesmo “sangue”. Destaca-se a associação de ser uma pessoa boa a um indivíduo trabalhador, com roças, e responsabilidade de assumir a casa, estando relacionado também aos recursos da família. Desse modo o convívio entre os grupos configura-se nas relações simbólicas em momentos de trocas, festas e rituais, pois todos se consideram parentes, com laços afetivos.

Durante o noivado tem toda uma preparação da família da noiva, iniciam-se as preparações para o casamento e a festividade, que vai em torno de um ano, tempo esse necessário para a arrecadação de uma quantia para a obtenção de alimentação e bebidas. As cerimônias tinham a duração de dois dias, onde se convidava todos os conhecidos da localidade, para partilhar esse momento prazeroso.

Essas são algumas das manifestações culturais, vivências e memórias de lugar que passaram por transformações com a chegada do desenvolvimento culminando para as duas desapropriações com significados próprios do grupo aqui protagonizado. Descrever sobre essas memórias é dar vida a história para que possa ser contada no presente e no futuro, sem deixar morrer nossas singularidades.

Os guardiões da memória, jovens e lideranças entendem que a terra vai pertencer e exercer a tradicionalidade Anacé, as gerações que estão nascendo na Reserva Indígena Taba dos Anacé. As famílias removidas consideram o território tradicional Bolso e Matões e que não adianta forçar uma relação pois está sendo construída uma história, os mais velhos sentiram mais pela quantidade de memórias que foram criadas lá.

Muitos umbigos estão enterrados naquele chão, sendo compreendido como forma de pertencimento aquele chão, as memórias que são coletivas, nos motivam a continuar (re)existindo, utilizamos do que trazemos para fortalecer o que temos de ancestral. Para finalizar esse tópico sobre as vivências e lembranças dos guardiões apresento um trecho da entrevista com a Dona Valda liderança e mesenheira exemplo de sabedoria e força.

Eu sinto uma falta muito grande porque é diferente, por ser uma mata pra onde você vai diretamente tirar, pra uma mata que não tenho conhecimento que eu nunca cheguei dentro da mata da reserva pra tirar, pra tu ver aqui tem um pé de angico aqui tem um pé de janaguba, já tenho visto alguém alguns índios falar que tem, mas eu ainda não fui. O que eu vejo hoje é que já tem mais da metade do nosso povo dos nossos parentes nos já tamos a sim, já conversando, já tem mais a sim a intimidade nos tinha lá no nosso conhecimento pra nós tentar prosar conversar, e nós estamos se vendo mais de perto por todo aquele povo não tem aquele interamento do indígena com o não interamento, aqui nós tamo tudo junto todas as famílias falta poucas pra chegar mais, agora mais sentimos falta dos que ficaram porque não quiseram vim (Anexo 5, 2021).

Fotografia 5 - Reserva Indígena Taba dos Anacé



Fonte: Rute Anacé

CAPÍTULO IV - DANÇA DE SÃO GONÇALO DO POVO ANACÉ

4.1 Dança de São Gonçalo do Povo Anacé: resgate e tradição

Diante do que foi apresentado no capítulo anterior, neste tópico será apresentado o processo de resgate da dança de São Gonçalo do Povo Anacé da comunidade de Matões. Será realizado um levantamento histórico da dança de São Gonçalo iniciando na comunidade de Matões até o processo de mudança para a Reserva Indígena Tabá dos Anacé (2018). Assim ficará registrado a história da dança de São Gonçalo do povo Anacé e as relações simbólicas e espiritualidade que a envolve.

A Dança de São Gonçalo no Brasil foi trazida pelos portugueses e integrada no país no processo de colonização. Nas comunidades tradicionais e indígenas o rito faz parte da tradicionalidade que intercorre ao simbolismo identitário e cultural de cada região. Para o antropólogo Wellington Bomfim (2006) a manifestação está vinculada a heranças culturais.

No conjunto das manifestações tradicionais encontradas no universo do catolicismo rural desempenhadas por diferentes grupos no Brasil, a dança de São Gonçalo merece um destaque pela sua presença registrada em todas as regiões do país. Culto religioso trazido pelos colonizadores portugueses é apropriado a dinâmica social e cultural de diferentes grupos, que tratam de vincular a esta prática, elementos simbólicos de sua herança cultural. Anuncia um contato da cultura ocidental, representada pelo cristianismo em forma de louvação a um Santo da igreja católica, e elementos que marcam padrões culturais dos agrupamentos que apresentam esta prática (Bomfim, 2006, p. 49).

Percebendo essa manifestação como ritual, meu ponto de partida se dá a partir da relação direta da representação do Santo São Gonçalo com o contexto social da Dança de São Gonçalo do Povo Anacé envolvendo a tradicionalidade e identidade. O caminho aqui percorrido e apresentado tem como base as narrativas dos mestres e dançantes da dança de São Gonçalo, sendo assim apresentado o resgate e trajetórias dos integrantes da dança de São Gonçalo do povo Anacé.

No processo de reafirmação étnica Anacé o resgate da dança de São Gonçalo foi muito importante no repassar as memórias e histórias dos mais idosos da Aldeia. Durante os rituais e apresentações que acompanhei a Dança de São Gonçalo, o mestre Antônio Adelino (2022) narra que a Dança foi apresentada aos indígenas Anacé por um senhor por nome de Antônio no início do século XX. Conforme os autores Ferreira e Viana (2019) trata-se de um saber tradicional arraigado no nordeste brasileiro pelos colonizadores portugueses e seus descendentes, afinal São Gonçalo é um Santo português Nascido em Tagilde no ano de 1187 e que faleceu no dia 10 de janeiro de 1259 em Amarante, Portugal.

Os primeiros mestres de São Gonçalo na Região de Matões na cidade de Caucaia- Ceará, foram Mário Ribeiro, Manoel Ribeiro, dois irmãos, posteriormente Odete Ribeiro e a Maria Ribeiro pertencentes à mesma família. Sendo dançada até aproximadamente no final da década de 60 no início da década de 70, no entanto as apresentações foram ficando escassa, em das apresentações no terreiro do Domingo França chegou algumas pessoal da cavalaria do Capitão Neco Martins dizendo que a dança era adoração ao diabo e não poderia ser mais exaltada pois existia perseguição, sendo proibida de ser exaltada.

A Dança de São Gonçalo na localidade era apresentada por suas jornadas mediante a pegação de promessa, até meados da década de sessenta. A dança passou 28 anos sem praticar, por não ter dançantes e mestres para conduzir as promessas. Em conversa com o primeiro mestre Antônio Adelino, descreve o processo de resgate da dança de São Gonçalo do Povo Anacé e a importância do Santo para as famílias indígenas Anacé:

Agradeço a Deus e Junior de buscar essa oportunidade de ter e trazer a dança pra mostrar a cultura, pra fortalecer a cultura o povo Anacé de Matões e de muitos que não conhecia, nem conhece São Gonçalo nos protegeu desde o início, ele sondou o povo pra apresentar a cultura e hoje em dia ele ainda vive abençoando cada um, quem tiver seu o alguns os problemas se apegue a ele pode ser branco, pode ser preto, pode ser pobre pode ser rico, ele abençoa ele só não tem aquele prazer de ver ninguém triste e esconder a tradição dele e o que ele era (Antonio, 2022).

O mestre fazia parte do grupo antes da proibição, o processo de resgate da Dança de São Gonçalo ocorreu em um período paralelo à luta frente ao processo da segunda remoção das famílias Anacé da Aldeia Matões e Bolso. A Dança efetivou as relações sociais, políticas e simbólicas com o território, fortalecendo o vínculo com os encantados e território, passando a ser um ritual de fortalecimento e resistência. “Deste ponto de vista, cada adorno, indumentária, ritmo, canto ou bailado, não consistem apenas em uma técnica, um ato funcional” (Bomfim, 2006).

A Dança de dança São Gonçalo para o povo Anacé é considerada cultura que faz parte da nossa Terra e dos nossos antepassados. O antropólogo Edmund Leach (1996) descreve esses ritos como ações de afirmações simbólicas em relação à organização social, como cita o autor:

Se quisermos entender as normas éticas de uma sociedade, é a estética que devemos estudar. Na origem, os pormenores do costume podem ser um acidente histórico; mas para os indivíduos que vivem numa sociedade tais pormenores nunca podem ser irrelevantes, são parte do sistema total de comunicação interpessoal dentro do grupo. São ações simbólicas, representações. É tarefa do antropólogo tentar descobrir e traduzir para seu próprio jargão técnico aquilo que está simbolizado ou representado (Leach, 1996, p 75).

Dessa forma, compreender a relação dos indígenas Anacé com a dança de São Gonçalo do povo Anacé é traduzir as peculiaridades transmitidas de diferentes práticas, organizações e tradicionalidade. “São Gonçalo colocou essa tradição para o povo, essa imagem de São

Gonçalo com esse instrumento”. A interpretação da dança pelo povo Anacé está diretamente interligada a etnicidade, enquanto antropóloga e indígena Anacé poder relatar sobre a importância da dança para o meu povo é registrar um dos rituais mais importantes e sagrados na história Anacé. São as fronteiras e seus mecanismos de criação e manutenção que passam a ser sociais, simbólicos e analiticamente relevantes (Barth, 2000).

O mestre Júnior e liderança Anacé, no processo do reconhecimento étnico escutava dos mais idosos da comunidade sobre a importância da dança de São Gonçalo para a espiritualidade indígenas. No entanto, nunca tinha visto a dança nem escutado o cântico, mas mantinha o respeito pelas pessoas idosas, escutava atentamente as histórias contadas. Então, recorreu que um dos últimos mestres na região Antônio Adelino e do rezador e dançarino Biagua, filho do Mário Ribeiro e Maria Ribeiro. O mestre Antônio Adelino obtinha o conhecimento relacionado à dança e relatava que para ser realizada disporia de respeito para realizar a “brincadeira”. No entanto tinha receio de relatar, Júnior realizou várias tentativas até conseguir dialogar sobre a dança, para assim dar continuidade ao resgate do ritual.

Para Halbwachs (1925) e Candau (2011), a debilidade da memória se originaria da gradativa transformação dos grupos, conforme seus quadros sociais de memória, mantendo a identidade dos indígenas dentro daquele conjunto de lembranças. O repasse das memórias é uma das sustentações de manter viva as tradições e cultura Anacé, seguindo no processo de resgate Junior Anacé mobilizou outros indígenas para integrar-se ao grupo em busca de realizar a primeira apresentação da dança.

Porque importante a dança de São Gonçalo pra nós, Deus, São Gonçalo junto com Junior nós resgatemos a dança de São Gonçalo depois de vinte e tantos anos enterrada, para a cultura que não tinha quem trouxesse pra frente, aí nós juntos com o povo resgatemos a dança a tradição em que nós ir de hoje. E ela é forte ela nós protege, temos o privilégio de dizer hoje eu tenho isso aqui essa força através dele de São Gonçalo e a união de cada um, nós temos muita gente forte dentro da nossa Aldeia que ninguém nem imagine, todos são unidos todos são fortes todos tem seu privilegio e o prazer de dizer que ele é um indígena querido por Deus, São Gonçalo é tão importante, porque se você está em um momento crítico você se apega a Deus primeiramente e São Gonçalo ele nos protege (Antonio, 2022).

A imagem do Santo de São Gonçalo do povo Anacé foi doada por Luiza Rafael que tinha a imagem guardada a mais de 90 anos, relatando que tinha uma promessa para pagar na comunidade da Barra do Cauípe. A partir daí o grupo foi se organizando para a realização da primeira jornada e pegação de promessa na comunidade. Como relata Júnior (2022) atual mestre da Dança de São Gonçalo:

Aí ficamos não vamos deixar isso aqui acabar não, pelo amor de Deus, e aí a gente começou se reunir a fazer reunião para avaliar aquele momento que tinha sido muito bom, depois outras pessoas vieram.

Fotografia 6 - Repasse do hino da dança de São Gonçalo do Povo Anacé



Fonte: Acervo Anacé

A imagem anterior, foi um dos primeiros ensaios da dança com o hino completo. O hino da dança de São Gonçalo foi lembrado de forma conjunta, são 13 versos, o mestre Antônio Adelino recordava apenas de 12. Após pedir a São Gonçalo, o mestre foi lembrando do restante que faltava para completar a música, sendo assim realizado o repasse com os tocadores. O hino simbolicamente representa o processo de resgate e devoção a São Gonçalo, o mestre Antônio entregou ao mestre Júnior a sua primeira versão impressa, repassando também o compromisso de dar continuidade à dança. Segue a imagem do hino de dança de São Gonçalo do povo Anacé.

Fotografia 7 - Hino da Dança de São Gonçalo do Povo Anacé

ANTONIO FREIRES DE ANDRADE MATOËS 2010/06

SÃO GONCALO DO AMARANTE

Fica-te aí latada (bis)
Que as costas nós vamos dando (bis)
São Gonçalo vai embora (bis)
E o povo fica chorando (bis)

Graças a Deus que chegemos (bis)
Nesta casa de alegria (bis)
São Gonçalo vai na frente (bis)
Nossa Senhora na guia (bis)

São Gonçalo chegou ontem (bis)
Da cidade da Bahia (bis)
Com seu livrinho na mão (bis)
Dos milagres que fazia (bis)

Estamos na primeira jornada (bis)
Estamos na primeira jornada (bis)
Dançamos com contrição (bis)
Que o Santo não nega nada (bis)

Quem dever suas promessas (bis)
Deve vir logo pagar (bis)
Não venha depois de morto (bis)
Que eu mando se arretirar (bis)

Quem for dançar essa dança (bis)
Deve ter o pé ligeiro (bis)
Depois não saia dizendo (bis)
Tem barroca no terreiro (bis)

São Gonçalo do amarante (bis)
Feito do cedro zheiroso (bis)
Me diga meu São Gonçalo (bis)
Quem te fez tão milagroso (bis)

Entre Serra e serrote (bis)
Tem três Santo Galante (bis)
Santo Antônio e São João (bis)
E são Gonçalo do Amarante (bis)

São Gonçalo do amarante (bis)
Casamenteiro das moças (bis)
Casai as minhas primeiro (bis)
Depois casará as outras (bis)

Santa Tereza foi freira (bis)
Menina de 12 anos (bis)
Escreveu a São Gonçalo (bis)
Que esse mundo era um engano (bis)

Foi jogar com São Gonçalo (bis)
Na mesa da comunhão (bis)
Ele ganhou a minha alma (bis)
E eu ganhei a salvação (bis)

Minha perpétua encarnada (bis)
Encarnada furta cor (bis)
Oh meu Senhor São Gonçalo (bis)
Estamos em seu louvor (bis)

Raminha sobre raminha (bis)
Cada galho tem sua flor (bis)
Oh meu Senhor São Gonçalo (bis)
Estamos em seu louvor (bis)

Fonte: Acervo da Dança de São Gonçalo do Povo Anacé

Realizei estudos sobre a dança de São Gonçalo realizadas no estado do Ceará, com intuito de refletir sobre a Dança de São Gonçalo do Povo Anacé, entendendo suas particularidades e diferenças. A Socióloga Daniele Moreno (2014) na dissertação intitulada “*Os quilombolas do Veiga e o São Gonçalo: memória e identidade na festa e devoção a São Gonçalo no Sítio Veiga*” no estado do Ceará, através da origem e estrutura social, percebeu a ligação do ritual com o reafirmar de um pertencimento étnico, que também se consolidar nos remanescentes de quilombos:

Para entender melhor a dança, parto da análise de Sérgio Ferretti (2004) sobre cultura popular, em que o autor percebe as festas religiosas populares através de dois aspectos: como “[...] um instrumento de integração, de controle social dos subalternos pelo Estado que as promove e regula” ou; como “[...] um ritual de inversão e de resistência, quando os oprimidos podiam exercitar sua identidade e cultura”. Verifiquei, no primeiro momento, a dança no Veiga como um ritual de inversão e resistência, porque no passado foi proibido pela Igreja Católica, mas continuou a ser realizado no Veiga. Afirmá-lo e transformá-lo em seu traço característico permitiu a esta coletividade consolidar sua identidade em torno da categoria “remanescente de quilombos” e reafirmar suas tradições e cultura, permitindo, assim, que começassem a reivindicar seus direitos territoriais constitucionalmente garantidos (Moreno, 2014, p. 110).

A autora destaca a resistência e a importância da memória das “advindos da identificação de remanescentes de quilombos”. É importante destacar como a dança se manteve nas duas comunidades, no mesmo estado, mas com interpretações e simbolismos diferentes que envolvem a organização e devoção pelo Santo, sendo identificado como uma estratégia de manter viva a identidade.

O pesquisador Cauê Machado (2020) diz que a diferença e a semelhança a um só tempo na realização da dança de São Gonçalo, são índios e quilombolas, portanto diferentes; mas, são os “tradicionais”. Em entrevista com a liderança Junior, sobre qual a importância da Dança do São do povo Anacé para a espiritualidade e fortalecimento “*O que que é a dança de São Gonçalo para mim? o que que é a dança de São Gonçalo para muita gente as pessoas falam seguinte ela é fortalecimento espiritual ela é um fortalecimento mental, ela é o fortalecimento do corpo ela ajuda a unir*” (Júnior, 2022).

O primeiro ensaio ocorreu no terreiro da casa do Mestre Júnior Anacé no dia 05 de novembro de 2005, com aproximadamente 30 pessoas da comunidade de Matões. Até os dias atuais a data é comemorada a retomada da Dança de São do Povo Anacé, assim fortaleceu a cultura e tradição da comunidade, a partir daí todos os anos se comemoram o aniversário da dança além da realização de apresentações culturais. Ao longo desses anos desde o resgate da dança tenho acompanhado e prestado apoio em reuniões, eventos e apresentações.

No ano de 2006 foi apresentado o grupo de São Gonçalo do povo Anacé, o mais novo

mestre Aristide do Milagre, filho de uma rezadeira e parteira da comunidade. A dança de São Gonçalo é uma força espiritual como relata o mestre na sua primeira dança tirada *“no final ouvi e senti aquela força, é uma mistura então quando eu comecei a dançar eu senti que ali era um futuro, eu senti que realmente eu tava no lugar certo para continuar dando amor, e até o segmento que é a dança de São Gonçalo e continuidade para os demais”* (Aristide, 2022).

Uma das conquistas realizada com a articulação da dança de São Gonçalo do Povo Anacé foi a contemplação com o Prêmio: Culturas Indígenas na edição Chicão Xucuru no ano de 2008, patrocinado pela Petrobrás no valor de 30 mil reais. O prêmio foi direcionado para a construção da Casa de Apoio Anacé e compra de instrumentos para a dança. Atualmente a casa de Apoio do Povo Anacé se encontra na comunidade de Matões, se fazendo parte da memória e da trajetória do grupo, muitas apresentações, assembleias estaduais, noite cultural e reuniões foram realizadas no espaço. Segue a apresentação do grupo no livro do projeto:

Fotografia 8 - Prêmio Cultura Indígena edição Chicão Xucuru no ano de 2008



ANACÉ

A denominação Anacé é uma referência a Anacetaba, antigo nome do município cearense de São Gonçalo do Amarante, onde viviam seus antepassados e ainda vive esse povo.

Os Anacé falam atualmente o português e o tupi-guarani.

Sua população é de cerca de 1.270 pessoas.

Os Anacé estão em Terra Indígena não demarcada, nos municípios de São Gonçalo do Amarante e Caucaia, no estado do Ceará.

Vivem com pouco espaço para manterem suas práticas tradicionais, já que existe pouca mata nativa. A terra tradicional dos Anacé está sendo ameaçada de desapropriação pelo processo de construção do Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP), que prevê a instalação de uma siderúrgica, além de várias empresas nacionais e internacionais. Por volta de 90 famílias já foram expulsas de suas terras e colocadas em assentamentos, e existe a possibilidade da expulsão das outras famílias. Por isso lutam pela demarcação imediata de suas terras. A Dança de São Gonçalo é seu principal ritual.

ONDE VIVEM

Oceano Atlântico

PI CE RN PB PE

"Hoje os idosos trazem a apresentação da dança para os jovens, crianças e adultos, e mostram o ritual sagrado introduzido pelos nossos antepassados."

DANÇA DO SÃO GONÇALO ANACÉ

Idosos, adultos, jovens e crianças participam da Dança de São Gonçalo Anacé. Ela foi extinta por perseguição dos brancos. Após alguns anos recomeçou, e mais uma vez parou por conta dos opressores e por falta de recursos. Em 2005, após 28 anos, nós nos reunimos novamente para apresentar a dança, porque a comunidade achava bonita e tinha devoção em praticá-la. Ela foi realizada na aldeia Matões. Reunimos os antigos mestres para contar a história da dança e lembrar cada passagem de uma jornada, que está na letra da música. Para continuar a praticar a dança, pretendemos comprar instrumentos (concertina, violão, zabumba, triângulo, pandeiro, ganzá, reco-reco, gaita, atabaque), fazer uniformes e construir uma casa de apoio na comunidade.

Povo Anacé
Comunidade Matões
420 habitantes
Caucaia - CE
Iniciativa n.º: 373 (premiada)
Proponente: Francisco Ferreira de Moraes Júnior
Contatos: 8800-6160 / 3368-3045 / 8754-7560

Fonte: Acervo da Dança de São Gonçalo do Povo Anacé

A Dança de São Gonçalo do povo Anacé é um ritual político e de fortalecimento étnico muito importante para as famílias no processo de mudança para a Reserva Indígena Taba dos Anacé no ano 2018. O apanhado histórico aqui apresentado foi fruto das minhas observações e participação do grupo, realizei algumas tentativas de dança, no entanto não me identifiquei, entendo que a minha participação no ritual está para além de dançar, sinto a força e a espiritualidade que São Gonçalo para o povo Anacé.

4.2 “Vem de raízes”: o ritual e configuração da dança de São Gonçalo do povo Anacé

A minha participação acompanhando as apresentações e promessas da Dança de São Gonçalo do Povo Anacé, é uma daquelas muitas coisas que fazemos pela primeira vez e nunca esquecemos momentos de encantos e força ancestral. Nessa análise, que toma como foco o ritual da dança de São Gonçalo, serão apresentadas as principais configurações e organização do grupo nas apresentações culturais e promessas. Atualmente, para que a dança de São Gonçalo seja realizada, exige a preparação como: o direcionamento realizado pelos “mestres” sobre a execução, ensaios e reuniões.

No comando da dança estão os mestres Junior e Aristides, os dois são puxadores da dança, responsáveis pela organização e administração do grupo, desse modo, são eles que iniciam entoando o cântico que serão cantados os 13 versos e a coreografia a ser executada. Os dançarinos do cordão acompanham no cântico palmas e coreografia, a banda de músicos segue o ritmo e comando dos mestres.

A dança é realizada por pares, dançam requebrando o quadril no ritmo da dança e da música. Dessa forma, todos recuam no espaço, vindo par por par dançar com os mestres e depois vem saindo com o mesmo movimento, para que venha o próximo par que aguarda no cordão cada jornada e apresentação leva em cerca de 45 minutos, o mestre Junior Anacé (2022), relata a sensação de tirar a dança e a relação do ritual com a cultura:

Dançar 45 minutos sem parar e tem momento que é correr né celerado né quando era pequeno ele muito rápido, quando o cordão é grande não é tão ruim, mas quando o coração é pequeno é muito rápido a gente no instante faz a jornada. Tem um verso da dança de São Gonçalo que é sim “quem foi dançar essa dança deve ter o que é ligeiro depois nós sair dizendo tem barroca no terreiro” que é isso porque tem que ser rápido e é uma passagem é um ritual eu não digo que horas em São Gonçalo é somente uma dança ela é um ritual, que fortalece muito a nossa cultura e a partir da dança.

Atualmente o grupo da Dança de São Gonçalo possui 33 participantes, sendo 17 duplas, duas Estrelas que leva o Santo à frente do grupo nas apresentações e promessas. São quatro mestres: Junior, Aristides, Angélica e Edvania. No cordão são 32 dançantes e 04 tocadores são utilizados fixamente uma sanfona, um zabumba, uma guitarra e um triângulo, segue o quadro com a apresentação dos dançantes e do grupo de acordo com a posição no cordão:

Tabela 01- Integrantes do grupo da Dança de São Gonçalo do Povo Anacé

Papel	Nome (cordão da esquerda)	Nome (cordão da direita)
Mestres	Júnior Moraes	Aristide Moraes

Dançarinas	Lidiane Bezerra	Ariana Lima
Dançarinas	Maria Cleane Moraes	Viviane Moraes
Dançarinas	Emanuele Freitas	Nayara Ferreira
Dançarinas	Silmara Moraes	Arilucia Lima
Dançarinas	Hevellyn Noronha	Rayane Simão
Dançarinas	Nataliane Ferreira	Yasmin Policarpo
Dançarinas/Mestres	Edvania Ferreira	Angélica Moraes
Dançarinas	Cleosangela Moraes	Silva Moraes
Dançarinas	Luciana Neves	Samara Moraes
Dançarinas	Clelia Angela Moraes	Ângela Moraes
Dançarinas	Maria de Lurdes Freire	Valdelice Moraes
Dançarinas	Ana Célia Moraes	Bruna Bezerra
Dançarinas	Luiza Gil Santos	Valdimeire Bezerra
Dançarinos	Kennedy Santos	Yuri Policarpo
Dançarinos	Raphael Moraes	Wellington Monteiro
Dançarinos	José Ferreira	Antônio Adelino Freire
Banda		
Papel	Nome	Instrumentos
Tocador	Ivan Silva	Guitarra
Tocador	Kayro Oliveira	Sanfona
Tocador	Erandir Lima	Zabumba
Tocador	Raimundo Paulino	Triangulo
Tocador/Mestres	Antônio Adelino	Gaita

Fonte: Registrada pela autora.

A cultura Anacé é considerada cultura de resistência, considerado a Dança de São Gonçalo do povo Anacé como um elemento que define a identidade cultural e social. Para Kodama (2009, p. 80), “toda festa também é um espelho sacralizado do cotidiano; portanto, nela são encontradas atitudes sagradas e profanas que religam o indivíduo à comunidade”.

Desse modo, seguindo com a apresentação e organização do grupo da dança de São Gonçalo do povo Anacé, só é permitido dançar homem com homem e mulher com mulher, a distribuição dos participantes ocorre da seguinte forma: são formadas duas fileiras um atrás do

outro nomeada de cordão seguindo a frente as estrelas carregando de Santo São Gonçalo, atrás os dois mestres um do lado esquerdo e direito, e posteriormente segue por faixa etária de idade, os homens mais velhos do grupo seguem no fim do cordão.

As estrelas⁹ são meninas entre 5 e 12 anos que representam a pureza e o respeito com o Santo, são elas que estão à frente da dança e carregam o Santo até o altar em frente ao arco, em algumas ocasiões durante as apresentações elas seguram o Santo. O ritual possui oito momentos seguidos pela dança, iniciado pelo hino dos Santos e procissão de entrada até o altar, cumprimentar o Santo, continência do beijo, oito, cortar do cordão, reza e hino de despedida do Santo, como identifica o mestre Junior Anacé:

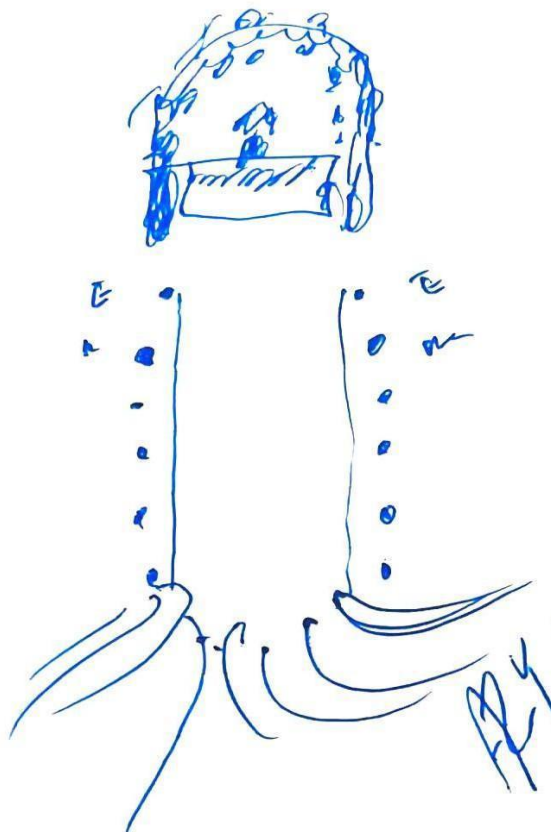
E quais são as passagens da dança de São Gonçalo nós temos o momento de entrada com canto do Santos do hino do Santos, depois nós temos momento de cumprimentar de desejar seja boa sorte ou seja bem-vindo e a gente enquanto mestre sai cumprimentando e desejando as boas-vindas para o grupo para os dançantes que estão no cordão, são duas filhas que me chama de dois cordões. E a continência, a continência um momento depois tem o momento do beijo, depois tem o momento do oito e tem o momento de cortar o cordão né, que é o momento que a gente faz a costura daquele cordão de pessoas. A dança de São Gonçalo tempo todo a gente tá fazendo um oito. Tem um momento da passagem do oito que faz quatro pessoas, mas tem um momento todos os momentos que a gente tá dançando no grupão com todos os integrantes e fazendo um oito, e faz dois círculos de pessoas desses, quando esses dois círculos de pessoas se juntam que faz direitinho é muito lindo já fizemos uma apresentação faz um coração também (Junior, 2022)

No intervalo de um passo para outro os mestres “puxam” o cordão do lado onde todos os dançarinos acompanham, passando três vezes por dentro e três vezes por fora do cordão, até retornar novamente às posições de frente ao Santo e ao arco. Aristides (2022): “*eu inicio do meu lado e o guerreiro que tá tirando junto comigo ele ficou me esperando quando ele me esperar e eu venho na metade da dança cortando o cordão, já tem de voltar pra me buscar pra gente vim brincando e sapateando essa a ideia, a criatividade da brincadeira, que ela forma de animar.*”

A dança de São Gonçalo do povo Anacé é uma prática animada, os dançarinos falam que “*não é uma dança parada*” requebrando o quadril no ritmo, durante a ação da dança todos os participantes do cordão batem palmas e animam o ritual junto com os mestres louvando ao Santo, louvando o dono da casa, louvando a pessoa que fez a promessa e estão assistindo. A dança transmite alegria é considerada uma “brincadeira” séria, ou seja, o sinônimo da palavra brincadeira está relacionado a alegria e diversão, no entanto é um momento de seriedade, concertação e reza.

⁹ As duas meninas são ensinadas desde muito cedo a ter contrição pela Dança e Santo, aguardam a idade e autorização dos mestres para dançar no cordão.

Fotografia 9 - Desenho feito pelo mestre Aristides realizado no trabalho de campo, ilustrando a dança do São Gonçalo do Povo Anacé



Fonte: Autoria de Aristides (2022).

Para a finalização do ritual ou fechamento os mestres dão as mãos um pro outro e ficam sapateando e rodando por mais ou menos quatro e cinco rodadas¹⁰, depois se vira para o grupo levanta a mão para os tocadores sinalizando que pare, ninguém sair do cordão. Depois dão todos os integrantes dão-se as mãos, os mestres realizam a reza de agradecimento e sai cantando o último canto o hino de despedida do Santo: *“Fica-te aí latada que as costas nós vamos dando, São Gonçalo vai embora e o povo fica chorando.”*

A dança do São Gonçalo do povo Anacé são momentos caracterizados pela relação do indivíduo com o mundo material e com o mundo espiritual. Na pesquisa da pedagoga Ana Souza (2010) com o tema *“Manifestação cultural subalterna o São Gonçalo em Santo Amaro do Maranhão”* expõe a prática como sociabilização e manifestações.

A festa de São Gonçalo perpetua nas matrizes do sagrado e profano, entre o compromisso com o Santo e o momento de sociabilização dos praticantes, entre as canções das jornadas e o baile profano. Isso se manifesta nos participantes de acordo com a vivência individual onde os sentimentos, emoções e experiências durante os rituais se manifestam de diferentes formas em cada um (Souza, 2010, p.12).

¹⁰ Exemplo: dança de ciranda.

Para fazer parte, tem que ter o respeito e levar a sério o momento da prática, pois no ato da dança tem que ter concentração, tem que tá tudo ali de acordo como descreve o bendito “*quem foi dançar a dança deve ter o que ligeiro, pra depois não sair dizendo que tem barroca no terreiro*”. As barrocas são consideradas, as dificuldades e energias negativas que aparecem no momento da dança, ao final a gente sai, se tiver duas jornadas a gente recomeça tudo de novo.

Em outras análises realizadas, como o de Christiane Rocha Falcão (2006), em Mussuca no município de Laranjeira (SE), nas comunidades do Pêga, Arrojado e Engenho Novo; e o de Wellington Jesus Bomfim (2006), percebe-se que a organização, manifestações, hinos e termos usados pelos grupos são divergentes, no entanto, a relação simbólica e respeito pelo Santo se exhibe a ligação entre os mesmos.

Durante esses 19 anos de resgate venho acompanhando a dança em promessas, apresentações e festas realizadas pelo grupo, identifico que a cumplicidade e a espiritualidade dos indígenas em contato com a divindade no ritual sagrado, transpassa o mundo físico. Em algumas das apresentações no antigo território e na Reserva Indígena Taba dos Anacé presenciei momentos de manifestações encantadas, transe de alguns dançarinos.

A esposa do Mestre Aristides, Luciana Neves, constantemente recebe os encantados no momento do ritual da dança de São Gonçalo do Povo Anacé, eu sempre muito curiosa buscava respostas para o ocorrido e sempre escutava que ela estava com o corpo aberto para receber. Das vezes que presenciei Luciana se mantinha no cordão e logo mais caía no chão desmaiada, a dança prossegue cumprindo com os passos necessários para a finalização, nas primeiras vezes do ocorrido retiravam seu corpo do local da apresentação. A São Gonçalo, na Serra do Evaristo no CE, também traz aspectos que conectam os vivos e os mortos (encantados) conforme expõe Machado (2020) é também rito que conecta e desconecta mundos: dos vivos, dos mortos, dos Santos e de Deus. Essas conexões trazem implicações no ritual, especialmente na seriedade e no medo que cada um desses mundos carrega consigo.

Nos últimos anos os mestres seguem a dança com a presença de Luciana desmaiada até chegar o momento de encerramento da dança que é a oração e quando a música para a dançarina levanta e realiza as orações com o restante do grupo. Posteriormente a esse momento tudo segue normalmente com a festa, nós Anacé identificamos isso como um momento de proteção dos nossos antepassados que estão ali naquele momento nos acompanhando, segue um trecho da entrevista realizada com Luciana Anacé (2022):

Mas a vontade tão grande de ir, que eu vou mesmo, assim eu vou, aí quando eu chegar lá eu fico me pegando todos os Santos que eu sei principalmente com São Gonçalo fico pedindo né para ele me dar a força e o discernimento para mim conseguir dançar.

Só que tem um momento que eu não consigo me segurar a partir daquele momento a minha parceira a minha pá, ela sabe quando eu não tô legal, no pegar da mão ela já sabe que eu não tô bem ela já fica tipo me protegendo e segurando, segura! Mas tem uma hora que eu não seguro sabe, a partir daquele momento que eu digo assim eu não tô bem, pronto eu não sei mais eu não sei mais o que falar sobre isso, depois que eu tô bem como foi que eu aqui eu tô em mim depois tu volta tá tudo bem tu não sente mais eu não sinto mais sei o que aconteceu, depois que eu volto que eu tô em mim (Luciana, 2022).

Durante essa conversa com Luciana em sua casa nos emocionamos ao descrever esse momento tão forte na Dança de São Gonçalo do Amarante, sua família tem me acolhido desde o início da minha pesquisa, sinto que para além da realização de entrevista para a escrita deste trabalho também é um momento espiritual com orações e bons pensamentos (Aristides, 2022). A dança de São Gonçalo é um patrimônio cultural que carrega o passado e presente, todas as nossas culturas que existem hoje porque tem um pacto com antepassado nosso, tais como a nossa dança de São Gonçalo.

Os nossos encantos se fazem presentes na dança, estamos sempre a pedir força e proteção daqueles que já partiram fisicamente. Durante o início de todas as danças fazem uma reza para que todos estejam com pensamentos positivos para que aquele momento seja de cura e fortalecimento a todos. Os pensamentos negativos que interferem durante a dança são referidos como “corta corrente”, acontece quando um integrante do grupo sentiu alguma coisa, o mestre Aristides (2022) se a gente como mestre for parar vai ter que recomeçar tudo do começo isso já tão tudo negativo. Então o que a gente tem que fazer, mesmo a pessoa tá sentindo mal hoje tem que se entregar a dança, se entregar positividade, mas ali naquele momento eu sei que situação *ela tá eu tô dançando pedindo força e proteção pra ela ali, e eu mesmo tempo tem hora que eu vou lá perto dela ela já aconteceu da circular uma brincada na dança, naquele momento eu tô pedindo força e proteção os demais pra segurar o tombo, ela sente isso aí entra os pontos negativo.*

4.3 “Cordão” entre o santo, promessas, mestres e dançantes

Para a análise do ritual da Dança de São Gonçalo do Povo Anacé, será apresentado a relação entre os dançantes e o Santo São Gonçalo através da promessa. Para os indígenas Anacé o Santo é referenciado como um ser vivo, a promessa é uma ligação entre a fé o Santo e os milagres alcançados. Para Durkheim (1989, p. 542-544), “[...] toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa [...]”.

A diferenciação na realização da “dança de promessa” e “dança de apresentação”, segue os mesmos passos, no entanto possui uma outra organização. Varia a quantidade de jornadas solicitada pela pessoa que está oferecendo a festa pela graça alcançada, as tarefas são divididas

entre o grupo como a produção do arco, os locais de reuniões e ensaios anteriores ao dia da promessa. A promessa tem um aspecto de coletividade, pois para que ela aconteça é necessário, vários agentes.

Fotografia 10 - Reunião Da Dança De São Gonçalo Na Casa Do Junior Anacé



Fonte: Registrada pela autora.

A imagem acima foi registro de uma das reuniões que acompanhei antes da realização da promessa prevista para o mês de setembro de 2022 solicita pala Dona Maria de Lurdes, uma das mais idosas do grupo, no momento foi dialogado também sobre as próximas apresentações na comunidade e os próximos ensaios de preparação. O antropólogo Cauê Machado (2020) apresenta a promessa como um sendo fundamental nesse sentido, ao possibilitar o encontro de diferentes famílias, fortalecendo as redes de relações sociais e propiciando namoros e futuros casamentos.

Nesse encontro relatei sobre a minha pesquisa que está sendo desenvolvida desde 2015 início da graduação, e comuniquei aos integrantes que entraria em contatos com alguns integrantes para a realização de entrevistas, já deixando agendada a entrevista com a Dona Maria de Lurdes pra conversarmos sobre os preparativos da festa e pegação da sua promessa ao Senhor São Gonçalo. No momento fui bem acolhida por todos, mostraram entusiasmo e disponibilidade para me receberem e os mestres também falaram: *“isso é tão importante, você também é da dança”*.

E assim segui com as pesquisas de campo na manhã do dia 13 de julho de 2022, no período da manhã me direcionei a casa dela, dona Maria de Lurdes tem 73 anos e mora duas

ruas depois da minha na Reserva Indígena Taba dos Anacé. Ao chegar na sua casa fui bem recebida, antes de iniciarmos a conversa, a dona Maria foi me apresentar sua casa e as reformas realizadas ao longo desses 5 anos de mudança. Logo mais nos sentamos na sua mesa na cozinha e dei início a entrevista referente à realização do pagamento de sua promessa a São Gonçalo.

Dona Maria relatou o problema de saúde que estava sentindo e pediu o milagre a São Gonçalo pela sua saúde, a promessa foi realizada para ser paga com duas jornadas, segue seu relato:

Aí eu sempre sentindo essa dor né, quando foi uma noite eu sonhei pedindo para senhor São Gonçalo ajudar com que aquelas dores desaparece, se desaparecesse e não fosse maligno ia mandar fazer uma dança pra senhor São Gonçalo tocado pelo meu irmão na gaita, nessa época ele podai tirar, ele podia tocar né gora ele não pode mais é muito forgo puxar. Isso no meu sonho eu fazendo essa promessa no meu sonho eu quero que meu irmão tire na promessa. Aí fico, ficou rolando tudinho, quando houve aquela reunião aqui que eu acho que você veio, aí eu fui e falei pro Júnior, isso foi a 10 anos atrás eu fiz essa promessa (Maria de Lurdes, 2022).

A devoção a São Gonçalo ocorre de diferentes maneiras. A pessoa individualmente, faz a promessa solicitando alcançar o pedido, como no caso da dona Maria de Lurdes foi sua saúde. Como “pagamento” da graça alcançada é realizado *com a dança, ela convidou os mestres e o grupo para realizar a dança em sua residência*. A dança é o meio de ligação entre o devoto e o Santo e é através dela que dona Maria agradece a graça atendida e presta o ritual ao Santo. Seguindo com a entrevista, dona Maria disse que a escolha da data para a realização da pegação de promessa no dia 3 de setembro de 2022, estaria associada ao dia de seu aniversário, o momento seria de celebrar a graça alcançada e mais um ano de vida. *Todos os detalhes da festa foram dialogados em conjunto com o grupo em outras reuniões: qual blusa seria vestida, o convite aos tocadores, bem como todos os detalhes prometidos, neste caso, a promessa foi realizada para ser tocada na gaita pelo seu irmão Antônio Adelino, o primeiro mestre após o resgate da dança. No entanto, foi modificado como seria tocado o hino, por ser muitas horas e Sr. Antônio não ter mais idade de tirar a dança, a organização foi feita de forma conjunta, como relata dona Maria (2022):*

Eu fui no compadre Antônio e disse você está lembrado da promessa, da minha promessa que eu fiz, aí eu digo você não pode mais tocar na gaita, vai ser o Kayro que vai tocar, ele disse ta certo comadre, tá muito certo. Porque a idade dele não combina mais, que eu sei que é uma jornada 45 minutos. Eu vou fazer duas jornadas, que é a promessa foi duas jornadas que ele fazia as duas jornadas. Ai então ele não pode como o menino falou, o Nego falou que quem via tocar era o Kayro né. Aí o compadre Antônio foi lá no Kayro falou tudinho, aí o nego falou que era precisa eu ir também, foi falar com o Kayro, mas ele não estava aí falei com os pais né. Então se é isso a minha promessa se Deus quiser e senhor São Gonçalo vai me ajudar com que tudo vai dar certo né, e vai dar certo sim com certeza (Maria, 2022).

Com data marcada para o dia 4 de setembro de 2022 e tocadores acertados para a realização da promessa, Maria de Lurdes comentou sobre o arco de São Gonçalo que iria ofertar para o leilão após as duas jornadas na dança. O altar é montado por dona Maria no local onde será realizada a dança, o arco é um dos elementos importantes no pagamento de promessas, o leilão do arco só ocorre quando as promessas ocorrem durante as apresentações, caso não haja essas promessas no local só é necessário o altar para o Santo. O mestre Aristides (2022) relatou a importância do arco na Dança de São Gonçalo do Povo Anacé:

Após a dança aí vem a parte do arco. Esse arco vai tá ali todo bonitinho, com frutas que é o arco do Santos a maioria das vezes é feito um leilão do arco ali no momento, nas antigas esse arco era feito e o que tirava das frutas das coisas ali ficava pro Santo, ou seja, ficava pro grupo, não como paga da dança, mas é porque realmente o arco do São Gonçalo, tinha que ser do São Gonçalo. A questão do arco ele tem que ser de palha de coqueiro interessado, são feita uma palha do lado e a palha do outro as vezes é se consegue fazer com quatro palha fica mais bonita ainda, interlace ele em cima e interlace ele em baixo fica mais bonito ainda, e aí no final quem tira tudo no final, a gente coloca tudo se a pessoa tiver algum gosto e amor ao Santo ele leva o arco (Aristides, 2022).

A preparação do arco e do altar é ofertado por quem solicita a promessa, para a realização da promessa da dona Maria de Lurdes, ela explicou que as palhas já estavam aguardando para serem utilizadas para fazer o entrançado e as frutas também acompanhariam o arco para a realização do leilão após as duas jornadas. Para Bonfim (2007), São Gonçalo está sempre ligada ao pagamento de promessas, momento em que a mobilização local é significativa.

No domingo, dia 4 de setembro 2022, no período da noite foi realizada a promessa da dona Maria de Lurdes ao Santo São Gonçalo milagroso, o espaço em frente a sua casa foi cercado para a realização da dança, ao redor do espaço foi colocado algumas cadeiras para as famílias da Aldeia convidadas assistirem a dança. A mesa que recebe o altar estava coberta por uma toalha, com a imagem de São Gonçalo, com a viola na mão acompanhado por alguns enfeites feito de barro, segue a imagem feita antes da dança de dona Maria de Lurdes com o Santo:

Fotografia 11 - Maria de Lurdes no pagamento da sua promessa da Dança de São Gonçalo do Povo Anacé



Fonte: Registrada pela autora.

Algumas famílias Anacé de outras Aldeias se fizeram presente no momento, ficou visível o respeito ao Santo e ao momento. O autor Durkheim (1996) expõe que os ritos religiosos partilham entre os praticantes valores inerentes ao grupo. O sociólogo analisa as práticas como um vínculo pessoal com os rituais que propõe um entendimento de sociedade e organização, como citado a seguir:

Os ritos só podem ser definidos e distinguidos das outras práticas humanas, notadamente das práticas morais, pela natureza especial do seu objeto. Com efeito, uma regra moral, assim como um rito, nos prescreve maneiras de agir, mas que se distinguem a objetos de um gênero diferente. Portanto, é o objeto do rito que precisamos caracterizar para podermos caracterizar o próprio rito. Ora, é na crença que a natureza especial desse objeto se exprime (Durkheim, 1996, p. 19).

Associar a citação acima à Dança de São Gonçalo do Povo Anacé nos faz compreender que o rito é determinante no cotidiano do Povo Anacé, influenciando no modo de impetrabilidade da aldeia e organização, possuindo uma relação entre o rito e a estrutura social. A crença pelo Santo milagroso e o ritual da dança possui uma importante função de manter viva a memória dos que participam.

Seguindo com o pagamento da promessa de Dona Maria de Lurdes, deu-se início a primeira jornada, a dança exige disposição física dos indígenas, pois cada jornada leva cerca de uma hora com as idas, vindas e voltas em frente ao altar em que se encontra o Santo seguindo com os passos já descrito anteriormente. No pedido da promessa ao Santo, dona Maria especificou que a primeira jornada se sentaria na frente do arco segurando o São Gonçalo, e na segunda jornada dançaria com a sua parceira, Valdelice, na dança e assim foi realizado. “A Dança de São Gonçalo é um rito que conecta os mundos: dos vivos, dos mortos, dos Santos e de Deus” (Machado, 2020, p.3).

Fiquei próximo ao arco, fazendo algumas fotos e observando os passos realizados pelos mestres e dançantes, os integrantes do grupo entraram em procissão cantando o hino e a banda já estava posta acompanhando com os instrumentos. Todos estavam com os mesmos trajes e a mesma blusa de azul escura com a imagem do Santo e nas mangas uma pintura indígena característica Anacé, os homens vestiam calças e as mulheres saias, que todos tinham a pintura indígena¹¹. Todos os dançarinos dançaram de pés descalços, tendo contato direto com o chão, que é muito simbólico.

Nessa apresentação todo o cordão estava formado por mulheres, assim bem visível o remelexo do corpo de um lado para o outro batendo palmas. O momento é de animação pelo ritmo da música tocada pela banda nesse segundo momento é um xote baião. A dança é bem animada, vez ou outra, alguns integrantes gritam: “*Viva o São Gonçalo*”, “*Viva o dono da casa*” e todos respondem, e na realização da dança dona Maria agradece e invoca São Gonçalo e os encantados. Na finalização da primeira jornada, que durou aproximadamente uma hora e vinte minutos, fiquei me questionando se estavam cansados pois, logo mais seguiria para mais uma jornada.

Os mestres realizaram um intervalo de dez minutos até a próxima dança, um dos tocadores levou Mocorró¹² para o momento sagrado, alguns integrantes beberam e logo mais seguiram a organização para do início a segunda jornada. Na segunda jornada Dona Maria de Lurdes se integrou no cordão com a sua parceira, assim deu-se início com o Santo no altar. Seguiu-se com a repetição de todos os passos realizados na primeira jornada, em nenhum momento os dançarinos demonstraram cansaço ou desânimo, nem se percebia que anteriormente tinham realizado uma jornada.

Com a finalização da segunda jornada os mestres deram-se as mãos juntamente com o restante do grupo que realizaram a dança e fizeram um círculo para a reza final. Nesse momento entrei no círculo e cantamos o hino de finalização da dança, a dona da casa agradeceu a realização

¹¹ Todas as pinturas da calça e saia são realizadas manualmente por integrantes do grupo.

¹² Bebida indígena feita de caju.

da promessa e logo mais foi pedido ao senhor São Gonçalo, saúde e força a todos os integrantes do grupo. Segue conversando com os dançarinos e mestres, minha mãe Ângela que dança com sua irmã me descreveu que *“parece que a gente tá cansada que a gente não vai aguentar, mas é tão forte que quando vou ver já temos finalizado”*. A festa segue com a partilha da comida oferecida por Dona Maria de Lurdes, os tocadores seguem com músicas animando o momento.

Nesse intervalo, conversei com o Mestre Júnior e ele me descreveu que *“quando você está ali naquele momento você parece que flutua, você dança com uma leveza e descalço e ainda mais forte a espiritualidade fica mais sensível, fica parecendo que você está em transe tem horas que você passou por um momento na jornada que acha que não passou”*. Quem assiste também sente a força espiritual que tem a dança, essa foi uma das mais lindas promessas que acompanhei na Reserva Indígena Taba dos Anacé.

Fotografia 12 - Primeira jornada da dança de São Gonçalo da promessa de Dona Maria de Lurdes



Fonte: Registrada pela autora.

Seguindo para a finalização da promessa, ocorreu o leilão “Arco de São Gonçalo” com frutas penduradas no arco de palha onde fica o altar de São Gonçalo, o valor arrecadado é destinado para a dança. O leiloeiro foi Júnior Anacé, o rematador do arco de frutos foi Aristides no valor de 200,00 reais, o acontecimento foi de muita risada e distração um momento considerado divertido entre família indígena Anacé. Como descreve Dona Valdelice (2022)

quem fez a promessa tem que segurar o Santo, quem recebeu a graça é quem tem direito de ficar um Santo, quem faz promessa tem que oferecer o arco eles aprontam o ar com a fruta né, eles aportam o arco com as frutas dá para os dançarinos, tem deles que faz o arco dependendo se tiver muito movimento aí eles fazem, eles botam em leilão o arco, eles botam leilão. Por volta das 23:00h finalizou-se o ritual do pagamento da promessa sagrada de Dona Maria de Lurdes, São Gonçalo do Povo Anacé veio pra animar seu povo.

4.4 “O sangue que corre nas veias de um corre nas veias de todos”: famílias e repasse da dança de São Gonçalo do Povo Anacé

“Ando com os mensageiros foi meu pai que me mandou, eu sou índio sou guerreiro eu sou índio curador”
(Canto de Toré).

As famílias Anacé têm suas particularidades e sua função social claramente definidas. Como um importante local para ensinamento de valores e princípios, é também o primeiro local onde se vivem experiências de socialização e conhecimento cultural. Assim, observado com um olhar mais minucioso, mais de perto, podemos dizer que a família do grupo da dança de São Gonçalo do Povo Anacé se torna elemento de fortalecimento da identidade por meio de uma relação que se mistura e se encontra.

Durante a minha observação e trabalho de campo e a construção da estrutura desse trabalho, escutei muitas falas “*somos todos parentes*”. Durante a realização da disciplina¹³ de Antropologia de parentesco me fez refletir sobre as relações de parentesco entre os dançantes, assim proponho realizar uma apresentação trazendo elementos das relações de parentesco partindo das gerações que compõem o grupo. O antropólogo Radcliffe Brown (1978) destaca que um sistema de parentesco pode ser encarado como um arranjo que capacita pessoas para viverem juntas e cooperarem umas com as outras uma vida social ordenada.

Pensar na relação dos dançantes Anacé é importante destacar a presença matrilinear, se destacando na organização familiar, linhagem e descendência. As famílias se ligam e se tornam um exemplo desse elemento que marca a cultura Anacé e unem as relações num sentimento de pertencimento, de fazer parte, de ser parente do grupo da dança de São Gonçalo. A dança faz parte de uma cultura repassada a várias gerações, nesse sentido, selecionei para análise a família da Dona Valdelice que se encontra na terceira geração na dança, como apresentado:

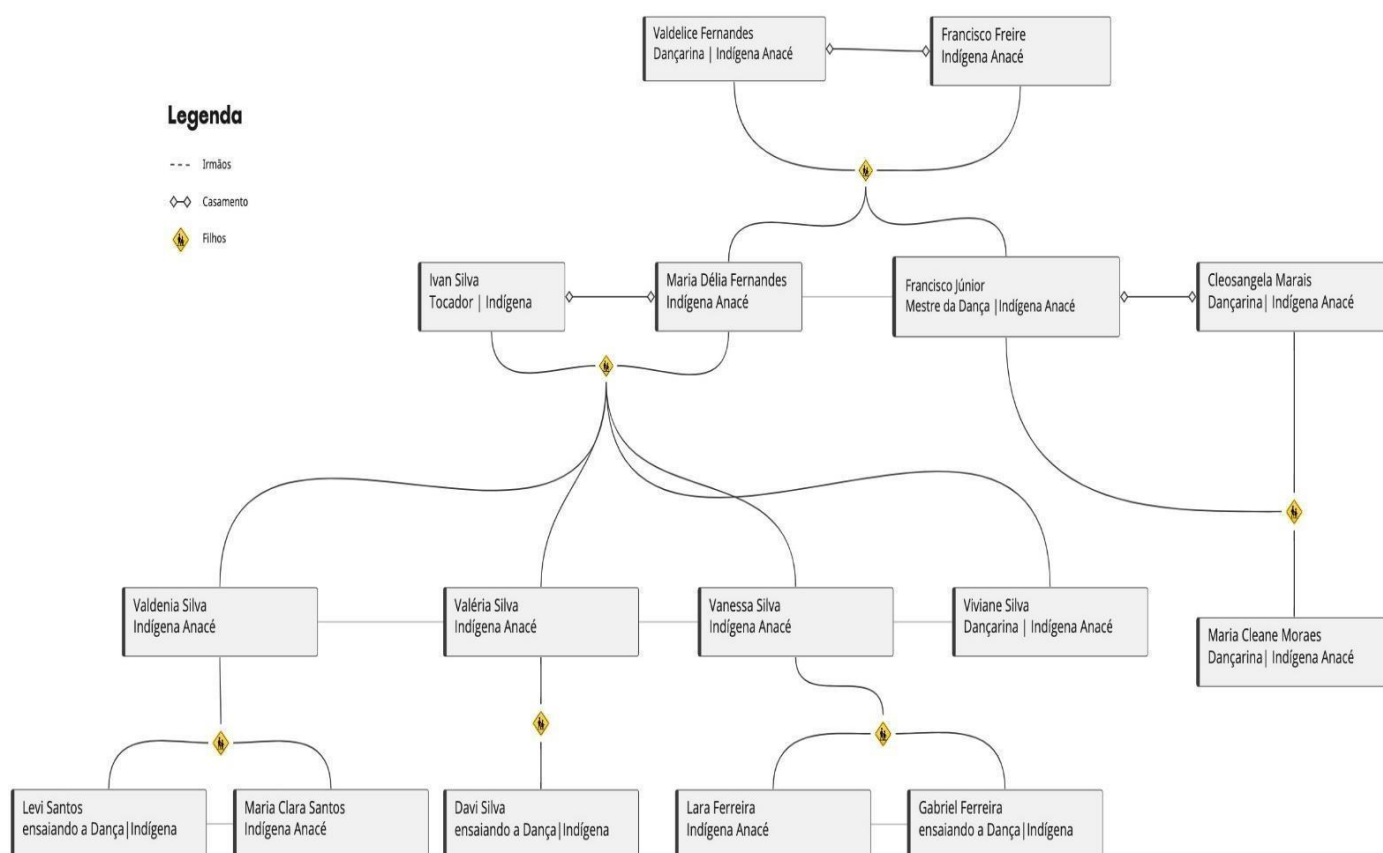
Estou na terceira geração o Júnior dança e suas netas dançam, o que mudou da dança São Gonçalo é porque nós não estamos tendo quase a reunião nós não estamos no tempo assim, de dançar como nós dançávamos né, mas toda

¹³ Disciplina ministrada pela professora Andreia Lobo, no Departamento de Antropologia na Universidade de Brasília.

semana no ensaio lá no Matões. A gente tem que marcar o final de semana se tiver uma oportunidade a gente ensaia (Valdelice, 2022).

Os ensaios e reuniões da dança de São Gonçalo ocorrem cotidianamente de maneira que os encontros também são abertos para a participação de outros familiares, como filhos e netos. Para entendermos essas relações, recorri a Dona Valdelice que é mãe do mestre Júnior, avó das duas dançarinas, Cleane e Viviane, e após a mudança para a Reserva Indígena Taba dos Anacé tem iniciado o ensaio com os seus bisnetos Levi, Davi e Gabriel, conforme apresentado no diagrama a seguir:

Figura 01 -Árvore Genealógica de Dona Valdelice Anacé



Fonte: Autoria própria.

O início da participação dos bisnetos da Dona Valdelice na dança é também um repasse da cultura, identidade e memórias. Os momentos compartilhados trazem lembranças familiares dos antepassados que são ensinados às gerações futuras, assim, o parentesco tem um importante papel no repasse e na construção de um sentimento de pertencimento étnico no novo Território onde as famílias se encontram atualmente. Para a integração e autorização das crianças para dançar em promessas e apresentações na dança do São Gonçalo do Povo Anacé, se é pontuado que os pais ou responsáveis precisam também gostar da dança e ter seriedade, ter respeito e

seriedade no ato da dança.

Durante minha análise desse tópico, me fez pensar na relação dos meus familiares presentes na dança, meu pai Raimundo é tocador, Angélica, minha irmã é dançarina e mestre, minha Mãe Ângela dança com sua irmã Clelia Angela minha tia. Minha outra tia mais nova Cleosângela irmã da Ângela e Clelia Ângela, é esposa do mestre Júnior e mãe da Maria Cleane que foi estrela e atualmente dança no cordão e nora da dona Valdelice. Um outro exemplo é a família da Dona Luiza Paulino que também foi dançarina (*in memória*), atualmente estão no grupo sua filha Silva e seus três netos: Samara e Silmara, o sobrinho Raphael e seu bisneto Artur filho da Samara que está em processo de iniciação nos ensaios da dança.

É comum entre os indígenas Anacé casamentos endogâmicos, sendo comum a união entre primos legítimos de primeiro grau, existindo também casamentos com pessoas “não indígenas”. É importante destacar que mesmo depois do casamento as famílias mantêm-se próximos, as casas são construídas próximas às casas dos pais como ocorria em Matões na Reserva Indígena Taba dos Anacé, as famílias estão organizadas por ruas, o laço de parentesco também está interligado ao espaço onde vivemos. Dessa forma, podemos perceber a ligação do parentesco ao território.

No caso da dança de São Gonçalo do Povo Anacé a noção de pertencer à mesma família estando diretamente ligada à coletividade e identidade de considerar todos como membro de uma só família. Como reconhece Dona Maria de Lurdes (2022) durante nossa entrevista:

Eu não vou esconder o que eu sou, por que isso aí já vem de raízes, e tem esses meninos aí quer ser da minha família também, longe, mas são como esse Júnior meu parente, mas acho que não muito longe não ele é Freire, e que o meu pai era filha esse Manoel não sei como é Freire. Que justamente o pai do meu pai era irmão do padrinho Manoel Geraldo vô desse pessoal aí Freire, aí todo mundo é parente de todo mundo então é uma parenteza só. Eu falo Freire a aonde vai não negar. Na dança de São Gonçalo somos uma parenteza só, todo mundo é parente todo mundo somos irmãos (Maria de Lurdes, 2022).

O termo “parenteza” utilizado por dona Maria remete ao fato de que todos nós consideramos parentes, independente das relações de consanguinidade. Um dos costumes que somos ensinados desde muito cedo é chamar os mais velhos de tio ou tia e tomar a benção a todos os familiares e amigos, isso demonstra respeito. Além dos laços consanguíneos e de consideração possui a relação que envolve o apadrinhamento das crianças, como por exemplo o mestre Júnior e sua esposa Cleosângela são padrinhos da dançarina Arilucia e compadres do mestre Aristides e sua esposa Luciana.

A relação de parentesco da dança de São Gonçalo tem a função de transmitir crenças e práticas. O ritual se concentra, atualmente, nas famílias que iniciaram o processo de etnicidade e mobilização étnica Anacé, e hoje é vista como um patrimônio para as famílias e está sendo

repassada pelos dançantes, como cita o mestre Aristides referente ao repasse da dança para as filhas, Arilucia e Ariana:

Na realidade a cultura vai passando de geração não pode ficar pra trás, eu sou o mestre da dança, mas veio do meu tio, eu recebi de alguém eu tô dando continuidade e ela vão da continuidade um dia, ela vendo eu lá em casa dançando as vezes elas estava brincando por ali. Quando chegou a idade eu fiz, elas perguntava quando podia entrar quando eu vi a Arilucia tinha idade já coloquei, e Ariana do mesmo jeito a Arilucia foi a segunda Estrela né (Aristides, 2022).

As regras, vivências e relações de parentesco fazem parte de uma cultura repassada a várias gerações. Nesse sentido, as percepções aqui apresentadas foram analisadas a partir das conversas e vivências de uma jovem antropóloga e indígena Anacé. No processo de sistematizar toda a pesquisa. Identifico que o processo de transformação e construção das famílias na Reserva Indígena Tabá dos Anacé, os impactos e dificuldades enfrentadas, no entanto, a dança de São Gonçalo do Povo Anacé resiste com seus encantos, organização, significados e simbolismo próprios.

Fotografia 13 - Grupo da dança de São Gonçalo na Reserva indígena Anacé



Fonte: Registrada pela autora.

CAPÍTULO V - ANACÉ EM TUPI: PARENTE UNIDO

5.1 Mudança e ressignificação: reserva indígena taba dos Anacé

Nos últimos cinco anos, vivemos um misto de sentimentos após a mudança para a Reserva Indígena Taba dos Anacé, identifico que a dança do São Gonçalo do Povo Anacé tem sido fonte de fortalecimento no processo de adaptação no novo território. Um aspecto importante que venho observando e fazendo uma relação é de como nos organizávamos na Aldeia Matões e como nos organizamos na Reserva Indígena, relacionado a mudanças com relação aos encantados e lugares de encantos. Vem sendo construída uma relação simbólica onde vivemos atualmente, buscamos sempre a encantaria e a força que carregamos herdada dos nossos ancestrais.

No artigo “A encantaria segundo a cosmovisão Pitaguary” presente no livro: Territorialidade, Ancestralidade, Trajetórias e Resistência (2021), descreve a encantaria como a proteção territorial ligada à estrutura e organização das nossas vidas físicas e espiritual, como descreve a citação a seguir:

A Encantaria, nessa dupla característica, função e estrutura, cumpre, complementarmente, os papéis de ser, de construir e de manter toda a vida (espiritual e material) dos povos indígenas. Poderíamos dizer, portanto, que ela é a alma ancestral indígena e, ao mesmo tempo, a construção social da realidade histórico-cultural dessas nações. E é por meio dos Encantados, moradores, construtores e mantenedores de Aruanda, ou seja, da própria encantaria, que se tem acesso a todo esse arcabouço epistêmico e psicossocial (Rodrigues *et al.*, 2021, p. 61).

Os nossos Encantados, por sua vez, são seres que acompanham nossa história de luta, acreditamos que eles são os nossos guardiões da natureza, nos lugares de encantos. Na nossa Aldeia Matões, vez ou outra escutava as famílias falando das manifestações dos encantos durante o processo de remoção das matas e lagoas, minha inquietação é descrever como está sendo realizada essa conexão entre encantados, Anacé e Reserva Indígena Taba dos Anacé. Já que por muitas vezes as manifestações pronunciavam que estava contra todas as destruições que ocorriam no território tradicional “*Encantaria só’ entende quem vive*”.

Durante a realização das entrevistas busquei dialogar com indígenas sobre um dos nossos locais considerados encantados para os Anacé, localizado no terreno do mestre Aristides na Aldeia Matões. Algumas vezes acompanhei o ritual na Jurema sagrada, se realizava após ensaios ou reuniões da dança do São Gonçalo do Povo Anacé, não era permitido a participação de não indígenas, Aristides (2022) descreve como era realizado o ritual:

A gente começou aqui acolar a gente juntar as pessoas que a gente via que capacidade

de está lá e a gente fazer um momento lá no tronco da Jurema, no qual hoje ela ainda se encontra lá nos tinha nosso cantinho da Jurema, muitas vezes a gente fez momento com só com os pajé com as nossas pajelança pedindo força, fê muitas vezes a gente juntava ali o grupo e é isso a Jurema também de uma certa forma ela nos representa, porque existe muita Jurema, mas a gente ta falando da Jurema branca. Um local desse aí não é você que escolhe, tem o momento certo de você chegar, as vezes nem sempre aquele lugar ali vai ser o momento certo pra você fazer um toré, nem sempre é o lugar adequado, tem que ser um lugar que lhe de força da natureza (Aristides, 2022).

Em entrevista realizada com Luciana Neves (2022) esposa do Aristides, relatou suas lembranças nesse espaço sagrado e como era realizado os encontros:

No quintal tinha um pé de Jurema, era antigo esse pé de Jurema, e aí a gente cuidava dele aí quanto terminava a Dança de São Gonçalo a gente ia para lá não ficar de boa lá conversando, eu sempre pedi para ele levar para lá. As vezes ele levava porque tinha como levar te dava certo, outras vezes não né porque também, TRANSCULTURALIDADE rituais realizados na Jurema mantêm nossas relações com os encantados algumas vezes teve a dança de São Gonçalo ensaio lá, dança mesmo promessa. Não era todo mundo que podia ir era só era só algumas pessoas né, tinha as pessoas pra ir pra lá a gente acende velas, ficava sentado de boa, era bom demais é um pé de Jurema muito, ele era muito antigo né. Aí quando terminava o ensaio alguns ir embora e os que ficava a gente vai para lá, a gente fazia oração lá embaixo, ainda tem lá isso, mas como a gente veio pra cá ficou meio (Luciana, 2022).

Assim, considero que os rituais realizados na Jurema mantêm nossas relações com os encantados que se encontram em nossas matas sagradas, antes da remoção eram muito conflituosos os pensamentos e decisões a serem tomadas. Como os mais velhos comentam, toda negatividade era deixada nas matas sagradas para que as situações também fossem resolvidas por nossos encantados. Os encantados, portanto, para nós são nossos antepassados Anacé, acreditamos que quando eles morrem, se encantam. Alguns curadores que já partiram fisicamente detinha o dom de receber ou “baixar” os nossos encantados ancestrais para realização dos rituais de curas, como descreve Sérgio Brisaac e Luciana Nobrega (2010):

A corrente de Índios ou corrente dos encantados é um dos elementos reiteradamente presentes nas narrativas religiosas Anacé. Segundo Antônio Freire de Andrade, Anacé de Matões, em entrevista ao jornal Porantim, os Índios que morreram na luta se encantaram e assim “surgiu a corrente dos encantados que vai do Gregório ao Morro do Sirica. Passa por cima do Jirau, Baixa das Carnaúbas, Baixa da Almeixa e aí brenha “na mata. Quem tiver força e poder de receber, é só passar por baixo. Eles dão força, ajuda” (Picanço, 2006, p. 6). Alguns dos encantados, portanto, seriam os antepassados dos atuais Anacé que, ao morrer, se encantaram, passando a povoar as matas de seu território tradicional. Em certos momentos, esses ancestrais baixariam nos curadores, durante os trabalhos, para realizar as curas (Brissac; Nobrega, 2010, p. 5).

A “corrente dos encantados” são os guias da nossa espiritualidade e estão presentes em

nossos cantos, rezas e danças. O toré como mencionado é também um ritual forte onde os encantados também se manifestam, para Grünewald (2005):

O toré está intimamente ligado às etnogêneses dos Índios do Nordeste, isto é, sociedades que passavam por camponesas e, diante da existência de um campo para suas aparições, assumiram publicamente suas identidades étnicas, reivindicando seus direitos assegurados pela União (Grünewald, 2005, p. 28).

Nesse ritual é pertinente destacar a força do toré quando compartilhado com outros povos Indígenas do Ceará, momento comum durante encontros e celebrações.

Desse modo, como situado a realização dos rituais no território Tradicional da Aldeia Matões, a partir daqui descreverei o processo de ressignificação simbólica das famílias na Reserva Indígena Taba dos Anacé, tendo como enfoque os terreiros e encantados a partir das práticas e rituais e como está sendo desenvolvidas ao longo desses cinco anos de mudança.

Uma outra ponte que abordei foi referente ao processo de construção física e espiritual na Reserva Indígena Taba dos Anacé, na entrevista com Aristides e Luciana é notório nas narrações que algumas dificuldades ainda estão sendo enfrentadas ao longo desses anos, segue o relato:

Aqui dentro teve um toré, que ate você participou que eu acho que você que você viu a diferença, aqui tem um lugar que eu fui que eu em entrei no toré, não é só entrar na dança não é só participar, e o local a energia, força então essas coisas as pessoas que vai pegar um cajueiro vai limpar, vou fazer uma toré de baixo será que tá fazendo no lugar certo então tudo tem que ter sensibilidade da natureza ela tem que remover de um canto para o outro (ARISTIDES, 2022).

Desse modo, Luciana (2022), ainda acentua que:

De vez em quando a gente fica assim debaixo das arvores por ali mesmo, faz um cantinho lá, mas não como o mesmo, mas eu sinto falta. Eu penso assim no meu espaço que tinha lá nos projetos que tinha lá, eu sonho fazer um jardim o meu o ter o meu quintal gramado, aí outras coisas que eu tinha né um plano de fazer só que aí de vez em quando eu fico lembrando era para mim tá lá, mas fazer o que a vida é assim (Luciana, 2022).

Nossas relações com os encantados na Reserva Indígena estão sendo realizadas de forma processual, temos um espaço na mata com o nome de Terreiro Sagrado com algumas Juremas brancas onde temos realizado algumas rezas. Os encantados ainda não se manifestaram nesse espaço, no entanto em outros rituais eles se fazem presente como a Dança de São Gonçalo e o Toré. Bem no início da remoção ainda não tinha ocorrido a inauguração da Reserva, no fim de tarde em uma das ruas realizamos o nosso primeiro toré sem muitas pessoas, sempre costuma ficar no centro da roda do toré uma pessoa que sinta que a energia de quem está ali cantando e

tocando a maracá é mais forte. Ao meu lado uma pessoa ficou entoadada, mas não falou nada só estava ali conosco no ritual, aquele momento foi tão forte e entendi que foi um aviso dos nossos antepassados de dizer que segue em proteção ao Povo Anacé.

Estamos realizando novas reunificações e nossa espiritualidade e encantos nos acompanham independentes de onde estamos, desde o início dessa pesquisa em 2016, anterior a mudança as famílias indígenas afirmam que território tradicional é a Aldeia que tiveram que deixar pra trás. Nossa maior riqueza é nossa identidade e memória, os vínculos simbólicos estão sendo re-territorializado na Reserva Indígena Taba dos Anacé, como conta Valdelice Fernandes:

Nossos guias os mensageiros de luz, aqueles toré aqueles rezadores daqueles poderosos mesmo, teve muita gente dos antepassados que eles gostavam eram muito religioso. Eles então na mata, na hora que você puxa um toré eles estão junto e ali e um momento de espiritualidade que é de você pedir as graças pra desenrolar e desatar os nos sobre sua vida ali é que ta o momento de você pedi, e pedi os mensageiros de luz os que já passaram de uma vida pra outra eles estão ali estão junto, se aqueles toré eu canto foi eles que me deram forças pra me puxa, as pessoas não entendi (Valdelice, 2022).

Nossos encantados são dinâmicos, pois são tradicionais e ancestrais e vivem cotidianamente conosco. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas os mais idosos repassam seus conhecimentos a força de espiritualidade o autoconhecimento no que é ser um indígena e a força da resistência que carregamos para enfrentar os momentos de dificuldades, como descreve o mestre Antônio Adelino (2022):

E quando eu cheguei aqui logo com a minha família eu sofri. Engraçado que cada muda que muda, murcha. E o caso de cada um que se muda, pode mudar daqui para o fim da esquina acolá, tem que mudar. Tem uma coisa que fica aqui que não tá lá na sua casa. Mas aí nós passamos dificuldades, com a ajuda de Deus nós vencemos e estava vencendo. Já estava pisando firme (Antônio, 2022).

Seguimos pisando firme e com fé, os últimos anos têm sido desafiador para as famílias a espiritualidade e o processo de construção na Reserva Indígena Taba dos Anacé não depende só de nós, mas de todos aqueles que já se foram e derramaram seu sangue pela nossa Mãe Terra aos poucos tenho visto e sentido que as transformações.

5.2 Terreiro sagrado: significados, medicina tradicional e práticas após a remoção Anacé

Dentre os registros e observações realizados no trabalho de campo, a medicina tradicional realizada por Dona Valda sempre me encantou. A produção de remédios tradicionais

está diretamente interligada à espiritualidade e ao território, tenho observado e acompanhado seu trabalho desde o processo da mudança e como está sendo construída a relação com a Reserva Indígena Taba dos Anacé. Apontarei algumas práticas e o processo da realização dos medicamentos naturais mais utilizados pela comunidade após a remoção.

Em uma tarde de domingo recebi a visita da Dona Valda em minha casa, para a realização da entrevista, ela vinha toda arrumada com seu colar de sementes e trazia mel e óleo para fazer a demonstração do seu trabalho. Percebi seu entusiasmo e importância de relatar suas experiências e conhecimento, suas palavras e rezas também sempre são bem fortes.

Valdelice Fernandes tem 67 anos e se apresenta como mezinheira do Povo Anacé e tem muito orgulho. Ela determina todo o seu trabalho com a medicina tradicional, está com aproximadamente 21 anos que ela produz o mel do caju, óleo de mastruz, óleo de angico, garrafada, lambedores, chás naturais e água do alho. Durante a conversa perguntei com quem ela aprendeu a fazer os remédios naturais, Dona Valda respondeu que tinha o dom de fazer todos esses medicamentos e tive uma instrução:

Eu vinha muito a minha vó a minha mãe fazer remédio em casa. A minha mãe ela era espírita de nascença aí eu a via fazer, eu era muito criança, mas eu via ela fazer aí eu nem sabia pra que servia, eu ficava pensando pra que tanta coisa, aí fiquei vendo. Quando eu comecei a tomar de conta das minhas irmãs que elas adoeciam, aí eu pensei sabe de uma coisa eu mesmo vou fazer. Fazia o chá do eucalipto pra dar junto com outros remédios pra febre, e além de passar a febre o eucalipto ele é antibiótico e forte, porque quando a gente toma ele imediatamente ele corrige e é profundo, dá uma suadeira tirando a febre, as impurezas todas da pessoa. Quando as minhas irmãs tinham assim uma gripe aí eu fazia os lambedores, eu pegava malva, folha de mastruz, eu pegava a papaconha, a cebola branca e um pedacinho de eucalipto pra evitar a febre, com isso tirava toda impureza do corpo, e a dor no corpo (Fernandes, 2022).

A medicina tradicional Anacé vem sendo repassada por várias gerações. A transmissão oral mantém viva a cultura e etnicidade que vão se adaptando e modificando com o passar dos anos. Dentro desse contexto, Dona Valdelice utiliza de seu conhecimento para o cuidado, tratamento e cura permeado pelos sagrados.

As práticas da medicina tradicional realizadas no “antigo” território Matões estavam diretamente interligadas com as relações espirituais, as rezas, benzimentos e danças também que fazem parte de tratamentos espirituais e físicos, que envolve encantos da aldeia como as matas, rios e terreiros sagrados. Todas as riquezas Anacé da aldeia Matões atravessaram a emergência ética com a chegada do “desenvolvimento” na comunidade.

No texto “As Benzedeadas Anacé: a relevância dos ritos de cura na emergência étnica de um povo Indígena do Ceará” do Antropólogo Sérgio Brisaac e Advogada Luciana

Nóbrega (2010), mostra a conexão com o mundo simbólico Anacé e o conhecimento com as plantas medicinais realizada pelas curandeiras Anacé em Matões como Dona Antônia:

Dona Antônia demonstrou um vasto conhecimento sobre as plantas medicinais e seus usos, mencionando expressamente as propriedades curativas do leite de janaguba, do pau-ferro, do angelicó, da pepaconha, da hortelã, da folha de graviola, do agrião, da manjerioba do Pará, da manjerioba comum, da flor de zabumba, da vassourinha, da raiz da chanana, da folha de quebra-pedra, do mandacaru, do gergelim, da semente de mostarda, da semente de girassol, do feijão guandu, do manjericão, do cumaru, do eucalipto (Brissac; Nobrega, 2010, p. 15-16).

No trecho acima, mostra que a prática da medicina tradicional Anacé no Território de Matões era realizada por outras mulheres que possuíam o dom e o conhecimento com as plantas para a realização dos remédios naturais. Brisaac e Nóbrega (2010) dizem que todas as plantas que nós temos aqui cura. As propriedades medicinais estariam em todas as plantas:

Às vezes [a doença] é até uma preocupação e as plantas, as naturezas, elas têm contato com o nosso corpo. Em tudo que a gente pega numa planta, ela na mesma hora lhe dá força, porque é a natureza. Ela é vida e nós somos vida [...] (Valdelice, 2022).

No processo de reconstrução na Reserva Taba dos Anacé, as famílias sentiram o impacto com as práticas medicinais e espiritualidade, os relatos que escuto da Dona Valda desde a mudança são de angústia por não encontrar suas raízes, casca e folhas. Ser arrancados da Terra que é considerada tradicional e ter que criar vínculos em um novo espaço é complicado. A Mezinheira Anacé narra a sua dificuldade enfrentada para a realização dos medicamentos:

Nem tudo que eu preciso tem aqui, tem algum porque a baja do jucá aqui eu já olhei e não tem e no Matões tinha. O caju aqui não tem cajueiro que de caju abundante que de pra me fazer o mel do caju e sé tem mais caju e azedo aí não tem condição, aí vem de Matões, vem da banda da praia aí eu faço o mel assim. Nos Matões eu vou até lá, eu espremo lá mesmo e trago pra Reserva (Fernandes, 2022).

Apesar do impacto durante a mudança, Dona Valda não desistiu de produzir seus remédios, ela é uma das poucas idosas que ainda produz na Aldeia. Em alguns casos ela percebe a necessidade da pessoa e realiza o remédio de acordo com os sintomas, contou:

Eu faço o chá e dou pra tomar, mas eu não cobro nada as vezes que eu vejo que as pessoas têm necessidade e não tem condições eu faço e dou, como já teve muita gente que eu nem conheço chegou lá em casa e eu fiz foi dá o óleo de angico e de mastruz (Fernandes, 2022).

As famílias enfatizam que são Anacé onde quer que eles estejam “*aqui é o meu lugar, não importa onde eu esteja*”. Os conhecimentos e a realização da medicina tradicional Anacé na Reserva encontram-se em processo de adaptação, já se passaram quatro anos e novas relações estão sendo construídas com a natureza e terra.

5.3 Relação espiritual com o remédio natural

A medicina tradicional no olhar dos indígenas na Reserva Taba dos Anacé, sobretudo daqueles mais idosos que praticam a espiritualidade, utilizam as plantas medicinais associando aos fenômenos da natureza, respeitando os astros, encantados, vento, do ar, do fogo e tudo que nela existente tem um valor simbólico sobrenatural. O ato de usar medicamento natural é considerado como uma purificação, onde deve-se estar contrito com os pensamentos positivos com Tupã¹⁴ para que esses medicamentos possam surtir efeitos.

Ao tirar a planta medicinal nativa da terra que é sagrada, devemos ter o cuidado de ver o tempo de retirada, a lua e a força que vem da natura que devemos respeitar o momento certo para ser usada. Todo o processo até a utilização do medicamento é tido como sagrado, um ritual de cura feito com as mãos de quem tem a ciência (Brissac e Nobrega, 2010). O processo de fazer chás, lambedores, garrafas e outros remédios tradicionais começa a partir do momento em que você vai para a floresta. Você não pode chegar lá de qualquer maneira. Há um tempo adequado para recolher os galhos, cascas e folhas que servirão de matéria-prima para medicamentos segundo a mezinheira Anacé, não há planta que não cure.

¹⁴ Deus na língua Tupi, corrente linguística e espiritual do povo Anacé.

Fotografia 14 - Mostra dos Remédios feitos na Aldeia



Fonte: Registrada pela autora.

Dona Valda descreveu sobre a produção da garrafada, um dos remédios mais usado na Aldeia, pra fazer leva mais de dois dias adquirindo a casca, as folhas as raízes, e nesse período ela vai intercedendo aos encantos (rezando aos mortos pedindo força e proteção) com muita fé para que aquele remédio sirva para pessoa que for usar e que leve saúde para mulheres e homens, sucesso naquilo que elas estão querendo, servindo também para limpar o sangue e evitar doenças.

No decorrer do processo da efetuação da Garrafada que vai do cozimento ao momento de usar leva três dias, tem algumas regras para ser feito desde o manuseio das plantas, preparo espiritual e benzimento para chegar ao ponto almejado. Fernandes (2022), “*parece que eu acerto o dia que não tem ninguém comigo, para faz ser o produto, mas parece que eu adivinho o dia de ninguém vim na minha casa*”.

Assim, fica evidente que o cuidado é realizado através da fé e dos remédios que tratam do físico, psicológico e espiritual. Durante a conversa sugeri que Dona Valda me contasse uma de suas experiências referente às pessoas que utilizaram os remédios naturais.

Uma vez uma mulher me procurou, ela tinha uma filha de 11 anos e queria ter outra criança ela já tinha feito tratamento, tanto ela quanto o marido. Ela me procurou pra me fazer uma garrafada, mas eu queria uma garrafada e queria engravidar e eu já tomei todo remédio e todo tratamento e não sair grávida. Eu disse mulher eu vou fazer, mas a sorte é sua, aí ela foi disse assim e eu queria era que fosse um menino, aí eu disse a sorte é sua eu já te disse pois eu vou fazer e você vai tomar, aí ela foi e tomou né. Quando foi com 2 meses ela chegou lá em casa, e disse que estava grávida e já tinha feito os exames, e o que a senhora diz eu falei que ia ser um menino. Dona Valda é o meu sonho, eu disse guarda na tua lembrança, quando tu fizer o exame tem vem na minha casa e me diz. Com 5 meses de gestação ela fez o exame e deu

que é era um menino, ela veio me dizer e estava chorando, esse menino vai ser um encanto dentro de casa. Pois então minha filha está aí na sua mão. Quando é agora ela tá querendo fazer outra porque quer outro filho, eu disse pra deixar quieto esse menino ainda está pequeno (Dona Valda).

O exemplo citado me fez refletir sobre a medicina tradicional e o cuidado em forma de espiritualidade e cura realizado com os remédios naturais. A aldeia faz a utilização dos produtos naturais e quem usa e recebe não esquece. Recentemente tive uma experiência com esse cuidado. Estava a quase um mês gripada e a imunidade baixa, Dona Valda veio em minha casa tomar café e conversar e, eu falei como estava me sentindo. Logo mais, pela tarde, ela retorna e me entrega uma garrafa de um litro com o suco de jenipapo brabo, me recomendando tomar dois dedos uma vez ao dia, no primeiro dia de uso já tive melhoras, o remédio veio acompanhado de afeto e cura.

Fotografia 15 - Dona Valda demonstrando seus remédios



Fonte: Registrada pela autora.

Assim, a ciência tradicional produzida pelo povo da Reserva Indígena Taba dos Anacé atravessa pontos geográficos, a conexão e relações simbólicas com o território Matões jamais será esquecido, entretanto novas formas de cuidado e produções estão sendo realizadas, a riqueza do território encontra-se na memória dos indígenas que nele habitam.

5.4 Presente e futuro: identidade e vivências após a remoção para a reserva indígena taba dos Anacé

No dia 07 de setembro de 2022, após a pandemia do covid-19, os grupos da dança de São Gonçalo, dança do coco e lideranças da Reserva indígena Taba dos Anacé realizaram a segunda vivência de fortalecimento dos grupos e repasse das memórias de luta do Povo Anacé com aproximadamente 80 pessoas. Realizamos reuniões para a produção do Projeto Prêmio Cultura Indígena no Estado do Ceará para adquirir verbas para a realização desse encontro, com o projeto aprovado dividimos o momento em uma vivência e uma noite cultural com rituais e apresentações para toda a comunidade.

No ano de 2021, na mesma data foi realizada uma vivência de forma compartilhada no terreiro do Sr. Antônio Adelino, onde as famílias compartilhavam os alimentos. Esses momentos desde a construção até a realização dos encontros foram importantes para a construção desse trabalho aqui apresentado, assim apresentarei a importância do repasse

oralidade através das memórias dos mais velhos da Aldeia e a importância dos jovens Anacé estarem inseridos nos grupos de dança e nesse espaço de compartilhamento já que os mesmos são vistos como os próximos lideranças Indígenas Anacé, “*as mobilizações coletivas que dão sentidos às lutas políticas*”.

Fotografia 16 -Vivência do Povo Anacé (07 de setembro de 2022)



Fonte: Registrada pela autora.

A vivência deu-se início no período da manhã com a mesa de abertura de representantes da cultura indígena no Ceará, seguimos a programação planejada, logo mais seguiu-se para as mesas direcionadas ao compartilhamento de memórias e narrativas dos mais idosos, divididos em três momentos com representação dos três grupos de dança: São Gonçalo, Coco e Maculelê, os integrantes desses grupos se inter cruzam, quase todos dançarinos da dança do coco e maculelê se inter cruzam fazendo parte da dança de São Gonçalo.

Na mesa de apresentação da dança de São Gonçalo do Povo Anacé, foram narradas a história sobre o processo de resgate até o momento de organização na Reserva indígena Taba dos Anacé, destacando as lutas e resistências travadas socialmente. Tendo com a participação os mestres: Antônio Adelino, Junior Ferreira, Aristides Morais e dançarinas Valdelice Fernandes, Maria de Lurdes e Eliene Lima, segue a imagem:

Fotografia 17 - Mesa com o tema Dança de São Gonçalo do Povo Anacé



Fonte: Registrada pela autora.

Durante as falas, percebe-se a satisfação e felicidade de poder repassar esses conhecimentos, em uma das falas iniciais Junior (2022) menciona que “*isso não pode ficar parado tem que ser passado pra frente, essa juventude essas crianças pra gente continuar*”. Nós, jovens Anacé temos buscado fortalecer e valorizar nossa história e identidade nos mais diversos âmbitos partindo do chão da Aldeia.

Seguindo as apresentações da vivência na mesa da dança do coco, os jovens foram protagonistas desse momento relatando suas experiências na Aldeia e a importância de estar inserido nas danças e rituais Anacé, como descreve Edvania (2022) que é mestre da dança de São Gonçalo do Amarante do Povo Anacé:

Eu sou do coco da dança de São Gonçalo, a palavra que define eu estar em todos esses grupos é o incentivo. Desde nova eu moro com o vô né e o vô participava desses grupos que nós temos, ele queria sempre que eu participasse, mas eu dizia vô eu não vou porque eu tenho vergonha, ele incentivou bastante. A maioria do povo da dança de São Gonçalo naquela época era idoso, de criança mesmo era só eu e a Angélica. E hoje é criança é adolescente e deixo aqui dito para os pais incentive seus filhos, incentive suas crianças nesse movimento, movimento indígena a tarem participando dos grupos, tem gente que não participa e fala besteira né fala coisas negativas, mas se em casa você estiver dizendo as palavras positivas estiverem incentivando a eles, os de fora for falar, falou e da mais importância pra os

de casa. Se hoje eu estou aqui desde o início, desde 2005 (Edvania, 2022)

Desse modo, as práticas simbólicas e com a consciência contribuem para o fortalecimento e manutenção da tradicionalidade viva do Povo Anacé. Minha pesquisa e escrita são posições políticas e intelectual que carrego como instrumento de luta coletiva, compartilhando essas vivências e a identidade que pertenco e as manifesto como posições política e social com o compromisso de repassar também esse conhecimento para as gerações futuras.

Como descreve o antropólogo Pereira Júnior:

A consciência da sua identidade é fundamental ao intelectual enraizado, porque quando ele escreve é capaz de mobilizar capital social, político e simbólico do grupo deixando sua existência individualizada passando a existir no plano agência sendo sua entendida como a de um agente social coletivo (Pereira, 2003, p. 4).

Seguindo a linha de refletir sobre nossa história e identidade, descrever sobre determinadas práticas e vivências é expor resultados fruto de muita resistência Anacé, enfrentamento e cicatrizes que carregamos em nossos corpos ao longo do processo de remoção.

Isso faz desafio do intelectual que trabalha como pesquisador dentro do seu grupo pensar o conhecimento como enraizado e saber como usar sua formação acadêmica aliada à formação política tanto para refletir práticas de pesquisa, sua própria relação com seu grupo social e as políticas enquanto intelectual engajado (Pereira, 2003, p. 4).

Thiago Anacé (2022) descreve a importância da realização da pesquisa engajada e da manutenção do conhecimento tradicionais no Território:

A gente faz a gente vive sem refletir sobre isso, e a história bonita é a história que os outros fazem, a história da gente, a gente não a valoriza. A história de verdade é a que serve pra viver é a nossa, é a história da resistência então a gente precisa falar sobre ela. A gente precisa sentar aqui em uma vivência, e fazer um grande desenho grande desenho, um mapa aqui a Rute tem aquele arquivo que a FUNAI fez em 2012, então a gente precisa atualizar aquilo, pra gente fazer as relações aqui de família, quando perguntarem se é índio mesmo dizer, eu sou porque eu sou bisneto de sicrano que é casado com sicrano, poder dizer na ponta da língua pra gente poder dizer isso, primeiro ponto é falar que a vivencia é necessária a gente faz e não reflete sobre aquilo que a gente faz. Eu sempre encarei o coco como uma brincadeira de um grande desafio, chama o outro para quebrar um coco e hoje aqui joguei tudo por terra, o coco ele tem seu caráter político de resistência de afirmação da identidade, ele tem o seu caráter espiritual, do tambor que lhe chama e lhe convida ele faz a relação com você, então o coco também tem muitos espiritualidade da resistência que você é, então tem muita coisa no coco que a gente não discute sobre isso, até mesmo quem dança, a gente precisa

discutir o que é o coco. Não tem como falar de identidade Anacé sem falar sobre dança de São Gonçalo, se eu falar de povo Anacé eu tenho que falar de coco de da dança de São Gonçalo (Thiago, 2022).

Refletir na produção intelectual e tradicional Anacé, se constitui no desafio de repassar e valorizar a própria cultura e identidade que se conecta às diferentes formas do domínio do saber, sejam elas tidas como “tradicionais ou científicas”. Identifico nossas práticas como patrimônio cultural, esse patrimônio é o que nos fortalece e nos une.

Ao longo da minha caminhada na Antropologia, venho produzindo etnografias coletivas, sem o repasse do conhecimento tradicional não seria possível produzir conhecimento epistemológico que descreve os anseios do meu povo. As vivências na Reserva Indígena Taba dos Anacé têm me mostrado a importância de ocupar o espaço universitário e descrever sobre nossos rituais, espiritualidade e a resistência do povo Anacé, a alteridade de descrever sobre as memórias sociais da comunidade é um instrumento de luta e resistência para as próximas gerações.

Fotografia 18 - Roda de conversa com o Mestre Antônio Adelino



Fonte: Registrada pela autora.

Desse modo, o compartilhamento das práticas, histórias e rituais têm sido simbólico para o processo de adaptação e fortalecimento no momento atual em que nos encontramos em conexão com os encantados. Diante do que foi vivenciado e apresentado, desempenho a autorrepresentações no campo científico da antropologia. Pondero assim que enquanto pesquisadora da Reserva indígena Taba dos Anacé tenho o compromisso de devolver e contribuir com meu conhecimento e trabalho acadêmico aqui produzido, para que seja acessado pelas famílias Anacé sendo usado também como registro da identidade, memória e resistência.

CAPÍTULO VI- ETNOGRAFIA

6.1 Roteiro da pesquisa

6.1.1 Roteiro para entrevistas

Projeto de pesquisa **Tabas, roças e lugares de encanto: Remoções e reconstruções Anacé em Caucaia, Ceará**, de Rute Morais.

- Uma minibiografia do entrevistado: onde nasceu, idade (de preferência a data de nascimento), nomes dos pais, se estudou e até que período, se casou ou juntou. Quem foi companheiro ou companheira, número de filhos. Onde residiu ao longo da vida.
- Pedir para a pessoa falar sobre o sentimento de ser indígena. O que isso provoca, ao que ela se reporta quando pensa nisso. Ou seja, tentar extrair a ideia que ela faz do que é ser indígena e o que ela considera sobre ela própria ser uma indígena.
- Como foi pra ela a mobilização e o movimento do povo ser Anacé, reivindicar a identidade Anacé, encarar governos e etc. Pedir para a pessoa contar do seu jeito como foi esse processo. Deixá-la bem à vontade. Se ela disser que você sabe porque também é índia, diga que cada um pode sentir de uma forma e que é importante o conjunto desses sentimentos e opiniões.
- O processo da remoção dos anos 90. Como era a casa da pessoa, onde era, quem havia construído, o que tinha na casa, o que a pessoa lembra, o que sente mais falta, como era o quintal, se fazia roça, se pescava. Onde? A roça era perto ou longe? O que plantava. E as coisas de mercado? Onde comprava? Viviam do que? Entrava dinheiro na família? Quem trabalhava? Quantas pessoas viviam.
- Depois da primeira remoção. Como ficou a vida? Mudou muito? O que mudou? O que ficou em relação a como era antes? Foi melhor? Pior? O que as lembranças e memórias dizem?
- Tentar entender se a pessoa entrevistada fala em terra ou território tradicional sem você provocar. Ou mesmo que ela não fale em território tradicional, observar se ela dá a entender qual desses locais onde morou era a terra tradicional.
- Opiniões sobre esse processo de agora. Como estava antes na aldeia e como está agora na reserva. Perguntar se as mudanças foram parecidas, tentar ver se a pessoa associa a primeira remoção com a segunda.

6.1.2 Roteiro de entrevistas jovens

- Pra você o que é ser jovens indígena Anacé?
- Como será a construção da memória do povo Anacé, na Reserva Indígena Tabas dos Anacé?

- Como você vê a história do povo Anacé construída no território tradicional que irá ser repassada para gerações futuras?
- Quais as expectativas de futuro?
- Como você vê essa perspectiva de futuro, manter a identidade, a união do povo?
- Como você vê a construção desse novo território em terra tradicional com a ajuda das memórias?
- O que você pensa em fazer dentro do movimento indígena Anacé, para esse processo de reconstrução na Reserva indígena, pensa em trabalhar, estudar, isso está ligado ao povo, ou pensa em fazer isso individualmente?

6.2 Transcrições

As entrevistas foram realizadas de forma classificatória dos idosos aos mais jovens, foi notório a importância que eles deram para a realização da pesquisa. Antes da visita eu marcava o horário com os entrevistados, qual seria o melhor horário me adaptando a realidade de cada indígena, pois todos tinham seus afazeres, a maioria deles marcava no período da tarde para me receber em suas casas. Antes de iniciar as conversas tomávamos um café e conversávamos como estávamos, como seria realizada a entrevista, fazendo com que os indivíduos se sentissem mais familiarizados com a minha presença mesmo sendo considerada de casa estava como pesquisadora, eles tinham receio de não saber falar “direito”.

Para a realização da pesquisa iniciava pedindo o consentimento e assinatura do termo, usei o gravador do meu celular para a gravação das entrevistas, as fotos realizei com uma câmera fotográfica emprestada de minha mãe, segui os roteiros de entrevistas, no entanto deixei livre para falarem o que sentissem vontade de registrar. Durante as visitas realizava algumas anotações para a realização do diário de campo que escrevia após retornar para minha casa, durante a entrevista não conseguia escrever, as pessoas procuravam a minha interação e atenção na conversa. Após finalizar todas as visitas dei início as transcrições individuais.

As dificuldades que senti durante as entrevistas foram seguir os roteiros, os entrevistados em alguns momentos fugiam do assunto a qual estava sendo abordado, principalmente os idosos. Nas entrevistas dos jovens tive que estimular a falarem mais, pois as respostas eram objetivas e curtas e deixavam as respostas incompletas.

Escrever sobre o meu povo não é uma tarefa fácil, todo o processo de remoção e violação de direito do território Anacé me deixa inconformada com tamanho descaso. Sinto na pele diariamente o processo de adaptação na nova terra, e fico me questionando como está sendo para os mais velhos que têm um vínculo maior na comunidade que ficou para “trás”.

Ser Anacé e pesquisar o povo Anacé é um dos maiores desafios que já enfrentei, repassar para a escrita todas as marcas, dores e emoções das famílias removidas é algo que está diretamente ligado aos meus sentimentos por estar junto ao meu povo nesse mesmo desafio de reconstrução. Durante as conversas algumas pessoas se emocionaram ao acessarem suas memórias e relataram as vivências. Não carrego só o meu nome, mas o nome de todo povo Anacé que resistiu e resiste.

6.3 Análise do discurso

Para análise de Discurso utilizarei o conceito de Greimas (1975 citado por Gregolin 1995, p.15), quando nos diz que: “[...] um texto é formado por uma estrutura que articula diferentes elementos e constitui um sentido coeso e coerente.” O autor descreve que pode se constituir de três níveis:

- 1. Um nível fundamental** – ponto de partida de geração de sentido no texto (relação de diferença entre dois termos dentro de um universo semântico);
- 2. Um nível narrativo** – narra o percurso gerativo de sentidos e de valores fundamentais a partir de um sujeito, por meio de quatro fases: manipulação, competência, performance e sanção;
- 3. Um nível discursivo** – converte as estruturas narrativas em discursos quando assumidas pelo sujeito da enunciação, contextualizando, sujeito, tempo e lugar.

Pelos relatos obtidos em campo, a comunidade vivia de forma bem tradicional antes da chegada das indústrias, com muitas matas fechadas na região. As famílias viviam das ciências da mata, sobrevivendo do que produziam, rapadura e mel dos engenhos entre outros alimentos. Compartilhavam alimentos entre os parentes, naquela época o dinheiro era difícil.

Com a chegada do desenvolvimento que culminou nas duas remoções Anacé, modificou o território, as famílias trabalhavam nos roçados, durante o dia as mulheres também ajudavam nas plantações, os filhos desde crianças já eram ensinados a ajudar os pais na roça, a caça nas matas e a pesca nas lagoas também faziam parte do cotidiano da comunidade.

Bom ai é uma longa história de quem através de quem nasceu nos Matões no lugar e nativo, criado casado criado família, e vivia bem quando o Governo colocou eles pra fora ai foi uma tristeza, como teve gente que chegou a morrer pegou a depressão morreu muitos conheço, por causa de ter sido retirado do lugar nativo. Ai ficou aquela coisa o Governo entrando e tomando de conta de toda a riqueza, onde a gente passa por último, hoje em dia a gente passa quem conhece onde foi Matões a Riqueza dos sítios, casa de farinha casa de moagem, sítios de cana, passa lá só não chora não ele for forte pra não chorar, precisa ser forte pra não chorar, a onde foi riqueza lá ta tudo

acabado, só quem sabe mesmo. As roças era no quintal de casa, plantava roçado nas matas, mas tudo era cercado, porque todo mundo criava os animais solto, os bichos que a gente criava era tudo solto, não tinha privação com os animais, aí a gente plantava as baixas, que a gente fazia pra ter o feijão na época do verão era tudo cercado. O dinheiro era difícil, você pra comer um peixe, só comia porque ele era pescador tinha como ir pescar pra comer o peixe, pra comer uma carne ele criava um porco uma galinha, ele criava um bode e comia, mas ele dizer assim eu vou comprar um kg de carne, só se ele tivesse um patrão forte, os de baixa renda sempre tiveram uns patrão pra trabalhar, como eu fui um dos caras que trabalhei. Quando a gente necessitava ou caía uma pessoa doente na casa da gente, naquela época não existe doutor com facilidade que tem hoje, antigamente se não tivesse um curandeiro que desse jeito na doença, nesse tempo era curandeiro era remédio caseiro coisas das matas, aí se não desse jeito se possível ele esperava um ano pra esperar Deus tirar, era m ano prostado muito deles morria, não tinha hospital não tinha condições não sabia nem o que era hospital, não tinha estrada não tinha carro, ninguém sabia a onde é, ninguém conhecia nada, pra deslocar uma pessoa em caso de emergência, se o curandeiro falar leve pra um doutor o mai perto era dos Matões pra o Pécem, que era uma légua de distância pra levar em uma rede (Antônia Adelino, 76 anos).

Em noventa e sete. Por exemplo quando foi que foi feito o decreto, o primeiro decreto de desapropriação do complexo industrial e Portuário do Pécem em mil nove centos e oitenta e quatro, foi lançada a pedra principal do porto do Pecém, quem veio fazer isso foi o ministro da integração na época que era José Serra, foi lá no Pécem. Como pegou as pessoas, por exemplo você imagina uma mata, uma mata fechada a onde só tem vareada, no meio daquela mata tem as vareadas que dá acesso a uma grupo de família, tipo a família do seu Chico Adolfo morava no Grigorio, a família do seu Chico Notel da Rocha é outro grupo que morava lá dentro da mata, além da mata tinha coqueiro, cajueiro, mangueira as plantas frutíferas que ele já tinha plantado, mas assim por terra pra você ver esses grupos de família junto, você não conseguia ver todo, se você fizesse uma imagem panorâmica por cima você ia ver aqueles grupos de família reunido ali dentro daquela mata, tipo no Grigorio tinha o grupo da família x, lá pra o lado do Giral tinha outro grupo, lá no Madeiro tinha outro grupo, é isso que eu to querendo dizer, quando você vai por terra você não ver esse grupo definido do jeito que eu to falando, mas se tirar uma foto aérea uma panorâmica por cima você ver aquele grupo. E iae o que eu to querendo dizer, essas famílias foram pegues de surpresa com essas visitas dos técnicos do governo pra desapropriar, e aceitaram. E aí o que foi que aconteceu? O governo prometendo muita coisa boa, as pessoas foram tirados arrancados dos seus espaços para assentamento, foi criado naquela época de noventa e sete a noventa e oito três assentamento, o assentamento do novo Torem, o assentamento da Forquilha, e o assentamento da Munguba. Essas família eram anacé! (Moraes Junior, 40 anos).

A sobrevivência e vida das famílias modificaram-se com as destruições no território Anacé, a partir da primeira remoção nada foi como era antes. Os entrevistados relataram que a segunda desterritorialização foi um momento difícil, pois passaríamos a morar em um “lugar desconhecido”.

Esse foi um momento muito difícil pra nós, nas reuniões que a gente tinha eu acompanhei o processo desde o começo e aí foi muito dolorido, eu acho que já falei pra alguém a gente conduziu esse processo assim achando que nós

nunca ia acontecer que esse era o meu sentimento, que realmente era muito difícil, então agente conduziu o processo, era negociando, colocando as coisas nos lugares, fazendo os acertos, mas eu chagava em casa eu preferia pensar em qualquer coisa menos nessa questão de sair do meu território, onde eu nasci praticamente nasci, criei meus filhos tinha toda a aquela amizade aquele vínculo a terra, com as pessoas e tudo, ai a gente ter que sair do lugar da gente isso foi muito dolorido mais a gente vai superando. Eu achava que a gente ia ter mais dificuldade pra nossa adaptação aqui na reserva, mas essa situação ta sendo bem tranquila. Eu apagar isso, isso é esquisito, agora eu não posso viver dividido a gente tem um ditado que diz: você não pode servir a dois Senhor, ou você vai amar um e aborrece a outro. Agora eu tenho que me apropriar muito bem da Reserva, é novo isso é muito novo, é como eu já disse no começo eu pensava que eu ia ter mais dificuldade, eu to sentindo eu to tranquilo com relação a me acostumar com a Reserva né, eu acho que to me costumando mais rápido do que eu imaginava, e tanto que eu ando no Matões uma vez por semana, não é porque eu queira esquecer é porque eu me apegando bem a Reserva. Olha a gente que viveu o tempo todo a vida toda praticamente lá, isso eu considero um prejuízo muito grande pra mim, eu já tenho cinquenta e dois anos de idade, todo meu projeto de vida assim com relação a agricultura ficou lá em Matões, ai eu chago aqui agora, eu fico analisando construir alguma coisa aqui, construir alguma coisa aqui praticamente eu não vou nem desfrutar, não vou usufruir muito do que eu construir na reserva não, não quer dizer que eu não vou construí nada. Agora assim o solo aqui é diferente o clima e diferente, tudo aqui é diferente o jeito de trabalhar aqui vai ser diferente, a gente ta estudando todas essas situação. No Matões eu ainda continuo como o Governo titularizou a propriedades da gente lá, eu ainda continuo com a minha terra lá (Antonio Alexandre, 54 anos)

Foi uma mudança assim, que foi meia, pra mim foi muito difícil, em questão deu deixar lá, e vim pra outro lugar, a onde você não conhecia a moradia, lá você já sabia, você já tinha algo. Aqui você tem que começar tudo do zero. Então eu fico naquela porque TODA MUDA MURCHA, eu me conformo com isso porque por isso não tem problema, mas estamos passando por algum problema, algumas situações que eu digo assim, se eu tivesse lá tava melhor em questão financeira. Mas eu acredito que aqui vai melhorar, eu espero que vá passar rápido, porque pra me se durar um ano dois anos, pra me isso não é prolongado vai ser rápido. Então eu espero tudo se encaixar nos seus devidos lugar, e a coisa venha melhorar, que eu venha aceitar isso numa boa. (Maria Nilma, 55 anos)

Aí houve a mudança de matões pra reserva taba dos anacé, que a onde nós mora deixemo tudo em Matões com toda nossa raiz, com todo nossas cultura, com todo nossa história com todo nossa tradicionalidade, e vinhemos pra uma reserva indígena que da onde só tem casa e mata, que justamente, mas estamos bem que tomos todos com nossos parentes nossas famílias e resgatando a história di povo anacé a tradição e a cultura. Ser indígena é você trazer toda história do seu povo e a sua tradicionalidade e a sua convivência com seu povo. A chegada de indústria foi muito difícil, muito difícil, muita luta foi muito choro e saber que você tudo tinha naquela terra e ninguém sabia, nem pra onde nos ia que nos ainda não sabia onde os ia ficar isso ai foi uma briga muito grande, foi muito choro foi muita luta pra gente conquistar onde nos tamos, mas mesmo sim nós ainda não queria entregar a terra, como nos ainda não entreguemo, nós só vamos entregar depois que eles lá, eles pagar a terra, que eles não pagaram e nós não fizemos troca foi eles que tiraram nos de lá pra cá. (Valdelice Fernandes, 65 anos)

e reconstrução está sendo encarado de maneira positiva, as famílias enfatizam que com o tempo irão conseguir o bem-estar de todos, baseado nos valores, memórias e identidade Anacé.

Chegou o ponto da gente consegui uma reserva da qual hoje estou morando e tenho orgulho de ser índio, na realidade a gente é aquilo que é, e pra mim eu já nasci sendo o que eu sou, sou índio anacé de corpo e alma e coração, sou da terra sou do céu, sou da água sou do mar, sou do vento sou do ar, to em todo lugar, sou índio sou guerreiro to aqui pra ajudar e pá construir mais, ou índio tenho orgulho de ser índio. E uma coisa eu digo pra todos, nunca se envergonhe do que você é porque o verdadeiro índio não ta nos trajes, não ta na pintura e sim ta dentro de você mesmo. Nós somos índios guerreiros somos de natureza nascido a sim, a sim como muitos que tem dentro dessa nova reserva enfim todos os índios as nossas pinturas as nossas riquezas, pintura também é riqueza espiritual nosso cocá é uma forma de apresentar que estamos ali como índios diferenciado. Nos nossos rituais de toré é a forma da gente está mais perto do pai tupã, e pra muita gente que é pai tupã é o nosso senhor Jesus Cristo, nossa forma de falar o nome e Deus em tupi e também a forma de nós louvas nosso senhor mas na nossa língua indígena. (Aristides, 41 anos) Cada família tem um tronco velho, que tem a sua história e cada um também tem a sua história, acredito que se Ada família se sensibilizasse de ir atrás da história dos seus troncos velhos resgatasse pra memoriza isso na nossa Aldeia atual, que Aldeia Anacé. Cada tronco velho tem uma história muito bonita que sim, que faz parte da construção da nossa aldeia Anacé, que é de extrema importância a gente resgatar a nossa história, eu tiro pelo meu avô Chagas Paulino, o que me marca a história dele até hoje, é a história do pé de Mangueira quando ele chegou com dezoito anos com a esposa dele, que até hoje ainda existe, lá em Matões. (Angélica Morais)

Vim de lá foi uma coisa assim muito dolorosa, porque lá eles nasceram se criaram, os idosos né, se criaram lá criaram seus filhos. E na nossa vinda pra cá, muitos desses idosos que viveram toda a sua vida lá, vão morrendo aqui, e nós vamos construindo a nossa vida aqui, os que eles construíram lá a gente vai construir aqui. Lá é a terra deles, cresceram e já pra nós vai ser aqui a nossa terra que a gente vai amar vai ser aqui, como a gente gosta de lá e os idosos amam lá, a gente vai começar a amar de paixão aqui porque a nossa terra vai ser qui, a onde a gente vai terminar de se criar casar ter filhos até morrer. Vai ser a nossa terra que tanto a gente gosta de lá, os idosos amam lá e a gente vai começar amar aqui. (Edvania de Andrade)

A gente sabe que a nossa história ficou muito la no Matões, e aí a gente tem uma certa dificuldade. E acho que nós aqui enquanto Reserva temos que fazer um pouquinho de esforço para poder trazer essa cultura de lá pra cá, porque aqui agora é o nosso lugar, aqui estamos todos juntos e reunidos, o povo la era fragmentado aqui estamos no mesmo local estamos unidos, precisamos trazer a nossa memória nossa ancestralidade que e um dos fatores determinantes para a nossa cultura do nosso povo Anacé, e a nossa ancestralidade é o que nós faz entender da onde a gente surgiu. (João Gleidson)

Ser jovem indígena já é de grande impacto, nesse mundo de hoje a gente ser jovem e considerado indígena, e se considerar indígena, valorizar os nossos bens mais sagrados que é a nossa cultura, é uma batalha imensa. E pra nós que temos nossa aldeia, os Anacé que a nossa principal casa de fortalecimento e união é ta sempre juntos. Os jovens precisam está unidos, está junto um com o outro, hoje é isso que está fortalecendo todos nós é a união, estamos voltando a ter o compartilhamento de ideais. Pra mim, ser jovem indígena é amar a cultura, é algo que se une a mim, me dá a identidade algo que me

deixa firme pra seguir no dia a dia. (Raphael Morais)

As narrações observadas e analisadas, relatam a visão das famílias que foram diretamente impactadas com a desapropriação do território tradicional Anacé. A construção do novo espaço através das memórias e história possibilita a manutenção e resgate de costumes e tradições para o presente e gerações futuras.

6.3 Um olhar indígena: pesquisadora e pesquisada (ETIC e EMIC)

Na produção da etnografia realizou-se um trabalho de campo utilizando, as perspectivas de pesquisa EMIC e ETIC. Partindo da análise do impacto causado com a chegada das indústrias no Território Anacé, ou seja, tentando responder quais as perspectivas resultantes do processo de remoção na reserva Indígena Taba dos Anacé observando o processo de construção e reconstrução na nova terra através das memórias.

Para Aguirre (2017), o trabalho de campo constitui o ponto central da pesquisa metodológico-qualitativa. Realiza-se, para tanto, uma observação *in loco*, indireta e participante, principalmente durante o cotidiano das famílias. Afinal, é neste contexto que os indígenas residentes na Reserva Indígena Taba dos Anacé se encontram mais descontraídos, envoltos de seus costumes e hábitos diários.

O autor Beattie (1980), salienta que como qualquer outra investigação científica, o trabalho de campo é realizado sempre numa tentativa de responder perguntas adequadas às questões que foram formuladas antecipada e claramente do que a questões que absolutamente não foram formuladas.

De acordo com o objetivo da pesquisa o papel da memória no processo de construção e Reconstrução na Reserva Indígena Taba dos Anacé foi ressaltada na oralidade indígena, observei desde esse ponto e minhas visões enquanto pesquisadora e Anacé, uma interna e outra externa à comunidade, podendo associá-las aos pontos de vista Emic e Etic, que a cultura e tradicionalidade Anacé é um elemento fundamental na questão da adaptação na nova terra e suas especificidades. Nesse caso em específico podemos notar que a transcrição da oralidade das famílias indígenas torna-se símbolo de resistência dos saberes tradicionais e história Anacé, na contribuição de uma ferramenta de luta visibilizando a comunidade removida.

Desde um ponto de vista Emic, procurei buscar as particularidades culturais do cotidiano do “antigo” território Anacé e o novo espaço que residimos, podemos observar que os desterritorializados foram os principais atingidos pelo o CIPP, e as narrações tiveram como intuito de deixar registrada parte de suas identidades e memória. Desde o ponto de vista Etic, a

análise das transcrições e da oralidade do povo Anacé, é o ponto de vista de uma pesquisadora indígena que está inserida na realidade pesquisada.

Para o indígena e antropólogo Felipe Cruz (2016), no texto *Indígenas Antropólogos e o Espetáculo da Alteridade*, descreve a alteridade exercida na antropologia.

Minha experiência tem mostrado que a busca por ensino superior para muitos indígenas tem sido, em boa medida, impulsionada não somente pela busca de melhores condições de vida, mas também pelo intuito de se fazer ouvir, de tentar falar de dentro da universidade e também, quando necessário, a partir dos códigos de conhecimento dos brancos. Isso porque a história das relações interétnicas já mostrou que falar de outra forma ou não é considerado legítimo ou é validado como inferior (Cruz, 2016, p.5).

A reflexão realizada sobre ser indígena e está no âmbito acadêmico desempenha auto representações no campo científico da antropologia. Ponderando relações entre a produção científica e o campo pesquisado, que nos dá oportunidade de falar de nós mesmos (Souza, 2018). Por muito tempo as pesquisas realizadas nas comunidades indígenas não eram devolvidas de uma forma satisfatória para as comunidades, os pesquisadores indígenas ao realizarem o estudo tem o compromisso com o povo de devolver o trabalho acadêmico. Pretendendo assim, uma devolução da minha produção de pesquisadora e pesquisada da aldeia Reserva Indígena Taba dos Anacé, para que esses registros sejam guardados na própria comunidade e auxiliem nas pesquisas futuras.

6.4 Caderno de fotografias

Fotografia 19 - Capa do livro Construindo nossa História Anacé



Fonte: Acervo Anacé

Fotografia 20- Área Verde- Matões, na foto estão as irmãs Maria e Lucimar



Fonte: Acervo da Pesquisa

Fotografia 21 - Aldeia de Bolso, segunda remoção no ano de 2018



Fonte: Acervo Anacé

Fotografia 22- Forno da casa de farinha do seu Luiz Paulino, Aldeia Matões



Fonte: Acervo da Pesquisa

Fotografia 23 - Lideranças Anacé



Fonte: Acervo Anacé

Fotografia 24 - Ritual do Toré com alunos da Escola Direito de Aprender do Povo Anacé-Matões



Fonte: Acervo Anacé

Fotografia 25- Caminho da Reserva Indígena Taba dos Anacé



Fonte: Acervo da Pesquisa

Fotografia 26 - Preparação para o Ritual do Toré na Reserva Indígena Taba dos Anacé



Fonte: Acervo da Pesquisa

Fotografia 27- Escola e Posto de Saúde da Reserva indígena Taba dos Anacé



Fonte: Acervo da Pesquisa

Fotografia 28- Terço na casa do seu Antônio na Reserva indígena Taba dos Anacé



Fonte: Acervo da Pesquisa

Fotografia 29 – Quintal da Liderança Ângela na Reserva indígena Taba dos Anacé



Fonte: Acervo da Pesquisa

Fotografia 30- Dança de São Gonçalo na Reserva Indígenas Taba dos Anacé



Fonte: Acervo da Pesquisa

Fotografia 31- Complexo Industrial e Portuário do Pecém-CIPP



Fonte: Portos e Navios, 04 novembro 2020

Fotografia 32 - Companhia Siderúrgica do Pecém- CSP



Fonte: Diário do Nordeste, 17 de março de 2021

Fotografia 33 – Blusas de traje da dança de São Gonçalo desde 2005



Fonte: Acervo da Pesquisa

Fotografia 34 – Vivência da dança de São Gonçalo na casa do Sr. Antônio



Fonte: Acervo da Pesquisa

Fotografia 35– Dançarinas da dança São Gonçalo que iniciaram como estrela



Fonte: Acervo da Pesquisa

Fotografia 36– Pesquisadora Anacé e arco depara a Dança São Gonçalo



Fonte: Acervo da Pesquisa

Fotografia 37– Dançarinos e mestres da Dança São Gonçalo



Fonte: Acervo da Pesquisa

Fotografia 39– Realização do bolo tradicional na Reserva Indígena Taba dos Anacé



Fonte: Acervo da Pesquisa

Fotografia 40– Preparação da massa de mandioca para bolo tradicional Anacé



Fonte: Acervo da Pesquisa

Fotografia 42- Bolo pé de moleque e Beiju de goma e coco tradicional Anacé



Fonte: Acervo da Pesquisa

Fotografia 43- Dona Maria de Lurdes apresentando sua casa na Reserva



Fonte: Acervo da Pesquisa

Fotografia 44- Dona Valda na sua cozinha na preparação do chá



Fonte: Acervo da Pesquisa

Fotografia 45- Forno na casa da liderança Ângela Anacé



Fonte: Acervo da Pesquisa

Fotografia 46- Apresentação da dança do coco na Escola Indígena Direito de Aprender do Povo Anacé



Fonte: Acervo da Pesquisa

Fotografia 47- Inauguração da Biblioteca da Escola Indígena Direito de Aprender do Povo Anacé



Fonte: Acervo da Pesquisa

Fotografia 48- Mestres Antônio Adelino e Júnior na vivência da dança do coco



Fonte: Acervo da Pesquisa

Fotografia 49- Vivência da dança do coco 2022



Fonte: Acervo da Pesquisa

Fotografia 50- Luciana e Samara na promessa da Maria de Lurdes 2022



Fonte: Acervo da Pesquisa

CAPÍTULO VII- RESULTADOS E CONCLUSÕES

7.1 Resultados

Os resultados agora apresentados têm por base as respostas dos questionários e entrevistas realizadas durante o trabalho de campo na Reserva Indígena Taba dos Anacé, além da observação participante, vivencio as problemáticas diárias das famílias que formam a comunidade. Também nas categorias de análise, a identificação, caracterização, problematização e ressignificação dessas práticas culturais e tradicionais com a produção de elementos textuais, transcritos da oralidade indígena, foram realizadas por segmentos, ou seja, nos dois blocos os troncos velhos e jovens Anacé.

Com a chegada do capitalismo e desenvolvimento no território Anacé ressaltou em novas configurações sociais e cultural para o povo Anacé, os costumes e rituais estão sendo efetuado de acordo dos limites da nova morada, tendo como base as memórias e vivências do Território Indígena Anacé. O processo de industrialização vivenciado pelas comunidades Bolso e Matões impactou nas relações espirituais e físicas, a fauna e flora foram danificadas transformando a relação com a terra das famílias Anacé.

O capitalismo é um dos principais destruidores nas comunidades indígena do País passa por cima de tudo e de todos, diariamente perdemos vidas indígenas nas invasões clandestinas nos territórios Tradicionais. Na teoria temos a lei que protege e resguarda a cultura das populações tradicionais, no entanto na prática lutamos todos os dias para sobreviver e demarcar nossos territórios.

Como resultado dos questionários realizados com as famílias residentes na Reserva Indígena Taba dos Anacé, objeto deste estudo, foi observado que, as vivências das comunidades de Matões e Bolso estão sendo construídas e reconstruídas na nova morada, através das memórias e cultura, os entrevistados ressaltam que a identidade Anacé acompanha eles em qualquer lugar que eles estejam. Pesquisa realizada com 11 indígenas Anacé, residentes da Reserva Indígena Taba dos Anacé, de um total de 600 indígenas.

Quando questionados sobre a criação de novos laços e relação simbólica com a nova terra, os idosos com 18% da amostragem relatam que não alcançaram essa relação simbólica como a Mãe Terra, o Território Tradicional e o que ficou pra trás, mas estão se adaptando com a Reserva Indígena Taba dos Anacé, transformando seus quintais com suas plantações.

A Melhoria que Complexo Industrial no ano de 1996 trouxe para o território Anacé foi econômica, disponibilizando vagas de emprego para os pais de famílias, para aqueles que tinham ensino médio completo, proporcionando a melhoria da vida financeira de algumas

famílias. E política, pois as famílias da comunidade que permaneceram nas terras depois da primeira desapropriação, iniciaram as mobilizações étnicas que até então estavam silenciadas, por conta dos inúmeros massacres aos povos indígenas do Ceará.

Se tratando de projeto vejamos:

✓ Todo projeto tem seus percalços, pontos positivos e negativos, sendo importante ressaltar que os resultados apresentados foram uma análise inicial do trabalho realizado em campo na Reserva Indígena Taba dos Anacé. O recorrido histórico do povo Anacé na primeira desapropriação e principais mobilizações políticas e culturais, foi um dos marcadores que contribuiu para o reconhecimento étnico e tradicional do povo, ou seja, a chegada do desenvolvimento no território tradicional para as famílias teve um ponto positivo pois as famílias não tinham a consciência da identidade indígena Anacé.

✓ Foram observados os valores simbólicos para os indígenas Anacé e a relação com suas terras e território. Os indígenas ressaltam que território Tradicional é onde cresceram e se criaram, a Reserva Indígena não é considerada tradicional e que vivem em uma terra “desconhecida”, mas que com o passar do tempo irá se transformar em território. A mudança para a Reserva Indígena foi uma reparação a todos os danos causados pelo Complexo Industrial e Portuário do Pécem- CIPP, as comunidades Matões e Bolso continuam possuindo seus valores espirituais afetivos e de encantos.

✓ Os impactos positivos e negativos com relação a criação da reserva indígena e a industrialização manifestando as narrativas sobre as vivências, as lideranças demonstraram satisfeitas, pois assim poderão permanecer juntos em um mesmo espaço. No entanto a industrialização acabou com a liberdade do povo que vivia da agricultura em sua maioria analfabetos e não tinham oportunidades de empregos no complexo, as transformações na natureza mudou a sobrevivência das comunidades, muitas lagoas foram aterradas e matas derrubadas. Os jovens indígenas Anacé tem ingressado no ensino superior para ocupar esses espaços sociais, essa geração é a continuidade do movimento indígena, os participantes enfatizaram que querem dar retorno a comunidade com suas profissões, eles deram relatos de que a luta de hoje é o fruto do amanhã.

✓ As minhas observações de campo realizadas na Reserva Indígena Taba dos Anacé enquanto pesquisadora e pesquisada foram de compreender que o processo de construção e reconstrução na nova Terra está fluindo de uma maneira tranquila e favorável para as famílias, tendo como motivador as memórias que estão sendo ressignificadas e recontadas pelos nossos troncos velhos e indígenas com experiência nas lutas. Os representantes da comunidade e o mestre da dança de São Gonçalo e agricultor ressaltam a importância de dar continuidade na

cultura, tradição e rituais na nova morada como forma de valorização das práticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Trabalho Final do Mestrado - TFM apresenta as principais lutas e resistência do povo Anacé, com a chegada da Industrialização do Complexo Industrial e Portuário do Pecém. Buscando apresentar os dois processos de remoção ocorridos no ano de 1996 e 2018, trazendo transformações territoriais e embates políticos. Segue assim, os caminhos apresentados nas memórias e narrações de vida das famílias Anacé que foram a centralidade desta pesquisa. Sendo descritas a partir das minhas “escrevivências” de indígena Anacé e pesquisadora.

O trabalho é produzido de forma coletiva com ajuda de muitas mãos, em especial os mestres dos saberes Anacé. As memórias apresentadas são fruto de muita luta e resistência, sangue foi derramado nessas terras. Finalizo aqui este trabalho de muitas emoções e encantos, que traz uma reflexão de uma das maiores violações do povo Anacé.

Sigo lutando para o fortalecimento das tradições e cultura Anacé, com o compromisso de contribuir no processo de construção e reconstrução na nova morada.

As famílias que fizeram parte desse trabalho de campo deixam claro que jamais será apagado o lugar de onde viemos. Foi muito desafiador produzir esse projeto em meio a uma pandemia, busquei realizar de forma coerente todos os procedimentos necessários para a produção do mesmo. Levo comigo todo o meu povo e os ancestrais que continuam na luta para manter viva nossa cultura e espiritualidade. Enquanto pesquisadora indígena, as minhas observações de campo fazem parte do processo de construção e reconstrução espiritual na nova Terra, a qual é um processo em que estou inserida e envolve muitos sentimentos e memórias. Ainda temos uma longa caminhada pela frente, andando pela Aldeia identifico as mudanças físicas, no entanto, pleiteamos alçar a adaptação também da espiritualidade, não como ficou no antigo território, mas reorganizar nossas maiores riquezas que é a ciência que vem da nossa Mãe Natureza.

Os entrevistados destacam as modificações espirituais e simbólicas causadas após a remoção do ano de 2018, as famílias seguem reafirmando que o Território Tradicional é o Território que se criaram e criaram seus filhos, se mantêm as relações simbólicas e encantos com as Aldeias de Bolso e Matões. Assim, essa pesquisa denota a importância do resgate e a revitalização da Dança do São Gonçalo do Povo Anacé, tendo como incumbência da manutenção cultural e espiritual, após o processo de remoção para a Reserva Tabá dos Anacé, apesar de todas as violações enfrenta a dança se mantém.

A Dança de São Gonçalo é uma estratégia de resistência que vem consolidando as demandas das memórias coletivas que representa o Povo Anacé, repassada de geração em geração. E hoje, no território Anacé, a Dança de São Gonçalo e rituais têm um papel fundamental político, social e cultural, sobretudo no que concerne ao fortalecimento da identidade Anacé, através das práticas que estão sendo executadas e reorganizadas na nova morada. As mobilizações políticas do grupo tiveram influência direta na autonomia e afirmação étnica Anacé.

Minhas análises desenvolvidas através das narrações das famílias Anacé apresentam que as relações simbólicas estão sendo recontadas e criadas. As lideranças da comunidade e mestres da dança de São Gonçalo ressaltam que a força dos encantados nos rituais está sendo fundamental na continuidade na cultura e na tradição. Além de tudo que foi apresentado ao longo do trabalho, é importante ressaltar que os conhecimentos repassados através dos guardiões das memórias, mestres e lideranças é um marcador importante por poder contar e escrever nosso lado da história do Povo Anacé.

Destaco que alguns dos interlocutores do trabalho residente na Reserva Indígena Taba dos Anacé encontram-se debilitados de seguirem participando da pesquisa iniciada anteriormente ao processo de desterritorialização no ano de 2018.

Muito bem descrito no poema de Júnior Anacé, (2019):

Não é fácil de falar
Nessa nova construção
Pois os nossos troncos
velhos Eles não aguentam
não De uma hora para
outra
Ter que abandonar todo
Seu pedaço de torrão

Ademais do que foi apresentado, cabe salientar que a produção dessa escrita também é um meio de deixar registrado para que futuramente possa ser acessado os ensinamentos repassados se mantendo viva as memórias dos nossos antepassados que estão presente em nossa luta e resistência sendo também uma forma de devolução ao meu Povo Anacé. Enquanto Anacé e antropóloga sigo na construção de uma escrita decolonial, para que também os meus parentes Indígenas se sintam representados.

Evidencio que este trabalho está em constante desenvolvimento, a conclusão aqui

apresentada não se encontra pronta, pretendo dar continuidade a partir de outras perspectivas que estão sendo devolvidas ao longo dos processos de adaptação na Reserva Indígena Taba dos Anacé, pretendendo dar continuidade na investigação no doutorado em Antropologia.

Com orientação das correntes dos Encantados Anacé sigo no processo de demarcar o espaço universitário, é impossível que floresça intelectuais indígenas sem possuir alguma crença, agradeço as forças das minhas ancestrais que me guiam, as gerações anteriores lutam pra que eu estivesse nesse espaço. Finalizo aqui mais um ciclo que leva a voz de toda nação Anacé, envolvendo muitas emoções, reflexões de uma das maiores violações territoriais Anacé.

BIBLIOGRAFIA

- Aguiar, A. R., Neto, P., Santana, V. I., Sousa, V. V. (2010). *A Luta Anacé frente aos “imPACtos” industriais*. Universidade Estadual do Ceará – UECE. CEARÁ.
- Aguirre, A. B. (2017). *Cómo investigar: Metodología cualitativa en la investigación científica*. Barcelona: PROFIT Editorial.
- Amado, L. H. E. (2015). Terra indígena e legislação indigenista no Brasil. (Vol. 1). *Cadernos de Estudos Culturais*, n.13, Campo Grande-MT.
- Barth, F. (1998). *Grupos étnicos e suas fronteiras*. Câmara Brasileira do Livro São Paulo, Brasil. UNESP.
- Barth, F. *O guru: o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- Beattie, J. (1980). *Introdução à antropologia social*. São Paulo: Editora Nacional.
- Boas, F. (1964). *Cuestiones fundamentales de antropologia cultural*. Buenos Aires: Ediciones Solar.
- BOMFIM, W. de J. (2006). *Identidade, memória e narrativas da dança de São Gonçalo do povo do povoado Mussuca (SE)*. Dissertação de Mestrado no Departamento de Pós-Graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.
- Brandão, H. H. N. (2004). *Introdução à análise do discurso* (5ª. ed.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- Brisaac, S. G. T. (2015). Os embates da questão anacé: A atuação de antropologia na efetivação de antropólogos na efetivação de direitos territoriais indígenas no ceará. In: Pacheco, J. de O., Moura, F., Silva, A. B. *Laudos antropológicos em perspectivas*. Universidade de Brasília: ABA, 281-306.
- Brissac, S., Nóbrega, L. (2010). *Benzedeiras Anacé: A relevância dos ritos de cura na emergência étnica de um povo indígena do Ceará*. 27ª Reunião Brasileira de Antropologia. Belém.
- Brissac, M. P., Shettio, J. S. (2012). *O povo Indígena Anacé e seu território tradicionalmente*

ocupado. (Vol. 4, n.1), Caderno do leme.

Candau, J. (2008). *Memoria e identidad*. Buenos Aires: Ediciones Del Sol. (E. R., Trad., Título Original “Mémoire e Identité”).

Castro L. M. O. de. (Coord). (2016). *Relatório de desempenho de gestão 2016*. Prestação de Contas do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará- IPECE. Recuperado de https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2015/02/REL_DESEMPENHO_GESTAO_2016.pdf.

Cruz, F. S. M. (2016, julho). Indígenas antropólogos e o espetáculo da alteridade. V Encontro Graduados. In: *Programa de Educação Tutorial do Curso de Ciências Sociais*. Universidade de Brasília.

Cruz, F. S. M. (2017). *‘Quando a terra sair’ os índios Tuxá de rodelas e a barragem de Itaparica: memórias do desterro, memórias da resistência*. Universidade de Brasília.

Ceará. *Decreto n. 24.032, de 12 de março de 1996*. Autoriza a doação de imóveis pertencentes ao Estado do Ceará, destinados a implantação do Terminal Intermodal de Cargas do Complexo Industrial Portuário do Pecém e dá outras providências. Recuperado de <https://www.al.ce.gov.br/legislativo/tramitando/lei/13540.htm>.

Durkheim, É. (1996). *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes.

Durkheim, É. (1989). *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Ed. Paulinas.

Edward, B. T. (1871). *A cultura primitiva*. Inglaterra: Gordon Press.

Espina, Á. B. (1997). *Manual de antropología cultural* (2ª Ed.). Salamanca: Amarú Ediciones.

Ferreira, H. S. E., Vieira, M. A. B. (2019). *A devoção dançada de São Gonçalo: saberes e práticas na constituição cultural do homem sertanejo*. VI Congresso Nacional de Educação, CONEDU.

Fuini, L. L. (2017). O território em Rogério Haesbaert: concepções e conotações. *Geografia, Ensino & Pesquisa*, 21(1),19-29. ISSN: 2236-4994. doi: 10.5902/2236499422589.

FUNAI. *Coletânea de Legislação Indigenista Brasileira*. Recuperado de http://www.funai.gov.br/projetos/Plano_editorial/livro18.htm.

Greimas, A. (1975). *Sobre o sentido: Ensaio semióticos*. Rio de Janeiro: vozes.

- Grünewald, R. A. (org.). *Toré: regime encantado do índio do Nordeste*. Fundaj. Recife: Editora Massangana, 2005, 330 p.
- Haesbaert, R. (1995). Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: Castro I. et al. (orgs.) *Geografia: Conceitos e temas*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- Haesbaert, R. (2004) *O mito da desterritorialização: Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Haesbaert, R. (2016). Armadilhas do território. In: Borzacchiello da Silva, J.; Silva, C. N.M.; Dantas, E. W. C. (Org.). *Território: modo de pensar e usar*. Fortaleza: EdUFC, pp.19-42.
- Hall, S. (1997). A centralidade da cultura: Notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*.
- Kodama, K. M. R. O. (2009). *Iconografia como processo comunicacional da Folia de Reis: o avatar das culturas subalternas*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – ECA/USP, São Paulo.
- Laraia R. B. (1964). *Cultura: Um conceito antropológico*. Jorge Zahar Editor.
- Leach, E. (1996). *Sistemas políticos da alta birmânia*. São Paulo: EDUSP-USP.
- Machado, C. F. (2020). “Rodativas da vida e o tudo circular”: a dança de São Gonçalo e a contra-efetuação da política no Quilombo da Serra do Evaristo/CE. *Revista Hawò*, (Vol.1).
- Marcos M. (2019). *Territórios de povos e comunidades tradicionais: Estado de exceção, governo bio/necropolítico e retomadas de tekoha*. Periódico Horizontes – USF – Itatiba, SP – Brasil.
- Marcos, G., Perez, R. (2021). *Vieira Portos e Navios*. Recuperado de <https://www.portosenavios.com.br/noticias/portos-e-logistica/vopak-brasil-desiste-de-instalar-parque-de-tancagem-em-pecem>.
- Maria, C. (2014). *Neodesenvolvimentismo x modos de vida Anacé: Impactos do Complexo Industrial e Portuário do Pecém sobre povos indígenas no Ceará*. Universidade Federal do Ceará – UFC Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação PRODEMA – Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente.Meireles.
- Matos, M. A. (2010). *Sensibilidade do lugar: uma proposta metodológica para aplicação da*

percepção ambiental nos planos de emergência a derrames de óleo. (Tese de doutorado). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, Brasil. Recuperado de https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/104294/matos_m_p_dr_rcla.pdf?sequence=1.

Meader, R. E. (1976). *Índios do Nordeste: Levantamento sobre os remanescentes tribais do Nordeste Brasileiro.* (Y. Leite, Trad.). Cuiabá, MT: Publicação da Sociedade Internacional de Linguística.

Minayo, M. C. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.* São Paulo: Ed. Hucitec.

Mondardo, M. (2019). *Territórios de povos e comunidades tradicionais: Estado de exceção, governo.* bio/necropolítico e retomadas de tekoha Periódico Horizontes – USF – Itatiba, SP – Brasil. Recuperado de <https://doi.org/10.24933/horizontes.v37i0.769>.

Moreno, D. C. G. (2014). *Os quilombolas do Veiga e o São Gonçalo: Memória e identidade na festa e devoção a São Gonçalo no Sítio Veiga.* Dissertação de Mestrado em Sociologia, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará – UFC.

Munduruku, D. (2018, maio 03). *Muita terra para pouco índio.* Entrevistado por documentário Villela, B. e Lobato, S. Amazon Picture e TV Brasil. Recuperado de <https://tvbrasil.ebc.com.br>

Nogueira, J. C., Nogueira, L. P., SOUZA, A. M. (2016). *A “Realocação” do povo Anacé de Matões sobre o olhar dos mais velhos.* Universidade Federal do Ceará. Fortaleza- CE.

Oliveira, A. M. S. (2001). *Processos de desterritorialização e filiação ao lugar: O caso da aldeia da luz.* Universidade de Coimbra. Coimbra.

Oliveira, J. P. (1997, novembro 11). *Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais.* Conferência realizada no concurso para professor-titular da disciplina Etnologia, Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro.

Oliveira, J. E. S, Lima, G. B. (2003). *Elementos endógenos do desenvolvimento regional: considerações sobre o papel da sociedade local no processo de desenvolvimento sustentável.* (Vol. 6, n. 2, p. 29-37, maio/dez). Curitiba: Revista da FAE.

Pankararu M., Martins F., Tavares J. B., Mello G. S. de, Tê Tupinambá P. e Gerlic S. (Orgs). (2014). *Índios na visão do Índios: Memória da mãe terra.* In. Gerlic S. (Coord)

Realização: ONG Thydêwá.

- Pereira Júnior, D., Santos, D. (2013). Quem não tem Santo tem Visagem: A contribuição dos santos e encantados na construção de territorialidades quilombolas na baixada maranhense. In: CARVALHO, Cinthya M. *et al.* (org.). *Insurreição de saberes 3: tradição quilombola em contexto de mobilização*. UEA Edições.
- Pierre, J. (2008). *Pensamentos Ativistas ou fundamentos para o ativismo? O Estudo da Racionalização como um local de engajamento político*. (W. Badaró, Trad.).
- Pike, Kenneth L. (1967). *El Lenguaje en relación con una Teoría unificada de la estructura del comportamiento Humano* (Vol. 32). Janualinguarum. Editora Série Maior.
- Raffestin, C. (1993). *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática.
- Rodrigues, A. L., Silva, F. C., Araújo, F. J., Silva, N. L. C., Silva, R. C. (2022). Territorialidade, Ancestralidade, Trajetória e Resistência: A encantaria segundo a cosmovisão Pitaguary. 1ª ed. Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Ceará: Defesa e Promoção dos Direitos Humanos da Arquidiocese de Fortaleza.
- Santos, H. (2021). Vopak Brasil desiste de instalar parque de tancagem em Pecém. Diário do Nordeste, Fortaleza. Recuperado de <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/papo-carreira/companhia-siderurgica-do-pecem-possui-24-vagas-de-empregos-1.3061134>.
- Silva, I. B. P. (2003). *Vilas de índios no Ceará Grade: Dinamicas sob o Diretório Pombalino*. Tese - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Doutorado em Ciências Sociais, Campinas.
- Smith, L. T. (2016). *A descolonizar las metodologías: investigación y pueblos indígenas*. Santiago: LOM.
- Sousa, J. S. de. (1863, outubro 09). *Relatório provincial do Ceará*. Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel. Núcleo de microfilmagem. Relatório de presidentes de província. Recuperado de <http://cpbn.bn.gov.br:8080/planor/handle/20.500.12156.6/6839>.
- Souza A. J., Nogueira C. L., Nogueira, P. (2016). *A desterritorialização da nação anacé de matões sob o olhar dos mais velhos*. Universidade Federal do Ceará.
- Souza, R. M. (2018). *Tabas, roças e lugares de encantos: Construção e reconstrução Anacé em Matões Caucaia-Ce*. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

- Valério, D. M. (2019). *A Contribuição científica dos Tremembé, através da Educação Intercultural e Diferenciada com base nos Saberes Tradicionais*. Programa de Doutorado em Educação. Universidade de Burgos.
- Valério, D. M. (2016). *A intraculturalidade nas comunidades indígenas da região metropolitana de Fortaleza-CE, Brasil: caminho para o desenvolvimento e sobreculturalidade*. Salamanca: Ediciones Vitor.
- Valério, D. M. (2020). *O conceito de Sobreculturalidade e os impasses relativistas entre os direitos humanos e a educação diferenciada*. (Vol. 31, n. 1). São Paulo: Cadernos CERU. (Série 2).
- Valério, D. M. Valerio, D. (2015) *A Interculturalidade nas Comunidades Indígenas da Região Metropolitana de Fortaleza - CE, Brasil: Caminho para o Desenvolvimento e Sobreculturalidade*. Doctorado Oficial de la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad de Salamanca – Es, como requisito para la obtención del título de Doctor.
- Valério, D. M.; Mesquita, R. R. (2020). Terra e território na produção didática dos Tremembé: uma análise de conteúdo e discurso. (Vol. 1, n. 1, p. 34-47). *Revista Interdisciplinar em Educação e Territorialidade – RIET*. Universidade de Burgos – España.

ANEXOS

Anexo 1- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Eu Rute Morrais Souza, responsável pela pesquisa a “Toda muda murcha”: Lustró (2018-2023) da Reserva Indígena Taba dos Anacé em Caucaia- CE Brasil, estou fazendo um convite para você participar como voluntário deste estudo.

Esta pesquisa pretende analisar o processo de construção e reconstrução através das memórias dos indígenas Anacé na Reserva indígena Taba dos Anacé em Caucaia Ceará Brasil, com o intuito de verificar seus aspectos positivos e negativos, com a chegada do desenvolvimento no território Indígena Anacé. O estudo faz uma discussão com as principais mobilizações do povo Anacé é as lutas pela excursão dos direitos específicos.

Por muito tempo as comunidades indígenas do Brasil, vem travando lutas pela identidade, terras e reconhecimento social, buscam a demarcação de territórios para a propagação da cultura, tradicionalidade e usufruto dos recursos naturais. Ao longo dos anos os indígenas tem buscado autonomia de falar por se mesmo. Desse modo, a presente pesquisa é realizada pela uma mulher indígena que está inserida no processo de remoção do Território Anacé. O projeto vem a contribuir para o povo anacé como uma importante ferramenta de luta para a comunidade, em concreto mesmo que limitada para, a partir dos conhecimentos adquiridos com ela, vislumbrar e buscar os benefícios em prol da coletividade, tais como seus direitos políticos e socioculturais.

Para sua realização será feito o seguinte: Realiza-se, para tanto, uma observação e participante, iniciando na mudança para Reserva Indígena Taba dos Anacé. Afinal, é a partir desse momento que consigo compreender o processo de construção e reconstrução da comunidade, observando o cotidiano, costumes e hábitos diários.

Ademais, se fará uso de questionários, com perguntas objetivas, ainda que informais, com as lideranças, jovens, e principalmente com anciões removidos para Reserva Indígena Taba dos Anacé em Caucaia Ceará Brasil, pois junto formam o objeto de estudo dessa investigação a fim de identificar os impactos das desapropriações e seus efeitos a partir da visão das famílias anacé, tendo como base memórias, narrações e trajetórias. Não será, no entanto, esquecido o uso de ferramentas de áudio e vídeo como registro e arquivo das informações obtidas.

Mesmo sendo uma indígena pesquisando o próprio povo a controvérsias na pesquisa, de ser remarcada ou não ter a devida importância. Os benefícios esperados como estudo são, portanto, além de contribuir para a comunidade da voz as famílias propagadoras dos conhecimentos tradicionais.

Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, bastando para isso entrar em contato, com algum dos pesquisadores ou com o Conselho de Ética em Pesquisa (Garantia de esclarecimentos).

Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão (voluntariedade).

As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação (confidencialidade). Será também utilizada imagens.

Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores

(ressarcimento de despesas). Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial.

Autorização

Eu, _____, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto expresse minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Assinatura do voluntário ou de seu representante legal

Assinatura de uma testemunha

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário (ou de seu representante legal) para a participação neste estudo.

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Dados do pesquisador

Nome: Rute Morais Souza

Endereço: Reserva Indígena Taba dos Anacé, rua Jatobá nº 67, Caucaia- CE Brasil - CEP: 61636-425

Telefone: (55) 75988002337

endereço eletrônico: ruteredes@gmail.com

ANEXOS DE ENTREVISTAS

Anexo A–Transcrição da entrevista com Aristides do Milagre

Boa tarde, que nosso pai Tupã nos de sabedoria, alegria, felicidade e proteção. A iniciativa da dança do São Gonçalo aconteceu o seguinte, um ensaio na casa do Júnior meu compadre. A dança de São Gonçalo para mim foi, sabe aquela coisa que você vê se apaixona e assim que eu vi me deu uma vontade de cair na dança, e dançar eu cheguei em casa eu disse para minha esposa que eu ainda ia dançar aquela dança ali aquela cultura eu acho que já tava no meu sangue, já era uma coisa natural. Porque assim o tio Antônio que puxava na gaita, aí o ti Tonho me puxou bora meu filho, aí entrei no cordão, entrei dancei inclusive a partir do momento em que dancei a primeira vez é como se fosse uma coisa que eu já conhecesse, é como se fosse uma dança e tivesse participado no passado como se tivesse dentro de mim aquela dança só usufrui. Então o que eu fiz dancei no cordão e quando foi depois, foi indo foi indo eu participando dos ensaios, participando do cordão e cada vez mais pegando amor pela dança, acabou que um dia, esse dia foi até foi até lá na casa da Dorra, e aí então foi o ti Tonho disse meu filho dá para você tirar. E na época eu dancei como Cleison, com o Gil meu pai era o Gil, e aí acabei indo tentar tirar, daí foi a onde eu aprovei junto como meu compadre. E aí foi só alegria, porque no final ouvi e senti aquela força, na realidade a nossa cultura da dança São Gonçalo ela não é só dançar, é você sentir uma força de espiritualidade junto com a cultura, ou seja, é uma misturo então quando eu comecei a dançar eu senti que ali era um futuro, eu senti que realmente eu tava no lugar certo para continuar dando amor, e até o segmento que é a dança de São Gonçalo e continuidade para os demais. Porque a dança de São Gonçalo em si ela é uma força espiritual, porque ela é uma cultura, e cultura você analisando e principalmente se ela é uma cultura indígena ela sempre vai ter força espiritual, ela sempre vai ter o uso da natureza, da terra maiores das forças maiores. Então quando você entra em uma dança tem que ter isso para você, não é só você entrar que nem o forró e outras coisas, a cultura quando é indígena ela sempre representa umas forças espiritual.

É porque na realidade a dança de São Gonçalo é feita pra gente pagar promessa, você faz a promessa e dependendo do jeito que você for fazer a gente vai lá com o grupo dançar e pagar a promessa. Ou seja, você vai arcar com simplesmente um arco, arranjar as frutas aí nesse dia tem que ter o arco, tem que ter o Santo a gente tem que montar tudo como manda o figurino. A gente tem que dançar entrar e cantar os 13 versos de chegada, e um é o verso de chegada e outro de saída junto são 13 versos. Acontece que a gente entra dança, com constrição ao mestre e ao Santo principalmente, e os mestres tira são quarenta e cinco minutos dançando direto, dependendo de com foi feito a promessa as vezes a pessoa tem feito para ser duas jornadas. Então você para um pouquinho, já começa o outro jornada.

A gente faz a primeiro a contrição que é a entrada, a entrada cantando aí faz as três continências que os dois mestres faz perante a mesa, passa por dentro dos cordão, todo cordão acompanha a gente volta faz a continência de novo três vezes, essas três vezes são passado três vezes por dentro e três vezes por fora, cada vez que a gente passa as continências e continua o grupo tem que acompanhar, quando a gente para aí vai para segunda, a gente faz a continência ao Santo mais solto, que é aquela como se a gente fosse soltar a mão, é como se fosse uma oferenda aí continua fazendo três por dentro três por fora aí o povo vai acompanhando. Aí vem a parte que a gente faz a parte do oito, que a gente faz a mesma coisa faz as três continências três por dentro e três fora e aí a gente vai montar o oito, o oito é feito por quatro pessoas que é dois mestres e de dois dançante, e todas as repete todo mundo que tá no cordão são três por dentro e três por fora cada vez a gente chega da mesa, eu e o compadre como mestre a gente tem que fazer três continência, agora a pessoa que está dançando só acompanha, agora na hora de fazer o oito aí vem para frente, faz mais ou menos o que os mestres estão fazendo, isso o grupo do começo até

o último né, vindo passando por dentro todo tempo. Depois vem a parte que a gente faz, que é o corte do cordão, esse corte do cordão é dado por cada mestre, por exemplo se eu iniciar, eu início do meu lado e o guerreiro que tá tirando junto comigo ele ficou me esperando, quando ele me esperar e eu venho na metade da dança cortando o cordão, já tem de voltar pra me buscar pra gente vim brincando e sapateando essa a ideia, criatividade o ar da brincadeira, que ela forma de animar. Outra coisa que tem que ser é animado, cantado batendo palma louvando ao Santo, louvando o dono da casa, louvando a pessoa que fez a promessa, gritando com o público e fazendo animação, por que na realidade São Gonçalo animado ele não é uma dança parada, ele é uma aquela dança que você tem mostrar alegria, ele é brincalhão é um Santo brincalhão, uma coisa séria ou seja, a dança sério é uma cultura indígena mais que tem que ser brincada com alegria, positividade, amor com todo o grupo todo mundo com união, que é pra não ter corta corrente, pra não ter espaço. Aí depois do caso no corta cordão a gente volta e fazer as três continência, três por dentro e ter por fora no que a volta, a gente faz o fechamento que é no momento que a gente dá a mão o mestre um pro outro e fica brincando até umas quatro, cinco rodada, e aí a gente se vira para o grupo e já levanta a mão para que os menino tá tocando pare, inclusive tem que ter os acompanhantes tocando a música de São Gonçalo e quando para a gente volta pro cordão, ninguém sair do cordão, aí a gente já vai ter voltar que quando a gente volta á a onde a gente sai cantando o último canto que é a despedida do Santo. Tem as estrelas, são as menorzinhas do grupo que é que entra o Santos quem sai, nesse momento as estrelas vai pegar o Santos e faz a saída e a gente acompanha e as estrelas os mestres e os dançarinos, e aí a gente já sai cantando, se despedido da dança de São Gonçalo.

A estrela na verdade tem que ter três coisas, um tem que se alto querer dançar, segundo a idade e de preferência os pais também gostar, porque elas vão ser a frente da dança vai ser quem é o Santo, então as vezes tem que passar um pente fino, não pô admiração mas sim que realmente aquilo que ela quer, por amor a dança, respeito e e outro levou a sério porque no ato da dança não pode ter brincadeira, não pode ter discussão, não pode ter nada disso, tem que tá tudo ali de acordo como manda o figurino, ou seja uma bendito tem um ditado que diz o seguinte, *quem foi dançar a dança deve ter o que ligeiro, pra depois não sair dizendo que tem barroca no terreiro*, ou seja barroca são essa coisinhas de dificuldade na dança ao final a gente sai se tiver duas jornadas a gente recomeça tudo de novo, após a dança aí vem a parte do arco. Esse arco vai tá ali todo bonitinho, com frutas que é o arco do Santos a maioria das vezes é feito um leilão do arco ali no momento, nas antigas esse arco era feito e o que tirava das frutas das coisas ali ficava pro Santo, ou seja, ficava pro grupo, não como paga da dança, mas é porque realmente o arco do São Gonçalo, tinha que ser do São Gonçalo. A questão do arco ele tem que ser de palha de coqueiro interessado, são feita uma palha do lado e a palha do outro as vezes é se consegue fazer com quatro palha fica mais bonita ainda, interlace ele em cima e interlace ele em baixo fica mais bonito ainda, e aí no final quem tira tudo no final, a gente coloca tudo se a pessoa tiver algum gosto e amor ao Santo ele leva o arco. A dança de São Gonçalo em si ela não é só cultura, ela não é só uma brincadeira, ela é a força é um uma dança que conquista a gente é uma dança e não deixa a gente querer ficar parado, ela mexe com a gente, você tendo fé também você está em situação uma dor uma coisa, e a fé e São Gonçalo. Comigo mesmo já aconteceu de eu falar que não podia dançar, já aconteceu várias vezes e na hora eu entrar na partida na hora entrar ao Santo e consegui dançar sem sentir nada, tirar a dança.

Quem foi sua mãe também verdade eu sou grata Deus primeiramente a nosso senho o São Gonçalo pois nos da força, nessa parte aí onde dançar mesmo dia que minha mãe faleceu foi 2006 pra 2007 na primeira Assembleia do Povo do Ceará, lá na baixa das Carnaúbas onde fica localizado na casa da minha grande guerreira madrinha Lucimar, onde a gente fez todos os requisitos para receber nossos povos indígenas, nosso primeiro encontro de todos os povos, e gente ia fazer exatamente a abertura com a dança de São Gonçalo como a gente tava recebendo o povo a gente ia fazendo abertura com a nossa cultura ou seja dança São Gonçalo. E a preparação da dança tava tudo nos conformes, eu tive o prazer assim de ser um dos Mestres

junto com Junior que nós tem que retirar a dança enquanto nosso grande mestre Antônio Adelino tava também junto, e ele ia tocar né na gaita, e quando foi na hora de tirar o seu Zé é um do dos mais antigos do grupo tinha esquecido uma blusa, aí eu fui buscar essa blusa mais ele ao chegar na casa dele eu recebi uma ligação onde a notícia não tão boa, que minha mãe tinha aí foi nesse momento que eu tive me manter forte, ser o guerreiro que eu sou. Porque um dia ela tinha me pedido que não que eu nunca deixasse a dança de São Gonçalo mesmo quando ela tava doente ela tinha pedido. E aí eu voltei chegou todo mundo escondendo de mim, todo mundo querendo o meu companheiro Júnior chegou para mim disse compadre meu sentimento nos vamos parar a dança, compadre pode contar eu já sei, antes da ligação eu tinha sentido uma coisa ruim mal-estar só que eu não sabia o que era né. E acabei a gente tirou a dança infelizmente eu não quase não consigo tirar dança, pedir desculpa aos companheiros e a gente fez a dança, porque além de ela ter me pedido ela sempre tava acompanhando, e naquele momento eu fiz a dança como se ela tivesse ali, em respeito a ela como se fosse a dança para ela, junto todos os guerreiros da de presente aquele momento ali respeito por ela ser uma pessoa participativa, infelizmente aquele momento ela tá partido. Ali muita gente me criticou por ter dançado, mas o meu sentimento falou mais alto depois o grupo em respeito foi todo mundo para o velório dela, chegando lá tive um grande apoio do guerreiro junto comigo, foi uma perda muito grande, mas até hoje eu a tenho no coração minha grande guerreira foi e sempre será meu no ponto firme.

Maria Milagre pelo seguinte minha mãe ela era rezadeira, benzedeira, parteira no qual eu acompanhei muito pra fazer parto dos conhecidos dela, eu a acompanhava minha. Minha Mãe rezava em criança em adulto, ela não podia ver uma pessoa doente que ela queria dar o máximo de si, ela foi sempre uma guerreira e ela era conhecida em toda região como Maria Milagre. Hoje eu quero ser conhecido como Ari do milagre em respeito a ela eu quero levar isso até o final da minha vida, Ari do Milagre, foi eu que inventei esse Ari, mas tem esse significado é o respeito a minha Mãe.

A vivência no ti Tonho três circunstância de negatividade, uma quando a gente entra na dança a gente tem que entrar todo mundo unido, todo mundo com bom pensamento não só o grupo, mas quem tá nos assistindo também e quanto tem negatividade acabou que atinge na gente, só que não foi também por causa disso na realidade naquele momento por eu está com todas as roupas. Inclusiva a primeira blusa da dança de São Gonçalo, foi a branca e quando eu levantei a cabeça na mesa me vinha a lembrança daquela blusa, porque exatamente aquela blusa foi blusa que eu dancei a última dança para minha mãe ela em vida, na mente o que eu vi ali não tinha como não, porque quando eu dancei na Barra do Cauípe a minha mamãezinha tava doente, e foi exatamente nesse dia que eu tenho que coloquei ela no braço e coloquei ela no ônibus, e depois foi colocada em frente a dança e foi exatamente aquela blusa. Então quando eu entrei dentro com cordão eu já entrei legal, e aí entre senti também uma negatividade na dança, das pessoas por a gente não ter entrado do jeito que era para entrar, porque os meninos tinha entrado pra se apresentar, eu senti que dentro do grupo tinha pessoas negativas, eu não entro atoa quando eu vou dançar, eu peço a força, você ver que às vezes eu entro brincando eu vou lá arroteio os meninos, ali eu tô pedindo a nosso pai que nos livre te todo os maus pensamentos essa coisas, e infelizmente a pessoas dentro do grupo com negatividade não sei, e isso acaba repassado pra gente como mestre, como mestre até o trocar da banda que tá puxando a música de São Gonçalo se errar a gente se perde. Então junta uma coisa com a outra, eu não naquele dia eu a Luciana a gente tinha montada todas as blusas, ai tu imagina a força que tava o encontro de todas as blusas da dança São Gonçalo, aí mais a blusa de sentimento, que foi exatamente a blusa dançada isso me pegou de surpresa eu acabei não superando, não segurando por isso que naquela hora de parar pedir desculpa o grupo, eu voltar né e começar.

Lá na nossa Aldeia Matões a gente tinha algumas dificuldades, o povo tinha vergonha de dizia

que era indígena né, a dificuldade também tinha pelo distanciamento porque lá a casa era bem mais distante era mais diferente, algumas pessoas tinha medo de falar que era indígena mesmo sendo, quando ia procurar pelo o lado da família. Se nossos antepassados lá atrás era índio como é que a gente não vai ser índio hoje, a gente é descendentes dos nossos antepassados.

A vinda aqui lá a gente tinha nossos encontros, tinha tudo tinha rodada de toré inclusive nós tinha nossa casa de apoio para se apresentar e tudo e tinha as dificuldades junto a todo o povo, no encontro quando era para ter um festival de Toré, um encontro de pajelança. Com a vinda aqui da nossa aldeia aqui no Alto do Garrote hoje nós moramos tudo perto, então hoje bem mais sensível todo mundo participar e a diferença é porque dentro dos Matões era nossas terras era onde nossos ancestrais e ficou toda uma história, ou seja estamos em uma terra que estamos redescobrimo o que era aqui nessa terra, o que é essas mata o que foi, e lá a gente ia tinha todo o conhecimento da terra como quem morava, onde era na tapera de um conhecido, um parente enfim lá gente deixou uma história deixou um conhecimento que a gente trouxe para cá para poder dar continuidade, mas as forças maior que a gente tinha, eu sou bem realista eu vejo que é lá na nossa Taba dos Anacé dos Matões. Pois lá como eu já disse tem a força dos nossos ancestrais que era lá né. Mais não deixa de aqui a gente também já tá se adaptando, tá buscando amostrar nossos demais, a nossa cultura a nossa vivência ser índio é isso é da continuidade é tentar unir o nosso povo, tentar fortalecer mais nossa cultura com o toré a dança de São Gonçalo a dança do Coco, enfim as danças que nós temos dentro do nosso grupo e apresentar para o nosso povo para que futuramente não fica para trás, os nossos jovens de continuidade. Mas para isso a gente tem que ter cuidado de nós os troncos velhos passar por nós, mas pra isso também os novos têm que ter vontade, curiosidade e tentar fazer parte dos grupos pra que o no futuro faça isso que nós fizemos no passado, ou seja da continuidade e não deixar que as culturas fique para trás. Quem somos nós sendo indígena se não for nossa cultura, se tornaria branco, ou seja o índio tem que ter a cultura e as arma na mão a nossa cultura maior é o nosso toré, nossas armas é nossa maracá, nosso cocar, nossa arco e flecha e mais o conhecimento da natureza, conhecimento da terra e o conhecimento espiritual isso é o índio isso é a força, fora isso vem nossas pinturas muita gente coloca isso que é tatuagem indígena não é tatuagem, é pinturas indígenas e cada pintura tem um significado que pena que todo mundo não tem esse conhecimento a pessoa só se pinta às vezes está colocando uma coisa na pele que nem sabe o significado, já vi gente com pintura negativa e na hora do Toré a pessoas sente e não sabe, ver uma pintura bonita eu vou fazer essa aqui mas você sabe o significado.

Então fora isso tem todas as dificuldades que a gente passou pra chegar até aqui onde a gente estamos hoje né, inclusive uma das situações que a gente passava era da família da gente, que dizer que a gente não era índio que a gente não ia conseguir chegar até aqui, não ia conseguir a Aldeia e hoje graças ao nosso pai nós estamos aqui firme e forte. Pra quem não sabe eu morava no Grigório, entre Gregório e Giral e como sempre a Jurema sempre nos representou a Jurema nos acompanhou em frente a casa, Giral e Grigório foram removidos na primeira remoção. Aconteceu o seguinte 1993 eu e meu irmão nos perdimos o nosso pai, aí de lá para cá ou meu irmão ficou lá e eu tive que sair mais a minha mãe né, porque a mãe queria sair pra outro canto e a gente acabou indo para outro canto e meu irmão ficou lá que é até o Luizinho Camilo conhecido. E aí com passar dos tempos lá ia ser indenizado lá foi repartido o que ficou do sítio. Quando passou a indenização eu já não tava mais lá, fui morar na verde na área verde, da área verde fui morar no Torém, voltei pra Area verde de lá acabei voltando, indo pra casa do Antônio da madrinha Lucimar que era uma casa a gente morou uns tempos lá e da lá a gente construiu uma casinha no Torem. Quando foi depois a gente voltou de novo para Areia Verde, foi tempo que for acontecer os problemas eu tinha que voltar aí eu fui morar lá na baixinha, que fica na baixa das Carnaubas um terreno do meu irmão, foi a onde eu encontrei a Jurema que ficava por trás da minha casa, e um dia de manhãzinha eu senti vontade de ir lá, cheguei lá me senti muito bem perdi permissão aos guerreiros da mata, entrei e foi um local ótimo, excelente momento

assim bem gostoso sozinho conversando com Deus. E aí quando foi um dia eu vou chamar meu compadre, eu disse tenho um negócio ali que faz o tempo que eu limpei eu queria te mostrar, ele eu não acredito que tu tem essa riqueza aqui, foi nesse período também que a doutora Luciana quem acompanha nosso povo Anacé ela um dia foi lá fazendo entrevista e nessa entrevista acabou que a gente foi lá na Jurema. E aí acabou conhecida essa jurando com uma a Jurema do auto da Boa Vista, porque eu tenho um batizado Alto da Boa Vista, a gente começou aqui acolar a gente juntar as pessoas que a gente via que capacidade de está lá e a gente fazer um momento lá no tronco da Jurema, no qual hoje ela ainda se encontra lá nos tinha nosso cantinho da Jurema, muitas vezes a gente fez momento com só com os pajé com as nossas pajelança pedindo força, fé muitas vezes a gente juntava ali o grupo e é isso a Jurema também de uma certa forma ela nos representa, porque existe muita Jurema, mas a gente ta falando da Jurema branca. Um local desse aí não é você que escolhe, tem o momento certo de você chegar, as vezes nem sempre aquele lugar ali vai ser o momento certo pra você fazer um toré, nem sempre é o lugar adequado, tem que ser um lugar que lhe de força da natureza. Aqui dentro teve um toré, que ate você participou que eu acho que você que você viu a diferença, aqui tem um lugar que eu fui que eu em entrei no toré, não é só entrar na dança não é só participar, e o local a energia, força então essas coisas as pessoas que vai pegar um cajueiro vai limpar, vou fazer uma toré de baixo será que tá fazendo no lugar certo então tudo tem que ter sensibilidade da natureza ela tem que remover de um canto para o outro.

Lá na Baixa das Carnaúbas chegou o ponto que tinha horta, galinha tinha plantação de roça, milho, feijão, bananeira tudo aqui não mudou muito não, aqui é um local que tudo que você planta ela dá, depende do que você planta aqui eu tenho bananeira, pé de maracujá tudo aqui, tem abacaxi. Depende da forma que você planta e da forma que você cultiva a terra, tem alguns canto aqui que não, por ser arisco uma das coisas boas que nós tinha lá nos Matões é que lá é areia mais firme né, era melhor de trabalhar era a terra que o cultivo dela é totalmente diferente daqui, aqui trabalhando com arisco, barro então tudo isso muda, tem quintal ai que não da nada a pessoa pode plantar e não da nada, para isso aí vai ter que gastar com estrumo todas essas coisas. Essa semana mesmo eu tirei um cacho de banana que deu 29 bananas, sem colocar 1 kg de estrumo, veja a diferença varia entre local. A nossa terra aqui é 20 de frente por 40 de comprimento né, eu tinha 25 de largura por 100 de comprimento muita diferença, aqui a gente tem um poço pra todo mundo lá era meu e do meu irmão, morava perto da praia e água não faltava a gente bebia água do poço e tudo então são essas as diferenças vindas de lá pra cá. Minha linda porque assim, se chama corta de corrente quando o grupo está dançando em si ele é uma corrente, então quando um componente sentiu alguma coisa se a gente como mestre for parar vai ter que recomeçar tudo do começo isso já tão tudo negativo. Então o que a gente tem que fazer, mesmo a pessoa tá sentindo mal hoje tem que se entregar a dança se entregar positividade, mas ali naquele momento eu sei que situação ela tá eu tô dançando pedindo força e proteção pra ela ali, e eu mesmo tempo tem hora que eu vou lá perto dela ela já aconteceu da circular uma brincadeira na dança, naquele momento eu tô pedindo força e proteção os demais pra segurar o tombo, ela sente isso ai entra os pontos negativo, local não adequado para dançar, as pessoas teima em dançar como em uma encruzilhada, pode ser o momento que a pessoa tá passando a negatividade dentro do próprio grupo como eu já falei, ou tem pessoas com o mal pensamento infelizmente a pessoa que tá linda naquele momento mais frágil de espiritualidade.

De tudo isso que a gente falou um grande aprendizado para todos ,ou seja nossa dança nossas culturas do nosso povo Anacé são culturas que jamais deve ser deixada para trás, nossos costumes jamais deixar para trás outra coisa também como eu já te falei várias vezes não importa a cor, não importa da onde você vem, importa a sua força de espiritualidade ou seja o autoconhecimento no que é ser um indígena, o que é uma pintura, como você mesmo falou de você próprio que a sua primeira roupinha indígena foi de sacola.

Na realidade a cultura vai passando de geração não pode ficar pra trás, eu sou o mestre da dança, mas veio do meu tio, eu recebi de alguém eu tô dando continuidade e ela vão da continuidade um dia, ela vendo eu lá em casa dançando as vezes elas estava brincando por ali. Quando chegou a idade eu fiz, elas perguntava quando podia entrar quando eu vi a Arilucia tinha idade já coloquei, e Ariana do mesmo jeito a Arilucia foi a segunda Estrela né. Primeiro foi a Angélica e Edvania aí depois veio a Arilucia e Silmara aí depois veio a Cleane e a Viviane, que também tem a faixa etária de idade é engraçado que só tem estrela não tem estrela, tem que ser menina. Quem é estrela tem que ter responsabilidade, gosto pela dança que entre pela contrição, eu adorava quando era a Angélica possui uma serenidade né, amor. A dança não é querer, é ela te escolher não é você que escolhe ela, porque a partir do momento que ela te escolhe tu fica tão maneira de uma forma que depois tu diz assim eu consegui dançar, naquele momento tu não sabe que não foi nem tudo que escolher ela, foi ela que te escolheu. *“Raminha sobre raminha, raminha sobre raminha cada galho tem sua flor, cada galho tem sua flor ou, meu senhor São Gonçalo, estamos em seu levou”* o cordão em si é como se fosse o caule e cada pessoa em si fosse a flor, as flores é as estrelas é o Santo que está entrando que é o final. Cada galho é cada um que está dançando.

Anexo B – Transcrição da entrevista com Valdeci Fernandes, Medicina Tradicional (2022)

Meu nome é Valdelice Fernandes de Moraes, sou do povo Anacé sou a mesenheira do povo Anacé com muito orgulho, determino todo o meu trabalho com a medicina tradicional. Tenho 67 anos, está com 21 anos que eu vivo trabalhando com a medicina tradicional, trabalho com o mel do caju, trabalho com o óleo de mastruz, óleo de angico e todos esses trabalhos naturais são feitos pela a minha mão.

Eu já tenho praticamente o dom de fazer todo esse medicamento e tive uma instrução de como eu poderia ter um dinheiro fazendo o óleo de mastruz. Antes eu já sabia o básico que foi justamente, o mastruz com o leite que servia pra tosse, pessoas que tava assim tossindo com dores no pulmão. Ai depois dessa instrução eu me aperfeiçoei mais na sabedoria com o óleo, depois dessa instrução eu aprendi muito rápido, foi só uma vez que eu recebi as instruções. O óleo de Mastruz ele é muito bom, serve pra garganta, ele serve pra golpe, ele serve pra dor de cabeça, ele serve pra dor de dente, ele serve pra pancada, massagear, tudo isso é óleo de mastruz, a gente pode tomar? Pouquinho mais pode.

Eu vinha muito a minha vó a minha mãe fazer remédio em casa. A minha mãe ela era espírita de nascença aí eu via ela fazer, eu era muito criança, mas eu via ela fazer aí eu nem sabia pra que servia, eu ficava pensando pra que tanta coisa, aí fiquei vendo. Quando eu comecei a tomar de conta das minhas irmãs que elas adoeciam, aí eu pensei sabe de uma coisa eu mesmo vou fazer. Fazia o chá do eucalipto pra dar junto com outros remédios pra febre, e além de passar a febre o eucalipto ele é antibiótico e forte, porque quando a gente toma ele imediatamente ele corrige e é profundo, dá uma suadeira tirando a febre, as impurezas todas da pessoa. Quando as minhas irmãs tinham assim uma gripe aí eu fazia os lambedores, eu pegava malva, folha de mastruz, eu pegava a papaconha, a cebola branca e um pedacinho de eucalipto pra evitar a febre, com isso tirava toda impureza do corpo, e a dor no corpo.

Eu fazia muito olé e vendia lá, quando eu cheguei aqui melhorou e sobre o óleo de angico eu fazia muito aqui eu vendo menos.

Eu faço o chá e dou pra tomar, mas eu não cobro nada as vezes que eu vejo que as pessoas têm necessidade e não tem condições eu faço e dou, como já teve muita gente que eu nem conheço chegou lá em casa e eu fiz foi dá o óleo de angico e de mastruz, ai quando essas pessoas usa e se sente bem ai diz pra outras pessoas, quando lá encomenda ai leva.

Muita gente vem conversar comigo, aí eu vejo e faço e dou o remédio, é uma pessoa que está necessitando eu faço questão de fazer e da. A medicina Tradicional ela vem da natureza, tanto da natureza ele é o tradicional, não é como você chegar na farmácia e você comprar um remédio pra cicatrizar, um remédio pra desinflamar, não o natural ele é perfeito pra cura.

Nem tudo que eu preciso tem aqui, tem algum porquê a baja do jucá aqui eu já olhei e não tem e no Matões tinha. O caju aqui não tem cajueiro que de caju abundante que de pra me fazer o mel do caju e sé tem mais caju e azedo ai não tem condição, ai vem de Matões, vem da banda da praia ai eu faço o mel assim. Nos Matões eu vou até lá, eu espremo lá mesmo e trago pra Reserva. Quase todos os produtos todo mundo pode usar, criança pode usar pouquinho, uma gotinha se tiver com tosse, com crise de garganta coloca duas gotinhas pronto ali é o suficiente desinflama a garganta. O adulto pode tomar uma colherinha de sobremesa de dois em dois dias o óleo de mastruz e o mal é fortíssimo.

Uma vez uma mulher me procurou lá do Matões, ela tinha uma filha de 11 anos e queria ter outra criança ela já tinha feito tratamento, tanto ela quanto o marido. Ela me procurou pra me fazer uma garrafada, mas eu queria uma garrafada e queria engravidar e eu já tomei todo remédio e todo tratamento e não sair grávida. Eu disse mulher eu vou fazer, mas a sorte é sua, aí ela foi disse assim e eu queria era que fosse um menino, ai eu disse a sorte é sua eu já te disse

pois eu vou fazer e você vai tomar, aí ela foi e tomou né. Quando foi com 2 meses ela chegou lá em casa, e disse que estava grávida e já tinha feito os exames, e o que a senhora diz eu falei que ia ser um menino. Dona Valda é o meu sonho, eu disse guarda na tua lembrança, quando tu fizer o exame tem vem na minha casa e me diz. Com 5 meses de gestação ela fez o exame e deu que é era um menino, ela veio me dizer e estava chorando, esse menino vai ser um encanto dentro de casa. Pois então minha filha está aí na sua mão. Quando é agora ela tá doidinha pra me ver e fazer outra porque quer outro filho, eu disse pra deixar quieto esse menino ainda está pequeno.

Pra fazer uma garrafada eu passo dois dias adquirindo a casca, as folhas as raízes, e com dois dias eu fico pedindo os encantos com o que faça com o que aquela garrafada, que a pessoa que for usar se de bem, leve a saúde cada um daquelas mulheres tenha grande sucesso naquilo que elas estão querendo, é pra limpar o sangue e evitar doenças no útero. Graças a Deus eu faço e as mulher toma, com três dias eu faço e dá pra me fazer e minha maior felicidade é fazer minhas coisas sozinha, e parece que eu acerto o dia que não tem ninguém comigo, tanto faz ser o produto, mas parece que eu adivinho o dia de ninguém vim na minha casa. Ali naquele momento eu rezo, ali eu peço tudo aquilo que eu pego nas folhas nas raiz no caule tudo aquilo eu peço com permissão a pai Tupã, ele é que pode me ajudar pra determinar aquilo que é bom pra saúde que a natureza que eu to trabalhando com as plantas com a natureza, pra limpar o sangue e ficar com o sangue fino isso é muito bom pra saúde da mulher, falar a verdade é preciso eu nunca usei uma pomada, eu sei o que eu faço.

Eu vendo pra todo canto, e faz sucesso vai em cima daquilo que a pessoa está sentido, quem usa e recebe não esquece não. O cuidado e a fé também saram, eu já ouvi gente dizendo que não sabe fazer igual o meu, não é as mesmas mãos nem a mesma fé e sabedoria que tem isso também. Eu faço pra minha família toda, lambedor trata muita coisa. A gente tem aquele dom que Deus dá, Deus é tão maravilhoso que ilumina tudo aquilo que é pra colocar e a gente faz e dá tudo certo o benzimento.

Anexo C – Transcrição da entrevista com Valdelice Fernandes

Pela a primeira vez antes de eu conhecer essa dança em Caucaia aqui nos Matões com a idade de 11 pro 12 anos eu vi a primeira vez São Gonçalo, aí eu sempre dizia eu quero ver São Gonçalo bem pertinho de mim eu vou assistir, ai o senhor que tirava da a dança de São Gonçalo ele morava bem próximo a casa do meu pai, aí ele foi me convidou viu que eu tava muito ansiosa para mim conhecer, ai eu fui saio e nesse ensaio que eu fui ver eles me convidaram e eu ensaiei com eles, dancei uma parte com ele. Mas só que a jornada deles eram quatro jornada, eu sou dancei o ensaio com eles uma vez porque o ensaio deles eles ensaiava todas as quatro para vencer as pessoas aguentava né, aí eu fui a primeira vez eu, eu digo não eu quero ir só a primeira vez só para mim ver como é que é porque eu acho tão bonito, fiquei na lembrança fui festa que teve uma promessa muito grande, ai eu fui achei bonita, quando lá eu vim Matões pros Matões e comecei ouvir o meu sogro falando da Dança de São Gonçalo em Matões, eu tinha numa faixa sim de 18 anos quando logo que eu cheguei em Matões que eu casei fui para lá né, quando eu cheguei em Caucaia eu tinha quatro anos de idade aí de lá me casei e fui para lá foi, foi a aonde eu fiquei curiosa, Eu fiquei então dança do São Gonçalo vai ter tem no Matões aí foram o meu sogro falando Ribeiro que tinha essa dança, também eu não conheci eu só conhecia Manoel Ribeiro o Mário Ribeiro eu conhecia foi conhecendo a Maria, esposa do Mario Ribeiro mas os outros eu não tive muita amizade, e eles falam muito dessa dança mas só que essa dança foi excluída por causa que não tinha mais dançante pra dar continuidade né. Só que quando os estudos dá chegada Porto no Pecém aí que foi os estudos né, nós já tamos tava se levantando e tá na organização, porque ali o meu sogro ele sempre dizia assim eita que tá chegando meu indiozinho pequeno justamente era o neto dele, aí eu disse assim se zé índio, sim quando lá um dia o Manezão pai dessa Tonha chegou ai disse assim meu sogro dizer quando lá uma lesão Piper Castanha chegou aí foi disse assim eita menino mas aqui tá parecendo o índio, que conversa de índio. Eu fiquei calada quando lá apareceu fala e os estudos dentro das áreas e as visitas dos padres dos missionários e foi desenvolvendo , eu ficava pensando é a palavra que meu sogro dizia, eu também não dizia nada né, e foram estudando e for estudando e essas e essas coisas foi desenvolvendo os estudos, eles encontrando as peças né dos povos indígenas antigo, que da onde até eu mesmo eu não peguei porque eu não tinha direito de pegar mas eu vi com meus olhos ainda ajudei com os papéis até cobrir lá perto do Jurandir que tinha encontrado duas urnas, umas bacía quadrada e uma redonda. E tudo isso eu fui conhecendo fui ouvindo e nossa dança ensaiando e Júnior buscando para nós dar continuar o primeiro passo o a levantamento dos povos indígenas foi através da dança de São Gonçalo foi o peso maior. Depois que eles estudaram bastante os missionários visitando, fazendo os terços vendo os oratórios né porque a comunidade era muito religioso e a maioria dos indígenas eles gostavam os antigos eles gostavam de rosário, de terço de dança de cura as parteiras cachimbeira, tinha Umbanda que as cura era através do espírito aqueles que morreram que vem fazer a cor que antes quando era vivo ele trabalhava que quando eles morreram que vem fazer a cura, que antes quando era vivo eles trabalhava curando, aquelas pessoas desenvolvia né e ia trabalhar para curar ai foi crescendo aquilo e eu prestando atenção. Eu dizia assim existe, quando foi um dia eu fui perguntei quem trabalha de umbanda, quem trabalha de uma umbanda que primeiramente que eu vi pela primeira vez foi o pai de Santo Antônio Adelino, depois de um senhor que mora em cima do morro só não tô lembrado o nome dele, mas só que senhor ele não era dali ele era da banda Pentecostes, mas só que ele veio e se juntou com a criatura do Matões e ficou lá. E aquela história foi crescendo desenvolvendo, eu fui e disse existe parteira cachimbeira, existe curador de cura sem ser ritual da umbanda, existe a feitiçaria que lá tinha também tudo isso existia dentro de dos Matões. Eu tive um dia assistir não vou mentir, eu tive muitas e muitas vezes de assistir tinha a Dona Maria, que antigamente chamava ela Maria Baronica que por último ela quem viveu junta pai do seu Antônio Adelino, ela curava divinamente bem ela rezava fazia os banhos para afastar os molhar né, e tudo isso aí os mais os mais idosos foram morrendo a tradição foi se acabando. Tinha a gente se sentava pra contar história na areia, deitado contando

história na lua tinha tudo isso.

As promessas a gente fazia e a visava os rezadores os que que tirava a dança se a pessoa podia tirar, dependia do que a pessoa queria porque era muito puxado uma jornada se era duas se era três se poderia tirar naquela aquela dança depende, a gente tirou se concordava aquele tirador nem todos querem tirar quatro jornada. A minha primeira pá foi a Lurdes Carneiro, meu primeira pá pra dança de São Gonçalo na baixa das Carnaúbas aí depois mudou aí foi mudando depois eu dancei com a dancei com a Luiza Paulino mas não dancei muito tempo, aí passei a dançar com a Maria de Lurdes irmã do seu Antonio Adelino ainda hoje eu danço com ela, ta com muitos anos é tanto que a promessa dela vai acontecer mas eu vou esperar aquela entrego Santo para nós dançar no cordão menos uma jornada.

Quem fez a promessa tem que segurar o Santo, quem recebeu a graça é quem tem direito de ficar um Santo, quem faz promessa tem que oferecer o arco eles apronta o ar com a fruta né, eles aportam o arco com as frutas dá para os dançarinos, tem deles que faz o arco dependendo se tiver muito movimento aí eles fazem, eles botam em leilão o arco, eles botam leilão. Estou na terceira geração o Júnior dança e suas netas dançam, o que mudou da dança São Gonçalo é porque nós não estamos tendo quase a reunião nós não estamos no tempo assim, de dançar como nós dançávamos né, mas toda semana no ensaio lá no Matões. Hoje nós não temos, não temos por que não é isso que ele não queira, o puxador trabalha chega muito cansado os que dança estudava e hoje em dia trabalha mais ainda tem dançarino que não tem trabalho, e nem tá estudando se estuda aí a gente tem que marcar o final de semana se tiver uma oportunidade a gente ensaia.

O pé de Urucum eu trouxe a semente e já o brotinho grandinho com quê, com 5 centímetro aí eu trouxe e já fiz a muda aqui mesmo, hoje em dia tá cheio ele é um remédio medicinal tanto ele serva pra pintura indígena como ele serve para fazer o colorau para temperar o quanto ele serve para colesterol. Pra chá eu tenho a alfavaca que serve para pressão alta e serve também para a gente fazer o cozimento junto com a eucalipto para tomar o banho, o banho ele serve pra afastar o mal se for alguma coisa que tá perturbando as pessoas e se ele tiver também com febre, se ele tiver com dor de cabeça com problema de garganta se ele tiver com infecção na cabeça ele trata de desinflamar porque o eucalipto ele é antibiótico natural e alfavaca também.

O óleo do mastruz eu fazia cem óleo medicinal tradicional que ele não tem cheiro nem um ai ele foi e faltou e as pessoas me procurando, ate mesmo eu precisei ai eu fui peguei o coco raspei fiz o óleo de coco depois quando foi o outro eu fui fazer o óleo de mastruz, mas ele é muito medicinal, são dois medicinal tanto o coco como o mastruz. Porque a garrafada a mulher é assim, eu faço a garrafada para mulher dependendo a pessoa me fala de qualquer tipo de inflamação do corpo dela aí, fico eu fico pensando e vendo e vendo qual são os as cascas as folhas e as raízes as sementes que eu posso botar tem que saber o sintoma né pra eu poder fazer, exatamente aí eu vejo que e ela tá com inflamação de útero de ovário e qualquer tipo da parte inferior dela, aí o que eu vou fazer eu pego a raiz da chanana com a casca da janaguba, com a raiz da vassourinha muito refrescante e pego também a raiz da jurubeba, lavo bem lavado bato ela e mistura me faço aí pego chia amarelo pode ser também colocado a folha, posso colocar uma folha de Mastruz coloco uma folha de eucalipto toda infecção ela traz febre aí eu coloco tudo junto, quando ele vai bater dentro ele desinflama, ele passa a febre ele tirar dor então resolvido o negócio. Pra beber toma três dedinhos de manhã em jejum aqueles copos pequenos americano, ai você vai toma e toma banho e depois pode sair para trabalhar, mas só pode tomar uma vez por dia pela a manhã, não pode cheirar e nem beber na boca do recipiente por quê, porque azeda tem que manter na geladinha, você não tem geladeira você pega a garrafa você procura um canto molhado você cava um buraco em terra e cobre ela com areia. Não deixa ninguém abrir para não cheirar, só o dono quem tira aquele tanto, agitar antes de usar a primeira

vez e toda vida que vou usar você agita também para misturar né. Pro homem é quase igual também é quase igual, mas só que tem raiz e tem o cale e casca que que ninguém pode usar né, pro homem eu posso tirar a raiz da jurubeba que a raiz da jurubeba ele é ótimo para desinflamar e limpar o sangue do homem o homem se sente mal de urina aí o que que acontece, as vezes até que incha você pega o quê folhinha do torém raiz com a casca da Jurema preta você junta elas 3 e você vai colocar uma folha de eucalipto e você vai colocar semente de melancia aí você vai bota tudo para cozinhar, você faz a garrafada deixa ficar bem fininha e você coa ela, agora para manter para não azedar que que você vai fazer. Porque a medicina tradicional ela tem coisas com as pessoas que faz, porque é muito importante e tem que manter bem sigiloso né mas isso aí eu posso até te dizer, porque nessas garrafada a gente tem que colocar pelo menos quatro pingo de cachaça para conservar, o conservante da garrafada né mas você só pode colocar quando ela estiver fria não pode botar quente e outra coisa você não pode dizer a ninguém você tem que ficar na sua e também não adianta você tá dizendo para ninguém tem que ficar falando pra ninguém porque aquilo ali não é você tem algum mensageiro que esta ali pra lhe ajudar pra você esta concentrado, porque se você não se concentrar aquilo ali nada dá certo é tanto que quando eu vou fazer minhas coisas incrível. No dia que eu disse assim amanhã vou fazer o óleo, eu vou ta sozinha não chega um pé de pessoa aqui cheguei se eu vou fazer garrafada pode chegar , mas entrar dentro da cozinha eu não deixo entrar porque ali naquele momento que tá cozinhando eu estou concentrada porque se eu não tiver concentrada naquele remédio aquilo ali vai ser uma cura, é mesmo que tá bebendo água do pote, porque tudo que você vai fazer você tem que ter concentração e quando a gente trabalha com a medicina tradicional muito. Quando eu fui comprar esse óleo agora por último eu tive que passar o tempo todinho rezando pedindo e consegui esse óleo, mas eu só fui dormir depois de meia-noite que quando foi no outro dia a mulher ligou de avisando que tinha chegado. Se for para o bem e cura do meu povo a mostre, porque eu tô precisando e o pessoal tão procurando aí Graças a Deus que deu certo e eu já fiz e do dia de eu fazer eu tava sozinha como a Cléo chegou eu tava aqui sentar sozinho tá sozinha.

O momento do toré, tem que ter a sinceridade e o conhecimento do que é aquilo ali você vai sofrer mais na frente. Os guias os mensageiros de luz, aqueles toré aqueles rezador daqueles poderosos mesmo, teve muita gente dos antepassados que eles gostavam eram muito religioso. Eles então na mata, na hora que você puxa um toré eles estão junto e ali e um momento de espiritualidade que é de você pedir as graças pra desenrolar e desatar os nos sobre sua vida ali é que ta o momento de você pedi, e pedi os mensageiros de luz os que já passaram de uma vida pra outra eles estão ali estão junto, se aqueles toré eu canto foi eles que me deram forças pra me puxa, as pessoas não entendi.

Anexo D - Vivência dia 07 de setembro de 2022, massa dança do coco - Entrevista com Edvania Andrade

Eu sou do coco da dança de São Gonçalo, a palavra que define eu está em todos esses grupos é o incentivo. Desde nova eu moro com o vô né e o vô participava desses grupos que nós temos, ele queria sempre que eu participasse, mas eu dizia vô eu não vou porque eu tenho vergonha, ele incentivou bastante. A maioria do povo da dança de São Gonçalo naquela época era idoso, de criança mesmo era só eu e a Angelica. E hoje é criança é adolescente e deixo aqui dito para os pais incentive seus filhos, incentive suas crianças nesse movimento, movimento indígena a tarem participando dos grupos, tem gente que não participa e fala besteira né fala coisas negativas, mas se em casa você estiver dizendo as palavras positivas tiverem incentivando a eles, os de fora for falar, falou e da mais importância pra os de casa. Se hoje eu estou aqui desde o início, desde 2005. Eu e o vô dormia na sala, aí o vô acordou e me disse minha fia eu tenho um pedido pra lhe fazer, aí eu disse pode dizer, aí ele disse minha fia eu queria muito que você participasse da dança de São Gonçalo, aí eu disse vô eu não queria não. Aí passou e eu dizendo não, aí ele disse vamos minha filha mais a Angelica, aí pronto depois que eu entrei o melhor coisa que eu fiz na minha vida. Vocês que ainda não entraram vocês vão ver a diferença que é a gente não quer mais sair, não tem essa do pessoal falar e eu vou querer sair, é muito bom é muito bom gente. Quando marcar reunião que começar, é uma maravilha só de ouvir aquele toque você já esquece até do problema que tiveram sua vida você, é gratificante demais. Então incentive as crianças que moram vizinho a vocês, não deixe de que eles não participe dos nossos grupos culturais tem em São Gonçalo Dança, dança do Coco, maculelê ainda mais como é hoje em dia a gente não tem muito o que fazer a não ser que a internet é o que mais pessoas ficam, então vamos incentivar as crianças a participar dos grupos culturais.

Então como é ser mestre né, começamos como estrelas com os participantes do grupo e hoje somos uma das mestras né é uma responsabilidade, mas que a gente aceita de coração aberto de ter de ser aceita por todos os grupos desse jeito, do jeito que todos vocês nos acolhe como como mestre. Porque vocês tem o Júnior e o Aristides né como os mestres eles estavam ali na luta, vocês ver lutando aí nós já somos mais nova né, podia dizer com essa menina misericórdia, mas vocês nos apoiam, motivam é muito, muito bom é muito gratificante a gente agradece muito a vocês e a gente faz por onde, a gente tenta fazer por onde não decepcionar vocês.

Anexo E – Transcrição da entrevista com Junior Moraes

Deixa eu só fazer uma pequena ressalva com relação à participação, tanto criança como jovem como adulto né. Uma das coisas que a gente não observa e passa um barrão é com relação a eu errei, errou fica pra trás e retoma vamos começar novamente, não pode permanecer ou ficar lembrando que errou não, o importante é recomeçar. Uma das coisas que a Edvania falou que é interessante é que tá a Dança do Coco se dança de qualquer jeito e ta tudo certo, se dança no São Gonçalo do ritmo, se dança cono no ritmo, se dança no maculelê no ritmo. E aí você que tá concentrado naquele momento você percebe que errou, mas para quem tá lá fora ta achando tão bonito que nem percebe então ta tudo certo entendeu. Então não se pegar a eu errei, errou passou foi aconteceu e agora segue de novo e continua. Assim é em outras danças, ninguém tem que se apegar ao erro tem que se apegar ao acerto e faz a coisa do certo, e tem duas coisas importantes uma ter atenção a melodia fazer um passo correto e entrar na seriedade, que é os passo a pisada né ligado. O seo Antônio Adelino falava muito da questão do gingado, quando a Angélica trás aqui é o gingado, é a dança do corpo o balança, a pisada da dança do Coco, da dança do São Gonçalo da dança do maculelê do reisado. Tem também o reisado do povo Anacé que foi também inspirada no pessoal do Pecém, acho que é interessante a gente falar, nos temos o reisado Anacé. Isso não pode ficar parado tem que ser passado pra frente, essa juventude essas crianças pra gente continuar. Acho que vem muito por conta da igreja a questão de reisado, foi incentivado e grupo diferentes cantar e fizeram seus versos do seu jeito né, da mesma forma a Dança do Coco. Ela passa pelo o litoral, ela vem do Icapuí área litorânea divisa com Parnaíba divisa com Piauí, Parnaíba Piauí. Então a dança do coco ela faz esse percurso pela a região litorânea a gente por morar próximo tem essa vivência, a gente pouco ver falar Dança do Coco na região do semiárido do sertão ou da região serra não tem a gente não ver falar, mas na região da serra é muito forte. A gente tem que fortalecer isso sim, vale a pena à juventude continuar, essa criança continuar e não podemos parar de jeito nem um porque isso fortalecer espiritualmente, fortalece culturalmente, fortalece o corpo a alma e a mente né.

Anexo F – Transcrição da entrevista com Lucilane Paulino

Boa tarde, só ainda falando da Dança do Coco né, para mim Dança do Coco se resume da palavra resistência, e assim eu lembro que em 2007 e 2008 mais ou menos quanto eu escrevi um projeto para sala de leitura na época, para trabalhar em sala de aula com os alunos eu fui fazer um resgate mais ou menos com que iniciou a dança do coco. E eu lembro bem que antes de passar assim de litoral pra litoral como essa dança do coco que a gente dança hoje, ritmada pelo nosso corpo pelo o passo do nosso pé né, que cada pessoa tem o seu ritmo. E eu falo de resistência por que é uma luta de você com seu corpo, porque eu como de 8 grávida que o carron me chamando pra dançar, mas aí eu assim dizendo eu não posso eu não posso, mais é uma coisa que fala mais alto do que você. Então eu tô saindo do meu resguardo agora tá com 7 dias né, e tomara que o corpo resistência a ter uma roda de coco aqui ou não está participando. Então o coco ele é resistência, quando você sente chamado, o teu corpo te chama a está ali, e quando eu fazia essa conversa com seu Madruga ele relatou para mim, é uma coisa que hoje eu não ouvi a relatar aqui que o coco ele surgiu antes muito da década de 90 quando as pessoas estavam preparando o barro para fazer a suas casas de taipas. E aí para o seu corpo lutar com aquele cansaço preparava o barro, começava a se bater as quengas de coco uma na outra, pisando no barro e sapateando pra depois colocar na parede né. E aí eu trago comigo até hoje porque eu acho assim uma coisa muito bonita, porque a gente colocar a anos atrás há décadas, das pessoas com fome né, como foi aqui bem aqui relatado a questão com fome e cansada e tudo, mas eu preciso resistir eu preciso concluir eu preciso concluir a minha casa, então vamos procurar assim um meio em que o meu corpo ele fale mais alto, então vamos lá sapatiar um pouco em cima do barro e batendo as quengas uma na outra. Então assim como a Angelica bem falou depois que a gente conhece o sapateado do coco a gente tenta não estar, porque depois que nós vemos aqui para Reserva que instituiu esse com esse grupo de jovem, que diz assim é o grupo de jovem, mais não sinto mais jovem para estar no meio dos jovens na dança do coco. Mas aí com 8 meses de grávida eu não consigo não resistir o coco então o coco é isso né.

Anexo G – Transcrição da entrevista com Thiago Halley

De novo a minha defesa de que a gente tem que ter mais esses momentos conversar sobre eles, a gente fazer a reflexão daquilo que a gente faz, a necessidade de refletir sobre o que a gente faz o que é meio que automático entra no corpo, mas não conversa sobre o que é, sobre o que as pessoas sentem sobre o que é o São Gonçalo ensina. Então a gente tem com fazer as vivências colocar elas no nosso calendário, não precisa está diretamente conversando, aqui somos todo mundo parente. A gente faz a gente vive sem refletir sobre isso, e a história bonita é a história que os outros fazem, a história da gente, a gente não valoriza ela. A história de verdade é a que serve pra viver é a nossa, é a história da resistência então a gente precisa falar sobre ela. A gente precisa sentar aqui em uma vivência, e fazer um grande desenho grande desenho, um mapa aqui a Rute tem aquele arquivo que a FUNAI fez em 2012, então a gente precisa atualizar aquilo, pra gente fazer as relações aqui de família, quando perguntarem se é índio mesmo dizer, eu sou porque eu sou bisneto de sicrano que é casado com sicrano, poder dizer na ponta da língua pra gente poder dizer isso, primeiro ponto é falar que a vivência é necessária a gente faz e não reflete sobre aquilo que a gente faz. Eu sempre encarei o coco como uma brincadeira de um grande desafio, chama o outro para quebrar um coco e hoje aqui joguei tudo por terra, o coco ele tem seu caráter político de resistência de afirmação da identidade, ele tem o seu caráter espiritual, do tambor que lhe chama e lhe convida ele faz a relação com você, então o coco também tem muitos espiritualidade da resistência que você é, então tem muita coisa no coco que a gente não discute sobre isso, até mesmo quem dança, a gente precisa discutir o que é o coco. Não tem como falar de identidade Anacé sem falar sobre dança de São Gonçalo, se eu falar de povo Anacé eu tenho que falar de coco de da dança de São Gonçalo.

Anexo H – Transcrição da entrevista com Antonio Adelino

Vivência 07 de setembro de 2022, mesa Dança de São Gonçalo

Eu me chamo Franciso Freire de Andrade conhecido como Antonio Adelino. Filho nativo do Matões no município de Caucaia, eu gosto tanto do município de Caucaia que não teve quem me tirasse do Matões, mas agradeço uma figura que tem aqui no nosso meio que se chama Junior. Tô aqui com muito prazer de estar prestigiando essa união de todos e passar pra vosmecê o que pode o que foi o que é o que pode ser a tradição da Dança de São Gonçalo. A Dança de São Gonçalo gente é uma dança maravilhosa, poderosa é uma cultura indígena abençoada por Deus e pelo os índios que já se foram e pelos que estão hoje, não estou separando índio nem um, todos os índios nos todos somos irmãos pode ser da onde for. E estamos nós estamos agradecendo a Deus, por tudo que não conhece a dança de São Gonçalo, porque através da dança de São Gonçalo é que nós hoje vivemos aqui unido junto dentro dessa Reserva desse canto que Deus escolheu e botou um anjo pra nos puxar, explicar e trazer nós pra cá chama-se Junior Anacé nosso mestre da dança de São Gonçalo, ele ama todo mundo e eu também e São Gonçalo também a uma dança de São Gonçalo é uma dança milagrosa, poderosa que traz alegria e traz saúde. Estou aqui muito feliz porque, eu estou dentro dos 77 anos eu ainda tenho essa alegria esse privilégio de estar participando com vocês, passando vocês o que é a Dança de São Gonçalo. Isso veio passando quando cheguei em umas alturas levei o nome de mestre da dança de São Gonçalo, meu futuro Deus levou ai eu fiquei, plantou-se a dança de São Gonçalo a cultura da dança de São Gonçalo morreu. Agradeço a Deus e Junior de buscar essa oportunidade de ter e trazer a dança pra mostrar a cultura, pra fortalecer a cultura o povo Anacé de Matões e de muitos que não conhecia, nem conhece São Gonçalo nos protegeu desde o início, ele sondou o povo pra apresentar a cultura e hoje em dia ele ainda vive abençoando cada um, quem tiver seu o alguns os problemas se apegue a ele pode ser branco, pode ser preto, pode ser pobre pode ser rico, ele abençoa ele só não tem aquele prazer de ver ninguém triste e esconder a tradição dele e o que ele era, porque importante a dança de São Gonçalo pra nós, Deus, São Gonçalo junto com Junior nós resgatemos a dança de São Gonçalo depois de vinte e tantos anos enterrada, para a cultura que não tinha quem trouxesse pra frente, ai nós juntos com o povo resgatemos a dança a tradição em que nós ir de hoje, e ela é forte ela nós protege, temos o privilegio de dizer hoje eu tenho isso aqui essa força através dele de São Gonçalo e a união de cada um, nós temos muita gente forte dentro da nossa Aldeia que ninguém nem imagine, todos são unidos todos são fortes todos tem seu privilegio e o prazer de dizer que ele é um indígena querido por Deus, São Gonçalo é tão importante, porque se você está em um momento crítico você se apegue a Deus primeiramente e São Gonçalo ele nos protege. E ela é uma festa animadíssima agora, domingo agora vai fazer oito dias que teve uma festa na casa da minha irmã, uma promessa que ela pagou através de um sonho de uma doença que ela tinha, através de um sonho com São Gonçalo e ela quando acordou se corrigiu que ali poderia ser ela ser obtida a saúde dela se ela recebesse a saúde dela, Deus mostrasse com que ela ficasse boa e São Gonçalo abençoasse ela pagaria a promessa com 2 Jornada, pra quem não sabe é o tempo de dança. Aí então ela ficou de fazer essa festa agora domingo passado, eu não vi porque eu tenho muita vontade de rir quero muito ver gente, mas não posso sair de casa na hora que eu quero nem o dia que quero, eu não posso sair de casa. Tenho três netos que toma conta de mim, mas todos trabalham a que não trabalha toma conta de casa, a minha esposa é cadeirante eu não posso abandonar ela por dinheiro nem um, porque ela foi e sempre será a minha vida depois de Deus e São Gonçalo. Mas hoje só tem uma pessoa que faz isso comigo, só tem uma pessoa não

estou agravando a ninguém aqui e nem da Reserva toda de lá de fora, mas tem duas pessoas se chama Junior e Aristide os dois mestres que foi escolhido por Deus e São Gonçalo, eles são os nossos mestres, no momento que eles necessitarem de mim, ele faz eu acompanhar em evento come ele já fez e pode fazer a qualquer momento, qualquer hora e qualquer instante. Então o que eu tenho a dizer é que a dança de São Gonçalo ela é uma tradição feita pelo os índios antepassados e esses índios foi dominado por Deus e São Gonçalo. São Gonçalo colocou essa tradição para o povo, essa imagem de São Gonçalo com esse instrumento. Esse era o instrumento de São Gonçalo animar o povo dele, ele tocava pra animar o povo quando o povo via aquela música, de esperta o sono. Ele via que o povo não tava se satisfazendo só ele tocava pra distrair o povo, eles querem é dançar, vocês querem é dançar, foi ele que inventor a música o baião da nossa dança de São Gonçalo pra eles dançarem, mas não homem com mulher, mulher com mulher e homem com homem porque aonde tem uma mulher e um homem agarrado dançando tem a maldade, e o homem com homem ele não a maldade. Aí ele colocou esse povo aí ele dizendo lá na frente essa tradição é pra passar de geração e geração pra não morrer não se acabar, e levar meu nome para todo mundo enfim quem tiver quem tiver seus problemas chegue para mim se apegue a mim vogue a mim a Deus primeiro e se Deus me permitir eu farei a vocês o que vocês têm vontade isso era ele dizendo para o povo. Como hoje em dia tem essa festa que ele deixou para o povo dançar, homem com homem e mulher com mulher, mas em louvor a Deus primeiramente e a ele. Hoje nós vevi feliz depois que nós resgatemos a cultura, ele tem feito tantos milagres por nós esse Junior, Aristides e dona Valda junto com uma mulher que Deus já levou ela, onde era dona Valda Junior e o compadre Jorge Né se juntamos e formamos um grupo para falar a respeito da dança de São Gonçalo aí então é então era o povo de força. Dona Valda é a nossa rainha mesenheira do nosso lugar da nossa Aldeia, quem tiver alguns problemas de doença procure a ela, que ela ensina o remédio só que ela não vai pegar da o remédio, ela tem a força dada por Deus e São Gonçalo pra ela fazer aquela pessoa se sentir feliz através da mesinha dela. Aí então gente eu to muito feliz aí eu vou finalizar aqui deixando meu abraço pra cada um e passando pra vocês o que a dança de São Gonçalo, que é milagrosa é poderosa é valiosa e eu escolhi aí dois mestres para permanecer no meu lugar que eu era um dos mestres passei pra o Aristides e passei para o Junior, hoje em dia os dois mestres de fiança porque foi Deus que botou aquele dom pra me escolher essas duas pessoas que são pessoas que eu posso considerar como os mestres de fiança para trazer a cultura até hoje, até amanhã até depois até quando eles poderem. Aqui fica meu abraço e muito obrigado e desculpa a minha lorota e tchau.

Anexo I – Transcrição da entrevista com Aristides do Milagre

Bem bom dia a todos como nosso mestre já falou sou Aristides, mas conhecido como Ari do Milagre em honra a minha mãe conhecida como Maria do Milagre. Quero agradecer diante mão o nosso guerreiro ali o Padre que ele fez eu viajar, não poderia deixar de falar isso, você falou entre Gregório, pois é lá que eu morava lá é nossas terras, quando o senhor começou a falar é como se eu tivesse revivendo é como se eu tivesse lá naquele momento e isso é maravilhoso saber que tem pessoas que representa, mostra pra gente que a gente consegue viajar no passado. Porque o que seria de nós sem o passado o presente existe porque teve um passado ou seja todas as nossas culturas que existe hoje porque tem um pacto com antepassado nosso, tais como a nossa dança de São Gonçalo que é uma grande honra hoje eu ta fazendo a parte que é como mestre junto meu guerreiro ali, eu costumo dizendo que eu sou o último da raiz, fazer com ditado ou seja eu não conto que eu sou o segundo mestre eu sempre conto que primeiramente Deus, o ti Tonho que é um dos troncos velhos que nos repassou esse conhecimento e o Junior e eu por último. E uma das coisas que quer dizer para todos vocês que cultura a gente não deve deixar morrer, porque é maravilhoso ver pessoas hoje fazendo aquilo que a gente fez no passado essa juventude, eu adoro quando eu vejo essa juventude participando, porque um dia nós participemo um dia nós levantemos, levando não passando vergonha a pessoa de casa mesmo dizendo tu é índio tu é isso não, a gente bater no peito e enfrente dizer nós somos, nós estamos cultura e até chegar o ponto de hoje ver pessoas falando da nossa cultura do que se torou-se hoje então a dele também falou coisas que parece que a gente viaja. Então cultura é isso pessoal não tenho vergonha de mostrar o que tem, não tenha vergonha de mostrar a capacidade de cada um, somos o que somos as pessoas têm de acreditar e valorizados na nós como somos, seja ele indígena seja o que for, mas nós somos isso. Eu tenho orgulho de dizer sobre indígena até o último suspiro independente eu sou, então que que acontece as pessoas hoje eu acho que na dança de São Gonçalo a gente pagou a promessa agora eu me senti honrado, e a gente fazer um aniversário de um componente da nossa dança de São Gonçalo que foi a guerreira ali, e até do momento a gente falou sobre essas guerreiras que participam e isso nós da força de continuar como esse aqui um dia passou para a gente. Então eu sempre digo isso aqui pessoal como a gente fala muita gente deve dizer que a gente só repete não, eu quero que vocês entendam uma alguma coisa o que seria de nós se não fosse os velhos, o que seria de nós para nós achar o conhecimento se não fosse ele nos passando, quantas pessoas quantos filhos quantos netos não deixaram dos outros que trabalham. Então eu peço a todos vocês que dê continuidade, tente não deixar nossa cultura morrer, pois um dia vocês vão lembrar o Ari falava muito, como o ti Toi mesmo diz mas é não é que serve eu falar não tem conhecimento, pessoas aqui tá buscando ter conhecimento o grande guerreiro falou uma coisa de tentar abrir mais o leque eu sei falar uma coisa da dança de São Gonçalo e cada dia que passa eu como o mestre a gente ta aprendendo, mensagem para vocês o sábado não é o que sabe é o que tenta aprender e mais sábio ainda é aquele que repassa. Porque uma das coisas que jamais eu vou tirar de você seu conhecimento isso você passar por demais, então o que acontece vai criando um vínculo de passar de geração em geração então não tenho vergonha de soltar o conhecimento não tô com vergonha de repassar, pois eu sinceramente me sinto mais do que satisfeito tá aqui hoje, eu tenho exemplo eu tenho minha esposa tenho as minhas duas filhas e fui passando de geração em geração, se amanhã eu partir eu posso fazer o que eu sei eu ouvi que tem alguém que apresentar vai ter alguém que vai dar continuidade futuramente com certeza elas vão passar para outras pessoas, e isso vai dando continuidade à Cultura a raiz o conhecimento. Porque a dança de dança São Gonçalo ela não é só a cultura ela faz parte da nossa Terra, ela faz parte do nosso antepassado

ela é riquíssima como a gente fala nesse ponto, o nossos antepassados que já foi então nesse momento eu tenho certeza que tem muitos partiram que fazia parte da nossa Dança de São Gonçalo, quando a gente fala parece que a gente tá vendo todos talvez muito aqui não entenda tá falando assim o Ari assim. Eu cheguei e dentro da roda que vocês estavam eu não entrei, mas talvez eu tava mais dentro aqui do que vocês imaginam e o canto que você estava cantando por incrível que pareça me representou chegando, então isso é conhecimento que a gente tá buscando e cada vez mais vai abrindo um leque e até um cantar um toré seja ele representa qualquer um de nós. Então você mais fala eu quero agradecer cada um de vocês que está nos prestigiar esse momento, os meus guerreiros que vieram de fora bom uma das pessoas que eu não posso esquecer que ela tá bem de ladinho ali a Doutora Luciana, que está desde o começo está sempre junto e misturado com a gente. E esse guerreiro aqui que eu vou ficar elogiado pois ele me tocou muito eu não posso deixar de falar na primeira Assembleia de 2007 foi quando perdi minha mãe por isso que eu sou conhecido como Ari do milagre aí fez uma mistura não sei se vocês perceberam para ficar bem até a Luciana calma. Muito obrigado a todo mundo bom dia que nosso pai Tupã nos abençoe e nos proteja sempre, e fica aqui um forte abraço uma do Ari do Milagre uma das coisas que eu quero dizer a vocês seguimos em frente firme e fortes, que todos sejam abraçados não por mim, mas pelo o nosso Pai Tupã, tenham todos um ótimo dia.

Anexo J – Transcrição da entrevista com Valdelice Fernandes

Bom dia mais outra vez qual a força da natureza, com a força da encantaria com a força daquele que passaram por essa luta por essa dança, quero convidar a dona de Lurdes a mulher de Seu Jorge Né que esteja presente aqui na mesa que são as três mais idosa da dança do São Gonçalo. Foi o inicial da nossa dança da nossa luta da nossa força, que nós colocamos e a força e a fé em Pai Tupã senhor São Gonçalo que nos deu uma resistência pra esta onde até aqui com esse fortalecimento e com essa nova gerações, porque eu já tô na terceira geração da minha família, e eu a minha neta e meus bisnetos que estão entrando o meu filho em primeiro lugar, eu sou a mãe é o filho a neta e os bisnetos são quatro gerações, são guerreiros de dentro dessa dança de São Gonçalo. Me sinto honrada feliz e com muita fé na nossa luta e também dizer que a força de Pai Tupã e a força de nossa luta das nossas conquistas em tudo que nós passamos isso aí é luta nossa, nós somos perseverantes quantas vezes eu chorei e dizia assim meu Deus como é que vai ser a nossa vida daqui para frente, como é que eu vou fazer pra mim poder continuar dentro dessa luta, por causa do medo por causa que o povo dizia assim como é que tu quer seguir um caminho se tu não conhece, ai eu ficava pensando meu Deus me dá força me dá para mim poder lutar junto com meu povo, e nisso eu continuei meu filho dizia assim como que nós vamos lutar, eu digo meu filho nós somos fortes vamos buscar nosso povo vamos conversar vamos se reunir debaixo dos pé-de-pau. Hoje nós estamos felizes estamos de baixo dessa sombra nessas cadeirinhas, nós sentava no chão, nós sentava no pau botava assim em cima do strip e se sentava pra nós fazer a nossa reunião, quantas vezes nos colocamos lamparina de baixo do cajueiro um pé de goiaba e nos era tudo felizes, fazendo a base de uma luta que é a luta do Povo Anacé história do Povo Anacé, alguém dizia assim é o bando de abestado não sabe de nada. Mas nós vamos buscar, pessoas de dentro da minha casa dizia assim mulher se sai disso é perigoso as pessoa vai é te matar, eu digo mata mas eu continuo a minha história vai ficar, vocês não confia em mim mas vai ficar quantas pessoas dizem assim eu vou dar fim na mãe no filho e na cunhada, isso era eu os lutador do início no pontapé da nossa história dentro de Matões, as pessoas que dizia assim aí ela vai passar mas nós não encontra um pra da fim nessa mulher, com essa história negócio de Índio que aqui não tem. E eu ali pisando firme e forte ainda hoje estou aqui pessoas que dizia vamos da fim neles acaba com isso aí, quantas vezes chegava gente na minha porta em um carro todo fechado batendo foto da minha casa e dizer assim essa daqui, e eu na janela só olhando brechando pela a janela ai dizia aqui é a casa dela e a casa do filho dela, aí começou a desunião a desunião mas sempre mostrando aquele povo buscando aquele povo e dizendo vamos lutar junto não é do jeito que o povo diz vamos acreditar em nós somos indígenas que nós somos povos, vamos tem a nossa na nossa reunião vamos lá pra cassa da Dorra, minha casa vamos ter a nossa reunião resgatar a nossa cultura a nossa história que a dança do São Gonçalo através do Padre Hélio dos Missionários de todos aqueles que já vinham lutando que era o povo do Bolso. E nós fazendo reunião participando de reunião no bolso debaixo de umas mangueiras que eu acho que era lá debaixo da mangueira na casa da Socorro da tia Isaura, participei muito de reunião às vezes eu dizia assim estou tão cansado mas eu vou nunca deixei de participar momento algum toda vida quando dizia assim tu vai? Eu dizia assim vou deixo tudo e vou nunca deixei de participar nada de dentro da luta do movimento, se hoje eu não participo de tudo mas eu agradeço muito a força do pai Tupã a força da natureza a força da encantaria que me fortaleceu para mim ainda hoje está aqui falando, eu não tenho medo de chegar em lugar algum e falar com ninguém não tenho medo, me sinto feliz me sinto aquela pessoa que naquele tempo eu temia um povo porque o meu conhecimento era muito pouco, mas quando eu comecei a ter amizade a chegada do CIMI na minha casa aí me fortaleceu

abriu os horizontes, aí elas começaram a dizer vamos viajar para você apresentar o seu povo que a senhora é uma guerreira, eu digo irmã eu nunca saí daqui mas eu vou a primeira viagem que eu fiz foi pra Brasília nunca tinha andando de avião e eu dizia eu não acho que eu vou morrer, aí a irmã Odila foi fez esse convite dona Valda a senhora vai viajar, aí eu disse porque o que eu vou fazer? a senhora vai participar 8 dias de uma teologia indígena e apresentar o seu povo, eu fui e disse assim vixe mas eu vou é aonde você vai ter conhecimento de todos os povos do Estado do mundo inteiro. Eu digo ai meu Deus que vai ser de mim dessa vez eu nunca saí, mas eu digo irmã eu vou, pois arrume suas malas o voo vai sair as duas horas da manhã, e a senhora vai lá para nossa casa, eu digo eu vou eu mando vim lhe buscar em casa eu digo ta certo assim com aquela dorzinha porque nunca tinha saído né e fui. Quando eu cheguei lá que vi todo tipo de índio eu fiquei Meu Deus agora eu reconheço que eu sou, aí eu fui do meu coração aquele reconhecimento tão forte que eu me retirei e chorei de alegria (emocionada) que eu era Anacé e tava representando toda aquele meu Povo Anacé, aí eles disseram você vem da onde eu digo eu vim do Ceará, quantos vieram do Ceará Anacé? sou eu você tá representando o seu povo aí foi uma salva parabéns de maracá de você ter aquele conhecimento aquela força, coragem que você precisar apresentar seu povo eu digo ai meu Deus vai passar 8 dias no curso, participei oito dias do curso tendo aquele conhecimento, vendo as falas as pinturas, vendo os vestuários deles, eles chegavam para mim e começava a falar Meu Deus aonde eu estou me da força porque eles querem ter o conhecimento da resistência do meu povo na fala dele eu meditava, eu digo tudo aquilo que ele fala para mim resistência é uma força comecei aí eu comecei a pensar, eu digo que me trouxe aqui foi a força a resistência o conhecimento da Dança do São Gonçalo que tudo que nós temos foi a nossa luta o nosso conhecimento, o que trouxe a nossa dança do São Gonçalo foi muito grande muito grande, e uma resistência e um conhecimento trazemos até hoje. Nós se apresenta o que que eles falam? olha esse grupo é forte esse grupo ele vem com história tão grande que nós precisamos ter um conhecimento e o conhecimento é esse que nós estamos tudo junto pra nós falarmos pra nós ter aquela profundidade de tudo que nós passamos, mas lutas e trazendo a nossa dança a nossa resistência a nossa história como foi que nós temos até hoje o fortalecimento de nós indígenas, foi a nossa história nós temos a nossa Terra, nossa educação a nossa saúde porquê sem Terra sem educação sem saúde nós não vivemos. E foi o que nós trouxemos da nossa resistência da dança de São Gonçalo foi isso aí que nós trouxemos foi o que nós buscamos hoje, até hoje e a resistência do povo Anacé são as guerreiras somos nós que até hoje nós estamos dançando estamos mostrando para juventude para as crianças e vamos resgatando aquilo que é de direito de nós passando de geração para geração, meus bisnetos pergunta bisa como foi que tu chega a esse ponto de trazer nós até aqui? Com essa dança tão bonita, eu digo meu filho olha eu tô desde do início, ele foi disse assim bisa mas eu acho tão lindo que eu vou dançar mais meu primo pra senhora ver, isso são meus bisnetos são dois, aliás são três eles tem até o gingado pra dançar, eu digo Parabéns. Aí ele diz assim não é só São Gonçalo não eu puxo até o Toré pra senhora vou buscar minha maracá quero que você veja, eu me sinto feliz meu povo dentro da luta do movimento indígena dança do São Gonçalo ela é forte ela é firme é um Santo poderoso, é um Santo que cura é um Santo que nós tivemos muita fé e graças a Deus a Pai Tupã até hoje somos fortes grato na nossa religião que é a dança de São Gonçalo. E a dança do São Gonçalo está de parabéns todas as culturas dos anacé outras e outras culturas do nosso povo são muitas culturas, são muitos povos e cada um tem sua cultura diferente é isso gratidão pela nossa fé pela nossa cultura pela nossa resistência de um povo guerreiro. E um bom dia obrigado e até a próxima

Anexo K – Transcrição da entrevista com Maria de Lurdes

Primeiramente bom dia para todos, eu quero primeiramente da início falando da dança de São Gonçalo. Eu mais o meu irmão Antonio Adelino ali nós era pequeno, mas muito curioso ele disse comadre bora dançar a dança do São Gonçalo? eu digo, mas a onde foi que tu já viu, não, mas vamo dançar eu já ouvi então vamos. Nós pegava tambores antigamente não tinha cadeira, botar uma imagem do meu pai pegava umas flor fosse de cajueiro fosse de qualquer coisa que nós ia dançar a dança de São Gonçalo eu pegava dois pra fazer o oito, aí nos ia cantar aquela cantiga você sabe como é era como num era mas nos falava de São Gonçalo. Nos dizia assim, ele dizia pra mim quando nós crescer e nos tiver oportunidade de haver uma dança de São Gonçalo nós vamos dançar no cordão eu digo se Deus quiser, então eu ouvi uma dança lá na tia Bela, antigamente era doze jornadas durante a noite, o tirador era o tio Mario Ribeiro e o tio Manuel Ribeiro com as duas esposas, ai eu fui e disse assim Antoi nós vamos dançar ele disse vamo, ai eu disse como é que tu vai dançar meu irmão se eu tô vendo que é homem com homem e mulher com mulher disse não a gente dá um jeito meu pá foi a comade Lisinha filha da tia Bela. E ele arranjou o menino para dançar com ele, nós nunca precisamos de ensaio não, o nosso ensaio foi como eu tava dizendo foi no tamborete botando o santinho e botava aqueles pau pra fazer o oito né como hoje é de costume na dança de São Gonçalo. Então foi muito bom a nossa juventude eu mais meu irmão, e eu também outra coisa que eu não sabia na minha vida que era índio, não a depois que eu casei eu morei em um canto gente que o povo conhece, abaixo do Alto da Cruz ali era um lugar dos Índios e ninguém sabia, meia noite eu ouvia muitas batucadas sem saber o que era né, eu dizia meu Deus que batucada é essa perto da minha casa, mas eu fui uma pessoa que nunca tive medo de nada tinha muita fé em Deus né. Pronto ai esqueci eu não sabia, aí passou o movimento dos índios eu dizia eu não sou Índia, quando apareceu a história de reunião, apareci lá ai meu irmão disse assim come vai ter reunião lá no tio Chagas, vai ter a reunião lá na casa Pintão ta entendendo eu quero que você participe. Ai nos fumo conversando e fumo entendendo o que é era o índio, aí eu fui declarei que a minha bisavó era índia e foi pegada na Amazonas a dente de cachorro então daí eu reconheci eu sou uma Anacé, eu e meus filhos meu irmãozinho aqui que nós somos dois mais novo né. E graças a Deus eu sou muito feliz muito grata de hoje o praticamente como a companheira ali disse uma guerreira né. E mais o meu irmãozinho aqui nos se bandeira do mar para onde nós fomos de noite? Pro morro que se chama é o morro que tem a moradia de índio fomos arrastados pra lá, quem foi buscar nós meu pai o meu pai os encantados, ele baixou o índio o encantado e foi buscar nós tamanha oito horas da noite né. Eu sei que sou grata a Deus a senhor São Gonçalo agora domingo passado paguei uma promessa que a dez anos eu tinha feito essa promessa, e to muito satisfeita porque não to muito como eu desejava ser mais e mais e mais, mas ficou na história a minha promessa graças a Deus hoje eu me sinto feliz de ter pago, de ter como comemorado meus 73 anos que eu ia só pagar a promessa mas eu tenho uma filha que é uma guerreira foi e disse mãe vamos comemorar seus anos vamos comemorar seus anos. Eu fiz uma promessa ao senhor São Gonçalo e fui valida meu irmão foi fazer o arco, eu fiquei mais triste porque não tava porque na época que eu fiz a promessa com São Gonçalo foi em sonho, eu pensava que eu tava com aquele problema que se chama câncer, mas não era ai eu fiz uma promessa em sonho com senhor São Gonçalo que se eu ficasse boa daquelas dor que eu sentia eu mandava fazer uma dança de São Gonçalo, duas jornada tocada pelo o meu irmão na gaita. Na época ele tinha resistência pra puxar, mas agora não deu porque ele já tá de idade mais do que eu né o forgo dele não dava para ele tirar nem uma jornada, porque eu tenho que entender também as coisas. Falei com o pai do Caio primeiramente porque ele falou comigo meu irmão, o pai do Caio disse tá tudo beleza a gente faz com muito gosto, e até que foi realizado o meu sonho de eu pagar a minha promessa agradecer a Deus primeiramente e senhor São Gonçalo os dois mestres que e Júnior que é meu primo e o Aristide que são os dois mestres de hoje né, antigamente era meu irmão mas o Domingo nosso primo também mas a depois ele viu que não tava dando pra ele continuar ele passou pro Aristides e pro Junior. E isso é o que tenho pra dizer

para vocês, que tô muito grata a Deus e o São Gonçalo se eu aturava mais uns anos de vida que eu não, sei quem sabe é Deus que nós traz nossos dias com Deus tá escrito, que tem o aturar mais um tempo eu posso mandar fazer outra dança de São Gonçalo lá em casa porque muita gente gostou, adorou né dizer para você é muito obrigado.

Anexo L – Transcrição da entrevista com Junior Anacé

Então pessoal bom dia a todas e a todos mais uma vez, vou focar aqui mais na questão da São Gonçalo e como já foi falado aqui por alguns atualmente estou como mestre alguns falaram aqui. E a dança de São Gonçalo é mais do que centenária tem muito mais de 100 anos ela foi trazida por um senhor chamado Antônio na época dos cueiros que o seu Antônio Adelino chegou a relatar pra gente, a quem primeiro dançou a dança de São Gonçalo na Região do Matões lá na região ali do CIPP foi Mario Ribeiro, Manoel Ribeiro que era dois irmãos irmão e depois a Odete Ribeiro e a Maria Ribeiro então dançando até mais ou menos final da década de 60 no início da década de 70 e foi ficando mais escasso foi diminuindo as apresentações. E aí que acontece a gente escutava falar na minha época né minha mãe escutava sr. Antônio Adelino e outras pessoas falar que tinha existido a dança de São Gonçalo e que era uma dança muito bonita eu nunca tinha assistido. Então fiquei curioso para saber pra ver como era, nunca tinha escutar o cântico eu nunca tinha escutado ninguém tocar mas aí eu tinha muito respeito pelas pessoas idosas, eu não gosta de falar a palavra velha que fica muito no passado gosto de falar a pessoa idosa com muito carinho e respeito que eu tenho por cada um que está aqui principalmente que tem a sua terceira idade. Então busquei seo Antonio Adelino e um grande amigo que eu tenho respeito de um carinho que é o seo Jorge Né e o Biagua que é o filho do Mario Ribeiro dos dançantes e da Maria Ribeiro, busquei eles pra conhecer pra entender conhecer mas eles não sabiam quem sabia, mas quem sabia o mestre Antonio Adelino fui uma vez, fui duas vezes, três vezes e ele querendo saber se realmente era isso que eu queria pra comunidade, se era isso que eu interessado com seriedade, não com fanatismo nem com brincadeira para brincar, mas com seriedade. E aí na quarta vez ele disse que ia nos ajudar e ai três vezes ele disse que não sabia não poderia me ajudar, mas na quarta vez ele a gente conseguiu resgatar. Primeiro momento a gente andava de pés e eu tinha um burrão estradeiro de sela e eu ia por dentro do tio Chaga Paulinho lá pro seo Antonio Adelino com esse burrão na sela. Era como a gente se locomovia nesse tempo, mas fui algumas vezes de bicicleta e aí seo Antonio disse eu vou lhe ajudar meu filho, tem uma pessoa lá na Barra do Cauípe que já dançou e deve saber que é o Domingo Freire e ai buscamos o tio Domingo Freire meu tio porque ele é filho de um primo do meu avô, aí para o respeito aos mais velhos a gente da benção né, tinha o Zé de Mar que tocava e o tio Domingo tinha noção de notas no violão tinha uma pessoa que tocava violão com a gente tem. Eu disse Ivan tu consegue pegar essas notas do violão com o tio Domingos bora ver, ai bora lá peguei a pampa do seo Luiz uma preta que ele tinha colocamos esse pessoal o Seu Jorge né, seo Antonio Adelino e Biagua e o Ivan e foram bater na casa da tio Domingo na Barra do Cauípe, peguemos um área danado quase atolamos mas chegamos lá a Dorra também foi. E aí pegamos as notas, aí vamos marcar um momento quando foi dia 5 de novembro de 2005, a gente teve o primeiro momento somente seis pessoas para poder dar o ponta pé inicial de retomada da dança de São Gonçalo que há 28 anos naquela época não era dançada, porque teve vários o pessoal com fanatismo não dava credibilidade a dança de São Gonçalo por mais que naquele tempo era feito pagamento de promessa só existia a dança de São Gonçalo por pagamento de promessa não era apresentado por apresentação cultural só por apresentar. Só podia ser feito naquela época pra pagar promessa e aí foi tendo algumas perseguições né algumas pessoas fala que na época lá no terreiro do finado Domingo França chegou um pessoal da cavalaria do Capitão Neco Martins dizendo que aquele que estava embriagado ninguém sabe que aquilo era adoração ao diabo não era para ter aquilo e aí começou a ser perseguido, quando foi numa apresentação da dança de São Gonçalo lá na Pirapora, seo Antonio no meio relatou pra gente lá o dono da casa embriagado não queria pagar promessa e aí acabou foi uma confusão com o pessoal da dança de São Gonçalo e teve que acabar. Então as pessoas começaram a ter medo de se apresentar como apresentação cultural, aí a gente com esse objetivo de fortalecimento da cultura naquele tempo ainda em 2005 não se falava ainda da existência de um povo Anacé, apenas existia algumas pessoas esporadicamente se identificando lá do Bolso e lá no Matões e a gente buscando os nossos direitos tentando apoio de organizações

Indígenas de organizações governamentais e não governamentais e como a gente fazer para poder ter esse apoio. Aí quando foi em 2005 a gente teve esse primeiro momento quem foi que fez? Seo Antonio Adelino disse eu quiser eu sei mais ou menos como é que faz é assim, quem primeiro se apresentou nessa retomada dessa história dança de São Gonçalo foi o seo Antonio Adelino tio Domingo Freire o Biagua e eu, nós quatro fomos treinar fazer o outro lá no meu quintal lá no meu terreiro lá no Matões e o Ivan foi tocar no violão como era o solo do São Gonçalo. E seo Antonio Adelino disse vamos atrás de resgatar a música são 13 versos e seo Antonio lembrou de 12 só que ficou faltando um, a gente soube que a tia Luiza Rafael tinha um Santo guardado esse santa a mais de 90 anos e tava lá uma quebradura no lado da cabeça, mas ainda tava inteiro total bem antigo bem velhinho. E aí ela disse que eu tenho uma promessa para pagar lá no Dão na Barra do Cauípe e aí a gente em conversa com o tio Domingo Freire a gente foi para pagar lá na Barra do Cauípe e foi quando a gente começou a juntas o quebra cabeça, pra vocês ver o quebra cabeça tava totalmente separado o grupo da dança de São Gonçalo não gostar não existia tava tudo despeço. E aí foi quando a gente começou a juntar o quebra cabeça quem foi Dona Celeste, mas a Dona Lurdes Carneiro já havia dançado e sabia como era os passos, Biagua mais o seo Antonio Adelino também já sabia os passos, mas seo Antonio Adelino ele ia fazer a pá com o tia Domingo Frente porque já sabia como era que fazia a jornada. Aí a gente pegou o Biagua e descobriu que o seo Zé Bolacheiro já havia dançado com o Biagua, e aí fomos juntar então Dona Celeste com a dona Maria de Lurdes, Biagua com o Bolacheiro e Domingo Freire com seu Antônio Adelino e vamos para frente, dona Valda foi com a dona Luiza irmã do finado Manezão, a mãe da Silvia que hoje dança também. Então a mãe foi com a dona Luiza e eu não tinha pá, eu era doido para dançar e aí eu dancei nesse dia com o Gil do seo Jorge Né foi a primeira vez que eu fui dançar lá na Barra do Cauípe, então a gente juntou o quebra cabeça foi juntando, juntando. E aí a Dorra mais a Clelia Angela tinha interesse de participar e fizemos o pá com ela e vamos ensaiar e aí entraram também, eu sei que nessa brincadeira nós fizemos um momento muito bonito com a promessa da tia Luiza naquele momento em 2005. Lembro como se fosse hoje no dia 07 de dezembro de 2005 lá na Barra do Cauípe. Aí ficamos não vamos deixar isso aqui acabar não, pelo amor de Deus, e aí a gente começou se reunir a fazer reunião para avaliar aquele momento que tinha sido muito bom, depois outras pessoas vieram. Hoje o grupo da dança de São Gonçalo ele tem essas força e não somente fortalece a organização Anacé aqui na Taba Anacé como também fortaleceu muito o movimento indígena desde 2005 até hoje, e hoje nós temos, seo Antonio Adelino passou a missão pra mim mais o compadre Aristides nós dois somos os mestres da dança de São Gonçalo, mas hoje eu formamos também outros outras formamos um segundo pá que é pá de mestres que é, já tiraram jornada de São Gonçalo oficialmente pra apresentação que é a Edvania e Angélica. Elas duas já tiraram é muito bonito e inclusive foram as primeiras estrelas já tinham Então tem muito bonito inclusive foram as primeiras estrelas da dança de São Gonçalo a Angélica e Edvania que até hoje de dança né, pronto em 2005 elas duas foram as primeiras estrelas na dança de São Gonçalo dançaram do dia da promessa e nesse tempo a nossa primeira roupa que a gente fez. Fomos convidados pagar uma promessa do Pedro Duarte lá na lagoa do Banana no ano seguinte em 2006 apresentação lá na lagoa do Banana foi quando o Aristide entrou na dança com a gente, a tia Maria Milagre tava doentinha mais foi acompanhou e foi quando a gente teve mais pessoas que entraram no grupo né, então blusa era preto e branco a calça preta e a saia era essa aqui preta e blusa branca com o nome dança de São Gonçalo, depois vem atrás amarelinha né saia de chita estampada de verde com amarelo e vermelho depois a gente fez outra blusa muito bonita que é a vende, essa blusa depois dessa blusa verde veio essa laranja que o compadre Aristides vermelho goiaba ou então Rosa e depois a laranja e veio a última que é essa azul. Oque que é a dança de São Gonçalo para mim o que que é a dança de São Gonçalo para muita gente as pessoas falam seguinte ela é fortalecimento espiritual ela é um fortalecimento mental, ela é o fortalecimento do corpo ela ajuda a unir ela tem momentos que a gente tivesse lá discutir pra poder decidir algo, mais uma das coisas que a gente faz sempre incentivo e os mestres falam também a gente tem que dançar por composição por devolução e não por dinheiro. Tem momentos que a gente dança quando algumas organizações convidam a gente

tem o cachê a gente não divide esse cachê a gente deixa esse valor para manter o grupo, por isso que a gente tem essas roupas quando a gente se apresenta por exemplo a no SESC a gente tem cachê de R\$ 500 e esse dinheiro guarda de um ano para o outro, porque se precisar fazer roupa para alguém que entrou eu quiser mudar de roupa ou de calça ou de sandália a gente pega esse dinheiro, de um ano para o outro para poder comprar e manter o grupo do jeito que a gente tem mantido. tô falando a verdade eu tô mentindo. E isso que a gente tem procurado fazer num primeiro momento que a gente ganhou um cachê dividiu pegamos R\$ 500 na época de para dividir em partes iguais R\$ 23,50 para cada. Ai foi que aconteceu no ano seguinte a gente precisa fazer blusa, e agora vamos comprar essas blusas quanto é as blusas na época era R\$ 22 e ainda tivemos que dividir o cachê de 23,50 para casa e no outro final de ano a gente teve que tirar R\$ 22, a gente não faz nada com R\$ 23 e se a gente junto a esses R\$ 23 para comprar a gente não tira do bolso da gente vamos deixar ele guardado em caixa, e assim a gente procurou fazer e graças a Deus todos a gente tem essa visão de manter e fortalecer a Dança de São Gonçalo. E graças a Deus o prêmio culturas indígenas desse ano veio a fortalecer não somente a dança de São Gonçalo mas também as outras danças né é hoje a maioria grande parte das pessoas que dançam São Gonçalo, crianças temos temos jovens principalmente a participação dos jovens é a maioria e a gente gosta e agradece a participação da juventude, por exemplo hoje a Dança de São Gonçalo ela é formada por: Júnior e Aristides que somos nós dois os mestres da Dança de São Gonçalo, está entrando novas estrelas mas eu vou citar aqui as estrelas anteriores como eu já falei a Edvania Angélica, Arilúcia e a Silmara, a Arilúcia e o Silmara a Cleane e Viviane depois e parou não tivemos mais estrelas São Gonçalo incentivamos alguém da participar de um até ajuda aos mais jovens, algumas das meninas aqui que para convidar as meninas para vir para fazer parte da estrela do São Gonçalo. Por que precisa de crianças porque são puras tem seu coração, tem o seu coração puro para aqueles momentos que é para entrar com Santo, a questão da santificação aquele momento de entrar com Santo a pureza da criança, essa pureza da criança faz com que a gente com cinta a participação da Estrela. E aí a gente convidou a Hanna e a Pâmela estamos ensaiando elas estão se saindo muito bem só duas crianças, que já já ela esperando a roupa dela para entrar oficialmente com Santo no momento da promessa como a estrela da dança de São Gonçalo. Tem mais quatro crianças que tão ensaiando o Levi e o Gabriel são os bisnetos da dona Valda e Davi e Eluide, Davi é outro bisneto e Eliude é bisneto do seo Antonio Adelino menino com menino e menina com menina, homem com homem e mulher com mulher é até o que é a características da dança de São Gonçalo então, depois vem Cleane e Viviane, Ariana e Leidiane, Nayara e Manu, Angelica e Edvania, Nataliane e Yasmin, Arilúcia e Evelyn, Luciana e Samara, Cléo e Silvia, Ângela e Clelia Ângela, Ana Celia e Bruna, Luíza Gil a Valdimeire, Dona Lurdes e Valdelice, Wellington e Raphael, Kenedy e Yuri, Biagua e Zé Bolacheiro. Os tocadores atualmente tem seo Antonio Adelino que também toca com bastante dificuldade do folego, mas hoje toca o Kairo seu pai o Erandir, o Ivan e o seu Raimundinho, o Dico e o Seu Jorge Né também já tocou no pandeiro o tio Domingo Freire que foi o primeiro que passou a nota do São Gonçalo e o Zé de Mar que era o panderista. Também já dançou no grupo o Gil filho da Dona Eliene que fazia pá com seu irmão naqueles momentos que era o Cleison em memória a gente acredita que ele está aqui, dona Luiza Paulino que já dançou com a dona Eliene em memória também Dona Luiza, dona Celeste e dona Lurdes que não está mais, às vezes dona Celeste quando podia vim ela dançava aqui ela dançou algumas vezes, mas não veio mais e os que eu já falei que foram os pioneiros. E os que eu já falei algumas vezes que não estão vivos mais, eu já falei que foram os pioneiros que era na época que foi o Manuel Ribeiro, Mario Ribeiro, Maria Ribeiro e Odete Ribeiro. Então assim hoje nós somos aproximadamente 40 pessoas, 40 pessoas que formam o grupo das em São Gonçalo é a coisa mais linda né. Então é isso pessoal a história da dança de São Gonçalo se junta ela se mistura entrelaça e tem essa afinidade de grupos de família, você ver aqui tem uma boa parte de irmão, irmã com irmão, irmão com irmão parente com parente muito próximo todos que dançam, filhos e netos pai e filho que toca assim mãe e filha e pai né e pai e filha então fechado pra o povo Anacé é fechado. A gente tem todo o cuidado em inclusive a gente já tirou pessoas do grupo em momento de ensaio de apresentação porque não estava dançando com o objetivo que é

dança, estava dançando com fanatismo com brincadeiras, embriagado e não pode entender é um momento divino de adoração de espiritualidade então pode ser de qualquer jeito e nem qualquer canto. A gente dança em uma apresentação cultural de outra forma como se tivesse pagando a promessa, a Dança de São Gonçalo ela tem algumas passagens, o tanque da dança de São Gonçalo ela é tocada por 5 notas é um xote, hoje é tocado por sanfona, gaita harmônica, violão, pandeiro, zabumba, triângulo, pode ter violão pode não ter mais, geralmente esses são os instrumentos e guitarra. E quais são as passagens da dança de São Gonçalo nós temos o momento de entrada com canto do Santos do hino do Santos, depois nós temos momento de cumprimentar de desejar seja boa sorte ou seja bem-vindo e a gente enquanto mestre sai cumprimentando e desejando as boas-vindas para o grupo para os dançante que estão no cordão, são duas filhas que me chama de dois cordões e a continência, a continência um momento depois tem o momento do beijo depois tem o momento do oito e tem o momento de cortar o cordão né, que é o momento que a gente faz a costura daquele cordão de pessoas. Dançando se você fizer uma filmagem de cima do alto de cima você consegue ver perfeitamente que o a dança de São Gonçalo tempo todo a gente tá fazendo um oito. Tem um momento da passagem do oito que faz quatro pessoas, mas tem um momento todos os momentos que a gente tá dançando no grupão com todos os integrantes e fazendo um oito, e faz dois círculos de pessoas desses, quando esses dois círculos de pessoas se juntam que faz direitinho é muito lindo já fizemos uma apresentação faz um coração também. A gente fez uma apresentação na Serra dos cocos em Ipueiras lá tem o padroeiro que é São Gonçalo do Amarante, e fizeram do auto da Igreja uma filmagem, e está lá se você a filmagem. Nesse dia tinha uma pessoa que apresentando com a gente com a Ana Célia era a Barbara nesse período ela tava dançando e também tinha outro menino que fazia o pá com o Eduardo que era o filho dela o Bruno filho da Barbara que dançando com o Eduardo, nesse tempo na Serra dos Cocais eles estavam dançando tem o Wesley que também dançou com o Bruno e com o Eduardo. Então é muito lindo a gente falar sobre a dança de São Gonçalo, mas lindo ainda quando a gente está se apresentando, é assim a gente dança uma jornada fica um pouquinho ali pra repor energia depois dança outros, se for preciso a gente dança fica com dor na coluna mais dança de novo. Que acontece eu digo tem algumas pessoas que sente também que a gente parece que entra em transe, quando a gente tá dançando São Gonçalo e não precisa nem bebe mocóro não as vezes a gente entra em transe, tem passagem que a gente faz na dança de São Gonçalo tão concentrado e depois a gente não sente que fez, fica falta isso falta isso, eu mas o compadre diz vamos por dentro ou por fora, nós já fizemos isso aqui e as vezes já tem feito aquela passagem e não lembra é tão rápido no momento tão rápido o momento tão empolgador e espiritual que a gente faz aquele momento ali que a gente nem sente. E quem tá tirando a jornada de São Gonçalo quem está de fora diz não sei como eles aguenta, é muito cansativo as chega de 40 a 45 minutos sem parar a gente fica lá na frente a gente só para pra esperar o outro pá que vai entrar, mas mesmo assim a gente ainda fica dançando o xote certo. Imagine você está aqui em pé dançando 45 minutos sem parar, sem sentar, da o entender que cansa, mas não canso de jeito nenhum o coração da gente bombeando sangue nosso corpo fica com vitalidade fica forte. E está aqui 73 anos e 68 anos aqui do nosso lado que dança 45 minutos sem parar e tem momento que é correr né celerado né quando era pequeno ele muito rápido, quando o cordão é grande não é tão ruim, mas quando o coração é pequeno é muito rápido a gente no instante faz a jornada. Tem um verso da dança de São Gonçalo que é sim “quem foi dançar essa dança deve ter o que é ligeiro depois nós sair dizendo tem barroca no terreiro” que é isso porque tem que ser rápido e é uma passagem é um ritual eu não digo que horas em São Gonçalo é somente uma dança ela é um ritual, que fortalece muito a nossa cultura e a partir da dança de São uma mudança também bem antiga nossa que meu avô dançou, que é a dança do coco que depois a gente fala um pouquinho sobre ela daqui a pouco eu próximo que a gente vai falar que é a dança do coco. Então assim a gente agradece vocês ter escutado essa história já é hora de almoço não vamos entrar mais quem já assistiu pode perceber, e quem participa pode entender o quanto é prazeroso o quanto é gostoso agente dançar o São Gonçalo. E o prêmio culturas indígenas que venha mais o quanto é fortalecedor para esse momento, que a gente antes alugavam um som, por meio da nossa organização de

desse e esse grupo que criou e se dedicou como o Thiago a Debora, a Rute e eu a gente escreveu com muito carinho com muita dedicação com muito amor para poder ser contemplado. E se Deus quiser a culminância de tudo isso aqui vai ser no dia 12 de novembro vamos comemorar tudo isso aqui que é do prêmio culturas indígenas. Primeiro escrevemos, segundo fomos contemplados, terceiro compramos nosso som, vamos já comprar nossas sandálias a prioridade máxima. Hoje o almoço é por conta desse projeto né a gente tinha pensado 3 oficinas enxugando para ser só uma, vamos almoçar daqui a pouco a gente vai ter também a compra do material do da dança do Coco nossas blusas aqui há mais de cinco anos, seis anos já que a gente dança o coco a gente não tinha como comprar outro agora a gente vai mudar, vamos mudar a blusas, mas não é para manter a mesma coisa mesma característica da blusa. O Maculelê Caçula dos grupos da dança vai ter o seu material também, vai ter várias apresentações aqui dentro, apresentação de todos esses grupos quem puder participar sintam-se convidados vai ser um grande momento pra todo mundo se apresentar e prestigiar esse grande momento. E agradecer a presença de todos vamos almoçar não vão embora vai ter contação de história do coco e maculelê, obrigada.

Anexo M – Transcrição da entrevista com Antônio Adelino

MESTRE DA DANÇA DE SÃO GONÇALO ANTÔNIO ADELINO

Me chame ou chame ela, mande recado. Tem uma casa fulano de tal pra ser. Mas já tem gente aí, o que é que eu vou fazer, sem pa pa, sorteio nem nada, num tem a casa do menino. Ele passou pro outro sem ir pra sorteio nem nada. Aí tinha a casa do meu neto, não foi pra sorteio, aí quer dizer, será como no meu nome, num é pra mim. É mesmo que ser pra mim. Eu me sinto que é pra mim. Eu não vou dizer que ela indo lá para casa dela, seja onde for aqui dentro da reserva, eu não vou dar uma colher de açúcar, eu não vou dar uma temperatura de sal, eu não vou dar um carço de feijão. Não; a gente podendo, mas é uma coisa diferente de tá dentro da casa da gente. O menino não sabe respeitar, tem dia que não sabe respeitar nem essa menina aí. Ela se zanga e uma pessoa que tá luta que essa daí tá, já passou e sabe, e essa menina não pode tá estressada. Que eu faço o que eu posso fazer por ela, eu faço, mas tem dias que por causa dos outros eu me estresso, e estresso ela também. Nós bate boca, isso aí eu não escondo de ninguém. Isso aí, antes nós não tinha isso. E eu espero um ar de felicidade, que eu vim pra cá pra ter um descanso. Não é que eu não queira o amor dela, eu quero é a paz para ela. Porque ela tendo a casinha dela, ela lá faz do jeito que quer. Cria a família como ela bem quiser. Nós não tem preocupação. Preocupação sim, mas não não tamo atrás de ninguém não. E tem um menino maior aqui, que Deus abençoe que ele seja um bom homem. Deus abençoe, é isso aí o que eu peço. O moleque de 10 anos, sei lá quantos anos é, mais quer fazer o papel de um adolescente de 17, 18 anos.

É o mais velho. Se taca no meio do mundo e vai chegar aqui nove e meia, dez horas da noite. Antes o sobrinho, os tios iam buscar ele, eu não vou não. De jeito nenhum. Vou aconselhar, dar conselho e tal. Mas não vou atrás de ninguém não. A mãe faz, cria, acaba de criar eles do jeito que ela quiser. Aqui ela também não grita com eles, não dá uma disciplina, um moral. Não sei porque, ela disse que é para não tomar a nossa paciência. Ela se recusa a tomar nossa paciência e eles não se recusam. Agora minha florzinha não toma paciência não. Só bem cedinho que ela não chora mais, só faz gritar.

Mais é isso. Aí se a pergunta, se a senhora puder fazer para esse povo lá, eu fico agradecido. E pode dizer lá que é pra um velho, que eu não vou dizer que essa daqui me ama, que essa daqui me ama, que gosta de mim ninguém não. Eu penso que o povo daqui, muita gente gosta de mim. Porque tem muitas coisas que dá onde eu posso ajudar, eu ajudo. Só se eu não puder, mas nós podendo. E assim, a minha pergunta era essa.

Pronto aí, é muito importante a gente saber colocando o nome do velho aqui. Antônio Freire de Andrade, (**silêncio**), mais conhecido como Antônio Adelino. Pronto. Aí, 77 anos. Mora na reserva há 4 anos e uns meses. Vai completar 5 anos agora em outubro, se Deus quiser. Eu não vou dizer assim sou mestre da dança de São Gonçalo. Eu não quero me apresentar, tomar de conta de todo o espelho para ninguém se apresentar também não. Porque em termo da minha idade, eu achei eu cansado e a minha velha começou a adoecer, e eu não tinha não, não tenho condições de sair de casa. Agora, vou sair agora, vou sair amanhã, isso tem que ser programado com esse povo, se dá certo. Pra ficar primeiramente, eu saber da força de Lua, como é que vai ser. Porque ela tem uma crise muito forte. Só eu sei, e Deus me dá um jeito de lutar com ela. Eu sou quem toma de conta dela mode eu dar um apoio pra esse povo procurar o objetivo deles, o futuro deles.

Dois já Graças a Deus, já tem seu bom futuro ou bem empregado. Por que é melhor que a diária, é empregado cria de muita gente. Aliás, todos que conhecem ele, é um rapaz excelente. A outra é professora, uma pessoa excelente também. Essa aí tá numa luta para o futuro dela. Esperando

eu, pela benção que eu peço a Deus todo dia pra ela ser uma pessoa, que ela tem um poder de obter esse futuro dela lá na frente, que é para quando eu faltar nesse mundo, partir desse mundo para o outro, eu deixar ela bem plantada e segura. Sem carecer de sair e dizer 'vou deixar minha filha pela mão de Deus e do Povo'. Não, ela vivia por conta dela, se eu tiver algum companheiro ou não, mas ela tem como ela sobreviver sem eu e sem avó. Que agora, depois de Deus, ela tá vivendo por mim, pela avó e a irmã dela. A irmã dela, essa que é encostada da mais velha; a Divania que é a professora, essa daí é irmã dela e é mãe. E ela é minha neta, minha filha e minha mãe. Ela desde novinha, de 15 anos, que ela vem nessa caminhada, nessa luta, lutando por nós, e eu na época era eu, essa aqui pequeninha, novinha, e o menino também que tá grandinho, e eu mais o meu filho e essa menina aí que eu tô doido para casar com ela e eu não sei o quer que faça.

Aí ela vem um tanto e eu prestando atenção se ela tinha como eu, se ela me dá confiança pra mim entregar a ela tudo que era meu, pra ela tomar de conta. Aí fui, até que alcancei a confiança dela e desde os 15 anos para cá, com 18 anos, eu entreguei a Deus e disse 'minha filha você vai ser minha mãe no lugar da sua mãe'. Que a mãe dela era tudo para mim. Era filha, era mãe, ela era uma conselheira, ela era uma mulher disciplineira. Ela me disciplinava como tá aqui ela, daqui e acolá querem me disciplinar. Aí eu quero me zangar mais ao mesmo tempo, eu baixava a cabeça, que do mesmo jeito eu fazia com outro, eu queria me zangar, baixava a cabeça. Tão trabalhando e lutando pra tomar de conta de nós e dar conta, orientando, disciplinando como uma palavra mais alta. Que nem essa daí, ela se zanga que se morde. Não sei a quem puxa. Viviam nessa vida e hoje em dia Graças a Deus que tem os três, os três que eu acabei de criar, a Edvania era do tamanho dessa tesourinha, minha medalha, do tamanho de uma cabritinha, quando a mãe brigada, a gente morava como daqui aquela casa acolá, ela chamava vovó, pegava o corredor, corria até lá em baixo. E quando foi um certo tempo ela me deu pra mim acabar de criar ela, e aí foi quando ela morreu. Também eu não fui pedir a nenhum. Não pedi nenhum ao pai.

Essa daqui era mais nova, o pai pegou e botou na mão da irmã dele. Ela foi sofrer na casa da tia dela. Aí eu dizendo a ela que ia embora, que eu ainda passei duas semanas nos matões. O avô dessa aqui, a mãe dessa aqui, o tio dessa aqui, eram as pessoas que não passavam dois dias sem ir lá em casa me aconselhar. Eu passei uma semana sem comer, sem beber, que eu abria a porta, que via a casa da minha fia, eu me virava. Aí eu tive que arranjar essa casa lá pras bandas, fiz um barraco lá pra mim. Era onde eu tava. Pois então, porque ela era tudo pra mim. E eu acho que Deus mostrou a simplicidade dessas crianças. Ela foi a primeira a dizer que me acompanhava. O outro disse que me acompanhava. E a Natália era casada e já morava lá. E essa daqui não tinha voz altiva ainda, era uma baixinha velha desse tamanho, o pai pegou e jogou pra lá. Poucos dias eu digo 'essa não vai comer um pacote de bolacha lá na casa tia'. Lá já tava judiando com a menina. Ele pega, pega a criança, tira da casa da mãe dela, bota na casa dele, e quando era de noite jogava ela no quadro de uma bicicleta e ia para o cabaré com essa criança desse tamanho aí. Se eu tivesse mentindo, queria que ele dissesse que era minha mentira. Eu mostro até onde era o cabaré que ele ia pra lá. Ficava, as mulher pegava ela e colocava numa rede, numa cama, não sei. Dormia até a hora dele sair e vir pra casa. Aí quando eu soube da história pedi pra Natália tomar de conta dela. Fui lá pedir ela, aí ele deu. Não comeu um pacote de bolacha na casa da irmã. A irmã, essa dita Natália, ela tivesse aqui (alteração de voz), ela criança, a filha dela mais velha também criança, mais nova do que ela um pouquinho, e criança gosta de arengar e tal, e ela não aguentava o desaforo da duas meninas e queria botar a carga todinha pra cima dessa daqui. Aí foi me pedir pra ficar com a menina. É minha, se ela quiser ir, eu pego e quero, pronto.

Expulsou e quem agarrou essa aqui, ela com duas semanas; duas semanas que ela descansou, a borboleta foi? Foi e tomou de conta dela até um certo ponto, aí quando aconteceu aí, corre todos

os três, se juntam os três irmãos, apoia e arrasta ela pra cá. Quer dizer que ele não tem capacidade. Aí jogaram aqui, e aí quer dizer que eu me acho feliz porque eu aceitei a proposta dele. Não aceitei a proposta dela, não vou mentir pra ninguém. Aceitei a proposta deles três. Porque eles não deixaram a irmã com os sobrinhos, quanto deus dará como a ex sogra dela, o destino dela, de ver ela passar. Então ela até que pelejou, pegou, vendeu a casa. Isso aí ela teve, ela até falou isso, taí a mais velha dela, ela foi para uma audiência e até isso ai ela falou. Falou que a veia tomou a casa, vendeu, e não deu nem uma bolacha mofada para os netos. E aí o ex marido só fazia balançar com a cabeça, não podia falar nada . E tá assim, nós estamos aqui mais só eu e Deus sabe o momento que to passando. A gente quando é velho quer ter um descanso, quer fazer as coisas do jeito dele. E eu queria viver mais uns dias no meio desse povo.

Nasci nos Matões na época de 1945. Sou filho nativo dos Matões. Foi onde eu me criei, criei minha família, e depois de criada minha família, com 72 anos de idade, eu me mudei para a reserva. E até hoje eu tô aqui, e eu espero, eu queria que Deus me abençoasse, mas eu sei que ele me abençoa, de eu ter esse privilégio de saber que a minha família tá acumulada numa casa. Aí eu fui viver uma vida como eu esperei. Boa. Junto com essas duas crianças aqui.

A minha infância, foi uma infância sofrida. Na minha infância, eu não tive infância, foi uma infância sofrida de cidadão. Por isso, ainda hoje eu faço o papel de cidadão, desde os 8 anos de idade eu tive que assumir a responsabilidade de um cidadão. Com 8 anos de idade meu pai deixou minha mãe, minha mãe cegou. Aí eu tive que trabalhar junto mais um irmão meu mais velho. Ele trabalha para outro. Minhas irmãs no labirinto, quem não sabe o que é, eu também não sei. Eu disse que não sei, mas eu fui um dos tais que quando não tinha trabalho pra mim, só queria que tivesse um aqui pra dizer assim, eu torcia as blusas. Quem for uma idosa que sabe o que é labirinto, eu torcia, com agulha. Então pra ajudar elas a ganhar dinheiro pra nós sobreviver. Quando aparecia um trabalho, eu ia trabalhar e não via esse dinheiro.

Na roça. Eu só tinha o direito de ganhar aquele dinheiro. Quem recebia era elas pra fazer as coisas. Não tinha direito a receber nenhum centavo. Desde os 8 anos. Com 16 anos eu fui trabalhar fora dos Matões. Elas já estava tudo casadas. Tava só eu e a comadre marieta, que é a dona Maria de Lurdes. Ela não quer que chame Maria de Lurdes. Eu conheci ela como Maria, até a morte na minha boca vou chamar como Maria. O meu irmão e a minha mãe. Aí ela, eu ia trabalhava lá, como eu, a mamãe não podia ir lá, a comadre marieta era, fica mode ir pedir esmola mais a mamãe. No tempo era só areia na mata. Chegava lá, não pedia nada, o pessoal já sabia, só fazia, quando pela primeira vez, você não precisa mais pedir nada, quando nós lhe ver a gente sabe que vocês estão precisando. Do sol só não dava água, mais o resto, dava tudo.

Aí essas minhas irmãs, a Carmo, já casada morando em Fortaleza. E ela vinha dar pitaco na minha vida, dizendo para outra irmã que era mode receber o dinheiro e mandar o cunhado dela entregar o dinheiro a mamãe pra entregar o Luiz pra fazer as compras. Mas não tinha nada não, eu dizia ‘um dia eu cresço’. Mas não pude crescer, não deu tempo de eu crescer. 18 anos, minha irmã, que era mais velha do que eu morreu, que ela sempre tomou de conta dela, e eu fui trabalhar aqui no Dias Macedo. Foi onde eu via receber meu primeiro dinheiro que recebi. Ganhava e recebia. Trabalhei dois anos aí, de 15 em 15 dias eu vinha em casa.

Eu trabalhava como aguador de. Não era jardim porque era plantação, tinha um tanque enorme lá. Eu mais um senhor, por nome Notato, nós trabalhava lá. Um tanque grande que pegava não sei quantos mil litros d’água. E do tanque grande caia para o outro pequeno. Que o tanque pequeno era mais ou menos assim daqui aquele pau acolá. Aí a gente, eu descia para aquele pequeno, destampava pra cair nos canais e dos canais caia dentro de outros tanques pra gente aguar as plantas. É aqui em Fortaleza. Não sei se é Cauípe, sei que tem o alto da balança. É ali naquelas imediações.

Aí quando eu vim de lá com 19 anos. 18 para 19 anos, eu fiquei dentro de casa e vi que aqui não dá essa vida. Vou atrás. Toda vida gostei de trabalhar independente de patrão. A senhora morasse assim vizinho a mim, tivesse um serviço pra minha fazer eu não ia trabalhar na diária. Eu não gostava de diária não, pelo sofrimento que eu tive lá. Eu já sofri muito trabalhando por empeleita ou então no terreno que eu plantava por conta própria. Arrendei um terreno nas queimadas do Siupé pra lá, do poente da Taíba, mas eu passei três anos lá. Lá eu tava bem.

Eu plantava tudo enquanto. Feijão, milho, batata, os coqueiros. Coco era do terreno. Só que na arrenda os coqueiros eram meu. Plantava tudo enquanto, melancia, jerimum.’ Eu pagava a arrenda. Era uma mixaria que eu não sei nem dizer. Essa renda hoje em dia ninguém compra mais nem um bom-bom. Só porque antes tinha um velho que era tio, nosso tio, que era arrendatário lá, e perguntou se eu não queria ir trabalhar lá. Eu disse que ia, fui. Me levou até a casa desse senhor lá, seu Sebastião. Aí ele disse “É mesmo que entregar a mim, que eu ficar tomando de conta. É homem de confiança. Só não tem tamanho de homem, mas é trabalhador”. Se der certo eu vou fazer um teste de um mês. Se der certo, você fica aqui. O preço que seu Chico pagou, você paga também. Aí fiquei um dois anos, com três anos eu me desgostei de lá. Desabei de lá por causa de uma macumbeira. A macumbeira queria fazer eu casar com a neta dela à força e eu não gostava e nem nada da menina. Então, aí vim embora, cheguei aí, deixei tudo lá. Abandonei tudo. Perdi tudo. De lá pra cá, sofrendo. Agora eu vou sofrer como um suvaco de aleijado na minha vida. Aí eu digo, ai eu fui e disse ao papai ‘pai isso é uma vida, todo mundo tá sabendo do meu sofrimento no meio do mundo’. Eu nessa época, eu não tinha vergonha de lhe dizer não, nessa época eu não tinha uma roupa boa pra sair. Só existia duas roupas, dois mulambos e uma roupa mais ou menos pra sair que não fosse rasgada, o resto tudo era trapo. Hoje em dia Deus defenda, quer dizer que o pessoal resgata o passado do povo com precisão. Passava o que esse povo novo hoje passa. Passava por precisão, eles só não fazem porque não é como o dilema anterior porque eles não remendam. Mas eles compram aquelas roupas todas rasgadas.

Remendado que ninguém sabia qual era o pano da primeira roupa. Era remendo de todo jeito. Eu vim embora e disse ao meu pai que ia embora. O véio foi e disse “vai não, você não é doido. Não tinha leitura como ainda hoje não tem. O que é que você vai fazer no meio do mundo, você não tem profissão, não tem nada. A profissão é puxar no cabo de enxada. Você vai sofrer e vai comer o pão que o diabo amassou. Não vá”. Eu vou. Aí ele disse “Vou mostrar como você não vai”. Era um índio vei guerreiro, era forte. Aí quando foi um dia, ele sempre aconselhava “meu filho cace uma mocinha pra você casar. E aqui é o seu local onde você nasceu, é aqui onde você vai viver. Não importa a qualidade, não importa se é bonita, se é feia. Quer saber se é trabalhadora”. Lá quero saber se é preguiçosa, quero saber se eu arranjo. Aí achei essa daqui preguiçosa que só. Não barria nem uma casa.

Em Matões. Aí a mãe dela era bordadeira. Ela aprendeu com as primas dela a bordar e ela passou a ser bordadeira mais a mãe, Tinha noite que ela via o dia amanhecer para dar conta do recado mais a mãe. Ia deixar esses trabalhos em Fortaleza. Aí ela ficou nisso, e eu disse ‘é essa bichona mesmo, ela é danada, e eu vou casar com ela’. E ela não queria eu não, que eu era pobre, feio. Aí então, ela nasceu pra mim e eu nasci pra ela. Até que deu certo nós casemo. Aí eu disse ‘você sabe que eu sou pobre, só tenho coragem de trabalhar’. Nós tivemos 5 filhos, esses 5 filhos. Ela só não criou, se nós, porque eu lutava de um lado e ela lutava de outro. Mas até na época nós com 5 filhos . Nós tava doido pra ter filho. Com 6 anos de casado foi com 5 filhos que nasceu. Tinha noite que ela tirava a noite em casa e a mãe ia lá na casa dela pra dar conta do trabalho. Comprava roupa pra mim. Só não comprava o de comer porque eu trabalhava pra comprar o de comer. Ela comprava roupa pra mim, roupa para os filhos, calçado, remédio se precisasse. Naquele tempo não tinha essas facilidades. Era comprado.

Tudo do bordado. Aí quando foi, quando é hoje, quando cabe eu contar essa história para alguém, aí eu digo: porque hoje em dia a minha esposa não pode mais fazer aquilo comigo, não pode trabalhar mais como ela trabalhava pra mim ajudar. Ela não pode trabalhar mais eu. Ela nunca foi mulher de, porque eu não aceitei, de botar uma enxada, não. Mas em casa ela dava conta de tudo. Ela criava as criação, ela dava conta. Os bordados.

Aí quando nasceu 5 meninos, a mãe dela que Deus a tenha no reino da glória, a mãe dela disse “Maria tu tá igual coelho, sai da cama já grávida de novo”. E eu disse ‘vamos dar um basta nisso’.

Aí eu disse, a gente só tá aqui na terra enquanto Deus quer. Deus deu um jeito pra nós, parou nesses 5. E o último que nós tínhamos, morreu agora. Morreu a três anos atrás. Ficou só nós dois. Onde cabe eu contar pra alguém, porque essa mulher foi tudo pra mim, e hoje porque ela não pode fazer isso eu abandono ela. Eu já andei perto duas vezes de abandonar ela, que Deus me perdoe isso aí mas a verdade eu não nego pra ninguém. Uma vez foi nos Matões e outra vez foi aqui. Nesse dia eu me arrumei pra ir embora, mas só que eu ia embora e ia buscar ela. Ela não ia ficar aqui não. Mais aí, o irmão dessa daqui chegou “nesses terrenos que o senhor passa fora, é mesmo que dá uma machadada na minha vó. Ela morre, vai ser mais uma preocupação para nós, é melhor você não fazer isso”. E eu estava com a chave no bolso, sentado bem ali atrás desse carro aí, fazendo minha bugigangas, que eu gosto de fazer um colar, botar um cabo de um ferro e tal ali. Era um dia de sábado, esperando o Júnior, olhando pra casa dele, esperando o carro chegar. Na hora que o Junior chegou, o menino já tinha vindo, já tinha me aconselhado. Quando o Júnior chegar lá, eu vou bater lá, pegar a chave a ele, mande ele entregar pra Nayara e eu vou embora. **(36:26)**. Mas aí Deus é bom, Deus sabe. Baixei a crista, deixei eles me benzerem do jeito que eles quisessem. Era um crime que eu ia cometer tanto pra mim quanto pra ela. Talvez eu morresse primeiro do que ela, que hoje em dia um cidadão não é mais tratado como cidadão, é como um vagabundo. É como um vagabundo. Eu saía no meio do mundo, um mendigo, o pessoal não me conhecia, achava que era um ladrão e iam matar logo. Aí então eu ia ficar por aqui.

Matões eu tava com muitos dias que eu não ia lá. O Matões tava com um ano, nos dois anos eu fui... Aí passou um período, quando foi agora, depois eu fui, fui de novo, outro dia eu fui pra visitar meu irmão. Mas o Matões tá completamente diferente. Você encontra duas pessoas que a gente conhece, o resto ninguém sabe quem é. Pessoal as casas é tudo cheia de muro, com medo do vizinho que não sabe quem é. Se eu to numa casa, moro aqui perto, chega um caba da baixa da égua, que eu não sei nem quem é, eu vendo a minha casa aqui. Aí a daqui as vezes fica chamando a ruindade do meio do mundo pra dentro do lugar e é como os Matões tava ficando. E o Matões era o lugar de se dormir de porta aberta. De viajar qualquer hora da noite. Todo mundo era irmão, todo mundo tinha obediência um ao outro, tinha amor. Hoje em dia é difícil uma pessoa, quando quer ter amor, não tem condições porque não sabe a quem dar amor. E a coisa mais bem feita que Deus deixou na vida de cada um que acreditou é ter acompanhado, ter visto o Júnior, ter acompanhado o Junior pra cá pra essa reserva. Muito ignorante diz assim “o Junior, como é que o Junior deu essa casa pra vocês?”. Não foi o Júnior não, foi o Governo. O Júnior não botou nem uma telha lá, não colocou nem uma mão cheia de areia. Certo. E quem foi de nós que foi passar fome no meio do mundo, passasse decepção no meio do mundo, sacrifício, por nós? Foi o Governo sim, mas ele é quem foi atrás. Que o Governo não vem de lá pra cá pra perguntar quem é Júnior, o que é que tá precisando. Não. Se a pessoa não for atrás, como ele batalhou esse tempo todinho. E eu agradeço muito a Deus e a ele ter arranjado esse local aqui pra nós. Que é como ele dizia

“Seu Antônio lá é um ponto, tem uma paz”. E quando eu cheguei aqui logo com a minha família

eu sofri. Engraçado que cada muda que muda, murcha. E o caso de cada um que se muda, pode mudar daqui para o fim da esquina acolá, tem que mudar. Tem uma coisa que fica aqui que não tá lá na sua casa. Mas aí nós passamos dificuldades, com a ajuda de Deus nós vencemos e estava vencendo. Já estava pisando firme. E aí foi quando aconteceu esse desacato lá com essa minha neta.

Isso foi quem acabou, quis tomar a nossa frente. Mas ela não toma. Estamos confiando em Deus, e nosso pai Tupã tá na frente pra rebater esse tipo de coisa. Aí foi parou as coisas que nos beneficiavam. Com medo que ninguém podia se encontrar com ninguém, ninguém podia sair para procurar. Teve uma época que ninguém podia nem ir ali pra fazer uma compra porque não confiava. Sabia quem era. Eu tenho um sobrinho que ele veio falar comigo agora depois que começou a doença, e é porque eu fui falar com irmã, que ela pediu, a mãe dele. Que é irmão desse ex marido da Natália e as coisas dele estavam tudo lá, que ele era da igreja, mentindo pro povo, que mentindo pra Deus ninguém mente. Ninguém mente para Deus. Ele trabalhava e o dinheiro só dava pra comprar coisa boa. Roupa boa, calçado bom, tal hora era palito. Quando via, ele parecia um cidadão. Mas eu nunca fui enganado por isso aí, eu tinha na mente, mesmo que ele já foi, era, mesmo que ele era, e fingindo que aqui era evangélico, mas usava a droga e roubando do mesmo jeito. O dinheiro dele só dava pra essas coisas. Aí tinha coisas boas dela aqui, aí quando ele foi a irmã dele, pra visitar ele, ela pediu o documento pra fazer um cartão, que ela tem direito de visitar ele. Entrar lá pra conversar com ele. Aí ele mandou pedir pra mãe, pra mãe me pedir, mode eu, como ele já sabia que era eu quem tomar de conta da chave, queria que entregasse as coisa dele. Nesse dia seguinte que eu fui entregar as coisas, que podia vir buscar, tava dois irmãos, uma irmã e um cunhado, e uma prima. Tava tudo lá na comadre Marieta. Aí ele veio falar comigo nesse dia, porque antes, logo no período ele andou aqui, veio de Fortaleza de lá pra cá, riscou aqui na bicicleta, desceu e veio pegar aqui na minha mão. Espera aí Luiz, nós tamo no meio de dois gumes da navalha aqui. Não to dizendo que você tem os sintomas da doença, você não sabe nem como pode dizer como é os sintomas. Mas você passou por muita gente aí meu fi, você não sabe de onde vem e nem sabe o que é que vem lhe acompanhando. E eu to aqui, nem eu sei se eu tenho os sintomas da doença. Quem sabe como eu posso passar pra você, você pode passar pra mim. Que assim, enquanto não passar isso aí, eu não recebo visita de ninguém aqui. Nós passamos um período sem fazer visita a ninguém. Aí ele se zangou comigo. Aí quando foi um dia 'esse bichinho aí levantou o rabo pra mim por causa de uma

A simplicidade. O amor. A fartura que nós tinha. Tinha fartura de farinha nas farinhadas. Criação que nós criava. Hoje em dia pra você comer uma galinha, é preciso das sete províncias do mundo como se diz, atrás de quem cria uma galinha caipira pra comer. Quero comer uma galinha caipira saudável para matar aquele desejo, vai comprar do preço que quem bem queira criar, queira vender. E nesse tempo não, todo mundo criava galinha, peru, capote, pato, cabra, ovelha, porco, se ele pudesse criar. Nós nunca criamos gado porque meu pai nunca criou não, porque não tinha terreno pra fazer plantação. Mais os outros bichos que escapavam tudo aí nos matos. Porco só botava um porco no chiqueiro, passava um mês pra limpar. Mas aí é por conta da natureza. E aí era uma fartura. Quando era 5h da manhã via o rebanho de bicho saindo pro mato. Quando era 5h da tarde voltando. Aquilo ali no dia que você queria comer um pirão, ele dizia vou comer um pirão de uma cabra, vou comer um pirão de um porco, de um peru, de um capote, de uma galinha. O que quer que seja, tinha. Chegava uma pessoa de fora, um vizinho na nossa casa, ninguém se aperriava. Se não dá tempo de matar uma galinha pra nós almoçar, vamos comer ovo. Lá de primeiro era cumbuca, não tinha esse negócio de depósito pra colocar ovo não. Era cumbuca, cabaça. Tirava aquela tampo de cima, enchia de ovos. Aqueles mais velhos botava pras galinhas deitar, e os mais novos botava pra gente comer. E era assim, fartura de doce, entrava no inverno, no verão cada canto que vocês iam tinham uma moagem funcionando. Comia doce à vontade, ninguém dizia nem que a gente era feio. Comia doce, bebia

garapa, levava garapa pra casa, levava doce. Que os donos da moagem dava. Quem plantava um pequeno sítio eles deixavam pra moer nos finais do ano que era mode aquela parte dele, ele fazer as lata, num tem aquelas lata querosene, pra encher lata de querosene de doce. Quando acabar tampar com barro, mês de dezembro, aí botava no canto lá, duas, três latas, dependendo, quando chegava o mês do galo. O mês do galo você não sabe qual é não, né?

O mês do galo é o mês de março. Porque dezembro você tá comendo fartura ainda do verão, ainda do inverno. Aí chega o inverno, tá se acabando, chega fevereiro você tira os últimos caroços de feijão para plantar, e comer, e se acabar, não tem. Aí vamos escapar com as galinhas. Muitos deles aí, quando era pouca galinha, até o galo entrava na

panela. Aí o pessoal apelidaram o mês de março como mês do galo. E era assim, aí quando era nesse tempo do mês de março, aquela pessoa que fazia essa atividade, tirava aquela tampa de barro, o doce tava. Parecia assim aquele favo de mel, chega era branquinho. Tirava com ferro. Arrancava aqueles doce, era uma delícia. Botava na farinha. Hoje em dia vai fazer isso pra ver se não morre. Ninguém hoje em dia vai comer farinha não. Doce, quem é que vai comer doce? Eu nem no tempo que eu tive sarampo, que não podia comer doce, eu comia doce escondido da minha irmã, da minha mãe. Eu mais minha irmã, quando a veia dava as costas, nós roubava doce pra comer. Hoje aqui eu to sendo preso por essas aqui.

Não sei quantos meses, anos eu não vou dizer não, porque eu não gosto de mentira. Mas não sei com quantos meses, pode não tá com um ano não, mas anda bem pertinho. O Doutor disse que você não pode comer doce. Em junho aconselhou que não pode comer doce. Aí quer dizer, faz parte de uma obediência. Eles obedecem a ordem do doutor porque é uma comida que não é própria pra gente comer, mode a tala de diabetes né. Aquela mulher até pelejou pra me levar, ir mais ela, mas eu não quero ir, quero ficar mais a minha veia. Mas naquele tempo todo mundo tinha saúde, todo mundo era forte. Ele comida um feijão com gordura de porco dentro, aqueles torresmos. Sabe o que é torresmo? Aí fazia um pão de milho, do milho natural do roçado. Botado de molho. Passa no moinho e faz aquele pão. Era bom. Com rapadura. Um pedaço de toucinho dentro. Era bom demais. Hoje em dia ninguém pode mais fazer isso. Isso aí é o tempo.

Muito feliz. Porque não é fácil, só quem acredita quem podia afirmar isso, Deus já levou. Era minha mãe e meu pai. Mais (**silêncio**)... A experiência da dança de São Gonçalo entrou em mim eu tinha na faixa de 5 a 6 anos de idade. A primeira eu fui no meio de uma carga de caçoa, que quando tinha uma festa aquele povo que era respeitado, era querido, era procurado pelos donos daquela casa das festas. Ele levava o que ele podia levar. Foi onde então tem isso e isso. Ai quer dizer que a gente levava, o povo, levava uma prenda do jeito que pudesse. Era coco, era melancia, era gerimum. Essas coisas assim boas. Bolo, fazia aqueles bolos pé de moleque pra botar nas bancas, nas bancas do (nome incompreensível) do São Gonçalo. E nesse tempo, eu com de 5 pra 6 anos, eu pai ainda vivia com a minha mãe. E foi quando um velho, esse velho é tio, era nosso tio mesmo. Ele era o João Rafael, meu pai disse, "Tal dia tem festa de são gonçalo, nós vamos levar esses meninos para ver a festa de são gonçalo". Mas eu não tive o privilégio de ver a dança de são gonçalo pela primeira vez. A população era pequena, mas fechava no terreiro, nesse tempo não era chão não, era na areia. Pois então, chegou no dia seguinte, o velho botou uma parte das coisas no caçoar, sabe o que é caçoar?

Pra botar no animal. (vento). Ai papi botou a parte, botou a comadre Marieta que era mais pequena. No caçoar até fazer peso com aquelas coisas, e eu fui no meio da cangalha, com 5 pra 6 anos. Aí menino sabe naquela época; hoje em dia é que o menino com 5 anos da dando nos cantos, se for possível passa a noite todinha pulando. Naquela época não, era no rabo da saia da mãe. Do pai ali.

Era, aí tava ali, menino logo dava sono. Foi eu de 5 pra 6 anos foi que eu vi o primeiro som da música da dança de são gonçalo. Tocado pelo fole de oito baixos, que é um instrumento que quem tem ele hoje em dia é o Cairo, um fole de oito baixos. Que eu só tive o gosto de ouvir. Aí eu via assim só as pernas do pessoal, que deu logo um sono. Agarrei no sono nas pernas do meu pai, da minha mãe. Naquele tempo não era quem nem hoje, não existia apresentação, não existia ensaio, não existia nada. Aí eu com 8 anos de idade pra 9. Teve outra festa na casa do Domingo Sabino. Aí nós fumo, nesse tempo eu já era mais grandinho me metia no meio do povo pra ver. Aí eu vi, ouvi a música, vi o sistema de dançari. Aí quando eu cheguei em casa, convidei os outros meninos, aí eu digo 'vamos tirar a dança de são gonçalo, vamos dançar?'. Eu toda vida sempre fui mais gaiato. Aí ele disse 'quem é que vai tirar?'. E eu disse 'eu tiro, daquele jeito que o tio Mauro faz mais o velho Manel'. Aí nós mesmo começamo a arrumar as meninas, só imitir, mas não fazia direito não. Aí às vezes se passava de dois a três anos pra ter, porque só se dançava a dança de são gonçalo por promessa. Não tinha ensaio, não tinha apresentação de seu fulano de tal. Aí então, aí eu com 12 anos. 10 pra 12 anos, teve outra promessa na casa de uma senhora que Deus já levou ela por muito tempo, que era a professora que se chamava Eugenia. Aí lá eu fui dançar mais esse dito meu amigo. 'Vou pedir ao tio Mauro pra nós dançar no cordão'. Ai o tio Mauro, eu fui perguntar, perguntei pra ele, ai ele antes de começar, ele disse: "vocês se garantem dançar no cordão? Mas tem uma coisa, errou, se sair não entra mais não".

O cordão. Formam-se duas filas que chama-se cordão. Aí lá na frente são os dois tirador, que são os mestres. Aí eu entrei, fizemos um trabalho bonito. 10 pra 12 anos, aí ele bateu no meu ombro e disse "você é um dos caras que não pode falar na dança de são gonçalo". Gosto nem de me lembrar dessas coisas, mas é enfim, tenho que me lembrar. Então eu sai em todos. Todos são gonçalos que tinha eu ia. Esse meu amigo foi embora pra Fortaleza, aí eu fiquei só. Cacei outro parente, outro primeiro dele mode ele ser meu par. Esse meu par teve de dançar comigo somente nessa época; as jornadas é o tempo com as danças do período, chama-se jornada. Forma-se jornada. Passa aquela jornada para ter o leilão, depois outra jornada. Aquele tempo se dizia assim - não é dois tempo não - quanto menos era de 5 a 6 jornadas.

Aí quando era 8 jornadas, ia 7h da noite a 7h do dia. Só que não era direto, porque parava. Tinha o leilão. Descansava. Ia comer. Mas todo mundo era forte nesse tempo. Hoje em dia não é todo mundo que aguenta não. Bom, aí quando foi já com 16 anos, que foi pra pagar uma promessa na casa do seu Raimundo Alves do pai do Joram. Então nós fumo pagar uma promessa lá. Aí lá era 5 jornadas. O irmão dele já tava velho, bem uns setenta e poucos anos e ele bebia muito. Tava bebo, além de cansado bebo. Aí foi e disse "Com três jornadas; casse uma pessoa aí, bote os meninos aí pra tirar o dançador no cordão". Tem que ser uma pessoa ativa mode aprender na hora da precisão ele assumir a responsabilidade dos netos. "Bote os meninos aí pra tirar". Não sei não, mode fazer as coisas direito, aqui é promessa Manel. Promessa é promessa. Tem que fazer a coisa bem direitinho. Ou faz direito ou não faz. Aí ele foi e disse: "Taí o menino que vai tirar mais eu". Eu com 16 anos tomei essa responsabilidade.

Aí ele disse "Vamos Antônio tirar mais eu. Se garante?". Aí eu disse 'Tio Mauro, eu não sei não. Eu danço no cordão, mas pra tirar é um trabalho mais complicado'. Ele disse "Meu fi, você tando mais eu" - e essa palavra que ele disse comigo ele dizia com qualquer um - "Só não tira a dança de são gonçalo mais eu se ele for aleijado, mas ele sendo cego ele ainda dança mais eu, porque eu não solto a mão dele". Ele disse meu fi só não tira a dança de são gonçalo mais eu se ele for aleijado, mas se for cego eu ainda tiro. E você tem a sua pisada, você tem o estilo, eu sei quem eu vou procurar. Tenho certeza que você dá pra tirar a dança de são gonçalo mais eu. Nesse tempo eu já bebia assim, escondido. Com 16 anos. Aí eu fui lá no butiquim, nessa época tinha as bancas de café e os butiquim de cachaça. Fui lá, chamei ele de parte assim e Tio Mauro eu queria cachaça. Aí ele disse "bota uma cachaça pra esse menino aqui". Aí nós fumo tirar, só que ele dava o gritinho dele, parece que eu tô vendo. Ele disse: "Amolece as pernas e

as mãos. Amolece as pernas, pé ligeiro e mão maneira”. Aí quando terminou a jornada, eu já por dentro que fazia com o menino, vendo o jeito. Aí terminou a jornada, pegou no ombro e disse “Bora ali”. O velho Manel tava cochilando, aí ele disse “Manel, eu tenho meu parceiro pra tirar a dança de são gonçalo mais eu. Você só tira agora se você quiser, mais tem ele. Antônio tudo que eu sei eu passo pra você. Quero que você seja meu companheiro”. Aí o Manel disse “Pronto meu fi, seja bem-vindo. Eu vi seu jeito ai, parece que é filho do Mauro. Parece que é filho do compadre Mauro. A mesma pisada do compadre Mauro”. (1:01:51). Aí fiquemo tirando, aí com o tempo ele morreu, aí parou a dança de são gonçalo. Quando foi, já faz mais de 15 anos, faz 20 anos de tradição enterrada. Aí surgiu esse movimento indígena. Deus encaminhou, deu a memória a Junior, Junior foi buscar esse movimento pra nós através de livros, através não sei de quem, dá sabedoria dele. Sei que foi a sabedoria, o dom que Deus deu a ele. Aí disseram que tinha que ter uma tradição do povo Anacé. Quais eram as tradições? As tradições tinham que ser dança de coco, reisado, e alguma outra, a dança de são gonçalo. Júnior achou quem entrasse com a dança com a dança de coco. O reisado não foi possível pra fazer um reisado, a dança de são gonçalo. Ele só achou que ensinasse a ele a tirar o reisado do dia 5 para o dia 6 de janeiro. Mas então, se torna a tradição, porque a tradição da dança de são gonçalo é difícil. E de reisado é mais difícil. Agora a dança de são gonçalo é sagrada. A dança de reisado foi criada pelos índios. É dos índios. Mas é uma dança que não é sagrada como a dança de são gonçalo, ela é diabólica.

A dança do boi do riso é diabólica. Hoje em dia forma, tem um reisado, não chega nem aos pés do tempo que criou-se, que eu cheguei a ver. É uma imitação, fazendo só aquele imitação todo mundo à paisana, todo mundo é a sua cara, botam aquelas caretas, mas aquilo ali é uma coisa que todo mundo sabe quem é. De primeiro ninguém sabia quem era, como era mais difícil, só quem a gente via era o vaqueiro do boi. O topador do boi. Mas não via o dançador do boi, que era só o boi dançando no meio do terreiro. O caboco que dançava, pra aguentar o tempo de coca, dançar fazer aquele molengo; os homi que era trajado os rapazes era trajado em traje de mulher, pra ser as moças, as damas. E os homi tudo era trajado, não parecia com traje de gente ainda, mais tinha as máscaras. Era os que se trajava com traje de mulher. Mais os homi era em traje de bicho. Que tinha uma palavra que quem

matasse um papangu, chamava-se papangu, matava um bicho. Porque ele tava transformado em um bicho. E se o papangu matasse um paisandu, tinha sido um bicho que tinha matado fulano de tal. E era assim, não tinha consagração pra gente que dança de reisado, como a gente; o reisado é importante para resgatar as coisas dos antepassados. Mais a dança de são gonçalo tanto ela é importante pra resgatar os antepassados como nós lutemos, e resgatemos com muita dificuldade. Com 15 a 20 anos de parada, enterrada. Só quem sabia era e os mais velhos. A dona Valda era uma pessoa que ela sabia, mais era diferente, ela disse que o ritmo era diferente como nossa dança. Como em cada lugar um jeito diferente. Aí foi aos ouvidos do Junior, falar pro povo, veio falar pro povo. Veio falar em negócio de ser crente, de ser índio, movimento indígena. Falar nesse movimento era mesmo que jogar areia nos meus olhos. Escarrava e jogava bem acolá, era ignorante, era não, o pior era que ignorante.

Minha proposta era essa e ainda tá de pé. Não cai nunca. Mas eu dizia por ignorância. Hoje eu digo por inteligência, por saber aquela palavra que eu dizia que quem tomasse por ignorância ele estava se perdendo. Não existia nessa época e não existe mais índio. Existem antecedentes dos índios, uns mais fortes e outros mais fracos. Porque só onde ainda tem índio, antecedente de índio, mais forte, do sangue forte, é no Sul. Mais mesmo assim eles não são, não tem aquela força que os antecedentes tinham. Porque no outro tempo, no tempo dos índios mesmo, não existia essa facilidade de um branco, podia ser um rico, podia ser um rei, que nessa época entrar lá na aldeia deles. Se entrasse eles levavam flecha. E hoje em dia são um pessoal que eles chegaram, aceitaram, e foi crescendo a população indígena, e foi se acabando aqueles mais

velhos que eram mais valentes e tal. Por isso é que eu digo que não aqui na nossa aldeia. Aqui tudo foi terra de índio, foi não, é terra de índio. Só que moravam os índios. Deus já foi já levou. Eles já foram porque houve aí um debate aí que aqueles que escaparam tiveram que ir embora. E aí para se encontrar, mesmo os índios, eles tinham que se identificar. Eu chegava na sua aldeia, eu tinha que me identificar como índio. - Como? Era documento que mostrava?

- Não, era sabedoria. Eu tinha que me identificar como índio pela sabedoria que eles, convivesse com eles lá, eu mostrasse o que eles eram e o que eu sou, o que eles eram. E aí a gente sabia quem era índio. Um índio nessa época; um branco nessa época não atravessa na vareda de um índio, se ele passasse hoje, quando fosse amanhã que ele fosse passar de novo, tinha uma cruz lá. Isso aí eu não vi. Isso aí foi de outro tempo, mas é a história que eu venho trazendo da minha criança pra cá, dos mais velhos que sabem da história dos índios. **(1:10:05)**. Aí pra mim ou outro branco que quisesse ter o direito de se encontrar com ele, o que eu fazia: se eu visse aquela cruz eu podia voltar pra trás. Se eu fosse

atravessar a vareda deles, a flecha tava em cima. Que lá mesmo ficava, e não ficava porque eles levavam pra comer assado. Aí eu voltava e fazia o que, na época tinha muita caça, matava uma caça das penas grandes. Que o índio gosta de pena, o índio gosta de ouro, o índio gosta de sal. Que nessa época os índios só comiam, não comiam escoteiro porque eles tinham o jeito de fazer as massas deles comer. O beiju. Mais comer insosso, só sarrabulhado na brasa. Pegava uma cobrona e botava lá. Sarrabulhava lá e comia com aqueles beiju. Era doido por ouro porque era uma coisa que era bonito. Quisesse pastorar muito deles, pastorar aqueles que passava lá. Amanhã vou passar lá de novo, eu pegasse uma caça de pena ou um pelo menos um moi de pena ou uma coisa de ouro, um anel, uma aliança, um cordão, e botasse na cruz lá. Outro dia fosse passar de novo, voltasse lá, tava tudo limpo e tava lá uma caça lá. Era uma cobra, seja o que for que tivesse lá podia levar, mesmo que não levasse pra comer, mas levasse, não deixasse lá não. E ainda ia se encontrando; plantava bananeira no meio das matas. Chegava tinha uma cacho de banana o caba levava e tinha outra coisa. E era assim até se encontrare. Quando se encontrava davão mão de amigo por causa da antecedência deles tratar. Aí pronto isso aí, eles começava a levar pra lá. Aí ele ia conhecer, ia passar as linguagens deles pra ele, e todo mundo de olho naquele branco, todo mundo armado e o pajé só fazia dizer que era dele.

Aí era quando eles tinham condições de ter um diálogo com os brancos. Não é como hoje que a população era pequena. A população indígena foi crescendo, dos brabos, foram crescendo, foram adoecendo. Foram apresentando doenças que eles não davam jeito pra curar. Que eles curavam através de remédio, através de reza. Aí foi se acabando, foi enfraquecendo aquela força que eles tinham. Aí foram apresentando cada tipo de doença, que só se tratavam com remédio de butique. Aí foi o tempo deles aceitarem aos poucos, nem tanto assim de uma vez não, foi indo e já hoje em dia, tem índio branco, tem índio que eles se entrosam com os brancos. Tem diálogo com ele porque sabe que tem às precisão. É que nem a gente vê hoje em dia na televisão. Por isso é que eu digo, quando eu passei, aceitei, conversar comigo, me puxar pra dentro do movimento. Aí eles diziam “Antônio tu é índio?” - e eu dizia ‘sou não, mas antes eu fosse índio. Se eu fosse índio eu não tava aqui no meio de vocês não’. E eles disse índio anda nu e tal. Aí eu digo ‘Ninguém é índio brabo, porque o índio brabo ele andava, vivia nu, era só penagico, que eles queriam penas pra fazer o penagico deles. Que era a roupa deles. E só que a gente é antecedente de índio, nós somos já fraco, uma das partes mais fracas, mas nós não tem autorização pra andar nu como os índios de primeiro, e nem a força que os índios de primeiro tinham. Porque os índios de primeiro não conversava com ninguém por muito tempo e nem se encontrava com ninguém. Não gostava de se encontrar com ninguém.

Hoje em dia já vi tudo, tudo numa panela só. Porque é necessário. Aí partiu o amor do branco para os índios e dos índios para o branco. Porque os brancos precisam dos índios e os índios precisam dos brancos. Mais os índios precisam dos brancos do que os brancos dos índios. Os

brancos precisam dos índios assim, pra ter um diálogo, uma experiência, buscar coisa doutro tempo assim. Como eu não sou índio, mas tem alguma coisa para passar.

Então, vou voltar pro começo do resgate. Aí Junior foi e falou que era muito importante esse movimento e disse que a gente tinha que mostrar qual era a tradição. E a tradição que ele já tinha procurado era a dança de são gonçalo e já tinha procurado muita gente e não tinha como, não tinha como fazer porque ninguém sabia mais como era. Nem os mais velhos sabiam. Aí eu digo: vai lá pra tia Maria, tia Maria Ribeiro, tia Odete. E fumo lá, foi lá, e pá tem não Júnior. Depois “eu vou voltar aqui”. Chegou, sentou no portão e disse “depois eu vou voltar aqui”. Eu não sei de nada, só dancei no cordão. Ele disse: “Não, a tia Odete disse que você era um tirador mais o tio Mauro e o senhor sabe”. - Aí eu disse ‘Não, sei de nada não’. Volta de novo. Aí a terceira vez mais esse homem que mora bem aqui, que se chama José Coelho não sei de que, mais conhecido como Roginer. Roginer é um amigo irmão meu, esse homem ele me domina assim através de uma bom conselho, o bom amor que ele tem por mim, consideração. Aí eles foram lá, vamos lá. Aí ele disse “Seu Antônio, hoje eu não ando só não, ando com um delegado aqui”. O Delegado dos Matões.

Aí foi, sentado assim no parapeito, aí foi e disse “Eu vim aqui mais o Junior, porque o Júnior já deu duas viagens aqui atrás de você modi você entrar na dança de são gonçalo, tirar a dança de são gonçalo, e você não quer entrar. Entre e nos ajude, a pedido do seu amigo”. Aí eu digo ‘Júnior você trouxe o delegado e me derrubou agora, porque esse veio aí, eu não posso faltar e vou faltar sim porque eu não sei. Eu vou lhe prometer uma coisa, arranje um livro, quem tem um livro com os versos, são 13 versos da dança de são gonçalo; a música da entrada da dança de são gonçalo. O ritmo da música eu sei’. Aí ele disse: “Seu Antônio o que é que pode ter. Arranji o Santo com a tia Luiza Rafael. Aí tá faltando só o livro”. Pois vá lá. Pobzinho quase seca as pernas. “Seu Antônio não arrumei não. Seu Antônio e amanhã, as irmãs vem lá pra casa, que a primeira irmã, chama-se Odila, e a irmã Regina e a irmã Isadora. São tudim gente finas, aliás. Aí então ele disse “Vem essas três

mulher lá pra casa e nós vamos até lá Barra. Lá na casa da tia Maria. Quero saber se o senhor vai mais nós pra perguntar a ela. O senhor perguntando ela diz alguma coisa pro senhor”. E eu disse ‘Tá bem, eu vou’. Aí ele se abraçou comigo. Eu meti a cabeça numa forca e se tiver quem puxar a corda, eu me lasco todinho. Foram simhora, aí a meio dia nós passa aqui - ‘Tá bom, vão com Deus que eu fico com Deus’. Aí tava trabalhando, depois da casa assim tinha uns coqueiros, aí eu descí pra lá antes do almoço. Comecei a trabalhar, comecei a matutar, pedindo força a Deus para que chegasse alguma coisa na memória dos antepassados, que era pra ajudar se eu fosse, se fosse para o bem, São Gonçalo mostrasse. Mostrasse a verdade e botasse na minha memória o cantigo dele e o ritmo de dançar, o ritmo de tirar que ninguém sabe. Ele fizesse isso por mim que eu faria para os outros que estão atrás de mim. Ali parece que, eu comecei a capinar trabalhando ali assobiando. Eu lhe juro a fé de Deus, como existe Deus no céu, que eu me escorei em um coqueiro aqui e comecei a assobiar. Parei o assobio e comecei a cantar.

Cantei os 12 versos sem parar. Quando foi no último verso, enganchou. Porque que enganchou? Depois eu fui saber, porque não era só eu que era pra ajudar. Era a tia Maria. Tinha alguma coisa pra passar pra nós. Bom, aí eu fui, eu digo Júnior; Sim, eu vim pra casa de Maria, ‘cadê a Natália tá aí?’ - minha fia vamo ali em casa mais eu. Traga um caderno e um lápis. Minha fia eu vou ditando uma coisa aqui, e você vai anotando. Um tipo de verso, forme os versos. Aí eu dizia e ela ia anotando, anotando, aí quando terminou eu disse ‘leia ai pra mim, no tipo de verso’. Ela leu tudim. Aí eu pedi, faça outra folha por essa daí. Faça outra cópia dessa daí. Taí o Júnior vivo pra contar essa história, e a irmã Odila, e o compadre Roginer. Pra encurtar a história, que to tomando o seu tempo, mais é uma coisa que é importante, Deus e são Gonçalo quer que eu faça isso aí. Como eu venho lutando muito pra trazer como era pra ser pra mim,

apresentar esse resgate como a dança dele foi feita tradicional por ele. Que ele era um tocador, era um animador familiar, mas nessa época não existia dança ao casal.

Homem com homem e mulher com mulher. Na época que; eu vou voltar lá numas alturas mais essa daqui é só pra ditar esse pezinho aqui. Quando ele viu que os homens tavam querendo se esquentar nas mulheres, dançando aquelas músicas que tocava, uma rebeca. Que rebeca é o violino hoje. Ele parou com a festa. Acabou com a festa. Teve uma reunião, “Vocês querem dançar? Vou mudar o sistema da dança de vocês, transformada homem com homem e mulher com mulher”. Aí foi quando ele transformou essa dança e ele.

disse “Em meu nome, quando eu faltar, vocês vão fazer promessa pra mim, por mim, comigo, pra me salvar vocês de algum problema que eu puder socorrer vocês. Aí vocês vão me pagar, isso aí é um tipo de um templo da dança. E vai se chamar de jornada”. Aí pronto, passou para o pessoal dele e aprenderam, e vem vindo de lá pra cá.

Então, quem sabe se não foi assim que ele disse “Se eu passei para o meu povo, vou limpar tua memória, vou abrir tua mente, e você vai passar para o seu povo”. Voltando de novo para a visita do Júnior. Quando foi no outro dia o Júnior chegou, aí eu disse pra minha veia, ‘minha veia tá aqui os hinos da dança de são gonçalo, mais tá faltando um e eu não sei qual é. É o último desse aqui’. Aí quando foi uma hora da tarde o Júnior chegou no carro. O carro do patrão dele. Aí ele foi bater na Barra, chegando lá na tia Maria ele falou, aí ela disse “meu fi, eu não sei não”. - Aí eu perguntei a ela ‘Tia Maria não sabe de nenhum verso?’. Aí a tia Luiza me deu o Santo, mas mode nós pagar uma promessa que a Francisca do Dão; a mulher do Dão fez, a tia Luiza fez por ela, e ela vai pagar com duas jornadas, e nós tem que aprender pra tirar. Ela disse “Eu não sei não. Se o Domingos não souber. O Antônio tu não dançou mais o Mauro, tu não sabe não?”. - Sei não tinha, eu era muito novo, não guardei nada na minha mente. Mais só que eu tava com dois papel na carteira, no bolso. Aí porque ninguém antes deve abrir a porta, antes de saber se tem um vento bom. Ninguém pra todo mundo assim de imediato, sem saber nem pra que e nem pra quem não. Aí eu disse ‘sei não, tia, e agora’. Edmar tu não se lembra não, e ele disse não. Só o Domingos, vamos lá para Domingos. Abarcamo para o Domingos, aí ele disse “rapaz olha que visita boa e tal”. Aí o Júnior foi, e eu disse ‘Tio Domingos trouxe esse homem aqui mode conversar com você a respeito da dança de são gonçalo, que ele quer, nós que, ele quer resgatar a dança de são gonçalo mais eu. Ele quer uma pessoa que tire mais ele’. Aí ele disse “Tirar eu tiro, se ele tiver paciência de me ensinar, eu tiro. - Aí eu digo ‘não é isso aí que eu quero, da tiração eu sei de todas as passagens, tá tudo gravado na minha mente’. Só tá faltando um livro, do bendito, do versos dele da entrada e da saída. Ele disse: “eu não sei não”. Perguntei se não tinha ninguém saiba não e ele disse “não, não tem ninguém”. E agora? - ‘Domingos e se algum de nós já chegasse lá num canto e tivesse alguém cantando, os versos tu recordava se aqueles fosse exato?’. Aí ele disse “Eu podia até me recordar”. Aí eu só fiz me levantar aqui, peguei a carteira, peguei o papel: Júnior olha esse papel aqui. E dei outro papel à irmã Odila. Ficou besta quando eu entreguei esse papel. Eu digo ‘tu presta atenção aí que eu vou cantar; tinha um coqueiro assim na casa dele como daqui aquele pé de pau acolá; vou sem papel e sem nada. Júnior e irmã Odila olhe aí se eu vem cantando reto, se eu não tiver cantando correto, quando eu chegar aqui vocês me dizem. Eu venho cantando de lá da entrada até aqui, quando chegar aqui, que eu tenho por direito a cantar o resto aqui pra começar as primeiras jornadas’. Aí eu fiquei, fui lá para o pé de pau e vim de lá pra cá. Eu vinha de lá pra cá como quem vinha com um cordão de gente. Eu sou o tirador? Vem com o cordão, vem com o pessoal assim me acompanhando. Acompanhando o Santo. Mas só que eu vem sozinho. E de lá pra cá, juro a fé de Deus como abri a boca, só Deus e são Gonçalo poderia estar comigo, cantei do primeiro verso até os doze. Tem um verso que tá enganchado e eu não sei onde é que tá, mais um dia eu vou achar ele. Aí cantei os 12 versos até terminar, aí eu disse ‘é assim Domingos?’. - “Rapaz tu sabe disso aí?”. - O Júnior pegou quase me quebra com a irmã dele. Todo mundo

aquela alegria. Ele disse “Seu Antônio e agora? A gente pode formar, marcar um encontro para um ensaio?”. - ‘Tem que ensaiar? Porque de primeiro não tinha ensaio’. Mas agora tem que ensaiar porque tem gente que não sabe. Os mais velhos que já dançaram não sabem mais como é. Mas eu me garanto. Marcou logo um dia. Voltemo, quando eu cheguei lá que eu disse pra tia Maria, tia Maria chorou logo. Aí disse “Meu fi, meu Deus. Quando você saiu eu vi que você sabia”. - ‘Mais tia Maria da enganchado o verso; quero que a senhora passe pra mim’. - “Não sei não. Me alembro mais não”. Velinha e meia doente. Eu digo ‘Tia Maria tem uma promessa pra nós pagar aqui. Nós vamos fazer 4 ensaio, e quando nós executar esse pessoal aqui pra ninguém errar’; porque ensaio e apresentação é uma coisa, e promessa é outra pra fazer. Tem que fazer sério, sem errar. Aí eu digo nós vamos pagar a promessa e eu quero que a senhora esteja lá. - “Meu filho, eu não boto a viagem não”. - Nós vem lhe buscar. Quando nós aprontar lá, eu venho buscar a senhora, pra senhora sentar encostado da mulher que vai pagar a promessa. A senhora presta atenção se é daquele jeito, se não for, quando terminar a tia Maria pode dizer que não é daquele jeito. Essa é a primeira promessa que eu vou pagar depois que meu mestre, meu parceiro forte, meu guerreiro, foi com Deus. - “Tá Certo meu filho. Venha, pode ser que eu possa ir”. - A senhora vai ficar boa. Tenha fé em Deus, tenha fé em São Gonçalo. Se não tiver fé em nenhum desses, tenha fé em mim que eu tenho fé em Deus e em São Gonçalo. Se a senhora tá boa pra ir assistir do início ao fim. Mas eu não disse a ela que ela ia me ajudar a cantar na segunda jornada. Como ela ajudou. Então nós fomo e marquemo, o primeiro ensaio foi na casa do Júnior, o segundo na casa do Júnior, o terceiro na casa da Dorra, quarto na Dorra. Sim, aí chegou no outro dia, saímos no mundo convocando esse povo que já tinham dançado, atrás desse povo. Era o compadre Jorge Neto (**incompreensível**) para um lado pra Baixo das Carnaubas e eu nos Matões. Até que fizemos um pequeno cordão, aí indo e foi indo, até que hoje tá 16 e não sei quantos par. Muita gente. Aí então, fiquemo, aí ele disse “Seu Antônio quem diria que o senhor fazia isso aí”. Aí ele foi e falou “Tem que marcar a promessa, pra pagar a promessa. Marcar com a irmã Odila e a irmã Isadora”. Fomos pagar a promessa com 4 ensaios. Domingos, tu se garante não vai dizer que eu tava mandando tu fazer nada não. Aí nós fomo, fomo buscar, quando ajeitemo lá, aí eu digo ‘tudo pronto?’. Dão com sino. ‘Pronto mestre Dão, nós podemos começar?’. Os tocador já tavam lá. tava no ponto. Quando eu der com a mão, pode parar. Aí quando eu fizer assim, aí pode continuar. Então, aí quando nós tava tudo pronto, eu digo ‘vocês ficam aí, que eu, nós vamos buscar a tia Maria, eu e Júnior’. Foi eu e o Júnior, o compadre Roginer foi também, o Domingos, nós quatro. Bora tia Maria, e o filho dela tava esperando: “Nós já tava esperando aqui, a mãe já ta arrumada”. Aí eu digo ‘São Gonçalo é bom. É preciso do carro, tia?’. - “Não, eu vou de pés mesmo, devagarinho”. Era uma distância mais ou menos assim como daqui na casa do Júnior, aí então nós fomos chegemo lá. Mestre Dão eu quero uma cadeira para a tia Maria. Essa cadeira aqui é pra dona Francisca e essa daqui é dela. Aí eu digo ‘Você fique aqui pra receber unção. Nós vamos fazer como manda o figurino. Tia preste atenção, tá faltando um verso que tá enganchado não sei a onde, e é bem facinho. Tem os pés mas não tem os finais. Tem o começo mais não tem os finais. Preste atenção pra vê se chega na memória da senhora. Vê se é assim como a senhora era nova. Que a gente fazia aí’. Saímos eu; nesse tempo não tinha nem uma menina que saísse na frente. Aí nós fomos eu, o Júnior, parece que a Cleovânia. E outras pessoas que dançavam de lá pra cá, daqui como naquela casa acolá, e aí vinha de lá pra cá cantando.

Sim, aí mandei; mode eu voltar lá para os finais lá, dos papéis. To tomando o tempo de vocês, vocês já tão com sono. Esperando que chegue às muriçocas. Aí então a irmã Odila disse “Seu Antônio é muito engraçado. Vou levar uma folha dessa daqui, vou levar pra passar na máquina”. Só que tá faltando um verso. Não minto pra senhora. Tem no começo, eu sei do começo, mas não me lembro do final. “Quando for no dia seguinte, eu trago essa folha pra cada uma pessoa”. - É bom mode eles cantarem. Eu na frente, os mestres cantando, e eles cantando, decorando. Aí então, levemo a velha. Aí cantemo os versos todinho. Ela tava sentada lá, cantemos os versos todinho. E ela olhando. Comecei a dança, a tirar. E quando terminou, quando foi nos finais, que

mandei parar. Parou. Quando eu fui chegando encostado dela, ela se levantou chorando. Eu digo “Tia Maria o que é que a senhora diz?”. - “Meu filho de Deus, eu vi o compadre Mauro em você. Meu fi era desse jeito aí sem faltar nada. E eu me alembrei como é o outro verso e vou cantar mais você no começo da outra jornada. Posso?”. - O minha filha de Deus, pode. Aí eu fui falei pra irmã Odila, maior que esse aqui nós faz outra folha com repeteco. Aí ela fez outra folha com repeteco. Aí nós vem vindo de lá pra cá, tirando de jornadas e mais jornadas, dançando, fazendo apresentação. Aí veio ao conhecimento das autoridades competentes do SESC. Até que foi ao conhecimento do chefe de lá com a Dorra. Aí puxaram nós até lá. Aí nesse tempo eu já tava cansado, não tava dançando mais. Aí o sanfoneiro também abusou de tocar. Porque era só um baião só, que era só uma música só. Puxemo pra outro caba daqui do Cipó, mais era preciso pago, ir buscar e vir deixar, e pagar. Eu digo que tal a gente formar, aí eu fui assim meio gaiato, eu já não posso mais dançar, aí eu digo ‘Júnior vou te ensinar a tirar e depois vou passar pra outra pessoa, pra você aprender com outra pessoa. Você tirar e eu vou tocar a música no Vialei’. Eu tinha um vialezinho desses tamanho, quem tem esse vialei ainda hoje é o Cairo, que eu dei pra ele. Aí ele disse “Seu Antônio se garante?”. - ‘Eu não sei, vou tentar’. Vamos ver se vocês aprendem a tirar. Passei pro Júnior, tiremo ligeirinho demais. Aí o Domingos também adoeceu, aí eu digo ‘pois então agora você tome de conta’. Passei para o Aristides, Aristides vou lhe ensinar, ensinei Aristides. Aí ensinei a esses dois mestres pra tirar no meu lugar e de Domingos. Aí eu pasei a tocar no vialeiro. Aí quando foi o Júnior disse; eu toquei um ensaio no vialeiro. Aí o Dorra danada disse que a gente tinha que arrumar uma gaita grande, que chama de gaita, porque esse daí era muito pequeno. Vamos arrecadar dinheiro da dança de são gonçalo, do grupo pra comprar a gaita. Arrumou foi esse Aristides e não sei mais quem. O segundo foi eu e o Aristides, primeiro foi o Aristides com outra pessoa, não sei se foi mais o Júnior. Foi um deles lá. Aí foi chegou o recado pra mim, que essa gaita tava na Dorra. Aí eu peguei a gaita, fiz uma zuada. É assim, então pronto. Aí fique tocando na gaita pra negada dançar, e o Júnior mais o Aristides dançando. Aí foi aos ouvidos do Paulão lá do SESC. Aí o conhecimento dele com a Dorra, aí ele pediu pra mode ver esse; aí ela falou na cultura tradicional da dança de são gonçalo. Ele disse que vinha um dia pra ver como era, pra puxar, antes do tempo da festa pra fazer uma apresentação lá. Só foi e falou pra mim, aí fomos. Eu digo mode eu tocar, eu toquei a música pra eles lá, eu toquei. Diz ele que ficou encantado. Primeiro eu toquei a música de são gonçalo e depois toquei uns forrós na gaiata. Aí ele disse: “Seu Antônio, pelo o amor de Deus, eu nunca tinha, aqui no Ceará eu ainda não tinha visto um tocar no vialeiro, aqui chama de gaiata, desse jeito aqui. A gaita nessa bandas tem, mas só pra dizer que tem. Não tocam como você tá tocando. Só vi no Sul. Em Pernambuco eu vi, e agora”. Eles aqui só tocam por arranjo, fazem aquele arranjo e pronto. - “Pois o senhor vai tocar lá”. - Mais minha filha de Deus, eu fui. Foi bom. Acho que o pessoal gostou. Aí eu fiquei, aí eu digo rapaz, a dança de são gonçalo foi difícil pra nós resgatar. Vamos trabalhar pra nós arranjar um fole. Pra nós levantar, segurar essa bandeira de pé. Como é uma bandeira que é muito valiosa pra nós, como a dança de são gonçalo. Que através da dança de são gonçalo, nós somos um pessoal protegido de muito grandes. Que através da dança de são gonçalo nós fizemos; eu não fiz nada, mais ajudei através da Neide, da boa vontade, das apresentação, uma casa de apoio lá. Primeiro, nessa época, 20 mil reais era dinheiro. O prêmio foi de 20 mil reais para quem tirasse o primeiro lugar. E a dança de são gonçalo tirou em primeiro lugar. A nossa. Aí foi quando. Isso. Aí foi comprado instrumento. Foi comprado material e aí fizeram a casa de apoio lá. Então, aí quando nós fomos lá para o SESC. Antes pra começar enquanto o povo se arruma, eu vou tocar um forró aqui. Um bando de idoso lá né. E eu tocando forró lá e esses velhos gritavam. Esse povo gritava e aquele negócio todo. Aí quando terminou, aí o Paulão - “Seu Antônio toca uns forró aí” - Aí eu fiquei lá, quando eu saí os velhos só faltava de rasgar.

Então é esse tipo de coisa, aí eu fiquei, aí eu parei de tirar a dança de são gonçalo. Com um certo tempo, o Júnior teve uma promessa pra pagar. Não, minto. Uma apresentação pra fazer do são gonçalo e não tinha quem fosse fazer essa apresentação. Foi e pediu pra mim ir fazer essa

apresentação, que ele tava estudando e não podia ir. Perguntou se eu queria ir e podia ir mais o Aristides. E eu digo 'Vou meu filho, você me puxa pra onde você quiser'. Aí nós fomos, tiramos lá no meio do calçamento. Aí quando terminamos lá o prefeito chegou mais o braço direito dele lá, chegou e disse: "O vei bom, me diga quando anos você tem?". Nessa época eu tinha 69 pra 70 anos já. - 'Vou fazer 70 anos'. Ele se abraçou-se comigo e disse "Rapaz, eu quero é chegar com 70 anos com essa energia dessa daí. Era muito importante. Sapatear num calçamento desse aí. O que você fez aí. Só você fez aí por todo mundo". Então foi isso, aí depois teve uma promessa pra pagarem do Cairo. O Júnior pagar. Aí o Aristides não podia ir, eu substituí o lugar do Aristides. E assim to aqui, aonde eles tão, eles me consideram como mestre. Todos me consideram como mestre da dança de são gonçalo, e eu me sinto honrado por isso aí. Feliz e pedindo a benção de Deus e São Gonçalo. E nosso pai Tupã que abençoe toda a população lá todinho.

E todo mundo lá da comunidade. E principalmente esses mestres que eu escolhi pra tomar de conta dessa bandeira. E eu tô pra ajudar eles em qualquer momento que eles precisarem. Vamos fazer uma apresentação agora no dia 04 de setembro, nós tem uma promessa a pagar na casa da comadre Marieta. E essa promessa era mode eu ir tocar na gaita.

Mas ela achou que é muito cansado pra mim, aí queria que eu fosse ao menos pra dançar. Aí eu digo 'Não aguento mais dançar não'. Eu não vou dizer que vou. - "Pois bora fazer o arco de são gonçalo". - Vou. Ajeitar lá e fazer presença. Não sei se eu vou dançar. Só sei que se Deus quiser e São Gonçalo, eu vou fazer o arco com muito carinho. E vem uma pessoal que nunca viram lá de Fortaleza, e eu vou passar pra eles como é o sistema de ouvir e prestigiar aquela festa.

Anexo N – Transcrição da entrevista com Aristides do Milagre

Boa tarde, que nosso pai Tupã nos de sabedoria, alegria, felicidade e proteção. A iniciativa da dança do São Gonçalo aconteceu o seguinte, um ensaio na casa do Júnior meu compadre. A dança de São Gonçalo para mim foi, sabe aquela coisa que você vê se apaixona e assim que eu vi me deu uma vontade de cair na dança, e dançar eu cheguei em casa eu disse para minha esposa que eu ainda ia dançar aquela dança ali aquela cultura eu acho que já tava no meu sangue, já era uma coisa natural. Porque assim o tio Antônio que puxava na gaita, aí o ti Tonho me puxou bora meu filho, aí entrei no cordão, entrei dancei inclusive a partir do momento em que dancei a primeira vez é como se fosse uma coisa que eu já conhecesse, é como se fosse uma dança e tivesse participado no passado como se tivesse dentro de mim aquela dança só usufrui. Então o que eu fiz dancei no cordão e quando foi depois, foi indo foi indo eu participando dos ensaios, participando do cordão e cada vez mais pegando amor pela dança, acabou que um dia, esse dia foi até foi até lá na casa da Dorra, e aí então foi o ti Tonho disse meu filho dá para você tirar. E na época eu dancei como Cleison, com o Gil meu pai era o Gil, e aí acabei indo tentar tirar, daí foi a onde eu aprovei junto como meu compadre. E aí foi só alegria, porque no final ouvi e senti aquela força, na realidade a nossa cultura da dança São Gonçalo ela não é só dançar, é você sentir uma força de espiritualidade junto com a cultura, ou seja, é uma misturo então quando eu comecei a dançar eu senti que ali era um futuro, eu senti que realmente eu tava no lugar certo para continuar dando amor, e até o segmento que é a dança de São Gonçalo e continuidade para os demais. Porque a dança de São Gonçalo em si ela é uma força espiritual, porque ela é uma cultura, e cultura você analisando e principalmente se ela é uma cultura indígena ela sempre vai ter força espiritual, ela sempre vai ter o uso da natureza, da terra maiores das forças maiores. Então quando você entra em uma dança tem que ter isso para você, não é só você entrar que nem o forró e outras coisas, a cultura quando é indígena ela sempre representa umas forças espiritual.

É porque na realidade a dança de São Gonçalo é feita pra gente pagar promessa, você faz a promessa e dependendo do jeito que você for fazer a gente vai lá com o grupo dançar e pagar a promessa. Ou seja, você vai arcar com simplesmente um arco, arranjar as frutas aí nesse dia tem que ter o arco, tem que ter o Santo a gente tem que montar tudo como manda o figurino. A gente tem que dançar entrar e cantar os 13 versos de chegada, e um é o verso de chegada e outro de saída junto são 13 versos. Acontece que a gente entra dança, com constrição ao mestre e ao Santo principalmente, e os mestres tira são quarenta e cinco minutos dançando direto, dependendo de com foi feito a promessa as vezes a pessoa tem feito para ser duas jornadas. Então você para um pouquinho, já começa o outro jornada.

A gente faz a primeiro a contrição que é a entrada, a entrada cantando aí faz as três continências que os dois mestres faz perante a mesa, passa por dentro dos cordão, todo cordão acompanha a gente volta faz a continência de novo três vezes, essas três vezes são passado três vezes por dentro e três vezes por fora, cada vez que a gente passa as continências e continua o grupo tem que acompanhar, quando a gente para aí vai para segunda, a gente faz a continência ao Santo mais solto, que é aquela como se a gente fosse soltar a mão, é como se fosse uma oferenda aí continua fazendo três por dentro três por fora aí o povo vai acompanhando. Aí vem a parte que a gente faz a parte do oito, que a gente faz a mesma coisa faz as três continências três por dentro e três fora e aí a gente vai montar o oito, o oito é feito por quatro pessoas que é dois mestres e de dois dançante, e todas as repete todo mundo que tá no cordão são três por dentro e três por fora cada vez a gente chega da mesa, eu e o compadre como mestre agente tem que fazer três continência, agora a pessoa que está dançando só acompanha, agora na hora de fazer o oito aí vem para frente, faz mais ou menos o que os mestres estão fazendo, isso o grupo do começo até o último né, vindo passando por dentro todo tempo. Depois vem a parte que a gente faz, que é o corte do cordão, esse corte do cordão é dado por cada mestre, por exemplo se eu iniciar, eu

início do meu lado e o guerreiro que tá tirando junto comigo ele ficou me esperando, quando ele me esperar e eu venho na metade da dança cortando o cordão, já tem de voltar pra me buscar pra gente vim brincando e sapateando essa a ideia, criatividade o ar da brincadeira, que ela forma de animar. Outra coisa que tem que ser é animado, cantado batendo palma louvando ao Santo, louvando o dono da casa, louvando a pessoa que fez a promessa, gritando com o público e fazendo animação, por que na realidade São Gonçalo animado ele não é uma dança parada, ele é uma aquela dança que você tem mostrar alegria, ele é brincalhão é um Santo brincalhão, uma coisa séria ou seja, a dança sério é uma cultura indígena mais que tem que ser brincada com alegria, positividade, amor com todo o grupo todo mundo com união, que é pra não ter corta corrente, pra não ter espaço. Aí depois do caso no corta cordão a gente volta e fazer as três continência, três por dentro e ter por fora no que a volta, a gente faz o fechamento que é no momento que a gente dá a mão o mestre um pro outro e fica brincando ate umas quatro, cinco rodada, e aí a gente se vira para o grupo e já levanta a mão para que os menino tá tocando pare, inclusive tem que ter os acompanhantes tocando a música de São Gonçalo e quando para a gente volta pro cordão, ninguém sair do cordão, aí a gente já vai ter voltar que quando a gente volta á a onde a gente sai cantando o último canto que é a despedida do Santo. Tem as estrelas, são as menorzinhas do grupo que é que entra o Santos quem sai, nesse momento as estrelas vai pegar o Santos e faz a saída e a gente acompanha e as estrelas os mestres e os dançarinos, e aí a gente já sai cantando, se despedido da dança de São Gonçalo.

A estrela na verdade tem que ter três coisas, um tem que se alto querer dançar, segundo a idade e de preferência os pais também gostar, porque elas vão ser a frente da dança vai ser quem é o Santo, então as vezes tem que passar um pente fino, não pô admiração mas sim que realmente aquilo que ela quer, por amor a dança, respeito e e outro levou a sério porque no ato da dança não pode ter brincadeira, não pode ter discussão, não pode ter nada disso, tem que tá tudo ali de acordo como manda o figurino, ou seja uma bendito tem um ditado que diz o seguinte, *quem foi dançar a dança deve ter o que ligeiro, pra depois não sair dizendo que tem barroca no terreiro*, ou seja barroca são essa coisinhas de dificuldade na dança ao final a gente sai se tiver duas jornadas a gente recomeça tudo de novo, após a dança aí vem a parte do arco. Esse arco vai tá ali todo bonitinho, com frutas que é o arco do Santos a maioria das vezes é feito um leilão do arco ali no momento, nas antigas esse arco era feito e o que tirava das frutas das coisas ali ficava pro Santo, ou seja, ficava pro grupo, não como paga da dança, mas é porque realmente o arco do São Gonçalo, tinha que ser do São Gonçalo. A questão do arco ele tem que ser de palha de coqueiro interessado, são feita uma palha do lado e a palha do outro as vezes é se consegue fazer com quatro palha fica mais bonita ainda, interlace ele em cima e interlace ele em baixo fica mais bonito ainda, e aí no final quem tira tudo no final, a gente coloca tudo se a pessoa tiver algum gosto e amor ao Santo ele leva o arco. A dança de São Gonçalo em si ela não é só cultura, ela não é só uma brincadeira, ela é a força é um uma dança que conquista a gente é uma dança e não deixa a gente querer ficar parado, ela mexe com a gente, você tendo fé também você está em situação uma dor uma coisa, e a fé e São Gonçalo. Comigo mesmo já aconteceu de eu falar que não podia dançar, já aconteceu várias vezes e na hora eu entrar na partida na hora entrar ao Santo e consegui dançar sem sentir nada, tirar a dança.

Quem foi sua mãe também verdade eu sou grata Deus primeiramente a nosso senho o São Gonçalo pois nos da força, nessa parte aí onde dançar mesmo dia que minha mãe faleceu foi 2006 pra 2007 na primeira Assembleia do Povo do Ceará, lá na baixa das Carnaubas onde fica localizado na casa da minha grande guerreira madrinha Lucimar, onde a gente fez todos os requisitos para receber nossos povos indígenas, nosso primeiro encontro de todos os povos, e gente ia fazer exatamente a abertura com a dança de São Gonçalo como a gente tava recebendo o povo a gente ia fazendo abertura com a nossa cultura ou seja dança São Gonçalo. E a preparação da dança tava tudo nos conformes, eu tive o prazer assim de ser um dos Mestres junto com Junior que nós tem que retirar a dança enquanto nosso grande mestre Antônio

Adelino tava também junto, e ele ia tocar né na gaita, e quando foi na hora de tirar o seu Zé é um do dos mais antigos do grupo tinha esquecido uma blusa, aí eu fui buscar essa blusa mais ele ao chegar na casa dele eu recebi uma ligação onde a notícia não tão boa, que minha mãe tinha aí foi nesse momento que eu tive me manter forte, ser o guerreiro que eu sou. Porque um dia ela tinha me pedido que não que eu nunca deixasse a dança de São Gonçalo mesmo quando ela tava doente ela tinha pedido. E aí eu voltei chegou todo mundo escondendo de mim, todo mundo querendo o meu companheiro Júnior chegou para mim disse compadre meu sentimento nos vamos parar a dança, compadre pode contar eu já sei, antes da ligação eu tinha sentido uma coisa ruim mal-estar só que eu não sabia o que era né. E acabei a gente tirou a dança infelizmente eu não quase não consigo tirar dança, pedir desculpa aos companheiros e a gente fez a dança, porque além de ela ter me pedido ela sempre tava acompanhando, e naquele momento eu fiz a dança como se ela tivesse ali, em respeito a ela como se fosse a dança para ela, junto todos os guerreiros da de presente aquele momento ali respeito por ela ser uma pessoa participativa, infelizmente aquele momento ela tá partido. Ali muita gente me criticou por ter dançado, mas o meu sentimento falou mais alto depois o grupo em respeito foi todo mundo para o velório dela, chegando lá tive um grande apoio do guerreiro junto comigo, foi uma perda muito grande, mas até hoje eu a tenho no coração minha grande guerreira foi e sempre será meu no ponto firme.

Maria Milagre pelo seguinte minha mãe ela era rezadeira, benzedeira, parteira no qual eu acompanhei muito pra fazer parto dos conhecidos dela, eu a acompanhava minha. Minha Mãe rezava em criança em adulto, ela não podia ver uma pessoa doente que ela queria dar o máximo de si, ela foi sempre uma guerreira e ela era conhecida em toda região como Maria Milagre. Hoje eu quero ser conhecido como Ari do milagre em respeito a ela eu quero levar isso até o final da minha vida, Ari do Milagre, foi eu que inventei esse Ari, mas tem esse significado é o respeito a minha Mãe.

A vivência no ti Tonho três circunstância de negatividade, uma quando a gente entra na dança a gente tem que entrar todo mundo unido, todo mundo com bom pensamento não só o grupo, mas quem tá nos assistindo também e quanto tem negatividade acabou que atinge na gente, só que não foi também por causa disso na realidade naquele momento por eu está com todas as roupas. Inclusiva a primeira blusa da dança de São Gonçalo, foi a branca e quando eu levantei a cabeça na mesa me vinha a lembrança daquela blusa, porque exatamente aquela blusa foi blusa que eu dancei a última dança para minha mãe ela em vida, na mente o que eu vi ali não tinha como não, porque quando eu dancei na Barra do Cauípe a minha mamãezinha tava doente, e foi exatamente nesse dia que eu tenho que coloquei ela no braço e coloquei ela no ônibus, e depois foi colocada em frente a dança e foi exatamente aquela blusa. Então quando eu entrei dentro com cordão eu já entrei legal, e aí entre senti também uma negatividade na dança, das pessoas por a gente não ter entrado do jeito que era para entrar, porque os meninos tinha entrado pra se apresentar, eu senti que dentro do grupo tinha pessoas negativas, eu não entro atoa quando eu vou dançar, eu peço a força, você ver que às vezes eu entro brincando eu vou lá arroteio os meninos, ali eu tô pedindo a nosso pai que nos livre te todo os maus pensamentos essa coisas, e infelizmente a pessoas dentro do grupo com negatividade não sei, e isso acaba repassado pra gente como mestre, como mestre até o trocar da banda que tá puxando a música de São Gonçalo se errar a gente se perde. Então junta uma coisa com a outra, eu não naquele dia eu a Luciana a gente tinha montada todas as blusas, aí tu imagina a força que tava o encontro de todas as blusas da dança São Gonçalo, aí mais a blusa de sentimento, que foi exatamente a blusa dançada isso me pegou de surpresa eu acabei não superando, não segurando por isso que naquela hora de parar pedir desculpa o grupo, eu voltar né e começar.

Lá na nossa Aldeia Matões a gente tinha algumas dificuldades, o povo tinha vergonha de dizia que era indígena né, a dificuldade também tinha pelo distanciamento porque lá a casa era bem

mais distante era mais diferente, algumas pessoas tinha medo de falar que era indígena mesmo sendo, quando ia procurar pelo o lado da família. Se nossos antepassados lá atrás era índio como é que a gente não vai ser índio hoje, a gente é descendentes dos nossos antepassados.

A vinda aqui lá a gente tinha nossos encontros, tinha tudo tinha rodada de toré inclusive nós tinha nossa casa de apoio para se apresentar e tudo e tinham as dificuldades junto a todo o povo, no encontro quando era para ter um festival de Toré, um encontro de pajelança. Com a vinda aqui da nossa aldeia aqui no Alto do Garrote hoje nós moramos tudo perto, então hoje bem mais sensível todo mundo participar e a diferença é porque dentro dos Matões era nossas terras era onde nossos ancestrais e ficou toda uma história, ou seja estamos em uma terra que estamos redescobrimo o que era aqui nessa terra, o que é essas mata o que foi, e lá a gente ia tinha todo o conhecimento da terra como quem morava, onde era na tapera de um conhecido, um parente enfim lá gente deixou uma história deixou um conhecimento que a gente trouxe para cá para poder dar continuidade, mas as forças maior que a gente tinha, eu sou bem realista eu vejo que é lá na nossa Taba dos Anacé dos Matões. Pois lá como eu já disse tem a força dos nossos ancestrais que era lá né. Mais não deixa de aqui a gente também já tá se adaptando, tá buscando amostrar nossos demais, a nossa cultura a nossa vivência ser índio é isso é da continuidade é tentar unir o nosso povo, tentar fortalecer mais nossa cultura com o toré a dança de São Gonçalo a dança do Coco, enfim as danças que nós temos dentro do nosso grupo e apresentar para o nosso povo para que futuramente não fica para trás, os nossos jovens de continuidade. Mas para isso a gente tem que ter cuidado de nós os troncos velhos passar por nós, mas pra isso também os novos têm que ter vontade, curiosidade e tentar fazer parte dos grupos pra que o no futuro faça isso que nós fizemos no passado, ou seja da continuidade e não deixar que as culturas fique para trás. Quem somos nós sendo indígena se não for nossa cultura, se tornaria branco, ou seja o índio tem que ter a cultura e as arma na mão a nossa cultura maior é o nosso toré, nossas armas é nossa maracá, nosso cocar, nossa arco e flecha e mais o conhecimento da natureza, conhecimento da terra e o conhecimento espiritual isso é o índio isso é a força, fora isso vem nossas pinturas muita gente coloca isso que é tatuagem indígena não é tatuagem, é pinturas indígenas e cada pintura tem um significado que pena que todo mundo não tem esse conhecimento a pessoa só se pinta às vezes está colocando uma coisa na pele que nem sabe o significado, já vi gente com pintura negativa e na hora do Toré a pessoas sente e não sabe, ver uma pintura bonita eu vou fazer essa aqui mas você sabe o significado.

Então fora isso tem todas as dificuldades que a gente passou pra chegar até aqui onde a gente estamos hoje né, inclusive uma das situações que a gente passava era da família da gente, que dizer que a gente não era índio que a gente não ia conseguir chegar até aqui, não ia conseguir a Aldeia e hoje graças ao nosso pai nós estamos aqui firme e forte. Pra quem não sabe eu morava no Grigório, entre Gregório e Giral e como sempre a Jurema sempre nos representou a Jurema nos acompanhou em frente a casa, Giral e Grigório foram removidos na primeira remoção. Aconteceu o seguinte 1993 eu e meu irmão nos perdimos o nosso pai, aí de lá para cá ou meu irmão ficou lá e eu tive que sair mais a minha mãe né, porque a mãe queria sair pra outro canto e a gente acabou indo para outro canto e meu irmão ficou lá que é até o Luizinho Camilo conhecido. E aí com passar dos tempos lá ia ser indenizado lá foi repartido o que ficou do sítio. Quando passou a indenização eu já não tava mais lá, fui morar na verde na área verde, da área verde fui morar no Torém, voltei pra Area verde de lá acabei voltando, indo pra casa do Antônio da madrinha Lucimar que era uma casa a gente morou uns tempos lá e da lá a gente construiu uma casinha no Torem. Quando foi depois a gente voltou de novo para Areia Verde, foi tempo que for acontecer os problemas eu tinha que voltar aí eu fui morar lá na baixinha, que fica na baixa das Carnaubas um terreno do meu irmão, foi a onde eu encontrei a Jurema que ficava por trás da minha casa, e um dia de manhãzinha eu senti vontade de ir lá, cheguei lá me senti muito bem perdi permissão aos guerreiros da mata, entrei e foi um local ótimo, excelente momento assim bem gostoso sozinho conversando com Deus. E aí quando foi um dia eu vou chamar meu

compadre, eu disse tenho um negócio ali que faz o tempo que eu limpei eu queria te mostrar, ele eu não acredito que tu tem essa riqueza aqui, foi nesse período também que a doutora Luciana quem acompanha nosso povo Anacé ela um dia foi lá fazendo entrevista e nessa entrevista acabou que a gente foi lá na Jurema. E aí acabou conhecida essa jurando com uma a Jurema do auto da Boa Vista, porque eu tenho um batizado Alto da Boa Vista, a gente começou aqui acolar a gente juntar as pessoas que a gente via que capacidade de está lá e a gente fazer um momento lá no tronco da Jurema, no qual hoje ela ainda se encontra lá nos tinha nosso cantinho da Jurema, muitas vezes a gente fez momento com só com os pajé com as nossas pajelança pedindo força, fé muitas vezes a gente juntava ali o grupo e é isso a Jurema também de uma certa forma ela nos representa, porque existe muita Jurema, mas a gente ta falando da Jurema branca. Um local desse aí não é você que escolhe, tem o momento certo de você chegar, as vezes nem sempre aquele lugar ali vai ser o momento certo pra você fazer um toré, nem sempre é o lugar adequado, tem que ser um lugar que lhe de força da natureza. Aqui dentro teve um toré, que ate você participou que eu acho que você que você viu a diferença, aqui tem um lugar que eu fui que eu em entrei no toré, não é só entrar na dança não é só participar, e o local a energia, força então essas coisas as pessoas que vai pegar um cajueiro vai limpar, vou fazer uma toré de baixo será que tá fazendo no lugar certo então tudo tem que ter sensibilidade da natureza ela tem que remover de um canto para o outro.

Lá na Baixa das Carnaúbas chegou o ponto que tinha horta, galinha tinha plantação de roça, milho, feijão, bananeira tudo aqui não mudou muito não, aqui é um local que tudo que você planta ela dá, depende do que você planta aqui eu tenho bananeira, pé de maracujá tudo aqui, tem abacaxi. Depende da forma que você planta e da forma que você cultiva a terra, tem alguns canto aqui que não, por ser arisco uma das coisas boas que nós tinha lá nos Matões é que lá é areia mais firme né, era melhor de trabalhar era a terra que o cultivo dela é totalmente diferente daqui, aqui trabalhando com arisco, barro então tudo isso muda, tem quintal ai que não da nada a pessoa pode plantar e não da nada, para isso aí vai ter que gastar com estrumo todas essas coisas. Essa semana mesmo eu tirei um cacho de banana que deu 29 bananas, sem colocar 1 kg de estrumo, veja a diferença varia entre local. A nossa terra aqui é 20 de frente por 40 de comprimento né, eu tinha 25 de largura por 100 de comprimento muita diferença, aqui a gente tem um poço pra todo mundo lá era meu e do meu irmão, morava perto da praia e água não faltava a gente bebia água do poço e tudo então são essas as diferenças vindas de lá pra cá. Minha linda porque assim, se chama corta de corrente quando o grupo está dançando em si ele é uma corrente, então quando um componente sentiu alguma coisa se a gente como mestre for parar vai ter que recomeçar tudo do começo isso já tão tudo negativo. Então o que a gente tem que fazer, mesmo a pessoa tá sentindo mal hoje tem que se entregar a dança se entregar positividade, mas ali naquele momento eu sei que situação ela tá eu tô dançando pedindo força e proteção pra ela ali, e eu mesmo tempo tem hora que eu vou lá perto dela ela já aconteceu da circular uma brincada na dança, naquele momento eu tô pedindo força e proteção os demais pra segurar o tombo, ela sente isso ai entra os pontos negativo, local não adequado para dançar, as pessoas teima em dançar como em uma encruzilhada, pode ser o momento que a pessoa tá passando a negatividade dentro do próprio grupo como eu já falei, ou tem pessoas com o mal pensamento infelizmente a pessoa que tá linda naquele momento mais frágil de espiritualidade.

De tudo isso que a gente falou um grande aprendizado para todos ,ou seja nossa dança nossas culturas do nosso povo Anacé são culturas que jamais deve ser deixada para trás, nossos costumes jamais deixar para trás outra coisa também como eu já te falei várias vezes não importa a cor, não importa da onde você vem, importa a sua força de espiritualidade ou seja o autoconhecimento no que é ser um indígena, o que é uma pintura, como você mesmo falou de você próprio que a sua primeira roupinha indígena foi de sacola.

Na realidade a cultura vai passando de geração não pode ficar pra trás, eu sou o mestre da dança,

mas veio do meu tio, eu recebi de alguém eu tô dando continuidade e ela vão da continuidade um dia, ela vendo eu lá em casa dançando as vezes elas estava brincando por ali. Quando chegou a idade eu fiz, elas perguntava quando podia entrar quando eu vi a Arilucia tinha idade já coloquei, e Ariana do mesmo jeito a Arilucia foi a segunda Estrela né. Primeiro foi a Angélica e Edvania aí depois veio a Arilucia e Silmara aí depois veio a Cleane e a Viviane, que também tem a faixa etária de idade é engraçado que só tem estrela não tem estrela, tem que ser menina. Quem é estrela tem que ter responsabilidade, gosto pela dança que entre pela contrição, eu adorava quando era a Angélica possui uma serenidade né, amor. A dança não é querer, é ela te escolher não é você que escolhe ela, porque a partir do momento que ela te escolhe tu fica tão maneira de uma forma que depois tu diz assim eu consegui dançar, naquele momento tu não sabe que não foi nem tudo que escolher ela, foi ela que te escolheu. *“Raminha sobre raminha, raminha sobre raminha cada galho tem sua flor, cada galho tem sua flor ou, meu senhor São Gonçalo, estamos em seu levou”* o cordão em si é como se fosse o caule e cada pessoa em si fosse a flor, as flores é as estrelas é o Santo que está entrando que é o final. Cada galho é cada um que está dançando.

Anexo O – Transcrição da entrevista com Valdeci Fernandes, medicina tradicional (2022)

Meu nome é Valdelice Fernandes de Moraes, sou do povo Anacé sou a mesenheira do povo Anacé com muito orgulho, determino todo o meu trabalho com a medicina tradicional. Tenho 67 anos, está com 21 anos que eu vivo trabalhando com a medicina tradicional, trabalho com o mel do caju, trabalho com o óleo de mastruz, óleo de angico e todos esses trabalhos naturais são feitos pela a minha mão.

Eu já tenho praticamente o dom de fazer todo esse medicamento e tive uma instrução de como eu poderia ter um dinheiro fazendo o óleo de mastruz. Antes eu já sabia o básico que foi justamente, o mastruz com o leite que servia pra tosse, pessoas que tava assim tossindo com dores no pulmão. Ai depois dessa instrução eu me aperfeiçoei mais na sabedoria com o óleo, depois dessa instrução eu aprendi muito rápido, foi só uma vez que eu recebi as instruções. O óleo de Mastruz ele é muito bom, serve pra garganta, ele serve pra golpe, ele serve pra dor de cabeça, ele serve pra dor de dente, ele serve pra pancada, massagear, tudo isso é óleo de mastruz, a gente pode tomar? Pouquinho mais pode.

Eu vinha muito a minha vó a minha mãe fazer remédio em casa. A minha mãe ela era espírita de nascença aí eu via ela fazer, eu era muito criança, mas eu via ela fazer aí eu nem sabia pra que servia, eu ficava pensando pra que tanta coisa, aí fiquei vendo. Quando eu comecei a tomar de conta das minhas irmãs que elas adoeciam, aí eu pensei sabe de uma coisa eu mesmo vou fazer. Fazia o chá do eucalipto pra dar junto com outros remédios pra febre, e além de passar a febre o eucalipto ele é antibiótico e forte, porque quando a gente toma ele imediatamente ele corrige e é profundo, dá uma suadeira tirando a febre, as impurezas todas da pessoa. Quando as minhas irmãs tinham assim uma gripe aí eu fazia os lambedores, eu pegava malva, folha de mastruz, eu pegava a papaconha, a cebola branca e um pedacinho de eucalipto pra evitar a febre, com isso tirava toda impureza do corpo, e a dor no corpo.

Eu fazia muito olé e vendia lá, quando eu cheguei aqui melhorou e sobre o óleo de angico eu fazia muito aqui eu vendo menos.

Eu faço o chá e dou pra tomar, mas eu não cobro nada as vezes que eu vejo que as pessoas têm necessidade e não tem condições eu faço e dou, como já teve muita gente que eu nem conheço chegou lá em casa e eu fiz foi dá o óleo de angico e de mastruz, ai quando essas pessoas usa e se sente bem ai diz pra outras pessoas, quando lá encomenda ai leva.

Muita gente vem conversar comigo, aí eu vejo e faço e dou o remédio, é uma pessoa que está necessitando eu faço questão de fazer e da. A medicina Tradicional ela vem da natureza, tanto da natureza ele é o tradicional, não é como você chegar na farmácia e você comprar um remédio pra cicatrizar, um remédio pra desinflamar, não o natural ele é perfeito pra cura.

Nem tudo que eu preciso tem aqui, tem algum porquê a baja do jucá aqui eu já olhei e não tem e no Matões tinha. O caju aqui não tem cajueiro que de caju abundante que de pra me fazer o mel do caju e sé tem mais caju e azedo ai não tem condição, ai vem de Matões, vem da banda da praia ai eu faço o mel assim. Nos Matões eu vou até lá, eu espremo lá mesmo e trago pra Reserva. Quase todos os produtos todo mundo pode usar, criança pode usar pouquinho, uma gotinha se tiver com tosse, com crise de garganta coloca duas gotinhas pronto ali é o suficiente desinflama a garganta. O adulto pode tomar uma colherinha de sobremesa de dois em dois dias o óleo de mastruz e o mal é fortíssimo.

Uma vez uma mulher me procurou lá do Matões, ela tinha uma filha de 11 anos e queria ter outra criança ela já tinha feito tratamento, tanto ela quanto o marido. Ela me procurou pra me fazer uma garrafada, mas eu queria uma garrafada e queria engravidar e eu já tomei todo remédio e todo tratamento e não sair grávida. Eu disse mulher eu vou fazer, mas a sorte é sua, aí ela foi disse assim e eu queria era que fosse um menino, ai eu disse a sorte é sua eu já te disse

pois eu vou fazer e você vai tomar, aí ela foi e tomou né. Quando foi com 2 meses ela chegou lá em casa, e disse que estava grávida e já tinha feito os exames, e o que a senhora diz eu falei que ia ser um menino. Dona Valda é o meu sonho, eu disse guarda na tua lembrança, quando tu fizer o exame tem vem na minha casa e me diz. Com 5 meses de gestação ela fez o exame e deu que é era um menino, ela veio me dizer e estava chorando, esse menino vai ser um encanto dentro de casa. Pois então minha filha está aí na sua mão. Quando é agora ela tá doidinha pra me ver e fazer outra porque quer outro filho, eu disse pra deixar quieto esse menino ainda está pequeno.

Pra fazer uma garrafada eu passo dois dias adquirindo a casca, as folhas as raízes, e com dois dias eu fico pedindo os encantos com o que faça com o que aquela garrafada, que a pessoa que for usar se de bem, leve a saúde cada um daquelas mulheres tenha grande sucesso naquilo que elas estão querendo, é pra limpar o sangue e evitar doenças no útero. Graças a Deus eu faço e as mulher toma, com três dias eu faço e dá pra me fazer e minha maior felicidade é fazer minhas coisas sozinha, e parece que eu acerto o dia que não tem ninguém comigo, tanto faz ser o produto, mas parece que eu adivinho o dia de ninguém vim na minha casa. Ali naquele momento eu rezo, ali eu peço tudo aquilo que eu pego nas folhas nas raiz no caule tudo aquilo eu peço com permissão a pai Tupã, ele é que pode me ajudar pra determinar aquilo que é bom pra saúde que a natureza que eu to trabalhando com as plantas com a natureza, pra limpar o sangue e ficar com o sangue fino isso é muito bom pra saúde da mulher, falar a verdade é preciso eu nunca usei uma pomada, eu sei o que eu faço.

Eu vendo pra todo canto, e faz sucesso vai em cima daquilo que a pessoa está sentido, quem usa e recebe não esquece não. O cuidado e a fé também saram, eu já ouvi gente dizendo que não sabe fazer igual o meu, não é as mesmas mãos nem a mesma fé e sabedoria que tem isso também. Eu faço pra minha família toda, lambedor trata muita coisa. A gente tem aquele dom que Deus dá, Deus é tão maravilhoso que ilumina tudo aquilo que é pra colocar e a gente faz e dá tudo certo o benzimento.

Anexo P – Transcrição da entrevista com Valdelice Fernandes

Pela a primeira vez antes de eu conhecer essa dança em Caucaia aqui nos Matões com a idade de 11 pro 12 anos eu vi a primeira vez São Gonçalo, aí eu sempre dizia eu quero ver São Gonçalo bem pertinho de mim eu vou assistir, ai o senhor que tirava da a dança de São Gonçalo ele morava bem próximo a casa do meu pai, aí ele foi me convidou viu que eu tava muito ansiosa para mim conhecer, ai eu fui saio e nesse ensaio que eu fui ver eles me convidaram e eu ensaiei com eles, dancei uma parte com ele. Mas só que a jornada deles eram quatro jornada, eu sou dancei o ensaio com eles uma vez porque o ensaio deles eles ensaiava todas as quatro para vencer as pessoas aguentava né, aí eu fui a primeira vez eu, eu digo não eu quero ir só a primeira vez só para mim ver como é que é porque eu acho tão bonito, fiquei na lembrança fui festa que teve uma promessa muito grande, ai eu fui achei bonita, quando lá eu vim Matões pros Matões e comecei ouvir o meu sogro falando da Dança de São Gonçalo em Matões, eu tinha numa faixa sim de 18 anos quando logo que eu cheguei em Matões que eu casei fui para lá né, quando eu cheguei em Caucaia eu tinha quatro anos de idade aí de lá me casei e fui para lá foi, foi a aonde eu fiquei curiosa, Eu fiquei então dança do São Gonçalo vai ter tem no Matões aí foram o meu sogro falando Ribeiro que tinha essa dança, também eu não conheci eu só conhecia Manoel Ribeiro o Mário Ribeiro eu conhecia foi conhecendo a Maria, esposa do Mario Ribeiro mas os outros eu não tive muita amizade, e eles falam muito dessa dança mas só que essa dança foi excluída por causa que não tinha mais dançante pra dar continuidade né. Só que quando os estudos dá chegada Porto no Pecém aí que foi os estudos né, nós já tamos tava se levantando e tá na organização, porque ali o meu sogro ele sempre dizia assim eita que tá chegando meu indiozinho pequeno justamente era o neto dele, aí eu disse assim se zé índio, sim quando lá um dia o Manezão pai dessa Tonha chegou ai disse assim meu sogro dizer quando lá uma lesão Piper Castanha chegou aí foi disse assim eita menino mas aqui tá parecendo o índio, que conversa de índio. Eu fiquei calada quando lá apareceu fala e os estudos dentro das áreas e as visitas dos padres dos missionários e foi desenvolvendo , eu ficava pensando é a palavra que meu sogro dizia, eu também não dizia nada né, e foram estudando e for estudando e essas e essas coisas foi desenvolvendo os estudos, eles encontrando as peças né dos povos indígenas antigo, que da onde até eu mesmo eu não peguei porque eu não tinha direito de pegar mas eu vi com meus olhos ainda ajudei com os papéis até cobrir lá perto do Jurandir que tinha encontrado duas urnas, umas bacia quadrada e uma redonda. E tudo isso eu fui conhecendo fui ouvindo e nossa dança ensaiando e Júnior buscando para nós dar continuar o primeiro passo o a levantamento dos povos indígenas foi através da dança de São Gonçalo foi o peso maior. Depois que eles estudaram bastante os missionários visitando, fazendo os terços vendo os oratórios né porque a comunidade era muito religioso e a maioria dos indígenas eles gostavam os antigos eles gostavam de rosário, de terço de dança de cura as parteiras cachimbeira, tinha Umbanda que as cura era através do espírito aqueles que morreram que vem fazer a cor que antes quando era vivo ele trabalhava que quando eles morreram que vem fazer a cura, que antes quando era vivo eles trabalhava curando, aquelas pessoas desenvolvia né e ia trabalhar para curar ai foi crescendo aquilo e eu prestando atenção. Eu dizia assim existe, quando foi um dia eu fui perguntei quem trabalha de umbanda, quem trabalha de uma umbanda que primeiramente que eu vi pela primeira vez foi o pai de Santo Antônio Adelino, depois de um senhor que mora em cima do morro só não tô lembrado o nome dele, mas só que senhor ele não era dali ele era da banda Pentecostes, mas só que ele veio e se juntou com a criatura do Matões e ficou lá. E aquela história foi crescendo desenvolvendo, eu fui e disse existe parteira cachimbeira, existe curador de cura sem ser ritual da umbanda, existe a feitiçaria que lá tinha também tudo isso existia dentro de dos Matões. Eu tive um dia assistir não vou mentir, eu tive muitas e muitas vezes de assistir tinha a Dona Maria, que antigamente chamava ela Maria Baronica que por último ela quem viveu junta pai do seu Antônio Adelino, ela curava divinamente bem ela rezava fazia os banhos para afastar os molhar né, e tudo isso aí os mais os mais idosos foram morrendo a tradição foi se acabando. Tinha a gente se sentava pra contar história na areia, deitado contando

história na lua tinha tudo isso.

As promessas a gente fazia e a visava os rezadores os que que tirava a dança se a pessoa podia tirar, dependia do que a pessoa queria porque era muito puxado uma jornada se era duas se era três se poderia tirar naquela aquela dança depende, a gente tirou se concordava aquele tirador nem todos querem tirar quatro jornada. A minha primeira pá foi a Lurdes Carneiro, meu primeira pá pra dança de São Gonçalo na baixa das Carnaúbas aí depois mudou aí foi mudando depois eu dancei com a dancei com a Luiza Paulino mas não dancei muito tempo, aí passei a dançar com a Maria de Lurdes irmã do seu Antonio Adelino ainda hoje eu danço com ela, ta com muitos anos é tanto que a promessa dela vai acontecer mas eu vou esperar aquela entrego Santo para nós dançar no cordão menos uma jornada.

Quem fez a promessa tem que segurar o Santo, quem recebeu a graça é quem tem direito de ficar um Santo, quem faz promessa tem que oferecer o arco eles apronta o ar com a fruta né, eles aportam o arco com as frutas dá para os dançarinos, tem deles que faz o arco dependendo se tiver muito movimento aí eles fazem, eles botam em leilão o arco, eles botam leilão. Estou na terceira geração o Júnior dança e suas netas dançam, o que mudou da dança São Gonçalo é porque nós não estamos tendo quase a reunião nós não estamos no tempo assim, de dançar como nós dançávamos né, mas toda semana no ensaio lá no Matões. Hoje nós não temos, não temos por que não é isso que ele não queira, o puxador trabalha chega muito cansado os que dança estudava e hoje em dia trabalha mais ainda tem dançarino que não tem trabalho, e nem tá estudando se estuda aí a gente tem que marcar o final de semana se tiver uma oportunidade a gente ensaia.

O pé de Urucum eu trouxe a semente e já o brotinho grandinho com quê, com 5 centímetro aí eu trouxe e já fiz a muda aqui mesmo, hoje em dia tá cheio ele é um remédio medicinal tanto ele serve pra pintura indígena como ele serve para fazer o colorau para temperar o quanto ele serve para colesterol. Pra chá eu tenho a alfavaca que serve para pressão alta e serve também para a gente fazer o cozimento junto com a eucalipto para tomar o banho, o banho ele serve pra afastar o mal se for alguma coisa que tá perturbando as pessoas e se ele tiver também com febre, se ele tiver com dor de cabeça com problema de garganta se ele tiver com infecção na cabeça ele trata de desinflamar porque o eucalipto ele é antibiótico natural e alfavaca também.

O óleo do mastruz eu fazia cem óleo medicinal tradicional que ele não tem cheiro nem um ai ele foi e faltou e as pessoas me procurando, ate mesmo eu precisei ai eu fui peguei o coco raspei fiz o óleo de coco depois quando foi o outro eu fui fazer o óleo de mastruz, mas ele é muito medicinal, são dois medicinal tanto o coco como o mastruz. Porque a garrafada a mulher é assim, eu faço a garrafada para mulher dependendo a pessoa me fala de qualquer tipo de inflamação do corpo dela aí, fico eu fico pensando e vendo e vendo qual são os as cascas as folhas e as raízes as sementes que eu posso botar tem que saber o sintoma né pra eu poder fazer, exatamente aí eu vejo que e ela tá com inflamação de útero de ovário e qualquer tipo da parte inferior dela, aí o que eu vou fazer eu pego a raiz da chanana com a casca da janaguba, com a raiz da vassourinha muito refrescante e pego também a raiz da jurubeba, lavo bem lavado bato ela e mistura me faço aí pego chia amarelo pode ser também colocado a folha, posso colocar uma folha de Mastruz coloco uma folha de eucalipto toda infecção ela traz febre aí eu coloco tudo junto, quando ele vai bater dentro ele desinflama, ele passa a febre ele tirar dor então resolvido o negócio. Pra beber toma três dedinhos de manhã em jejum aqueles copos pequenos americano, ai você vai toma e toma banho e depois pode sair para trabalhar, mas só pode tomar uma vez por dia pela a manhã, não pode cheirar e nem beber na boca do recipiente por quê, porque azeda tem que manter na geladinha, você não tem geladeira você pega a garrafa você procura um canto molhado você cava um buraco em terra e cobre ela com areia. Não deixa ninguém abrir para não cheirar, só o dono quem tira aquele tanto, agitar antes de usar a primeira

vez e toda vida que vou usar você agita também para misturar né. Pro homem é quase igual também é quase igual, mas só que tem raiz e tem o cale e casca que que ninguém pode usar né, pro homem eu posso tirar a raiz da jurubeba que a raiz da jurubeba ele é ótimo para desinflamar e limpar o sangue do homem o homem se sente mal de urina aí o que que acontece, as vezes até que incha você pega o quê folhinha do torém raiz com a casca da Jurema preta você junta elas 3 e você vai colocar uma folha de eucalipto e você vai colocar semente de melancia aí você vai bota tudo para cozinhar, você faz a garrafada deixa ficar bem fininha e você coa ela, agora para manter para não azedar que que você vai fazer. Porque a medicina tradicional ela tem coisas com as pessoas que faz, porque é muito importante e tem que manter bem sigiloso né mas isso aí eu posso até te dizer, porque nessas garrafada a gente tem que colocar pelo menos quatro pingo de cachaça para conservar, o conservante da garrafada né mas você só pode colocar quando ela estiver fria não pode botar quente e outra coisa você não pode dizer a ninguém você tem que ficar na sua e também não adianta você tá dizendo para ninguém tem que ficar falando pra ninguém porque aquilo ali não é você tem algum mensageiro que esta ali pra lhe ajudar pra você esta concentrado, porque se você não se concentrar aquilo ali nada dá certo é tanto que quando eu vou fazer minhas coisas incrível. No dia que eu disse assim amanhã vou fazer o óleo, eu vou ta sozinha não chega um pé de pessoa aqui cheguei se eu vou fazer garrafada pode chegar , mas entrar dentro da cozinha eu não deixo entrar porque ali naquele momento que tá cozinhando eu estou concentrada porque se eu não tiver concentrada naquele remédio aquilo ali vai ser uma cura, é mesmo que tá bebendo água do pote, porque tudo que você vai fazer você tem que ter concentração e quando a gente trabalha com a medicina tradicional muito. Quando eu fui comprar esse óleo agora por último eu tive que passar o tempo todinho rezando pedindo e consegui esse óleo, mas eu só fui dormir depois de meia-noite que quando foi no outro dia a mulher ligou de avisando que tinha chegado. Se for para o bem e cura do meu povo a mostre, porque eu tô precisando e o pessoal tão procurando aí Graças a Deus que deu certo e eu já fiz e do dia de eu fazer eu tava sozinha como a Cléo chegou eu tava aqui sentar sozinho tá sozinha.

O momento do toré, tem que ter a sinceridade e o conhecimento do que é aquilo ali você vai sofrer mais na frente. Os guias os mensageiros de luz, aqueles toré aqueles rezador daqueles poderosos mesmo, teve muita gente dos antepassados que eles gostavam eram muito religioso. Eles então na mata, na hora que você puxa um toré eles estão junto e ali e um momento de espiritualidade que é de você pedir as graças pra desenrolar e desatar os nos sobre sua vida ali é que ta o momento de você pedi, e pedi os mensageiros de luz os que já passaram de uma vida pra outra eles estão ali estão junto, se aqueles toré eu canto foi eles que me deram forças pra me puxa, as pessoas não entendi.

Anexo Q - Vivência dia 07 de setembro de 2022, massa dança do coco - entrevista com Edvania Andrade

Eu sou do coco da dança de São Gonçalo, a palavra que define eu está em todos esses grupos é o incentivo. Desde nova eu moro com o vô né e o vô participava desses grupos que nós temos, ele queria sempre que eu participasse, mas eu dizia vô eu não vou porque eu tenho vergonha, ele incentivou bastante. A maioria do povo da dança de São Gonçalo naquela época era idoso, de criança mesmo era só eu e a Angelica. E hoje é criança é adolescente e deixo aqui dito para os pais incentive seus filhos, incentive suas crianças nesse movimento, movimento indígena a tarem participando dos grupos, tem gente que não participa e fala besteira né fala coisas negativas, mas se em casa você estiver dizendo as palavras positivas tiverem incentivando a eles, os de fora for falar, falou e da mais importância pra os de casa. Se hoje eu estou aqui desde o início, desde 2005. Eu e o vô dormia na sala, aí o vô acordou e me disse minha fia eu tenho um pedido pra lhe fazer, aí eu disse pode dizer, aí ele disse minha fia eu queria muito que você participasse da dança de São Gonçalo, aí eu disse vô eu não queria não. Aí passou e eu dizendo não, aí ele disse vamos minha filha mais a Angelica, aí pronto depois que eu entrei o melhor coisa que eu fiz na minha vida. Vocês que ainda não entrada vocês vão ver a diferença que é a gente não quer mais sair, não tem essa do pessoal falar e eu vou querer sair, é muito bom é muito bom gente. Quando marcar reunião que começar, é uma maravilha só de ouvir aquele toque você já esquece até do problema que tiveram sua vida você, é gratificante demais. Então incentive as crianças que moram vizinho a vocês, não deixe de que eles não participe dos nossos grupos culturais tem em São Gonçalo Dança, dança do Coco, maculelê ainda mais como é hoje em dia a gente não tem muito o que fazer a não ser que a internet é o que mais pessoas ficam, então vamos incentivar as crianças a participar dos grupos culturais.

Então como é ser mestre né, começamos como estrelas com os participantes do grupo e hoje somos uma das mestras né é uma responsabilidade, mas que a gente aceita de coração aberto de ter de ser aceita por todos os grupos desse jeito, do jeito que todos vocês nos acolhe como como mestre. Porque vocês tem o Júnior e o Aristides né como os mestres eles estavam ali na luta, vocês ver lutando aí nós já somos mais nova né, podia dizer com essa menina misericórdia, mas vocês nos apoiam, motivam é muito, muito bom é muito gratificante a gente agradece muito a vocês e a gente faz por onde, a gente tenta fazer por onde não decepcionar vocês.

Anexo R – Transcrição da entrevista com Junior Moraes

Deixa eu só fazer uma pequena ressalva com relação à participação, tanto criança como jovem como adulto né. Uma das coisas que a gente não observa e passa um barrão é com relação a eu errei, errou fica pra trás e retoma vamos começar novamente, não pode permanecer ou ficar lembrando que errou não, o importante é recomeçar. Uma das coisas que a Edvania falou que é interessante é que tá a Dança do Coco se dança de qualquer jeito e ta tudo certo, se dança no São Gonçalo do ritmo, se dança cono no ritmo, se dança no maculelê no ritmo. E aí você que tá concentrado naquele momento você percebe que errou, mas para quem tá lá fora ta achando tão bonito que nem percebe então ta tudo certo entendeu. Então não se pegar a eu errei, errou passou foi aconteceu e agora segue de novo e continua. Assim é em outras danças, ninguém tem que se apegar ao erro tem que se apegar ao acerto e faz a coisa do certo, e tem duas coisas importantes uma ter atenção a melodia fazer um passo correto e entrar na seriedade, que é os passo a pisada né ligado. O seo Antônio Adelino falava muito da questão do gingado, quando a Angélica trás aqui é o gingado, é a dança do corpo o balanço, a pisada da dança do Coco, da dança do São Gonçalo da dança do maculelê do reisado. Tem também o reisado do povo Anacé que foi também inspirada no pessoal do Pecém, acho que é interessante a gente falar, nos temos o reisado Anacé. Isso não pode ficar parado tem que ser passado pra frente, essa juventude essas crianças pra gente continuar. Acho que vem muito por conta da igreja a questão de reisado, foi incentivado e grupo diferentes cantar e fizeram seus versos do seu jeito né, da mesma forma a Dança do Coco. Ela passa pelo o litoral, ela vem do Icapuí área litorânea divisa com Parnaíba divisa com Piauí, Parnaíba Piauí. Então a dança do coco ela faz esse percurso pela a região litorânea a gente por morar próximo tem essa vivência, a gente pouco ver falar Dança do Coco na região do semiárido do sertão ou da região serra não tem a gente não ver falar, mas na região da serra é muito forte. A gente tem que fortalecer isso sim, vale a pena à juventude continuar, essa criança continuar e não podemos parar de jeito nem um porque isso fortalecer espiritualmente, fortalece culturalmente, fortalece o corpo a alma e a mente né.

Anexo S – Transcrição da entrevista com Lucilane Paulino

Boa tarde, só ainda falando da Dança do Coco né, para mim Dança do Coco se resume da palavra resistência, e assim eu lembro que em 2007 e 2008 mais ou menos quanto eu escrevi um projeto para sala de leitura na época, para trabalhar em sala de aula com os alunos eu fui fazer um resgate mais ou menos com que iniciou a dança do coco. E eu lembro bem que antes de passar assim de litoral pra litoral como essa dança do coco que a gente dança hoje, ritmada pelo nosso corpo pelo o passo do nosso pé né, que cada pessoa tem o seu ritmo. E eu falo de resistência por que é uma luta de você com seu corpo, porque eu como de 8 grávida que o carron me chamando pra dançar, mas aí eu assim dizendo eu não posso eu não posso, mais é uma coisa que fala mais alto do que você. Então eu tô saindo do meu resguardo agora tá com 7 dias né, e tomara que o corpo resistência a ter uma roda de coco aqui ou não está participando. Então o coco ele é resistência, quando você sente chamado, o teu corpo te chama a está ali, e quando eu fazia essa conversa com seu Madruga ele relatou para mim, é uma coisa que hoje eu não ouvi a relatar aqui que o coco ele surgiu antes muito da década de 90 quando as pessoas estavam preparando o barro para fazer a suas casas de taipas. E aí para o seu corpo lutar com aquele cansaço preparava o barro, começava a se bater as quengas de coco uma na outra, pisando no barro e sapateando pra depois colocar na parede né. E aí eu trago comigo até hoje porque eu acho assim uma coisa muito bonita, porque a gente colocar a anos atrás há décadas, das pessoas com fome né, como foi aqui bem aqui relatado a questão com fome e cansada e tudo, mas eu preciso resistir eu preciso concluir eu preciso concluir a minha casa, então vamos procurar assim um meio em que o meu corpo ele fale mais alto, então vamos lá sapatiar um pouco em cima do barro e batendo as quengas uma na outra. Então assim como a Angelica bem falou depois que a gente conhece o sapateado do coco a gente tenta não estar, porque depois que nós vemos aqui para Reserva que instituiu esse com esse grupo de jovem, que diz assim é o grupo de jovem, mais não sinto mais jovem para estar no meio dos jovens na dança do coco. Mas aí com 8 meses de grávida eu não consigo não resistir o coco então o coco é isso né.

Anexo T – Transcrição da entrevista com Thiago Halley

De novo a minha defesa de que a gente tem que ter mais esses momentos conversar sobre eles, a gente fazer a reflexão daquilo que a gente faz, a necessidade de refletir sobre o que a gente faz o que é meio que automático entra no corpo, mas não conversa sobre o que é, sobre o que as pessoas sentem sobre o que é o São Gonçalo ensina. Então a gente tem com fazer as vivências colocar elas no nosso calendário, não precisa está diretamente conversando, aqui somos todo mundo parente. A gente faz a gente vive sem refletir sobre isso, e a história bonita é a história que os outros fazem, a história da gente, a gente não valoriza ela. A história de verdade é a que serve pra viver é a nossa, é a história da resistência então a gente precisa falar sobre ela. A gente precisa sentar aqui em uma vivência, e fazer um grande desenho grande desenho, um mapa aqui a Rute tem aquele arquivo que a FUNAI fez em 2012, então a gente precisa atualizar aquilo, pra gente fazer as relações aqui de família, quando perguntarem se é índio mesmo dizer, eu sou porque eu sou bisneto de sicrano que é casado com sicrano, poder dizer na ponta da língua pra gente poder dizer isso, primeiro ponto é falar que a vivencia é necessária a gente faz e não reflete sobre aquilo que a gente faz. Eu sempre encarei o coco como uma brincadeira de um grande desafio, chama o outro para quebrar um coco e hoje aqui joguei tudo por terra, o coco ele tem seu caráter político de resistência de afirmação da identidade, ele tem o seu caráter espiritual, do tambor que lhe chama e lhe convida ele faz a relação com você, então o coco também tem muitos espiritualidade da resistência que você é, então tem muita coisa no coco que a gente não discute sobre isso, até mesmo quem dança, a gente precisa discutir o que é o coco. Não tem como falar de identidade Anacé sem falar sobre dança de São Gonçalo, se eu falar de povo Anacé eu tenho que falar de coco de da dança de São Gonçalo.

Anexo U – Transcrição da entrevista com Antonio Adelino

Vivência 07 de setembro de 2022, mesa Dança de São Gonçalo

Eu me chamo Franciso Freire de Andrade conhecido como Antonio Adelino. Filho nativo do Matões no município de Caucaia, eu gosto tanto do município de Caucaia que não teve quem me tirasse do Matões, mas agradeço uma figura que tem aqui no nosso meio que se chama Junior. Tô aqui com muito prazer de estar prestigiando essa união de todos e passar pra vosmecê o que pode o que foi o que é o que pode ser a tradição da Dança de São Gonçalo. A Dança de São Gonçalo gente é uma dança maravilhosa, poderosa é uma cultura indígena abençoada por Deus e pelo os índios que já se foram e pelos que estão hoje, não estou separando índio nem um, todos os índios nos todos somos irmãos pode ser da onde for. E estamos nós estamos agradecendo a Deus, por tudo que não conhece a dança de São Gonçalo, porque através da dança de São Gonçalo é que nós hoje vivemos aqui unido junto dentro dessa Reserva desse canto que Deus escolheu e botou um anjo pra nos puxar, explicar e trazer nós pra cá chama-se Junior Anacé nosso mestre da dança de São Gonçalo, ele ama todo mundo e eu também e São Gonçalo também a uma dança de São Gonçalo é uma dança milagrosa, poderosa que traz alegria e traz saúde. Estou aqui muito feliz porque, eu estou dentro dos 77 anos eu ainda tenho essa alegria esse privilégio de estar participando com vocês, passando vocês o que é a Dança de São Gonçalo. Isso veio passando quando cheguei em umas alturas levei o nome de mestre da dança de São Gonçalo, meu futuro Deus levou ai eu fiquei, plantou-se a dança de São Gonçalo a cultura da dança de São Gonçalo morreu. Agradeço a Deus e Junior de buscar essa oportunidade de ter e trazer a dança pra mostrar a cultura, pra fortalecer a cultura o povo Anacé de Matões e de muitos que não conhecia, nem conhece São Gonçalo nos protegeu desde o início, ele sondou o povo pra apresentar a cultura e hoje em dia ele ainda vive abençoando cada um, quem tiver seu o alguns os problemas se apegue a ele pode ser branco, pode ser preto, pode ser pobre pode ser rico, ele abençoa ele só não tem aquele prazer de ver ninguém triste e esconder a tradição dele e o que ele era, porque importante a dança de São Gonçalo pra nós, Deus, São Gonçalo junto com Junior nós resgatemos a dança de São Gonçalo depois de vinte e tantos anos enterrada, para a cultura que não tinha quem trouxesse pra frente, ai nós juntos com o povo resgatemos a dança a tradição em que nós ir de hoje, e ela é forte ela nós protege, temos o privilegio de dizer hoje eu tenho isso aqui essa força através dele de São Gonçalo e a união de cada um, nós temos muita gente forte dentro da nossa Aldeia que ninguém nem imagine, todos são unidos todos são fortes todos tem seu privilegio e o prazer de dizer que ele é um indígena querido por Deus, São Gonçalo é tão importante, porque se você está em um momento crítico você se apegue a Deus primeiramente e São Gonçalo ele nos protege. E ela é uma festa animadíssima agora, domingo agora vai fazer oito dias que teve uma festa na casa da minha irmã, uma promessa que ela pagou através de um sonho de uma doença que ela tinha, através de um sonho com São Gonçalo e ela quando acordou se corrigiu que ali poderia ser ela ser obtida a saúde dela se ela recebesse a saúde dela, Deus mostrasse com que ela ficasse boa e São Gonçalo abençoasse ela pagaria a promessa com 2 Jornada, pra quem não sabe é o tempo de dança. Aí então ela ficou de fazer essa festa agora domingo passado, eu não vi porque eu tenho muita vontade de rir quero muito ver gente, mas não posso sair de casa na hora que eu quero nem o dia que quero, eu não posso sair de casa. Tenho três netos que toma conta de mim, mas todos trabalham a que não trabalha toma conta de casa, a minha esposa é cadeirante eu não posso abandonar ela por dinheiro nem um, porque ela foi e sempre será a minha vida depois de Deus e São Gonçalo. Mas hoje só tem uma pessoa que faz isso comigo, só tem uma pessoa não

estou agravando a ninguém aqui e nem da Reserva toda de lá de fora, mas tem duas pessoas se chama Junior e Aristide os dois mestres que foi escolhido por Deus e São Gonçalo, eles são os nossos mestres, no momento que eles necessitarem de mim, ele faz eu acompanhar em evento come ele já fez e pode fazer a qualquer momento, qualquer hora e qualquer instante. Então o que eu tenho a dizer é que a dança de São Gonçalo ela é uma tradição feita pelo os índios antepassados e esses índios foi dominado por Deus e São Gonçalo. São Gonçalo colocou essa tradição para o povo, essa imagem de São Gonçalo com esse instrumento. Esse era o instrumento de São Gonçalo animar o povo dele, ele tocava pra animar o povo quando o povo via aquela música, de esperta o sono. Ele via que o povo não tava se satisfazendo só ele tocava pra distrair o povo, eles querem é dançar, vocês querem é dançar, foi ele que inventor a música o baião da nossa dança de São Gonçalo pra eles dançarem, mas não homem com mulher, mulher com mulher e homem com homem porque aonde tem uma mulher e um homem agarrado dançando tem a maldade, e o homem com homem ele não a maldade. Aí ele colocou esse povo aí ele dizendo lá na frente essa tradição é pra passar de geração e geração pra não morrer não se acabar, e levar meu nome para todo mundo enfim quem tiver quem tiver seus problemas chegue para mim se apegue a mim vogue a mim a Deus primeiro e se Deus me permitir eu farei a vocês o que vocês têm vontade isso era ele dizendo para o povo. Como hoje em dia tem essa festa que ele deixou para o povo dançar, homem com homem e mulher com mulher, mas em louvor a Deus primeiramente e a ele. Hoje nós vevi feliz depois que nós resgatemos a cultura, ele tem feito tantos milagres por nós esse Junior, Aristides e dona Valda junto com uma mulher que Deus já levou ela, onde era dona Valda Junior e o compadre Jorge Né se juntamos e formamos um grupo para falar a respeito da dança de São Gonçalo aí então é então era o povo de força. Dona Valda é a nossa rainha mesenheira do nosso lugar da nossa Aldeia, quem tiver alguns problemas de doença procure a ela, que ela ensina o remédio só que ela não vai pegar da o remédio, ela tem a força dada por Deus e São Gonçalo pra ela fazer aquela pessoa se sentir feliz através da mesinha dela. Aí então gente eu to muito feliz aí eu vou finalizar aqui deixando meu abraço pra cada um e passando pra vocês o que a dança de São Gonçalo, que é milagrosa é poderosa é valiosa e eu escolhi aí dois mestres para permanecer no meu lugar que eu era um dos mestres passei pra o Aristides e passei para o Junior, hoje em dia os dois mestres de fiança porque foi Deus que botou aquele dom pra me escolher essas duas pessoas que são pessoas que eu posso considerar como os mestres de fiança para trazer a cultura até hoje, até amanhã até depois até quando eles poderem. Aqui fica meu abraço e muito obrigado e desculpa a minha lorota e tchau.

Anexo V – Transcrição da entrevista com Aristides do Milagre

Bem bom dia a todos como nosso mestre já falou sou Aristides, mas conhecido como Ari do Milagre em honra a minha mãe conhecida como Maria do Milagre. Quero agradecer diante mão o nosso guerreiro ali o Padre que ele fez eu viajar, não poderia deixar de falar isso, você falou entre Gregório, pois é lá que eu morava lá é nossas terras, quando o senhor começou a falar é como se eu tivesse revivendo é como se eu tivesse lá naquele momento e isso é maravilhoso saber que tem pessoas que representa, mostra pra gente que a gente consegue viajar no passado. Porque o que seria de nós sem o passado o presente existe porque teve um passado ou seja todas as nossas culturas que existe hoje porque tem um pacto com antepassado nosso, tais como a nossa dança de São Gonçalo que é uma grande honra hoje eu ta fazendo a parte que é como mestre junto meu guerreiro ali, eu costumo dizendo que eu sou o último da raiz, fazer com ditado ou seja eu não conto que eu sou o segundo mestre eu sempre conto que primeiramente Deus, o ti Tonho que é um dos troncos velhos que nos repassou esse conhecimento e o Junior e eu por último. E uma das coisas que quer dizer para todos vocês que cultura a gente não deve deixar morrer, porque é maravilhoso ver pessoas hoje fazendo aquilo que a gente fez no passado essa juventude, eu adoro quando eu vejo essa juventude participando, porque um dia nós participemo um dia nós levantemos, levando não passando vergonha a pessoa de casa mesmo dizendo tu é índio tu é isso não, a gente bater no peito e enfrente dizer nós somos, nós estamos cultura e até chegar o ponto de hoje ver pessoas falando da nossa cultura do que se torou-se hoje então a dele também falou coisas que parece que a gente viaja. Então cultura é isso pessoal não tenho vergonha de mostrar o que tem, não tenha vergonha de mostrar a capacidade de cada um, somos o que somos as pessoas têm de acreditar e valorizados na nós como somos, seja ele indígena seja o que for, mas nós somos isso. Eu tenho orgulho de dizer sobre indígena até o último suspiro independente eu sou, então que que acontece as pessoas hoje eu acho que na dança de São Gonçalo a gente pagou a promessa agora eu me senti honrado, e a gente fazer um aniversário de um componente da nossa dança de São Gonçalo que foi a guerreira ali, e até do momento a gente falou sobre essas guerreiras que participam e isso nós da força de continuar como esse aqui um dia passou para a gente. Então eu sempre digo isso aqui pessoal como a gente fala muita gente deve dizer que a gente só repete não, eu quero que vocês entendam uma alguma coisa o que seria de nós se não fosse os velhos, o que seria de nós para nós achar o conhecimento se não fosse ele nos passando, quantas pessoas quantos filhos quantos netos não deixaram dos outros que trabalham. Então eu peço a todos vocês que dê continuidade, tente não deixar nossa cultura morrer, pois um dia vocês vão lembrar o Ari falava muito, como o ti Toi mesmo diz mas é não é que serve eu falar não tem conhecimento, pessoas aqui tá buscando ter conhecimento o grande guerreiro falou uma coisa de tentar abrir mais o leque eu sei falar uma coisa da dança de São Gonçalo e cada dia que passa eu como o mestre a gente ta aprendendo, mensagem para vocês o sábado não é o que sabe é o que tenta aprender e mais sábio ainda é aquele que repassa. Porque uma das coisas que jamais eu vou tirar de você seu conhecimento isso você passar por demais, então o que acontece vai criando um vínculo de passar de geração em geração então não tenho vergonha de soltar o conhecimento não tô com vergonha de repassar, pois eu sinceramente me sinto mais do que satisfeito tá aqui hoje, eu tenho exemplo eu tenho minha esposa tenho as minhas duas filhas e fui passando de geração em geração, se amanhã eu partir eu posso fazer o que eu sei eu ouvi que tem alguém que apresentar vai ter alguém que vai dar continuidade futuramente com certeza elas vão passar para outras pessoas, e isso vai dando continuidade à Cultura a raiz o conhecimento. Porque a dança de dança São Gonçalo ela não é só a cultura ela faz parte da nossa Terra, ela faz parte do nosso antepassado

ela é riquíssima como a gente fala nesse ponto, o nossos antepassados que já foi então nesse momento eu tenho certeza que tem muitos partiram que fazia parte da nossa Dança de São Gonçalo, quando a gente fala parece que a gente tá vendo todos talvez muito aqui não entenda tá falando assim o Ari assim. Eu cheguei e dentro da roda que vocês estavam eu não entrei, mas talvez eu tava mais dentro aqui do que vocês imaginam e o canto que você estava cantando por incrível que pareça me representou chegando, então isso é conhecimento que a gente tá buscando e cada vez mais vai abrindo um leque e até um cantar um toré seja ele representa qualquer um de nós. Então você mais fala eu quero agradecer cada um de vocês que está nos prestigiar esse momento, os meus guerreiros que vieram de fora bom uma das pessoas que eu não posso esquecer que ela tá bem de ladinho ali a Doutora Luciana, que está desde o começo está sempre junto e misturado com a gente. E esse guerreiro aqui que eu vou ficar elogiado pois ele me tocou muito eu não posso deixar de falar na primeira Assembleia de 2007 foi quando perdi minha mãe por isso que eu sou conhecido como Ari do milagre aí fez uma mistura não sei se vocês perceberam para ficar bem até a Luciana calma. Muito obrigado a todo mundo bom dia que nosso pai Tupã nos abençoe e nos proteja sempre, e fica aqui um forte abraço uma do Ari do Milagre uma das coisas que eu quero dizer a vocês seguimos em frente firme e fortes, que todos sejam abraçados não por mim, mas pelo o nosso Pai Tupã, tenham todos um ótimo dia.

Anexo W – Transcrição da entrevista com Valdelice Fernandes

Bom dia mais outra vez qual a força da natureza, com a força da encantaria com a força daquele que passaram por essa luta por essa dança, quero convidar a dona de Lurdes a mulher de Seu Jorge Né que esteja presente aqui na mesa que são as três mais idosa da dança do São Gonçalo. Foi o inicial da nossa dança da nossa luta da nossa força, que nós colocamos e a força e a fé em Pai Tupã senhor São Gonçalo que nos deu uma resistência pra esta onde até aqui com esse fortalecimento e com essa nova gerações, porque eu já tô na terceira geração da minha família, e eu a minha neta e meus bisnetos que estão entrando o meu filho em primeiro lugar, eu sou a mãe é o filho a neta e os bisnetos são quatro gerações, são guerreiros de dentro dessa dança de São Gonçalo. Me sinto honrada feliz e com muita fé na nossa luta e também dizer que a força de Pai Tupã e a força de nossa luta das nossas conquistas em tudo que nós passamos isso aí é luta nossa, nós somos perseverantes quantas vezes eu chorei e dizia assim meu Deus como é que vai ser a nossa vida daqui para frente, como é que eu vou fazer pra mim poder continuar dentro dessa luta, por causa do medo por causa que o povo dizia assim como é que tu quer seguir um caminho se tu não conhece, aí eu ficava pensando meu Deus me dá força me dá para mim poder lutar junto com meu povo, e nisso eu continuei meu filho dizia assim como que nós vamos lutar, eu digo meu filho nós somos fortes vamos buscar nosso povo vamos conversar vamos se reunir debaixo dos pé-de-pau. Hoje nós estamos felizes estamos de baixo dessa sombra nessas cadeirinhas, nós sentava no chão, nós sentava no pau botava assim em cima do strip e se sentava pra nós fazer a nossa reunião, quantas vezes nos colocamos lamparina de baixo do cajueiro um pé de goiaba e nos era tudo felizes, fazendo a base de uma luta que é a luta do Povo Anacé história do Povo Anacé, alguém dizia assim é o bando de abestado não sabe de nada. Mas nós vamos buscar, pessoas de dentro da minha casa dizia assim mulher se sai disso é perigoso as pessoa vai é te matar, eu digo mata mas eu continuo a minha história vai ficar, vocês não confia em mim mas vai ficar quantas pessoas dizem assim eu vou dar fim na mãe no filho e na cunhada, isso era eu os lutador do início no pontapé da nossa história dentro de Matões, as pessoas que dizia assim aí ela vai passar mas nós não encontra um pra da fim nessa mulher, com essa história negócio de Índio que aqui não tem. E eu ali pisando firme e forte ainda hoje estou aqui pessoas que dizia vamos da fim neles acaba com isso aí, quantas vezes chegava gente na minha porta em um carro todo fechado batendo foto da minha casa e dizer assim essa daqui, e eu na janela só olhando brechando pela a janela aí dizia aqui é a casa dela e a casa do filho dela, aí começou a desunião a desunião mas sempre mostrando aquele povo buscando aquele povo e dizendo vamos lutar junto não é do jeito que o povo diz vamos acreditar em nós somos indígenas que nós somos povos, vamos tem a nossa na nossa reunião vamos lá pra cassa da Dorra, minha casa vamos ter a nossa reunião resgatar a nossa cultura a nossa história que a dança do São Gonçalo através do Padre Hélio dos Missionários de todos aqueles que já vinham lutando que era o povo do Bolso. E nós fazendo reunião participando de reunião no bolso debaixo de umas mangueiras que eu acho que era lá debaixo da mangueira na casa da Socorro da tia Isaura, participei muito de reunião às vezes eu dizia assim estou tão cansado mas eu vou nunca deixei de participar momento algum toda vida quando dizia assim tu vai? Eu dizia assim vou deixo tudo e vou nunca deixei de participar nada de dentro da luta do movimento, se hoje eu não participo de tudo mas eu agradeço muito a força do pai Tupã a força da natureza a força da encantaria que me fortaleceu para mim ainda hoje está aqui falando, eu não tenho medo de chegar em lugar algum e falar com ninguém não tenho medo, me sinto feliz me sinto aquela pessoa que naquele tempo eu temia um povo porque o meu conhecimento era muito pouco, mas quando eu comecei a ter amizade a chegada do CIMI na minha casa aí me fortaleceu abriu os horizonte, aí elas começaram a dizer vamos viajar para você apresentar o seu povo que a senhora é uma guerreira, eu digo irmã eu nunca saí daqui mas eu vou a primeira viagem que eu fiz foi pra Brasília nunca tinha andando de avião e eu dizia eu não acho que eu vou morrer, aí a irmã Odila foi fez esse convite dona Valda a senhora vai viajar, aí eu disse porque o que eu vou fazer? a senhora vai participar 8 dias de uma teologia indígena e apresentar

o seu povo, eu fui e disse assim vixe mas eu vou é aonde você vai ter conhecimento de todos os povos do Estado do mundo inteiro. Eu digo ai meu Deus que que vai ser de mim dessa vez eu nunca saí, mas eu digo irmã eu vou, pois arrume suas malas o voo vai saís as duas horas da manhã, e a senhora vai lá para nossa casa, eu digo eu vou eu mando vim lhe buscar em casa eu digo ta certo assim com aquela dorzinha porque nunca tinha saído né e fui. Quando eu cheguei lá que vi todo tipo de índio eu fiquei Meu Deus agora eu reconheço que eu sou, aí eu fui do meu coração aquele reconhecimento tão forte que eu me a retirei e chorei de alegria (emocionada) que eu era Anacé e tava representando toda aquele meu Povo Anacé, ai eles disseram você vem da onde eu digo eu vim do Ceará, quantos vieram do Ceara Anacé? sou eu você tá representando o seu povo ai foi uma salva parabéns de maracá de você ter aquele conhecimento aquela força, coragem que você precisar apresentar seu povo eu digo ai meu Deus vai passar 8 dias no curso, participei oito dia do curso tendo aquele conhecimento, vendo as falas as pintura, vendo os vestuários deles, eles chegavam para mim e começava a falar Meu Deus aonde eu estou me da força porque eles querem ter o conhecimento da resistência do meu povo na fala dele eu meditava, eu digo tudo aquilo que ele fala para mim resistência é uma força comecei ai eu comecei a pensar, eu digo que me trouxe aqui foi a força a resistência o conhecimento da Dança do São Gonçalo que tudo que nós temos foi a nossa luta o nosso conhecimento, o que trouxe a nossa dança do São Gonçalo foi muito grande muito grande, e uma resistência e um conhecimento trazemos até hoje. Nós se apresenta o que que eles falam? olha esse grupo é forte esse grupo ele vem com história tão grande que nós precisamos ter um conhecimento e o conhecimento é esse que nós estamos tudo junto pra nós falarmos pra nós ter aquela profundidade de tudo que nós passamos, mas lutas e trazendo a nossa dança a nossa resistência a nossa história como foi que nós temos até hoje o fortalecimento de nós indígenas, foi a nossa história nós temos a nossa Terra, nossa educação a nossa saúde porquê sem Terra sem educação sem saúde nós não vivemos. E foi o que nós trouxemos da nossa resistência da dança de São Gonçalo foi isso ai que nós trouxemos foi o que nós busquemos hoje, até hoje e a resistência do povo Anacé são as guerreiras somos nós que ate hoje nós estamos dançando estamos mostrando para juventude para as crianças e tamos resgatando aquilo que é de direito de nós passando de geração para geração, meus bisnetos pergunta bisa como foi que tu chega a esse ponto de trazer nós até aqui? Com essa dança tão bonita, eu digo meu filho olha eu tô desde do início, ele foi disse assim bisa mas eu acho tão lindo que eu vou dançar mais meu primo pra senhora ver, isso são meus bisnetos são dois, aliás são três eles tem até o gingado pra dançar, eu digo Parabéns. Ai ele diz assim não é só São Gonçalo não eu puxo ate o Toré para senhora vou buscar minha maracá quero que você veja, eu me sinto feliz meu povo dentro da luta do movimento indígena dança do São Gonçalo ela é forte ela é firme é um Santo poderoso, é um Santo que cura é um Santo que nós tivemos muita fé e graças a Deus a Pai Tupã até hoje somos fortes grato na nossa religião que é a dança de São Gonçalo. E a dança do São Gonçalo está de parabéns todas as culturas dos anacé outras e outras culturas do nosso povo são muitas culturas, são muitos povos e cada um tem sua cultura diferente é isso gratidão pela nossa fé pela nossa cultura pela nossa resistência de um povo guerreiro. E um bom dia obrigado e até a próxima.

Anexo X – Transcrição da entrevista com Maria de Lurdes

Primeiramente bom dia para todos, eu quero primeiramente da início falando da dança de São Gonçalo. Eu mais o meu irmão Antonio Adelino ali nós era pequeno, mas muito curioso ele disse comadre bora dançar a dança do São Gonçalo? eu digo, mas a onde foi que tu já viu, não, mas vamo dançar eu já ouvi então vamos. Nós pegava tambores antigamente não tinha cadeira, botar uma imagem do meu pai pegava umas flor fosse de cajueiro fosse de qualquer coisa que nós ia dançar a dança de São Gonçalo eu pegava dois pra fazer o oito, aí nos ia cantar aquela cantiga você sabe como é era como num era mas nos falava de São Gonçalo. Nos dizia assim, ele dizia pra mim quando nós crescer e nos tiver oportunidade de haver uma dança de São Gonçalo nós vamos dançar no cordão eu digo se Deus quiser, então eu ouvi uma dança lá na tia Bela, antigamente era doze jornadas durante a noite, o tirador era o tio Mario Ribeiro e o tio Manuel Ribeiro com as duas esposas, ai eu fui e disse assim Antoi nós vamos dançar ele disse vamo, ai eu disse como é que tu vai dançar meu irmão se eu tô vendo que é homem com homem e mulher com mulher disse não a gente dá um jeito meu pá foi a comade Lisinha filha da tia Bela. E ele arranjou o menino para dançar com ele, nós nunca precisamos de ensaio não, o nosso ensaio foi como eu tava dizendo foi no tamborete botando o santinho e botava aqueles pau pra fazer o oito né como hoje é de costume na dança de São Gonçalo. Então foi muito bom a nossa juventude eu mais meu irmão, e eu também outra coisa que eu não sabia na minha vida que era índio, não a depois que eu casei eu morei em um canto gente que o povo conhece, abaixo do Alto da Cruz ali era um lugar dos Índios e ninguém sabia, meia noite eu ouvia muitas batucadas sem saber o que era né, eu dizia meu Deus que batucada é essa perto da minha casa, mas eu fui uma pessoa que nunca tive medo de nada tinha muita fé em Deus né. Pronto ai esqueci eu não sabia, aí passou o movimento dos índios eu dizia eu não sou Índia, quando apareceu a história de reunião, apareci lá ai meu irmão disse assim come vai ter reunião lá no tio Chagas, vai ter a reunião lá na casa Pintão ta entendendo eu quero que você participe. Ai nos fumo conversando e fumo entendendo o que é era o índio, aí eu fui declarei que a minha bisavó era índia e foi pegada na Amazonas a dente de cachorro então daí eu reconheci eu sou uma Anacé, eu e meus filhos meu irmãozinho aqui que nós somos dois mais novo né. E graças a Deus eu sou muito feliz muito grata de hoje o praticamente como a companheira ali disse uma guerreira né. E mais o meu irmãozinho aqui nos se bandeira do mar para onde nós fomos de noite? Pro morro que se chama é o morro que tem a moradia de índio fomos arrastados pra lá, quem foi buscar nós meu pai o meu pai os encantados, ele baixou o índio o encantado e foi buscar nós tamanha oito horas da noite né. Eu sei que sou grata a Deus a senhor São Gonçalo agora domingo passado paguei uma promessa que a dez anos eu tinha feito essa promessa, e to muito satisfeita porque não to muito como eu desejava ser mais e mais e mais, mas ficou na história a minha promessa graças a Deus hoje eu me sinto feliz de ter pago, de ter como comemorado meus 73 anos que eu ia só pagar a promessa mas eu tenho uma filha que é uma guerreira foi e disse mãe vamos comemorar seus anos vamos comemorar seus anos. Eu fiz uma promessa ao senhor São Gonçalo e fui valida meu irmão foi fazer o arco, eu fiquei mais triste porque não tava porque na época que eu fiz a promessa com São Gonçalo foi em sonho, eu pensava que eu tava com aquele problema que se chama câncer, mas não era ai eu fiz uma promessa em sonho com senhor São Gonçalo que se eu ficasse boa daquelas dor que eu sentia eu mandava fazer uma dança de São Gonçalo, duas jornada tocada pelo o meu irmão na gaita. Na época ele tinha resistência pra puxar, mas agora não deu porque ele já tá de idade mais do que eu né o forgo dele não dava para ele tirar nem uma jornada, porque eu tenho que entender também as coisas. Falei com o pai do Caio primeiramente porque ele falou comigo meu irmão, o pai do Caio disse tá tudo beleza a gente faz com muito gosto, e até que foi realizado o meu sonho de eu pagar a minha promessa agradecer a Deus primeiramente e senhor São Gonçalo os dois mestres que e Júnior que é meu primo e o Aristide que são os dois mestres de hoje né, antigamente era meu irmão mas o Domingo nosso primo também mas a depois ele viu que não tava dando pra ele continuar ele passou pro Aristides e pro Junior. E isso é o que tenho pra dizer

para vocês, que tô muito grata a Deus e o São Gonçalo se eu aturava mais uns anos de vida que eu não, sei quem sabe é Deus que nós traz nossos dias com Deus tá escrito, que tem o aturar mais um tempo eu posso mandar fazer outra dança de São Gonçalo lá em casa porque muita gente gostou, adorou né dizer para você é muito obrigado.

Anexo Y – Transcrição da entrevista com Junior Anacé

Então pessoal bom dia a todas e a todos mais uma vez, vou focar aqui mais na questão da São Gonçalo e como já foi falado aqui por alguns atualmente estou como mestre alguns falaram aqui. E a dança de São Gonçalo é mais do que centenária tem muito mais de 100 anos ela foi trazida por um senhor chamado Antônio na época dos cueiros que o seu Antônio Adelino chegou a relatar pra gente, a quem primeiro dançou a dança de São Gonçalo na Região do Matões lá na região ali do CIPP foi Mario Ribeiro, Manoel Ribeiro que era dois irmãos irmão e depois a Odete Ribeiro e a Maria Ribeiro então dançando até mais ou menos final da década de 60 no início da década de 70 e foi ficando mais escasso foi diminuindo as apresentações. E aí que acontece a gente escutava falar na minha época né minha mãe escutava sr. Antônio Adelino e outras pessoas falar que tinha existido a dança de São Gonçalo e que era uma dança muito bonita eu nunca tinha assistido. Então fiquei curioso para saber pra ver como era, nunca tinha escutar o cântico eu nunca tinha escutado ninguém tocar mas aí eu tinha muito respeito pelas pessoas idosas, eu não gosta de falar a palavra velha que fica muito no passado gosto de falar a pessoa idosa com muito carinho e respeito que eu tenho por cada um que está aqui principalmente que tem a sua terceira idade. Então busquei seo Antonio Adelino e um grande amigo que eu tenho respeito de um carinho que é o seo Jorge Né e o Biagua que é o filho do Mario Ribeiro dos dançantes e da Maria Ribeiro, busquei eles pra conhecer pra entender conhecer mas eles não sabiam quem sabia, mas quem sabia o mestre Antonio Adelino fui uma vez, fui duas vezes, três vezes e ele querendo saber se realmente era isso que eu queria pra comunidade, se era isso que eu interessado com seriedade, não com fanatismo nem com brincadeira para brincar, mas com seriedade. E aí na quarta vez ele disse que ia nos ajudar e ai três vezes ele disse que não sabia não poderia me ajudar, mas na quarta vez ele a gente conseguiu resgatar. Primeiro momento a gente andava de pés e eu tinha um burrão estradeiro de sela e eu ia por dentro do tio Chaga Paulinho lá pro seo Antonio Adelino com esse burrão na sela. Era como a gente se locomovia nesse tempo, mas fui algumas vezes de bicicleta e aí seo Antonio disse eu vou lhe ajudar meu filho, tem uma pessoa lá na Barra do Cauípe que já dançou e deve saber que é o Domingo Freire e ai buscamos o tio Domingo Freire meu tio porque ele é filho de um primo do meu avô, aí para o respeito aos mais velhos a gente da benção né, tinha o Zé de Mar que tocava e o tio Domingo tinha noção de notas no violão tinha uma pessoa que tocava violão com a gente tem. Eu disse Ivan tu consegue pegar essas notas do violão com o tio Domingos bora ver, ai bora lá peguei a pampa do seo Luiz uma preta que ele tinha colocamos esse pessoal o Seu Jorge né, seo Antonio Adelino e Biagua e o Ivan e foram bater na casa da tio Domingo na Barra do Cauípe, peguemos um área danado quase atolamos mas chegamos lá a Dorra também foi. E aí pegamos as notas, aí vamos marcar um momento quando foi dia 5 de novembro de 2005, a gente teve o primeiro momento somente seis pessoas para poder dar o ponta pé inicial de retomada da dança de São Gonçalo que há 28 anos naquela época não era dançada, porque teve vários o pessoal com fanatismo não dava credibilidade a dança de São Gonçalo por mais que naquele tempo era feito pagamento de promessa só existia a dança de São Gonçalo por pagamento de promessa não era apresentado por apresentação cultural só por apresentar. Só podia ser feito naquela época pra pagar promessa e aí foi tendo algumas perseguições né algumas pessoas fala que na época lá no terreiro do finado Domingo França chegou um pessoal da cavalaria do Capitão Neco Martins dizendo que aquele que estava embriagado ninguém sabe que aquilo era adoração ao diabo não era para ter aquilo e aí começou a ser perseguido, quando foi numa apresentação da dança de São Gonçalo lá na Pirapora, seo Antonio no meio relatou pra gente lá o dono da casa embriagado não queria pagar promessa e aí acabou foi uma confusão com o pessoal da dança de São Gonçalo e teve que acabar. Então as pessoas começaram a ter medo de se apresentar como apresentação cultural, aí a gente com esse objetivo de fortalecimento da cultura naquele tempo ainda em 2005 não se falava ainda da existência de um povo Anacé, apenas existia algumas pessoas esporadicamente se identificando lá do Bolso e lá no Matões e a gente buscando os nossos direitos tentando apoio de organizações

Indígenas de organizações governamentais e não governamentais e como a gente fazer para poder ter esse apoio. Aí quando foi em 2005 a gente teve esse primeiro momento quem foi que fez? Seo Antonio Adelino disse eu quiser eu sei mais ou menos como é que faz é assim, quem primeiro se apresentou nessa retomada dessa história dança de São Gonçalo foi o seo Antonio Adelino tio Domingo Freire o Biagua e eu, nós quatro fomos treinar fazer o outro lá no meu quintal lá no meu terreiro lá no Matões e o Ivan foi tocar no violão como era o solo do São Gonçalo. E seo Antonio Adelino disse vamos atrás de resgatar a música são 13 versos e seo Antonio lembrou de 12 só que ficou faltando um, a gente soube que a tia Luiza Rafael tinha um Santo guardado esse santa a mais de 90 anos e tava lá uma quebradura no lado da cabeça, mas ainda tava inteiro total bem antigo bem velhinho. E aí ela disse que eu tenho uma promessa para pagar lá no Dão na Barra do Cauípe e aí a gente em conversa com o tio Domingo Freire a gente foi para pagar lá na Barra do Cauípe e foi quando a gente começou a juntas o quebra cabeça, pra vocês ver o quebra cabeça tava totalmente separado o grupo da dança de São Gonçalo não gostar não existia tava tudo despeço. E aí foi quando a gente começou a juntar o quebra cabeça quem foi Dona Celeste, mas a Dona Lurdes Carneiro já havia dançado e sabia como eram os passos, Biagua mais o seu Antonio Adelino também já sabia os passos, mas seo Antonio Adelino ele ia fazer a pá com o tia Domingo Frente porque já sabia como era que fazia a jornada. Aí a gente pegou o Biagua e descobriu que o seo Zé Bolacheiro já havia dançado com o Biagua, e aí fomos juntar então Dona Celeste com a dona Maria de Lurdes, Biagua com o Bolacheiro e Domingo Freire com seu Antônio Adelino e vamos para frente, dona Valda foi com a dona Luiza irmã do finado Manezão, a mãe da Silvia que hoje dança também. Então a mãe foi com a dona Luiza e eu não tinha pá, eu era doido para dançar e aí eu dancei nesse dia com o Gil do seo Jorge Né foi a primeira vez que eu fui dançar lá na Barra do Cauípe, então a gente juntou o quebra cabeça foi juntando, juntando. E aí a Dorra mais a Clelia Angela tinha interesse de participar e fizemos o pá com ela e vamos ensaiar e aí entraram também, eu sei que nessa brincadeira nós fizemos um momento muito bonito com a promessa da tia Luiza naquele momento em 2005. Lembro como se fosse hoje no dia 07 de dezembro de 2005 lá na Barra do Cauípe. Aí ficamos não vamos deixar isso aqui acabar não, pelo amor de Deus, e aí a gente começou se reunir a fazer reunião para avaliar aquele momento que tinha sido muito bom, depois outras pessoas vieram. Hoje o grupo da dança de São Gonçalo ele tem essas força e não somente fortalece a organização Anacé aqui na Taba Anacé como também fortaleceu muito o movimento indígena desde 2005 até hoje, e hoje nós temos, seo Antonio Adelino passou a missão pra mim mais o compadre Aristides nós dois somos os mestres da dança de São Gonçalo, mas hoje eu formamos também outros outras formamos um segundo pá que é pá de mestres que é, já tiraram jornada de São Gonçalo oficialmente pra apresentação que é a Edvania e Angélica. Elas duas já tiraram é muito bonito e inclusive foram as primeiras estrelas já tinham Então tem muito bonito inclusive foram as primeiras estrelas da dança de São Gonçalo a Angélica e Edvania que até hoje de dança né, pronto em 2005 elas duas foram as primeiras estrelas na dança de São Gonçalo dançaram do dia da promessa e nesse tempo a nossa primeira roupa que a gente fez. Fomos convidados pagar uma promessa do Pedro Duarte lá na lagoa do Banana no ano seguinte em 2006 apresentação lá na lagoa do Banana foi quando o Aristide entrou na dança com a gente, a tia Maria Milagre tava doentinha mais foi acompanhou e foi quando a gente teve mais pessoas que entraram no grupo né, então blusa era preto e branco a calça preta e a saia era essa aqui preta e blusa branca com o nome dança de São Gonçalo, depois vem atrás amarelinha né saia de chita estampada de verde com amarelo e vermelho depois a gente fez outra blusa muito bonita que é a vende, essa blusa depois dessa blusa verde veio essa laranja que o compadre Aristides vermelho goiaba ou então Rosa e depois a laranja e veio a última que é essa azul. Oque que é a dança de São Gonçalo para mim o que que é a dança de São Gonçalo para muita gente as pessoas falam seguinte ela é fortalecimento espiritual ela é um fortalecimento mental, ela é o fortalecimento do corpo ela ajuda a unir ela tem momentos que a gente tivesse lá discutir pra poder decidir algo, mais uma das coisas que a gente faz sempre incentivo e os mestres falam também a gente tem que dançar por composição por devolução e não por dinheiro. Tem momentos que a gente dança quando algumas organizações convidam a gente

tem o cachê a gente não divide esse cachê a gente deixa esse valor para manter o grupo, por isso que a gente tem essas roupas quando a gente se apresenta por exemplo a no SESC a gente tem cachê de R\$ 500 e esse dinheiro guarda de um ano para o outro, porque se precisar fazer roupa para alguém que entrou eu quiser mudar de roupa ou de calça ou de sandália a gente pega esse dinheiro, de um ano para o outro para poder comprar e manter o grupo do jeito que a gente tem mantido. tô falando a verdade eu tô mentindo. E isso que a gente tem procurado fazer num primeiro momento que a gente ganhou um cachê dividiu pegamos R\$ 500 na época de para dividir em partes iguais R\$ 23,50 para cada. Ai foi que aconteceu no ano seguinte a gente precisa fazer blusa, e agora vamos comprar essas blusas quanto é as blusas na época era R\$ 22 e ainda tivemos que dividir o cachê de 23,50 para casa e no outro final de ano a gente teve que tirar R\$ 22, a gente não faz nada com R\$ 23 e se a gente junto a esses R\$ 23 para comprar a gente não tira do bolso da gente vamos deixar ele guardado em caixa, e assim a gente procurou fazer e graças a Deus todos a gente tem essa visão de manter e fortalecer a Dança de São Gonçalo. E graças a Deus o prêmio culturas indígenas desse ano veio a fortalecer não somente a dança de São Gonçalo mas também as outras danças né é hoje a maioria grande parte das pessoas que dançam São Gonçalo, crianças temos temos jovens principalmente a participação dos jovens é a maioria e a gente gosta e agradece a participação da juventude, por exemplo hoje a Dança de São Gonçalo ela é formada por: Júnior e Aristides que somos nós dois os mestres da Dança de São Gonçalo, está entrando novas estrelas mas eu vou citar aqui as estrelas anteriores como eu já falei a Edvania Angélica, Arilúcia e a Silmara, a Arilúcia e o Silmara a Cleane e Viviane depois e parou não tivemos mais estrelas São Gonçalo incentivamos alguém da participar de um até ajuda aos mais jovens, algumas das meninas aqui que para convidar as meninas para vir para fazer parte da estrela do São Gonçalo. Por que precisa de crianças porque são puras tem seu coração, tem o seu coração puro para aqueles momentos que é para entrar com Santo, a questão da santificação aquele momento de entrar com Santo a pureza da criança, essa pureza da criança faz com que a gente com cinto a participação da Estrela. E aí a gente convidou a Hanna e a Pâmela estamos ensaiando elas estão se saindo muito bem só duas crianças, que já já ela esperando a roupa dela para entrar oficialmente com Santo no momento da promessa como a estrela da dança de São Gonçalo. Tem mais quatro crianças que tão ensaiando o Levi e o Gabriel são os bisnetos da dona Valda e Davi e Eliude, Davi é outro bisneto e Eliude é bisneto do seo Antonio Adelino menino com menino e menina com menina, homem com homem e mulher com mulher é até o que é a características da dança de São Gonçalo então, depois vem Cleane e Viviane, Ariana e Leidiane, Nayara e Manu, Angelica e Edvania, Nataliane e Yasmin, Arilúcia e Evelyn, Luciana e Samara, Cléo e Silvia, Ângela e Clelia Ângela, Ana Celia e Bruna, Luíza Gil a Valdimeire, Dona Lurdes e Valdelice, Wellington e Raphael, Kenedy e Yuri, Biagua e Zé Bolacheiro. Os tocadores atualmente tem seo Antonio Adelino que também toca com bastante dificuldade do folego, mas hoje toca o Kairo seu pai o Erandir, o Ivan e o seu Raimundinho, o Dico e o Seu Jorge Né também já tocou no pandeiro o tio Domingo Freire que foi o primeiro que passou a nota do São Gonçalo e o Zé de Mar que era o panderista. Também já dançou no grupo o Gil filho da Dona Eliene que fazia pá com seu irmão naqueles momentos que era o Cleison em memória a gente acredita que ele está aqui, dona Luiza Paulino que já dançou com a dona Eliene em memória também Dona Luiza, dona Celeste e dona Lurdes que não está mais, às vezes dona Celeste quando podia vim ela dançava aqui ela dançou algumas vezes, mas não veio mais e os que eu já falei que foram os pioneiros. E os que eu já falei algumas vezes que não estão vivos mais, eu já falei que foram os pioneiros que era na época que foi o Manuel Ribeiro, Mario Ribeiro, Maria Ribeiro e Odete Ribeiro. Então assim hoje nós somos aproximadamente 40 pessoas, 40 pessoas que formam o grupo das em São Gonçalo é a coisa mais linda né. Então é isso pessoal a história da dança de São Gonçalo se junta ela se mistura entrelaça e tem essa afinidade de grupos de família, você ver aqui tem uma boa parte de irmão, irmã com irmão, irmão com irmão parente com parente muito próximo todos que dançam, filhos e netos pai e filho que toca assim mãe e filha e pai né e pai e filha então fechado pra o povo Anacé é fechado. A gente tem todo o cuidado em inclusive a gente já tirou pessoas do grupo em momento de ensaio de apresentação porque não estava dançando com o objetivo que é

dança, estava dançando com fanatismo com brincadeiras, embriagado e não pode entender é um momento divino de adoração de espiritualidade então pode ser de qualquer jeito e nem qualquer canto. A gente dança em uma apresentação cultural de outra forma como se tivesse pagando a promessa, a Dança de São Gonçalo ela tem algumas passagens, o tanque da dança de São Gonçalo ela é tocada por 5 notas é um xote, hoje é tocado por sanfona, gaita harmônica, violão, pandeiro, zabumba, triângulo, pode ter violão pode não ter mais, geralmente esses são os instrumentos e guitarra. E quais são as passagens da dança de São Gonçalo nós temos o momento de entrada com canto do Santos do hino do Santos, depois nós temos momento de cumprimentar de desejar seja boa sorte ou seja bem-vindo e a gente enquanto mestre sai cumprimentando e desejando as boas-vindas para o grupo para os dançantes que estão no cordão, são duas filhas que me chama de dois cordões e a continência, a continência um momento depois tem o momento do beijo depois tem o momento do oito e tem o momento de cortar o cordão né, que é o momento que a gente faz a costura daquele cordão de pessoas. Dançando se você fizer uma filmagem de cima do alto de cima você consegue ver perfeitamente que o a dança de São Gonçalo tempo todo a gente tá fazendo um oito. Tem um momento da passagem do oito que faz quatro pessoas, mas tem um momento todos os momentos que a gente tá dançando no grupão com todos os integrantes e fazendo um oito, e faz dois círculos de pessoas desses, quando esses dois círculos de pessoas se juntam que faz direitinho é muito lindo já fizemos uma apresentação faz um coração também. A gente fez uma apresentação na Serra dos Cocos em Ipueiras lá tem o padroeiro que é São Gonçalo do Amarante, e fizeram do auto da Igreja uma filmagem, e está lá se você a filmagem. Nesse dia tinha uma pessoa que apresentando com a gente com a Ana Célia era a Barbara nesse período ela tava dançando e também tinha outro menino que fazia o pá com o Eduardo que era o filho dela o Bruno filho da Barbara que dançando com o Eduardo, nesse tempo na Serra dos Cocais eles estavam dançando tem o Wesley que também dançou com o Bruno e com o Eduardo. Então é muito lindo a gente falar sobre a dança de São Gonçalo, mas lindo ainda quando a gente está se apresentando, é assim a gente dança uma jornada fica um pouquinho ali pra repor energia depois dança outros, se for preciso a gente dança fica com dor na coluna mais dança de novo. Que acontece eu digo tem algumas pessoas que sente também que a gente parece que entra em transe, quando a gente tá dançando São Gonçalo e não precisa nem bebe mocóro não as vezes a gente entra em transe, tem passagem que a gente faz na dança de São Gonçalo tão concentrado e depois a gente não sente que fez, fica falta isso falta isso, eu mas o compadre diz vamos por dentro ou por fora, nós já fizemos isso aqui e as vezes já tem feito aquela passagem e não lembra é tão rápido no momento tão rápido o momento tão empolgador e espiritual que a gente faz aquele momento ali que a gente nem sente. E quem tá tirando a jornada de São Gonçalo quem está de fora diz não sei como eles aguenta, é muito cansativo as chega de 40 a 45 minutos sem parar a gente fica lá na frente a gente só para pra esperar o outro pá que vai entrar, mas mesmo assim a gente ainda fica dançando o xote certo. Imagine você está aqui em pé dançando 45 minutos sem parar, sem sentar, da o entender que cansa, mas não canso de jeito nenhum o coração da gente bombeando sangue nosso corpo fica com vitalidade fica forte. E está aqui 73 anos e 68 anos aqui do nosso lado que dança 45 minutos sem parar e tem momento que é correr né celerado né quando era pequeno ele muito rápido, quando o cordão é grande não é tão ruim, mas quando o coração é pequeno é muito rápido a gente no instante faz a jornada. Tem um verso da dança de São Gonçalo que é sim “quem foi dançar essa dança deve ter o que é ligeiro depois nós sair dizendo tem barroca no terreiro” que é isso porque tem que ser rápido e é uma passagem é um ritual eu não digo que horas em São Gonçalo é somente uma dança ela é um ritual, que fortalece muito a nossa cultura e a partir da dança de São uma mudança também bem antiga nossa que meu avô dançou, que é a dança do coco que depois a gente fala um pouquinho sobre ela daqui a pouco eu próximo que a gente vai falar que é a dança do coco. Então assim a gente agradece vocês ter escutado essa história já é hora de almoço não vamos entrar mais quem já assistiu pode perceber, e quem participa pode entender o quanto é prazeroso o quanto é gostoso agente dançar o São Gonçalo. E o prêmio culturas indígenas que venha mais o quanto é fortalecedor para esse momento, que a gente antes alugavam um som, por meio da nossa organização de

desse e esse grupo que criou e se dedicou como o Thiago a Debora, a Rute e eu a gente escreveu com muito carinho com muita dedicação com muito amor para poder ser contemplado. E se Deus quiser a culminância de tudo isso aqui vai ser no dia 12 de novembro vamos comemorar tudo isso aqui que é do prêmio culturas indígenas. Primeiro escrevemos, segundo fomos contemplados, terceiro compramos nosso som, vamos já comprar nossas sandálias a prioridade máxima. Hoje o almoço é por conta desse projeto né a gente tinha pensado 3 oficinas enxugando para ser só uma, vamos almoçar daqui a pouco a gente vai ter também a compra do material do da dança do Coco nossas blusas aqui há mais de cinco anos, seis anos já que a gente dança o coco a gente não tinha como comprar outro agora a gente vai mudar, vamos mudar a blusas, mas não é para manter a mesma coisa mesma característica da blusa. O Maculelê Caçula dos grupos da dança vai ter o seu material também, vai ter várias apresentações aqui dentro, apresentação de todos esses grupos quem puder participar sintam-se convidados vai ser um grande momento pra todo mundo se apresentar e prestigiar esse grande momento. E agradecer a presença de todos vamos almoçar não vão embora vai ter contação de história do coco e maculelê, obrigada.

Anexo Z – Transcrição da entrevista com Antônio Adelino

MESTRE DA DANÇA DE SÃO GONÇALO ANTÔNIO ADELINO

Me chame ou chame ela, mande recado. Tem uma casa fulano de tal pra ser. Mas já tem gente aí, o que é que eu vou fazer, sem pa pa, sorteio nem nada, num tem a casa do menino. Ele passou pro outro sem ir pra sorteio nem nada. Aí tinha a casa do meu neto, não foi pra sorteio, aí quer dizer, será como no meu nome, num é pra mim. É mesmo que ser pra mim. Eu me sinto que é pra mim. Eu não vou dizer que ela indo lá para casa dela, seja onde for aqui dentro da reserva, eu não vou dar uma colher de açúcar, eu não vou dar uma temperatura de sal, eu não vou dar um carço de feijão. Não; a gente podendo, mas é uma coisa diferente de tá dentro da casa da gente. O menino não sabe respeitar, tem dia que não sabe respeitar nem essa menina aí. Ela se zanga e uma pessoa que tá luta que essa daí tá, já passou e sabe, e essa menina não pode tá estressada. Que eu faço o que eu posso fazer por ela, eu faço, mas tem dias que por causa dos outros eu me estresso, e estresso ela também. Nós bate boca, isso aí eu não escondo de ninguém. Isso aí, antes nós não tinha isso. E eu espero um ar de felicidade, que eu vim pra cá pra ter um descanso. Não é que eu não queira o amor dela, eu quero é a paz para ela. Porque ela tendo a casinha dela, ela lá faz do jeito que quer. Cria a família como ela bem quiser. Nós não tem preocupação. Preocupação sim, mas não não tamo atrás de ninguém não. E tem um menino maior aqui, que Deus abençoe que ele seja um bom homem. Deus abençoe, é isso aí o que eu peço. O moleque de 10 anos, sei lá quantos anos é, mais quer fazer o papel de um adolescente de 17, 18 anos.

É o mais velho. Se taca no meio do mundo e vai chegar aqui nove e meia, dez horas da noite. Antes o sobrinho, os tios iam buscar ele, eu não vou não. De jeito nenhum. Vou aconselhar, dar conselho e tal. Mas não vou atrás de ninguém não. A mãe faz, cria, acaba de criar eles do jeito que ela quiser. Aqui ela também não grita com eles, não dá uma disciplina, um moral. Não sei porque, ela disse que é para não tomar a nossa paciência. Ela se recusa a tomar nossa paciência e eles não se recusam. Agora minha florzinha não toma paciência não. Só bem cedinho que ela não chora mais, só faz gritar.

Mais é isso. Aí se a pergunta, se a senhora puder fazer para esse povo lá, eu fico agradecido. E pode dizer lá que é pra um velho, que eu não vou dizer que essa daqui me ama, que essa daqui me ama, que gosta de mim ninguém não. Eu penso que o povo daqui, muita gente gosta de mim. Porque tem muitas coisas que dá onde eu posso ajudar, eu ajudo. Só se eu não puder, mas nós podendo. E assim, a minha pergunta era essa.

Pronto aí, é muito importante a gente saber colocando o nome do velho aqui. Antônio Freire de Andrade, (**silêncio**), mais conhecido como Antônio Adelino. Pronto. Aí, 77 anos. Mora na reserva há 4 anos e uns meses. Vai completar 5 anos agora em outubro, se Deus quiser. Eu não vou dizer assim sou mestre da dança de São Gonçalo. Eu não quero me apresentar, tomar de conta de todo o espelho para ninguém se apresentar também não. Porque em termo da minha idade, eu achei eu cansado e a minha velha começou a adoecer, e eu não tinha não, não tenho condições de sair de casa. Agora, vou sair agora, vou sair amanhã, isso tem que ser programado com esse povo, se dá certo. Pra ficar primeiramente, eu saber da força de Lua, como é que vai ser. Porque ela tem uma crise muito forte. Só eu sei, e Deus me dá um jeito de lutar com ela. Eu sou quem toma de conta dela mode eu dar um apoio pra esse povo procurar o objetivo deles, o futuro deles.

Dois já Graças a Deus, já tem seu bom futuro ou bem empregado. Por que é melhor que a diária, é empregado cria de muita gente. Aliás, todos que conhecem ele, é um rapaz excelente. A outra é professora, uma pessoa excelente também. Essa aí tá numa luta para o futuro dela. Esperando

eu, pela benção que eu peço a Deus todo dia pra ela ser uma pessoa, que ela tem um poder de obter esse futuro dela lá na frente, que é para quando eu faltar nesse mundo, partir desse mundo para o outro, eu deixar ela bem plantada e segura. Sem carecer de sair e dizer ‘vou deixar minha filha pela mão de Deus e do Povo’. Não, ela vivia por conta dela, se eu tiver algum companheiro ou não, mas ela tem como ela sobreviver sem eu e sem avó. Que agora, depois de Deus, ela tá vivendo por mim, pela avó e a irmã dela. A irmã dela, essa que é encostada da mais velha; a Divania que é a professora, essa daí é irmã dela e é mãe. E ela é minha neta, minha filha e minha mãe. Ela desde novinha, de 15 anos, que ela vem nessa caminhada, nessa luta, lutando por nós, e eu na época era eu, essa aqui pequeninha, novinha, e o menino também que tá grandinho, e eu mais o meu filho e essa menina aí que eu tô doido para casar com ela e eu não sei o quer que faça.

Aí ela vem um tanto e eu prestando atenção se ela tinha como eu, se ela me dá confiança pra mim entregar a ela tudo que era meu, pra ela tomar de conta. Aí fui, até que alcancei a confiança dela e desde os 15 anos para cá, com 18 anos, eu entreguei a Deus e disse ‘minha filha você vai ser minha mãe no lugar da sua mãe’. Que a mãe dela era tudo para mim. Era filha, era mãe, ela era uma conselheira, ela era uma mulher disciplineira. Ela me disciplinava como tá aqui ela, daqui e acolá querem me disciplinar. Aí eu quero me zangar mais ao mesmo tempo, eu baixava a cabeça, que do mesmo jeito eu fazia com outro, eu queria me zangar, baixava a cabeça. Tão trabalhando e lutando pra tomar de conta de nós e dar conta, orientando, disciplinando como uma palavra mais alta. Que nem essa daí, ela se zanga que se morde. Não sei a quem puxa. Viviam nessa vida e hoje em dia Graças a Deus que tem os três, os três que eu acabei de criar, a Edvania era do tamanho dessa tesourinha, minha medalha, do tamanho de uma cabritinha, quando a mãe brigada, a gente morava como daqui aquela casa acolá, ela chamava vovó, pegava o corredor, corria até lá em baixo. E quando foi um certo tempo ela me deu pra mim acabar de criar ela, e aí foi quando ela morreu. Também eu não fui pedir a nenhum. Não pedi nenhum ao pai.

Essa daqui era mais nova, o pai pegou e botou na mão da irmã dele. Ela foi sofrer na casa da tia dela. Aí eu dizendo a ela que ia embora, que eu ainda passei duas semanas nos matões. O avô dessa aqui, a mãe dessa aqui, o tio dessa aqui, eram as pessoas que não passavam dois dias sem ir lá em casa me aconselhar. Eu passei uma semana sem comer, sem beber, que eu abria a porta, que via a casa da minha fia, eu me virava. Aí eu tive que arranjar essa casa lá pras bandas, fiz um barraco lá pra mim. Era onde eu tava. Pois então, porque ela era tudo pra mim. E eu acho que Deus mostrou a simplicidade dessas crianças. Ela foi a primeira a dizer que me acompanhava. O outro disse que me acompanhava. E a Natália era casada e já morava lá. E essa daqui não tinha voz altiva ainda, era uma baixinha velha desse tamanho, o pai peguei lá. Poucos dias eu digo ‘essa não vai comer um pacote de bolacha lá na casa tia’. Lá já tava judiando com a menina. Ele pega, pega a criança, tira da casa da mãe dela, bota na casa dele, e quando era de noite jogava ela no quadro de uma bicicleta e ia para o cabaré com essa criança desse tamanho aí. Se eu tivesse mentindo, queria que ele dissesse que era minha mentira. Eu mostro até onde era o cabaré que ele ia pra lá. Ficava, as mulher pegava ela e colocava numa rede, numa cama, não sei. Dormia até a hora dele sair e vir pra casa. Aí quando eu soube da história pedi pra Natália tomar de conta dela. Fui lá pedir ela, aí ele deu. Não comeu um pacote de bolacha na casa da irmã. A irmã, essa dita Natália, ela tivesse aqui (alteração de voz), ela criança, a filha dela mais velha também criança, mais nova do que ela um pouquinho, e criança gosta de arengar e tal, e ela não aguentava o desaforo da duas meninas e queria botar a carga todinha pra cima dessa daqui. Aí foi me pedir pra ficar com a menina. É minha, se ela quiser ir, eu pego e quero, pronto.

Expulsou e quem agarrou essa aqui, ela com duas semanas; duas semanas que ela descansou, a borboleta foi? Foi e tomou de conta dela até um certo ponto, aí quando aconteceu aí, corre todos

os três, se juntam os três irmãos, apoia e arrasta ela pra cá. Quer dizer que ele não tem capacidade. Aí jogaram aqui, e aí quer dizer que eu me acho feliz porque eu aceitei a proposta dele. Não aceitei a proposta dela, não vou mentir pra ninguém. Aceitei a proposta deles três. Porque eles não deixaram a irmã com os sobrinhos, quanto deus dará como a ex sogra dela, o destino dela, de ver ela passar. Então ela até que pelejou, pegou, vendeu a casa. Isso aí ela teve, ela até falou isso, tá a mais velha dela, ela foi para uma audiência e até isso aí ela falou. Falou que a veia tomou a casa, vendeu, e não deu nem uma bolacha mofada para os netos. E aí o ex marido só fazia balançar com a cabeça, não podia falar nada. E tá assim, nós estamos aqui mais só eu e Deus sabe o momento que to passando. A gente quando é velho quer ter um descanso, quer fazer as coisas do jeito dele. E eu queria viver mais uns dias no meio desse povo.

Nasci nos Matões na época de 1945. Sou filho nativo dos Matões. Foi onde eu me criei, criei minha família, e depois de criada minha família, com 72 anos de idade, eu me mudei para a reserva. E até hoje eu tô aqui, e eu espero, eu queria que Deus me abençoasse, mas eu sei que ele me abençoa, de eu ter esse privilégio de saber que a minha família tá acumulada numa casa. Aí eu fui viver uma vida como eu esperei. Boa. Junto com essas duas crianças aqui.

A minha infância, foi uma infância sofrida. Na minha infância, eu não tive infância, foi uma infância sofrida de cidadão. Por isso, ainda hoje eu faço o papel de cidadão, desde os 8 anos de idade eu tive que assumir a responsabilidade de um cidadão. Com 8 anos de idade meu pai deixou minha mãe, minha mãe cegou. Aí eu tive que trabalhar junto mais um irmão meu mais velho. Ele trabalha para outro. Minhas irmãs no labirinto, quem não sabe o que é, eu também não sei. Eu disse que não sei, mas eu fui um dos tais que quando não tinha trabalho pra mim, só queria que tivesse um aqui pra dizer assim, eu torcia as blusas. Quem for uma idosa que sabe o que é labirinto, eu torcia, com agulha. Então pra ajudar elas a ganhar dinheiro pra nós sobreviver. Quando aparecia um trabalho, eu ia trabalhar e não via esse dinheiro.

Na roça. Eu só tinha o direito de ganhar aquele dinheiro. Quem recebia era elas pra fazer as coisas. Não tinha direito a receber nenhum centavo. Desde os 8 anos. Com 16 anos eu fui trabalhar fora dos Matões. Elas já estava tudo casadas. Tava só eu e a comadre marieta, que é a dona Maria de Lurdes. Ela não quer que chame Maria de Lurdes. Eu conheci ela como Maria, até a morte na minha boca vou chamar como Maria. O meu irmão e a minha mãe. Aí ela, eu ia trabalhava lá, como eu, a mamãe não podia ir lá, a comadre marieta era, fica mode ir pedir esmola mais a mamãe. No tempo era só areia na mata. Chegava lá, não pedia nada, o pessoal já sabia, só fazia, quando pela primeira vez, você não precisa mais pedir nada, quando nós lhe ver a gente sabe que vocês estão precisando. Do sol só não dava água, mais o resto, dava tudo.

Aí essas minhas irmãs, a Carmo, já casada morando em Fortaleza. E ela vinha dar pitaco na minha vida, dizendo para outra irmã que era mode receber o dinheiro e mandar o cunhado dela entregar o dinheiro a mamãe pra entregar o Luiz pra fazer as compras. Mas não tinha nada não, eu dizia 'um dia eu cresço'. Mas não pude crescer, não deu tempo de eu crescer. 18 anos, minha irmã, que era mais velha do que eu morreu, que ela sempre tomou de conta dela, e eu fui trabalhar aqui no Dias Macedo. Foi onde eu via receber meu primeiro dinheiro que recebi. Ganhava e recebia. Trabalhei dois anos aí, de 15 em 15 dias eu vinha em casa.

Eu trabalhava como aguador de. Não era jardim porque era plantação, tinha um tanque enorme lá. Eu mais um senhor, por nome Notato, nós trabalhava lá. Um tanque grande que pegava não sei quantos mil litros d'água. E do tanque grande caia para o outro pequeno. Que o tanque pequeno era mais ou menos assim daqui aquele pau acolá. Aí a gente, eu descia para aquele pequeno, destampava pra cair nos canais e dos canais caia dentro de outros tanques pra gente aguar as plantas. É aqui em Fortaleza. Não sei se é Cauípe, sei que tem o alto da balança. É ali naquelas imediações.

Aí quando eu vim de lá com 19 anos. 18 para 19 anos, eu fiquei dentro de casa e vi que aqui não dá essa vida. Vou atrás. Toda vida gostei de trabalhar independente de patrão. A senhora morasse assim vizinho a mim, tivesse um serviço pra minha fazer eu não ia trabalhar na diária. Eu não gostava de diária não, pelo sofrimento que eu tive lá. Eu já sofri muito trabalhando por empeleita ou então no terreno que eu plantava por conta própria. Arrendei um terreno nas queimadas do Siupé pra lá, do poente da Taíba, mas eu passei três anos lá. Lá eu tava bem.

Eu plantava tudo enquanto. Feijão, milho, batata, os coqueiros. Coco era do terreno. Só que na arrenda os coqueiros eram meu. Plantava tudo enquanto, melancia, jerimum.’ Eu pagava a arrenda. Era uma mixaria que eu não sei nem dizer. Essa renda hoje em dia ninguém compra mais nem um bom-bom. Só porque antes tinha um velho que era tio, nosso tio, que era arrendatário lá, e perguntou se eu não queria ir trabalhar lá. Eu disse que ia, fui. Me levou até a casa desse senhor lá, seu Sebastião. Aí ele disse “É mesmo que entregar a mim, que eu ficar tomando de conta. É homem de confiança. Só não tem tamanho de homem, mas é trabalhador”. Se der certo eu vou fazer um teste de um mês. Se der certo, você fica aqui. O preço que seu Chico pagou, você paga também. Aí fiquei um dois anos, com três anos eu me desgostei de lá. Desabei de lá por causa de uma macumbeira. A macumbeira queria fazer eu casar com a neta dela à força e eu não gostava e nem nada da menina. Então, aí vim embora, cheguei aí, deixei tudo lá. Abandonei tudo. Perdi tudo. De lá pra cá, sofrendo. Agora eu vou sofrer como um suvaco de aleijado na minha vida. Aí eu digo, ai eu fui e disse ao papai ‘pai isso é uma vida, todo mundo tá sabendo do meu sofrimento no meio do mundo’. Eu nessa época, eu não tinha vergonha de lhe dizer não, nessa época eu não tinha uma roupa boa pra sair. Só existia duas roupas, dois mulambos e uma roupa mais ou menos pra sair que não fosse rasgada, o resto tudo era trapo. Hoje em dia Deus defenda, quer dizer que o pessoal resgata o passado do povo com precisão. Passava o que esse povo novo hoje passa. Passava por precisão, eles só não fazem porque não é como o dilema anterior porque eles não remendam. Mas eles compram aquelas roupas todas rasgadas.

Remendado que ninguém sabia qual era o pano da primeira roupa. Era remendo de todo jeito. Eu vim embora e disse ao meu pai que ia embora. O véio foi e disse “vai não, você não é doido. Não tinha leitura como ainda hoje não tem. O que é que você vai fazer no meio do mundo, você não tem profissão, não tem nada. A profissão é puxar no cabo de enxada. Você vai sofrer e vai comer o pão que o diabo amassou. Não vá”. Eu vou. Aí ele disse “Vou mostrar como você não vai”. Era um índio vei guerreiro, era forte. Aí quando foi um dia, ele sempre aconselhava “meu filho cace uma mocinha pra você casar. E aqui é o seu local onde você nasceu, é aqui onde você vai viver. Não importa a qualidade, não importa se é bonita, se é feia. Quer saber se é trabalhadora”. Lá quero saber se é preguiçosa, quero saber se eu arranjo. Aí achei essa daqui preguiçosa que só. Não barria nem uma casa.

Em Matões. Aí a mãe dela era bordadeira. Ela aprendeu com as primas dela a bordar e ela passou a ser bordadeira mais a mãe, Tinha noite que ela via o dia amanhecer para dar conta do recado mais a mãe. Ia deixar esses trabalhos em Fortaleza. Aí ela ficou nisso, e eu disse ‘é essa bichona mesmo, ela é danada, e eu vou casar com ela’. E ela não queria eu não, que eu era pobre, feio. Aí então, ela nasceu pra mim e eu nasci pra ela. Até que deu certo nós casemo. Aí eu disse ‘você sabe que eu sou pobre, só tenho coragem de trabalhar’. Nós tivemos 5 filhos, esses 5 filhos. Ela só não criou, se nós, porque eu lutava de um lado e ela lutava de outro. Mas até na época nós com 5 filhos . Nós tava doido pra ter filho. Com 6 anos de casado foi com 5 filhos que nasceu. Tinha noite que ela tirava a noite em casa e a mãe ia lá na casa dela pra dar conta do trabalho. Comprava roupa pra mim. Só não comprava o de comer porque eu trabalhava pra comprar o de comer. Ela comprava roupa pra mim, roupa para os filhos, calçado, remédio se precisasse. Naquele tempo não tinha essas facilidades. Era comprado.

Tudo do bordado. Aí quando foi, quando é hoje, quando cabe eu contar essa história para alguém, aí eu digo: porque hoje em dia a minha esposa não pode mais fazer aquilo comigo, não pode trabalhar mais como ela trabalhava pra mim ajudar. Ela não pode trabalhar mais eu. Ela nunca foi mulher de, porque eu não aceitei, de botar uma enxada, não. Mas em casa ela dava conta de tudo. Ela criava as criação, ela dava conta. Os bordados.

Aí quando nasceu 5 meninos, a mãe dela que Deus a tenha no reino da glória, a mãe dela disse “Maria tu tá igual coelho, sai da cama já grávida de novo”. E eu disse ‘vamos dar um basta nisso’.

Aí eu disse, a gente só tá aqui na terra enquanto Deus quer. Deus deu um jeito pra nós, parou nesses 5. E o último que nós tínhamos, morreu agora. Morreu a três anos atrás. Ficou só nós dois. Onde cabe eu contar pra alguém, porque essa mulher foi tudo pra mim, e hoje porque ela não pode fazer isso eu abandono ela. Eu já andei perto duas vezes de abandonar ela, que Deus me perdoe isso aí mas a verdade eu não nego pra ninguém. Uma vez foi nos Matões e outra vez foi aqui. Nesse dia eu me arrumei pra ir embora, mas só que eu ia embora e ia buscar ela. Ela não ia ficar aqui não. Mais aí, o irmão dessa daqui chegou “nesses terrenos que o senhor passa fora, é mesmo que dá uma machadada na minha vó. Ela morre, vai ser mais uma preocupação para nós, é melhor você não fazer isso”. E eu estava com a chave no bolso, sentado bem ali atrás desse carro aí, fazendo minha bugigangas, que eu gosto de fazer um colar, botar um cabo de um ferro e tal ali. Era um dia de sábado, esperando o Júnior, olhando pra casa dele, esperando o carro chegar. Na hora que o Junior chegou, o menino já tinha vindo, já tinha me aconselhado. Quando o Júnior chegar lá, eu vou bater lá, pegar a chave a ele, mande ele entregar pra Nayara e eu vou embora. **(36:26)**. Mas aí Deus é bom, Deus sabe. Baixei a crista, deixei eles me benzerem do jeito que eles quisessem. Era um crime que eu ia cometer tanto pra mim quanto pra ela. Talvez eu morresse primeiro do que ela, que hoje em dia um cidadão não é mais tratado como cidadão, é como um vagabundo. É como um vagabundo. Eu saía no meio do mundo, um mendigo, o pessoal não me conhecia, achava que era um ladrão e iam matar logo. Aí então eu ia ficar por aqui.

Matões eu tava com muitos dias que eu não ia lá. O Matões tava com um ano, nos dois anos eu fui... Aí passou um período, quando foi agora, depois eu fui, fui de novo, outro dia eu fui pra visitar meu irmão. Mas o Matões tá completamente diferente. Você encontra duas pessoas que a gente conhece, o resto ninguém sabe quem é. Pessoal as casas é tudo cheia de muro, com medo do vizinho que não sabe quem é. Se eu to numa casa, moro aqui perto, chega um caba da baixa da égua, que eu não sei nem quem é, eu vendo a minha casa aqui. Aí a daqui as vezes fica chamando a ruindade do meio do mundo pra dentro do lugar e é como os Matões tava ficando. E o Matões era o lugar de se dormir de porta aberta. De viajar qualquer hora da noite. Todo mundo era irmão, todo mundo tinha obediência um ao outro, tinha amor. Hoje em dia é difícil uma pessoa, quando quer ter amor, não tem condições porque não sabe a quem dar amor. E a coisa mais bem feita que Deus deixou na vida de cada um que acreditou é ter acompanhado, ter visto o Júnior, ter acompanhado o Junior pra cá pra essa reserva. Muito ignorante diz assim “o Junior, como é que o Junior deu essa casa pra vocês?”. Não foi o Júnior não, foi o Governo. O Júnior não botou nem uma telha lá, não colocou nem uma mão cheia de areia. Certo. E quem foi de nós que foi passar fome no meio do mundo, passasse decepção no meio do mundo, sacrifício, por nós? Foi o Governo sim, mas ele é quem foi atrás. Que o Governo não vem de lá pra cá pra perguntar quem é Júnior, o que é que tá precisando. Não. Se a pessoa não for atrás, como ele batalhou esse tempo todinho. E eu agradeço muito a Deus e a ele ter arranjado esse local aqui pra nós. Que é como ele dizia

“Seu Antônio lá é um ponto, tem uma paz”. E quando eu cheguei aqui logo com a minha família

eu sofri. Engraçado que cada muda que muda, murcha. E o caso de cada um que se muda, pode mudar daqui para o fim da esquina acolá, tem que mudar. Tem uma coisa que fica aqui que não tá lá na sua casa. Mas aí nós passamos dificuldades, com a ajuda de Deus nós vencemos e estava vencendo. Já estava pisando firme. E aí foi quando aconteceu esse desacato lá com essa minha neta.

Isso foi quem acabou, quis tomar a nossa frente. Mas ela não toma. Estamos confiando em Deus, e nosso pai Tupã tá na frente pra rebater esse tipo de coisa. Aí foi parou as coisas que nos beneficiavam. Com medo que ninguém podia se encontrar com ninguém, ninguém podia sair para procurar. Teve uma época que ninguém podia nem ir ali pra fazer uma compra porque não confiava. Sabia quem era. Eu tenho um sobrinho que ele veio falar comigo agora depois que começou a doença, e é porque eu fui falar com irmã, que ela pediu, a mãe dele. Que é irmão desse ex marido da Natália e as coisas dele estavam tudo lá, que ele era da igreja, mentindo pro povo, que mentindo pra Deus ninguém mente. Ninguém mente para Deus. Ele trabalhava e o dinheiro só dava pra comprar coisa boa. Roupa boa, calçado bom, tal hora era palito. Quando via, ele parecia um cidadão. Mas eu nunca fui enganado por isso aí, eu tinha na mente, mesmo que ele já foi, era, mesmo que ele era, e fingindo que aqui era evangélico, mas usava a droga e roubando do mesmo jeito. O dinheiro dele só dava pra essas coisas. Aí tinha coisas boas dela aqui, aí quando ele foi a irmã dele, pra visitar ele, ela pediu o documento pra fazer um cartão, que ela tem direito de visitar ele. Entrar lá pra conversar com ele. Aí ele mandou pedir pra mãe, pra mãe me pedir, mode eu, como ele já sabia que era eu quem tomar de conta da chave, queria que entregasse as coisa dele. Nesse dia seguinte que eu fui entregar as coisas, que podia vir buscar, tava dois irmãos, uma irmã e um cunhado, e uma prima. Tava tudo lá na comadre Marieta. Aí ele veio falar comigo nesse dia, porque antes, logo no período ele andou aqui, veio de Fortaleza de lá pra cá, riscou aqui na bicicleta, desceu e veio pegar aqui na minha mão. Espera aí Luiz, nós tamo no meio de dois gumes da navalha aqui. Não to dizendo que você tem os sintomas da doença, você não sabe nem como pode dizer como é os sintomas. Mas você passou por muita gente aí meu fi, você não sabe de onde vem e nem sabe o que é que vem lhe acompanhando. E eu to aqui, nem eu sei se eu tenho os sintomas da doença. Quem sabe como eu posso passar pra você, você pode passar pra mim. Que assim, enquanto não passar isso aí, eu não recebo visita de ninguém aqui. Nós passamos um período sem fazer visita a ninguém. Aí ele se zangou comigo. Aí quando foi um dia 'esse bichinho aí levantou o rabo pra mim por causa de uma

A simplicidade. O amor. A fartura que nós tinha. Tinha fartura de farinha nas farinhadas. Criação que nós criava. Hoje em dia pra você comer uma galinha, é preciso das sete províncias do mundo como se diz, atrás de quem cria uma galinha caipira pra comer. Quero comer uma galinha caipira saudável para matar aquele desejo, vai comprar do preço que quem bem queira criar, queira vender. E nesse tempo não, todo mundo criava galinha, peru, capote, pato, cabra, ovelha, porco, se ele pudesse criar. Nós nunca criamos gado porque meu pai nunca criou não, porque não tinha terreno pra fazer plantação. Mais os outros bichos que escapavam tudo aí nos matos. Porco só botava um porco no chiqueiro, passava um mês pra limpar. Mas aí é por conta da natureza. E aí era uma fartura. Quando era 5h da manhã via o rebanho de bicho saindo pro mato. Quando era 5h da tarde voltando. Aquilo ali no dia que você queria comer um pirão, ele dizia vou comer um pirão de uma cabra, vou comer um pirão de um porco, de um peru, de um capote, de uma galinha. O que quer que seja, tinha. Chegava uma pessoa de fora, um vizinho na nossa casa, ninguém se aperriava. Se não dá tempo de matar uma galinha pra nós almoçar, vamos comer ovo. Lá de primeiro era cumbuca, não tinha esse negócio de depósito pra colocar ovo não. Era cumbuca, cabaça. Tirava aquela tampo de cima, enchia de ovos. Aqueles mais velhos botava pras galinhas deitar, e os mais novos botava pra gente comer. E era assim, fartura de doce, entrava no inverno, no verão cada canto que vocês iam tinham uma moagem funcionando. Comia doce à vontade, ninguém dizia nem que a gente era feio. Comia doce, bebia

garapa, levava garapa pra casa, levava doce. Que os donos da moagem dava. Quem plantava um pequeno sítio eles deixavam pra moer nos finais do ano que era mode aquela parte dele, ele fazer as lata, num tem aquelas lata querosene, pra encher lata de querosene de doce. Quando acabar tampar com barro, mês de dezembro, aí botava no canto lá, duas, três latas, dependendo, quando chegava o mês do galo. O mês do galo você não sabe qual é não, né?

O mês do galo é o mês de março. Porque dezembro você tá comendo fartura ainda do verão, ainda do inverno. Aí chega o inverno, tá se acabando, chega fevereiro você tira os últimos caroços de feijão para plantar, e comer, e se acabar, não tem. Aí vamos escapar com as galinhas. Muitos deles aí, quando era pouca galinha, até o galo entrava na

panela. Aí o pessoal apelidaram o mês de março como mês do galo. E era assim, aí quando era nesse tempo do mês de março, aquela pessoa que fazia essa atividade, tirava aquela tampa de barro, o doce tava. Parecia assim aquele favo de mel, chega era branquinho. Tirava com ferro. Arrancava aqueles doce, era uma delícia. Botava na farinha. Hoje em dia vai fazer isso pra ver se não morre. Ninguém hoje em dia vai comer farinha não. Doce, quem é que vai comer doce? Eu nem no tempo que eu tive sarampo, que não podia comer doce, eu comia doce escondido da minha irmã, da minha mãe. Eu mais minha irmã, quando a veia dava as costas, nós roubava doce pra comer. Hoje aqui eu to sendo preso por essas aqui.

Não sei quantos meses, anos eu não vou dizer não, porque eu não gosto de mentira. Mas não sei com quantos meses, pode não tá com um ano não, mas anda bem pertinho. O Doutor disse que você não pode comer doce. Em junho aconselhou que não pode comer doce. Aí quer dizer, faz parte de uma obediência. Eles obedecem a ordem do doutor porque é uma comida que não é própria pra gente comer, mode a tala de diabetes né. Aquela mulher até pelejou pra me levar, ir mais ela, mas eu não quero ir, quero ficar mais a minha veia. Mas naquele tempo todo mundo tinha saúde, todo mundo era forte. Ele comida um feijão com gordura de porco dentro, aqueles torresmos. Sabe o que é torresmo? Aí fazia um pão de milho, do milho natural do roçado. Botado de molho. Passa no moinho e faz aquele pão. Era bom. Com rapadura. Um pedaço de toucinho dentro. Era bom demais. Hoje em dia ninguém pode mais fazer isso. Isso aí é o tempo.

Muito feliz. Porque não é fácil, só quem acredita quem podia afirmar isso, Deus já levou. Era minha mãe e meu pai. Mais (**silêncio**)... A experiência da dança de São Gonçalo entrou em mim eu tinha na faixa de 5 a 6 anos de idade. A primeira eu fui no meio de uma carga de caçoa, que quando tinha uma festa aquele povo que era respeitado, era querido, era procurado pelos donos daquela casa das festas. Ele levava o que ele podia levar. Foi onde então tem isso e isso. Ai quer dizer que a gente levava, o povo, levava uma prenda do jeito que pudesse. Era coco, era melancia, era gerimum. Essas coisas assim boas. Bolo, fazia aqueles bolos pé de moleque pra botar nas bancas, nas bancas do (nome incompreensível) do São Gonçalo. E nesse tempo, eu com de 5 pra 6 anos, eu pai ainda vivia com a minha mãe. E foi quando um velho, esse velho é tio, era nosso tio mesmo. Ele era o João Rafael, meu pai disse, "Tal dia tem festa de são gonçalo, nós vamos levar esses meninos para ver a festa de são gonçalo". Mas eu não tive o privilégio de ver a dança de são gonçalo pela primeira vez. A população era pequena, mas fechava no terreiro, nesse tempo não era chão não, era na areia. Pois então, chegou no dia seguinte, o velho botou uma parte das coisas no caçoar, sabe o que é caçoar?

Pra botar no animal. (vento). Ai papi botou a parte, botou a comadre Marieta que era mais pequena. No caçoar até fazer peso com aquelas coisas, e eu fui no meio da cangalha, com 5 pra 6 anos. Aí menino sabe naquela época; hoje em dia é que o menino com 5 anos da dando nos cantos, se for possível passa a noite todinha pulando. Naquela epoca não, era no rabo da saia da mãe. Do pai ali.

Era, aí tava ali, menino logo dava sono. Foi eu de 5 pra 6 anos foi que eu vi o primeiro som da música da dança de são gonçalo. Tocado pelo fole de oito baixos, que é um instrumento que quem tem ele hoje em dia é o Cairo, um fole de oito baixos. Que eu só tive o gosto de ouvir. Aí eu via assim só as pernas do pessoal, que deu logo um sono. Agarrei no sono nas pernas do meu pai, da minha mãe. Naquele tempo não era quem nem hoje, não existia apresentação, não existia ensaio, não existia nada. Aí eu com 8 anos de idade pra 9. Teve outra festa na casa do Domingo Sabino. Aí nós fumo, nesse tempo eu já era mais grandinho me metia no meio do povo pra ver. Aí eu vi, ouvi a música, vi o sistema de dançari. Aí quando eu cheguei em casa, convidei os outros meninos, aí eu digo ‘vamos tirar a dança de são gonçalo, vamos dançar?’. Eu toda vida sempre fui mais gaiato. Aí ele disse ‘quem é que vai tirar?’. E eu disse ‘eu tiro, daquele jeito que o tio Mauro faz mais o velho Manel’. Aí nós mesmo começamo a arrumar as meninas, só imitar, mas não fazia direito não. Aí às vezes se passava de dois a três anos pra ter, porque só se dançava a dança de são gonçalo por promessa. Não tinha ensaio, não tinha apresentação de seu fulano de tal. Aí então, aí eu com 12 anos. 10 pra 12 anos, teve outra promessa na casa de uma senhora que Deus já levou ela por muito tempo, que era a professora que se chamava Eugenia. Aí lá eu fui dançar mais esse dito meu amigo. ‘Vou pedir ao tio Mauro pra nós dançar no cordão’. Ai o tio Mauro, eu fui perguntar, perguntei pra ele, ai ele antes de começar, ele disse: “você se garantem dançar no cordão? Mas tem uma coisa, errou, se sair não entra mais não”.

O cordão. Formam-se duas filas que chama-se cordão. Aí lá na frente são os dois tirador, que são os mestres. Aí eu entrei, fizemos um trabalho bonito. 10 pra 12 anos, aí ele bateu no meu ombro e disse “você é um dos caras que não pode falar na dança de são gonçalo”. Gosto nem de me lembrar dessas coisas, mas é enfim, tenho que me lembrar. Então eu sai em todos. Todos são gonçalos que tinha eu ia. Esse meu amigo foi embora pra Fortaleza, aí eu fiquei só. Cacei outro parente, outro primeiro dele mode ele ser meu par. Esse meu par teve de dançar comigo somente nessa época; as jornadas é o tempo com as danças do período, chama-se jornada. Forma-se jornada. Passa aquela jornada para ter o leilão, depois outra jornada. Aquele tempo se dizia assim - não é dois tempo não - quanto menos era de 5 a 6 jornadas.

Aí quando era 8 jornadas, ia 7h da noite a 7h do dia. Só que não era direto, porque parava. Tinha o leilão. Descansava. Ia comer. Mas todo mundo era forte nesse tempo. Hoje em dia não é todo mundo que aguenta não. Bom, aí quando foi já com 16 anos, que foi pra pagar uma promessa na casa do seu Raimundo Alves do pai do Joram. Então nós fumo pagar uma promessa lá. Aí lá era 5 jornadas. O irmão dele já tava velho, bem uns setenta e poucos anos e ele bebia muito. Tava bebo, além de cansado bebo. Aí foi e disse “Com três jornadas; casse uma pessoa aí, bote os meninos aí pra tirar o dançador no cordão”. Tem que ser uma pessoa ativa mode aprender na hora da precisão ele assumir a responsabilidade dos netos. “Bote os meninos aí pra tirar”. Não sei não, mode fazer as coisas direito, aqui é promessa Manel. Promessa é promessa. Tem que fazer a coisa bem direitinho. Ou faz direito ou não faz. Aí ele foi e disse: “Taí o menino que vai tirar mais eu”. Eu com 16 anos tomei essa responsabilidade.

Aí ele disse “Vamos Antônio tirar mais eu. Se garante?”. Aí eu disse ‘Tio Mauro, eu não sei não. Eu danço no cordão, mas pra tirar é um trabalho mais complicado’. Ele disse “Meu fi, você tando mais eu” - e essa palavra que ele disse comigo ele dizia com qualquer um - “Só não tira a dança de são gonçalo mais eu se ele for aleijado, mas ele sendo cego ele ainda dança mais eu, porque eu não solto a mão dele”. Ele disse meu fi só não tira a dança de são gonçalo mais eu se ele for aleijado, mas se for cego eu ainda tiro. E você tem a sua pisada, você tem o estilo, eu sei quem eu vou procurar. Tenho certeza que você dá pra tirar a dança de são gonçalo mais eu. Nesse tempo eu já bebia assim, escondido. Com 16 anos. Aí eu fui lá no butiquim, nessa época tinha as bancas de café e os butiquim de cachaça. Fui lá, chamei ele de parte assim e Tio Mauro eu queria cachaça. Aí ele disse “bota uma cachaça pra esse menino aqui”. Aí nós fumo tirar, só que ele dava o gritinho dele, parece que eu tô vendo. Ele disse: “Amolece as pernas e

as mãos. Amolece as pernas, pé ligeiro e mão maneira”. Aí quando terminou a jornada, eu já por dentro que fazia com o menino, vendo o jeito. Aí terminou a jornada, pegou no ombro e disse “Bora ali”. O velho Manel tava cochilando, aí ele disse “Manel, eu tenho meu parceiro pra tirar a dança de são gonçalo mais eu. Você só tira agora se você quiser, mais tem ele. Antônio tudo que eu sei eu passo pra você. Quero que você seja meu companheiro”. Aí o Manel disse “Pronto meu fi, seja bem-vindo. Eu vi seu jeito ai, parece que é filho do Mauro. Parece que é filho do compadre Mauro. A mesma pisada do compadre Mauro”. (1:01:51). Aí fiquemo tirando, aí com o tempo ele morreu, aí parou a dança de são gonçalo. Quando foi, já faz mais de 15 anos, faz 20 anos de tradição enterrada. Aí surgiu esse movimento indígena. Deus encaminhou, deu a memória a Junior, Junior foi buscar esse movimento pra nós através de livros, através não sei de quem, dá sabedoria dele. Sei que foi a sabedoria, o dom que Deus deu a ele. Aí disseram que tinha que ter uma tradição do povo Anacé. Quais eram as tradições? As tradições tinham que ser dança de coco, reisado, e alguma outra, a dança de são gonçalo. Júnior achou quem entrasse com a dança com a dança de coco. O reisado não foi possível pra fazer um reisado, a dança de são gonçalo. Ele só achou que ensinasse a ele a tirar o reisado do dia 5 para o dia 6 de janeiro. Mas então, se torna a tradição, porque a tradição da dança de são gonçalo é difícil. E de reisado é mais difícil. Agora a dança de são gonçalo é sagrada. A dança de reisado foi criada pelos índios. É dos índios. Mas é uma dança que não é sagrada como a dança de são gonçalo, ela é diabólica.

A dança do boi do riso é diabólica. Hoje em dia forma, tem um reisado, não chega nem aos pés do tempo que criou-se, que eu cheguei a ver. É uma imitação, fazendo só aquele imitação todo mundo à paisana, todo mundo é a sua cara, botam aquelas caretas, mas aquilo ali é uma coisa que todo mundo sabe quem é. De primeiro ninguém sabia quem era, como era mais difícil, só quem a gente via era o vaqueiro do boi. O topador do boi. Mas não via o dançador do boi, que era só o boi dançando no meio do terreiro. O caboco que dançava, pra aguentar o tempo de coca, dançar fazer aquele molengo; os homi que era trajado os rapazes era trajado em traje de mulher, pra ser as moças, as damas. E os homi tudo era trajado, não parecia com traje de gente ainda, mais tinha as máscaras. Era os que se trajava com traje de mulher. Mais os homi era em traje de bicho. Que tinha uma palavra que quem

matasse um papangu, chamava-se papangu, matava um bicho. Porque ele tava transformado em um bicho. E se o papangu matasse um paisandu, tinha sido um bicho que tinha matado fulano de tal. E era assim, não tinha consagração pra gente que dança de reisado, como a gente; o reisado é importante para resgatar as coisas dos antepassados. Mais a dança de são gonçalo tanto ela é importante pra resgatar os antepassados como nós lutemos, e resgatemos com muita dificuldade. Com 15 a 20 anos de parada, enterrada. Só quem sabia era e os mais velhos. A dona Valda era uma pessoa que ela sabia, mais era diferente, ela disse que o ritmo era diferente como nossa dança. Como em cada lugar um jeito diferente. Aí foi aos ouvidos do Junior, falar pro povo, veio falar pro povo. Veio falar em negócio de ser crente, de ser índio, movimento indígena. Falar nesse movimento era mesmo que jogar areia nos meus olhos. Escarrava e jogava bem acolá, era ignorante, era não, o pior era que ignorante.

Minha proposta era essa e ainda tá de pé. Não cai nunca. Mas eu dizia por ignorância. Hoje eu digo por inteligência, por saber aquela palavra que eu dizia que quem tomasse por ignorância ele estava se perdendo. Não existia nessa época e não existe mais índio. Existem antecedentes dos índios, uns mais fortes e outros mais fracos. Porque só onde ainda tem índio, antecedente de índio, mais forte, do sangue forte, é no Sul. Mais mesmo assim eles não são, não tem aquela força que os antecedentes tinham. Porque no outro tempo, no tempo dos índios mesmo, não existia essa facilidade de um branco, podia ser um rico, podia ser um rei, que nessa época entrar lá na aldeia deles. Se entrasse eles levavam flecha. E hoje em dia são um pessoal que eles chegaram, aceitaram, e foi crescendo a população indígena, e foi se acabando aqueles mais

velhos que eram mais valentes e tal. Por isso é que eu digo que não aqui na nossa aldeia. Aqui tudo foi terra de índio, foi não, é terra de índio. Só que moravam os índios. Deus já foi já levou. Eles já foram porque houve aí um debate aí que aqueles que escaparam tiveram que ir embora. E aí para se encontrar, mesmo os índios, eles tinham que se identificar. Eu chegava na sua aldeia, eu tinha que me identificar como índio. - Como? Era documento que mostrava?

- Não, era sabedoria. Eu tinha que me identificar como índio pela sabedoria que eles, convivesse com eles lá, eu mostrasse o que eles eram e o que eu sou, o que eles eram. E aí a gente sabia quem era índio. Um índio nessa época; um branco nessa época não atravessa na vareda de um índio, se ele passasse hoje, quando fosse amanhã que ele fosse passar de novo, tinha uma cruz lá. Isso aí eu não vi. Isso aí foi de outro tempo, mas é a história que eu venho trazendo da minha criança pra cá, dos mais velhos que sabem da história dos índios. **(1:10:05)**. Aí pra mim ou outro branco que quisesse ter o direito de se encontrar com ele, o que eu fazia: se eu visse aquela cruz eu podia voltar pra trás. Se eu fosse

Atravessar a vareda deles, a flecha tava em cima. Que lá mesmo ficava, e não ficava porque eles levavam pra comer assado. Aí eu voltava e fazia o que, na época tinha muita caça, matava uma caça das penas grandes. Que o índio gosta de pena, o índio gosta de ouro, o índio gosta de sal. Que nessa época os índios só comiam, não comiam escoteiro porque eles tinham o jeito de fazer as massas deles comer. O beiju. Mais comer insosso, só sarrabulhado na brasa. Pegava uma cobrona e botava lá. Sarrabulhava lá e comia com aqueles beiju. Era doido por ouro porque era uma coisa que era bonito. Quisesse pasturar muito deles, pasturar aqueles que passava lá. Amanhã vou passar lá de novo, eu pegasse uma caça de pena ou um pelo menos um moi de pena ou uma coisa de ouro, um anel, uma aliança, um cordão, e botasse na cruz lá. Outro dia fosse passar de novo, voltasse lá, tava tudo limpo e tava lá uma caça lá. Era uma cobra, seja o que for que tivesse lá podia levar, mesmo que não levasse pra comer, mas levasse, não deixasse lá não. E ainda ia se encontrando; plantava bananeira no meio das matas. Chegava tinha uma cacho de banana o caba levava e tinha outra coisa. E era assim até se encontrare. Quando se encontrava davão mão de amigo por causa da antecedência deles tratare. Aí pronto isso aí, eles começava a levar pra lá. Aí ele ia conhecer, ia passar as linguagens deles pra ele, e todo mundo de olho naquele branco, todo mundo armado e o pajé só fazia dizer que era dele.

Aí era quando eles tinham condições de ter um diálogo com os brancos. Não é como hoje que a população era pequena. A população indígena foi crescendo, dos brabos, foram crescendo, foram adoecendo. Foram apresentando doenças que eles não davam jeito pra curar. Que eles curavam através de remédio, através de reza. Aí foi se acabando, foi enfraquecendo aquela força que eles tinham. Aí foram apresentando cada tipo de doença, que só se tratavam com remédio de butique. Aí foi o tempo deles aceitarem aos poucos, nem tanto assim de uma vez não, foi indo e já hoje em dia, tem índio branco, tem índio que eles se entrosam com os brancos. Tem diálogo com ele porque sabe que tem às precisão. É que nem a gente vê hoje em dia na televisão. Por isso é que eu digo, quando eu passei, aceitei, conversar comigo, me puxar pra dentro do movimento. Aí eles diziam “Antônio tu é índio?” - e eu dizia ‘sou não, mas antes eu fosse índio. Se eu fosse índio eu não tava aqui no meio de vocês não’. E eles disse índio anda nu e tal. Aí eu digo ‘Ninguém é índio brabo, porque o índio brabo ele andava, vivia nu, era só penagico, que eles queriam penas pra fazer o penagico deles. Que era a roupa deles. E só que a gente é antecedente de índio, nós somos já fraco, uma das partes mais fracas, mas nós não tem autorização pra andar nu como os índios de primeiro, e nem a força que os índios de primeiro tinham. Porque os índios de primeiro não conversava com ninguém por muito tempo e nem se encontrava com ninguém. Não gostava de se encontrar com ninguém.

Hoje em dia já vi tudo, tudo numa panela só. Porque é necessário. Aí partiu o amor do branco para os índios e dos índios para o branco. Porque os brancos precisam dos índios e os índios precisam dos brancos. Mais os índios precisam dos brancos do que os brancos dos índios. Os brancos precisam dos índios assim, pra ter um diálogo, uma experiência, buscar coisa doutro tempo assim. Como eu não sou índio, mas tem alguma coisa para passar.

Então, vou voltar pro começo do resgate. Aí Junior foi e falou que era muito importante esse movimento e disse que a gente tinha que mostrar qual era a tradição. E a tradição que ele já tinha procurado era a dança de são gonçalo e já tinha procurado muita gente e não tinha como, não tinha como fazer porque ninguém sabia mais como era. Nem os mais velhos sabiam. Aí eu digo: vai lá pra tia Maria, tia Maria Ribeiro, tia Odete. E fumo lá, foi lá, e pá tem não Júnior. Depois “eu vou voltar aqui”. Chegou, sentou no portão e disse “depois eu vou voltar aqui”. Eu não sei de nada, só dancei no cordão. Ele disse: "Não, a tia Odete disse que você era um tirador mais o tio Mauro e o senhor sabe". - Aí eu disse ‘Não, sei de nada não’. Volta de novo. Aí a terceira vez mais esse homem que mora bem aqui, que se chama José Coelho não sei de que, mais conhecido como Roginer. Roginer é um amigo irmão meu, esse homem ele me domina assim através de uma bom conselho, o bom amor que ele tem por mim, consideração. Aí eles foram lá, vamos lá. Aí ele disse “Seu Antônio, hoje eu não ando só não, ando com um delegado aqui”. O Delegado dos Matões.

Aí foi, sentado assim no parapeito, aí foi e disse “Eu vim aqui mais o Junior, porque o Júnior já deu duas viagens aqui atrás de você modi você entrar na dança de são gonçalo, tirar a dança de são gonçalo, e você não quer entrar. Entre e nos ajude, a pedido do seu amigo”. Aí eu digo ‘Júnior você trouxe o delegado e me derrubou agora, porque esse veio aí, eu não posso faltar e vou faltar sim porque eu não sei. Eu vou lhe prometer uma coisa, arranje um livro, quem tem um livro com os versos, são 13 versos da dança de são gonçalo; a música da entrada da dança de são gonçalo. O ritmo da música eu sei’. Aí ele disse: “Seu Antônio o que é que pode ter. Arranjei o Santo com a tia Luiza Rafael. Aí tá faltando só o livro”. Pois vá lá. Pobzinho quase seca as pernas. “Seu Antônio não arrumei não. Seu Antônio e amanhã, as irmãs vem lá pra casa, que a primeira irmã, chama-se Odila, e a irmã Regina e a irmã Isadora. São tudim gente finas, aliás. Aí então ele disse “Vem essas três

Mulher lá pra casa e nós vamos até lá Barra. Lá na casa da tia Maria. Quero saber se o senhor vai mais nós pra perguntar a ela. O senhor perguntando ela diz alguma coisa pro senhor”. E eu disse ‘Tá bem, eu vou’. Aí ele se abraçou comigo. Eu meti a cabeça numa forca e se tiver quem puxar a corda, eu me lasco todinho. Foram simhora, aí a meio dia nós passa aqui - ‘Tá bom, vão com Deus que eu fico com Deus’. Aí tava trabalhando, depois da casa assim tinha uns coqueiros, aí eu descí pra lá antes do almoço. Comecei a trabalhar, comecei a matutar, pedindo força a Deus para que chegasse alguma coisa na memória dos antepassados, que era pra ajudar se eu fosse, se fosse para o bem, São Gonçalo mostrasse. Mostrasse a verdade e botasse na minha memória o cantigo dele e o ritmo de dançar, o ritmo de tirar que ninguém sabe. Ele fizesse isso por mim que eu faria para os outros que estão atrás de mim. Ali parece que, eu comecei a capinar trabalhando ali assobiando. Eu lhe juro a fé de Deus, como existe Deus no céu, que eu me escorei em um coqueiro aqui e comecei a assobiar. Parei o assobio e comecei a cantar.

Cantei os 12 versos sem parar. Quando foi no último verso, enganchou. Porque que enganchou? Depois eu fui saber, porque não era só eu que era pra ajudar. Era a tia Maria. Tinha alguma coisa pra passar pra nós. Bom, aí eu fui, eu digo Júnior; Sim, eu vim pra casa de Maria, ‘cadê a Natália tá aí?’ - minha fia vamo ali em casa mais eu. Traga um caderno e um lápis. Minha fia eu vou ditando uma coisa aqui, e você vai anotando. Um tipo de verso, forme os versos. Aí eu dizia e ela ia anotando, anotando, aí quando terminou eu disse ‘leia ai pra mim, no tipo de verso’. Ela leu tudim. Aí eu pedi, faça outra folha por essa daí. Faça outra cópia dessa daí. Taí

o Júnior vivo pra contar essa história, e a irmã Odila, e o compadre Roginer. Pra encurtar a história, que to tomando o seu tempo, mais é uma coisa que é importante, Deus e são Gonçalo quer que eu faça isso aí. Como eu venho lutando muito pra trazer como era pra ser pra mim, apresentar esse resgate como a dança dele foi feita tradicional por ele. Que ele era um tocador, era um animador familiar, mas nessa época não existia dança ao casal.

Homem com homem e mulher com mulher. Na época que; eu vou voltar lá numas alturas mais essa daqui é só pra ditar esse pezinho aqui. Quando ele viu que os homens tavam querendo se esquentar nas mulheres, dançando aquelas músicas que tocava, uma rebeca. Que rebeca é o violino hoje. Ele parou com a festa. Acabou com a festa. Teve uma reunião, “Vocês querem dançar? Vou mudar o sistema da dança de vocês, transformada homem com homem e mulher com mulher”. Aí foi quando ele transformou essa dança e ele

disse “Em meu nome, quando eu faltar, vocês vão fazer promessa pra mim, por mim, comigo, pra me salvar vocês de algum problema que eu puder socorrer vocês. Aí vocês vão me pagar, isso aí é um tipo de um templo da dança. E vai se chamar de jornada”. Aí pronto, passou para o pessoal dele e aprenderam, e vem vindo de lá pra cá.

Então, quem sabe se não foi assim que ele disse “Se eu passei para o meu povo, vou limpar tua memória, vou abrir tua mente, e você vai passar para o seu povo”. Voltando de novo para a visita do Júnior. Quando foi no outro dia o Júnior chegou, aí eu disse pra minha veia, ‘minha veia tá aqui os hinos da dança de são gonçalo, mais tá faltando um e eu não sei qual é. É o último desse aqui’. Aí quando foi uma hora da tarde o Júnior chegou no carro. O carro do patrão dele. Aí ele foi bater na Barra, chegando lá na tia Maria ele falou, aí ela disse “meu fi, eu não sei não”. - Aí eu perguntei a ela ‘Tia Maria não sabe de nenhum verso?’. Aí a tia Luiza me deu o Santo, mas mode nós pagar uma promessa que a Francisca do Dão; a mulher do Dão fez, a tia Luiza fez por ela, e ela vai pagar com duas jornadas, e nós tem que aprender pra tirar. Ela disse “Eu não sei não. Se o Domingos não souber. O Antônio tu não dançou mais o Mauro, tu não sabe não?”. - Sei não tinha, eu era muito novo, não guardei nada na minha mente. Mais só que eu tava com dois papel na carteira, no bolso. Aí porque ninguém antes deve abrir a porta, antes de saber se tem um vento bom. Ninguém pra todo mundo assim de imediato, sem saber nem pra que e nem pra quem não. Aí eu disse ‘sei não, tia, e agora’. Edmar tu não se lembra não, e ele disse não. Só o Domingos, vamos lá para Domingos. Abarcamo para o Domingos, aí ele disse “rapaz olha que visita boa e tal”. Aí o Júnior foi, e eu disse ‘Tio Domingos trouxe esse homem aqui mode conversar com você a respeito da dança de são gonçalo, que ele quer, nós que, ele quer resgatar a dança de são gonçalo mais eu. Ele quer uma pessoa que tire mais ele’. Aí ele disse “Tirar eu tiro, se ele tiver paciência de me ensinar, eu tiro. - Aí eu digo ‘não é isso aí que eu quero, da tiração eu sei de todas as passagens, tá tudo gravado na minha mente’. Só tá faltando um livro, do bendito, do versos dele da entrada e da saída. Ele disse: “eu não sei não”. Perguntei se não tinha ninguém saiba não e ele disse “não, não tem ninguém”. E agora? - ‘Domingos e se algum de nós já chegasse lá num canto e tivesse alguém cantando, os versos tu recordava se aqueles fosse exato?’. Aí ele disse “Eu podia até me recordar”. Aí eu só fiz me levantar aqui, peguei a carteira, peguei o papel: Júnior olha esse papel aqui. E dei outro papel à irmã Odila. Ficou besta quando eu entreguei esse papel. Eu digo ‘tu presta atenção aí que eu vou cantar; tinha um coqueiro assim na casa dele como daqui aquele pé de pau acolá; vou sem papel e sem nada. Júnior e irmã Odila olhe aí se eu vem cantando reto, se eu não tiver cantando correto, quando eu chegar aqui vocês me dizem. Eu venho cantando de lá da entrada até aqui, quando chegar aqui, que eu tenho por direito a cantar o resto aqui pra começar as primeiras jornadas’. Aí eu fiquei, fui lá para o pé de pau e vim de lá pra cá. Eu vinha de lá pra cá como quem vinha com um cordão de gente. Eu sou o tirador? Vem com o cordão, vem com o pessoal assim me acompanhando. Acompanhando o Santo. Mas só que eu vem sozinho. E de lá pra cá, juro a fé de Deus como abri a boca, só Deus e são Gonçalo poderia estar comigo, cantei do

primeiro verso até os doze. Tem um verso que tá enganchado e eu não sei onde é que tá, mais um dia eu vou achar ele. Aí cantei os 12 versos até terminar, aí eu disse ‘é assim Domingos?’.

- “Rapaz tu sabe disso aí?”. - O Júnior pegou quase me quebra com a irmã dele. Todo mundo aquela alegria. Ele disse “Seu Antônio e agora? A gente pode formar, marcar um encontro para um ensaio?”. - ‘Tem que ensaiar? Porque de primeiro não tinha ensaio’. Mas agora tem que ensaiar porque tem gente que não sabe. Os mais velhos que já dançaram não sabem mais como é. Mas eu me garanto. Marcou logo um dia. Voltemo, quando eu cheguei lá que eu disse pra tia Maria, tia Maria chorou logo. Aí disse “Meu fi, meu Deus. Quando você saiu eu vi que você sabia”. - ‘Mais tia Maria da enganchado o verso; quero que a senhora passe pra mim’. - “Não sei não. Me alembro mais não”. Velinha e meia doente. Eu digo ‘Tia Maria tem uma promessa pra nós pagar aqui. Nós vamos fazer 4 ensaio, e quando nós executar esse pessoal aqui pra ninguém errar’; porque ensaio e apresentação é uma coisa, e promessa é outra pra fazer. Tem que fazer sério, sem errar. Aí eu digo nós vamos pagar a promessa e eu quero que a senhora esteja lá. - “Meu filho, eu não boto a viagem não”. - Nós vem lhe buscar. Quando nós aprontar lá, eu venho buscar a senhora, pra senhora sentar encostado da mulher que vai pagar a promessa. A senhora presta atenção se é daquele jeito, se não for, quando terminar a tia Maria pode dizer que não é daquele jeito. Essa é a primeira promessa que eu vou pagar depois que meu mestre, meu parceiro forte, meu guerreiro, foi com Deus. - "Tá Certo meu filho. Venha, pode ser que eu possa ir”. - A senhora vai ficar boa. Tenha fé em Deus, tenha fé em São Gonçalo. Se não tiver fé em nenhum desses, tenha fé em mim que eu tenho fé em Deus e em São Gonçalo. Se a senhora tá boa pra ir assistir do início ao fim. Mas eu não disse a ela que ela ia me ajudar a cantar na segunda jornada. Como ela ajudou. Então nós fomo e marquemo, o primeiro ensaio foi na casa do Júnior, o segundo na casa do Júnior, o terceiro na casa da Dorra, quarto na Dorra. Sim, aí chegou no outro dia, saímos no mundo convocando esse povo que já tinham dançado, atrás desse povo. Era o compadre Jorge Neto (**incompreensível**) para um lado pra Baixo das Carnaubas e eu nos Matões. Até que fizemos um pequeno cordão, aí indo e foi indo, até que hoje tá 16 e não sei quantos par. Muita gente. Aí então, fiquemo, aí ele disse “Seu Antônio quem diria que o senhor fazia isso aí”. Aí ele foi e falou “Tem que marcar a promessa, pra pagar a promessa. Marcar com a irmã Odila e a irmã Isadora”. Fomos pagar a promessa com 4 ensaios. Domingos, tu se garante não vai dizer que eu tava mandando tu fazer nada não. Aí nós fomo, fomo buscar, quando ajeitemo lá, aí eu digo ‘tudo pronto?’. Dão com sino. ‘Pronto mestre Dão, nós podemos começar?’. Os tocador já tavam lá. tava no ponto. Quando eu der com a mão, pode parar. Aí quando eu fizer assim, aí pode continuar. Então, aí quando nós tava tudo pronto, eu digo ‘vocês ficam aí, que eu, nós vamos buscar a tia Maria, eu e Júnior’. Foi eu e o Júnior, o compadre Roginer foi também, o Domingos, nós quatro. Bora tia Maria, e o filho dela tava esperando: “Nós já tava esperando aqui, a mãe já ta arrumada”. Aí eu digo ‘São Gonçalo é bom. É preciso do carro, tia?’. - “Não, eu vou de pés mesmo, devagarinho”. Era uma distância mais ou menos assim como daqui na casa do Júnior, aí então nós fomos chegemo lá. Mestre Dão eu quero uma cadeira para a tia Maria. Essa cadeira aqui é pra dona Francisca e essa daqui é dela. Aí eu digo ‘Você fique aqui pra receber unção. Nós vamos fazer como manda o figurino. Tia preste atenção, tá faltando um verso que tá enganchado não sei a onde, e é bem facinho. Tem os pés mas não tem os finais. Tem o começo mais não tem os finais. Preste atenção pra vê se chega na memória da senhora. Vê se é assim como a senhora era nova. Que a gente fazia aí’. Saímos eu; nesse tempo não tinha nem uma menina que saísse na frente. Aí nós fomos eu, o Júnior, parece que a Cleovania. E outras pessoas que dançavam de lá pra cá, daqui como naquela casa acolá, e aí vinha de lá pra cá cantando.

Sim, aí mandei; mode eu voltar lá para os finais lá, dos papéis. To tomando o tempo de vocês, vocês já tão com sono. Esperando que chegue às muriçocas. Aí então a irmã Odila disse “Seu Antônio é muito engraçado. Vou levar uma folha dessa daqui, vou levar pra passar na máquina”. Só que tá faltando um verso. Não minto pra senhora. Tem no começo, eu sei do começo, mas não me lembro do final. “Quando for no dia seguinte, eu trago essa folha pra cada uma pessoa”.

- É bom mode eles cantarem. Eu na frente, os mestres cantando, e eles cantando, decorando. Aí então, levemo a velha. Aí cantemo os versos todinho. Ela tava sentada lá, cantemos os versos todinho. E ela olhando. Comecei a dança, a tirar. E quando terminou, quando foi nos finais, que mandei parar. Parou. Quando eu fui chegando encostado dela, ela se levantou chorando. Eu digo “Tia Maria o que é que a senhora diz?”. - “Meu filho de Deus, eu vi o compadre Mauro em você. Meu fi era desse jeito aí sem faltar nada. E eu me alembrei como é o outro verso e vou cantar mais você no começo da outra jornada. Posso?”. - O minha filha de Deus, pode. Aí eu fui falei pra irmã Odila, maior que esse aqui nós faz outra folha com repeteco. Aí ela fez outra folha com repeteco. Aí nós vem vindo de lá pra cá, tirando de jornadas e mais jornadas, dançando, fazendo apresentação. Aí veio ao conhecimento das autoridades competentes do SESC. Até que foi ao conhecimento do chefe de lá com a Dorra. Aí puxaram nós até lá. Aí nesse tempo eu já tava cansado, não tava dançando mais. Aí o sanfoneiro também abusou de tocar. Porque era só um baião só, que era só uma música só. Puxemo pra outro caba daqui do Cipó, mais era preciso pago, ir buscar e vir deixar, e pagar. Eu digo que tal a gente formar, aí eu fui assim meio gaiato, eu já não posso mais dançar, aí eu digo ‘Júnior vou te ensinar a tirar e depois vou passar pra outra pessoa, pra você aprender com outra pessoa. Você tirar e eu vou tocar a música no Vialei’. Eu tinha um vialezinho desses tamanho, quem tem esse vialei ainda hoje é o Cairo, que eu dei pra ele. Aí ele disse “Seu Antônio se garante?”. - ‘Eu não sei, vou tentar’. Vamos ver se vocês aprendem a tirar. Passei pro Júnior, tiremo ligeirinho demais. Aí o Domingos também adoeceu, aí eu digo ‘pois então agora você tome de conta’. Passei para o Aristides, Aristides vou lhe ensinar, ensinei Aristides. Aí ensinei a esses dois mestres pra tirar no meu lugar e de Domingos. Aí eu pasei a tocar no vialeiro. Aí quando foi o Júnior disse; eu toquei um ensaio no vialeiro. Aí o Dorra danada disse que a gente tinha que arrumar uma gaita grande, que chama de gaita, porque esse daí era muito pequeno. Vamos arrecadar dinheiro da dança de são gonçalo, do grupo pra comprar a gaita. Arrumou foi esse Aristides e não sei mais quem. O segundo foi eu e o Aristides, primeiro foi o Aristides com outra pessoa, não sei se foi mais o Júnior. Foi um deles lá. Aí foi chegou o recado pra mim, que essa gaita tava na Dorra. Aí eu peguei a gaita, fiz uma zuada. É assim, então pronto. Aí fique tocando na gaita pra negada dançar, e o Júnior mais o Aristides dançando. Aí foi aos ouvidos do Paulão lá do SESC. Aí o conhecimento dele com a Dorra, aí ele pediu pra mode ver esse; aí ela falou na cultura tradicional da dança de são gonçalo. Ele disse que vinha um dia pra ver como era, pra puxar, antes do tempo da festa pra fazer uma apresentação lá. Só foi e falou pra mim, aí fomos. Eu digo mode eu tocar, eu toquei a música pra eles lá, eu toquei. Diz ele que ficou encantado. Primeiro eu toquei a música de são gonçalo e depois toquei uns forrós na gaiata. Aí ele disse: “Seu Antônio, pelo o amor de Deus, eu nunca tinha, aqui no Ceará eu ainda não tinha visto um tocar no vialeiro, aqui chama de gaiata, desse jeito aqui. A gaita nessa bandas tem, mas só pra dizer que tem. Não tocam como você tá tocando. Só vi no Sul. Em Pernambuco eu vi, e agora”. Eles aqui só tocam por arranjo, fazem aquele arranjo e pronto. - “Pois o senhor vai tocar lá”. - Mais minha filha de Deus, eu fui. Foi bom. Acho que o pessoal gostou. Aí eu fiquei, aí eu digo rapaz, a dança de são gonçalo foi difícil pra nós resgatar. Vamos trabalhar pra nós arranjar um fole. Pra nós levantar, segurar essa bandeira de pé. Como é uma bandeira que é muito valiosa pra nós, como a dança de são gonçalo. Que através da dança de são gonçalo, nós somos um pessoal protegido de muito grandes. Que através da dança de são gonçalo nós fizemos; eu não fiz nada, mais ajudei através da Neide, da boa vontade, das apresentação, uma casa de apoio lá. Primeiro, nessa época, 20 mil reais era dinheiro. O prêmio foi de 20 mil reais para quem tirasse o primeiro lugar. E a dança de são gonçalo tirou em primeiro lugar. A nossa. Aí foi quando. Isso. Aí foi comprado instrumento. Foi comprado material e aí fizeram a casa de apoio lá. Então, aí quando nós fomos lá para o SESC. Antes pra começar enquanto o povo se arruma, eu vou tocar um forró aqui. Um bando de idoso lá né. E eu tocando forró lá e esses velhos gritavam. Esse povo gritava e aquele negócio todo. Aí quando terminou, aí o Paulão - “Seu Antônio toca uns forró aí” - Aí eu fiquei lá, quando eu saí os velhos só faltava de rasgar.

Então é esse tipo de coisa, aí eu fiquei, aí eu parei de tirar a dança de são gonçalo. Com um certo tempo, o Júnior teve uma promessa pra pagar. Não, minto. Uma apresentação pra fazer do são gonçalo e não tinha quem fosse fazer essa apresentação. Foi e pediu pra mim ir fazer essa apresentação, que ele tava estudando e não podia ir. Perguntou se eu queria ir e podia ir mais o Aristides. E eu digo 'Vou meu filho, você me puxa pra onde você quiser'. Aí nós fomos, tiramos lá no meio do calçamento. Aí quando terminamos lá o prefeito chegou mais o braço direito dele lá, chegou e disse: "O vei bom, me diga quando anos você tem?". Nessa época eu tinha 69 pra 70 anos já. - 'Vou fazer 70 anos'. Ele se abraçou-se comigo e disse "Rapaz, eu quero é chegar com 70 anos com essa energia dessa daí. Era muito importante. Sapatear num calçamento desse aí. O que você fez aí. Só você fez aí por todo mundo". Então foi isso, aí depois teve uma promessa pra pagarem do Cairo. O Júnior pagar. Aí o Aristides não podia ir, eu substituí o lugar do Aristides. E assim to aqui, aonde eles tão, eles me consideram como mestre. Todos me consideram como mestre da dança de são gonçalo, e eu me sinto honrado por isso aí. Feliz e pedindo a benção de Deus e São Gonçalo. E nosso pai Tupã que abençoe toda a população lá todinho.

E todo mundo lá da comunidade. E principalmente esses mestres que eu escolhi pra tomar de conta dessa bandeira. E eu tô pra ajudar eles em qualquer momento que eles precisarem. Vamos fazer uma apresentação agora no dia 04 de setembro, nós tem uma promessa a pagar na casa da comadre Marieta. E essa promessa era mode eu ir tocar na gaita.

Mas ela achou que é muito cansado pra mim, aí queria que eu fosse ao menos pra dançar. Aí eu digo 'Não aguento mais dançar não'. Eu não vou dizer que vou. - "Pois bora fazer o arco de são gonçalo". - Vou. Ajeitar lá e fazer presença. Não sei se eu vou dançar. Só sei que se Deus quiser e São Gonçalo, eu vou fazer o arco com muito carinho. E vem um pessoal que nunca viram lá de Fortaleza, e eu vou passar pra eles como é o sistema de ouvir e prestigiar aquela festa.